

GILVANEIDE CREUSA DOS SANTOS MAJOR

**DISCURSO E DIVERSIDADE CULTURAL NA
ESCOLA: DESAFIOS AO DESENVOLVIMENTO
CURRICULAR**

Orientadora: Prof.^a Doutora Maria Eduarda Margarido Pires

Coorientadora: Prof.^a Doutora Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida

Escola Superior de Educação Almeida Garrett

Lisboa

2016

GILVANEIDE CREUSA DOS SANTOS MAJOR

**DISCURSO E DIVERSIDADE CULTURAL NA
ESCOLA: DESAFIOS AO DESENVOLVIMENTO
CURRICULAR**

Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação, no Curso de Mestrado em Ciências da Educação, na especialidade de Administração Escolar, conferido pela Escola Superior de Educação Almeida Garrett.

Orientadora: Prof.^a Doutora Maria Eduarda Margarido

Coorientadora: Prof.^a Doutora Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida

Escola Superior de Educação Almeida Garrett

Lisboa

2016

GILVANEIDE CREUSA DOS SANTOS MAJOR

**DISCURSO E DIVERSIDADE CULTURAL NA ESCOLA: DESAFIOS AO
DESENVOLVIMENTO CURRICULAR**

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação Almeida Garrett para obtenção do título de Mestre em Educação, na especialidade de Administração Escolar

Aprovado em _____.

Prof Doutor Carlos Carranca – Presidente

Prof. Doutor Manoel Loureiro – Arguente

Prof^a Doutora Maria Eduarda Margarido Pires - Orientadora

Prof^a Doutora Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida - Coorientadora

Lisboa
2016

As pessoas têm direito a serem iguais sempre que a diferença as tornar inferiores; contudo, têm também direito a serem diferentes sempre que a igualdade colocar em risco suas identidades.

(Boaventura de Souza Santos 2000)

Dedico a Deus por ser o condutor da minha vida.

A meu irmão professor Juarez Severino dos Santos pelo incentivo e persistência, mesmo quando o cansaço, parecia me abater. Aos meus filhos, Caio César, Vinícius Major e Guilherme Talles, minha razão de viver, minha mãe Creusa Maria e meu pai Severino Levino (in memoriam) pela educação e ensinamentos, a meu esposo Claudionor Major pelo apoio e confiança, te amo.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ter me concedido a graça de realizar mais uma etapa de meus estudos.

À Professora Doutora Maria Eduarda Margarido Pires, orientadora deste trabalho, pela sua competência, mesmo distante se fez tão presente.

À Professora Doutora Maria das Graças Ataíde de Almeida, minha coorientadora, exemplo de profissional e compromisso. Pela orientação, segurança, confiança e incentivo acreditou em mim e não deixou-me desistir.

Minha família, pelo apoio e por entenderem a minha ausência em momentos importantes que eu não pude estar presente.

Ao estatístico Alessandro Henrique, por sua colaboração na análise dos dados quantitativos através dos softwares EPI INFO e SPSS.

A todos os Professores deste Curso de Mestrado, pelos ensinamentos, convivência e troca de experiências.

A todos os professores e alunos que aceitaram participar desta investigação. Agradeço pela atenção e paciência, pois sem a colaboração dos mesmos a recolha dos dados seria impossível.

À meus irmãos pelo apoio incondicional, pelo carinho, pela paciência e compreensão, e por acreditarem nos meus sonhos.

À toda equipe da escola campo desse estudo, pelas informações fornecidas sobre o grande Desafio de Educar no âmbito da Diversidade Cultural.

Aos meus verdadeiros amigos que desejaram sucesso em minha carreira profissional.

RESUMO

Major, Gilvaneide Creusa dos Santos. Discurso e Diversidade Cultural na Escola: Desafios ao Desenvolvimento Curricular, 2016, 313 fls. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação na área de Especialização em Administração Escolar) -Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação, ULHT, 2016.

Esta investigação buscou uma compreensão acerca do desafio de educar no âmbito da Diversidade Cultural da Escola, bem como uma análise do Desenvolvimento Curricular numa perspectiva multicultural, focalizando as relações entre cultura e escola, diante dos novos paradigmas educacionais. Traz um enfoque sobre a inclusão dos grupos culturais minoritários nas atividades escolares, considerando o respeito às diferenças individuais e culturais. Para tanto as categorias eleitas que deram suporte teórico foram: Cultura Escolar, Educação Multicultural, Desenvolvimento Curricular e o multiculturalismo.

Palavras-chaves: Discurso, Multiculturalismo, Cultura da Escola e Currículo.

ABSTRACT

Major, Gilvaneide Creusa dos Santos. Discourse and Cultural Diversity in School: Challenges to Curriculum Development, 2016, 313 sheets. Dissertation (Master of Education Sciences in the area of specialization of School Administration). Post-Graduate Program in Education Sciences, ULHT, 2016.

This research sought an understanding of the challenge of educating according to the Cultural Diversity in School, as well as an analysis of the Curriculum Development from a multicultural perspective focused on the relations between culture and school before the new educational paradigms. It offers a focus about the inclusion of minority cultural groups in school activities, considering the respect for individual and cultural differences. Thus, the selected categories that gave a theoretical support for this study were School Culture, Multicultural Education, Curriculum Development and Multiculturalism.

Keywords: Discourse, Multiculturalism, School Culture and Curriculum.

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

AD	Análise do Discurso
ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
BNCC	Base Nacional Curricular Comum
CNE	Conselho Nacional de Educação
CPHD	Consciência Política e Histórica da Diversidade
DCNERER	Diretrizes Curriculares Nacionais Para o Ensino das Relações Étnico Raciais
EUA	Estados Unidos da América
FID	Fortalecimento de Identidade e de Direitos
FD	Formação Discursiva
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação e Cultura
ONU	Organização das Nações Unidas
PCN's	Parâmetros Curriculares Nacionais
PETI	Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
PIB	Produto Interno Bruto
PENAD	Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílio
PNAIC	Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa
PPP	Projeto Político Pedagógico
SAEB	Sistema de Avaliação de Educação Básica
SPSS	Statistical Pack for the Social Science
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO 1- CULTURA DA ESCOLA	26
CAPÍTULO 2 - EDUCAÇÃO MULTICULTURAL	35
2.1-O multiculturalismo na escola	38
2.2 - A configuração do cenário multicultural no Brasil.....	46
CAPITULO 3 - DESENVOLVIMENTO CURRICULAR	55
3.1. Desenvolvimento Curricular e o Multiculturalismo	55
CAPÍTULO 4 - TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....	62
4. 1 OBJETIVOS:	62
4.1.1Geral:	62
4.1.2 Específicos.....	62
4.2 HIPÓTESE.....	62
4.3 Tipo de Pesquisa	63
4.4 O Locus da pesquisa.....	64
4.5 Sujeitos da pesquisa	66
4.6 Instrumentos de coleta de dados	68
4.6.1 Técnica de Entrevista Semiestruturada	69
4.6.2 Mapeamento e análise documental.....	72
4.6.3 Questionário	72
4.7 Instrumentos de Análise de Dados	74
4.7.1 Para a análise quantitativa	74
4.7.2 Análise qualitativa.....	74
4.7.3 Triangulação.....	75
CAPÍTULO 5 - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	78
5.1 Apresentação e discussão dos resultados obtidos através do instrumento qualitativo	78
5.1.2 Identificação pessoal e profissional dos professores.....	79
5.2. Análise dos resultados das entrevistas com os professores	80
5.2.1- Formação Discursiva (FD) Conhecimento acerca da Diversidade cultural	80
5.2.2- Formação Discursiva (FD) acerca da diversidade cultural e a sociabilidade dos alunos.....	82

5.2.3-Formação Discursiva (FD) A existência do currículo escolar e sua flexibilidade na inclusão da diversidade cultural na escola.	86
5.2.4. Formação Discursiva (FD) em relação ao Desenvolvimento curricular e a metodologia utilizada pelos professores no âmbito da diversidade cultural dos alunos.	89
5.2.5-Formação Discursiva (FD) a respeito das circunstâncias em que a flexibilidade do currículo poderá ser boa solução na inclusão da diversidade na escola.	92
5.2.6 - Formação Discursiva (FD) sobre as práticas docentes e a perda das raízes de grupos minoritários sob a cultura dominante	95
5.2.7-Formação Discursiva (FD) A relação dos professores com as novas Diretrizes Educacionais e a diversidade cultural na comunidade escolar.	98
5.2.8 - Formação Discursiva (FD)Os projetos da escola que contemplam a diversidade cultural existente.	99
5.2.9 -Formação Discursiva (FD) sobre a Participação dos professores nas formações temáticas da diversidade cultural na escola.....	101
5.2.10 - Formação Discursiva (FD) sobre a Identificação de grupos culturais distintos na escola.....	103
5.2.12 - Formação Discursiva FD sobre a posição dos professores em relação às questões das diferenças culturais na sala de aula.	108
5.2.13 - Formação Discursiva FD a relação dos professores com a história de vida de seus alunos.....	110
5.2.14 - Formação Discursiva FD- As dificuldades dos professores em trabalhar com o multiculturalismo	112
5.3-Identificação pessoal dos discentes.....	114
5.3.1- Formação Discursiva FD- Conhecimento dos alunos acerca da diversidade cultural na escola.....	115
5.3.2- Formação Discursiva FD - A sociabilidade dos alunos, professores e funcionários da escola acerca das questões étnicas raciais.	117
5.3.3 - Formação Discursiva FD- A Participação dos alunos em projetos culturais na escola.....	119
5.3.4 - Formação Discursiva FD - Os materiais didáticos da escola e a cultura dos alunos.....	120
5.3.5- Formação Discursiva FD-Situações de preconceito e discriminação no espaço escolar.....	121
5.3.6 - Formação Discursiva FD - Problemas e conflitos referentes ao preconceito e a discriminação no espaço escolar.....	123
5.3.7- Formação Discursiva FD - A opinião dos estudantes diante de uma situação de discriminação	124

5.3.8 - Formação Discursiva FD -A visão dos estudantes em relação ao comportamento da sociedade brasileira frente a diversidade cultural.	126
5.3.9 - Formação Discursiva FD - A visão dos estudantes sobre as situações mais comuns de preconceito e discriminação na sociedade.	127
5.3.10 - Formação Discursiva FD - A sociedade brasileira e valorização do respeito às diferenças culturais.	129
5.3.11- Formação Discursiva FD - Conhecimento dos discentes acerca das Leis 10.639/03 e 11.645/08	131
5.3.12 - Formação Discursiva FD -A absorção e vivência das leis 10.639/03 e 11.645/08 estabelecida na Constituição Federal pela sociedade brasileira.	132
5.3.13 - Formação Discursiva FD - A família e suas tradições culturais.....	135
5.3.14- Formação Discursiva FD-A relação da família com grupos sociais de diferentes tradições.....	137
5.3.15- Formação Discursiva FD- Os valores culturais e as tradições preservadas no seio familiar.	138
5.3.16- Formação Discursiva FD-A sociabilidade dos estudantes de tradições culturais com outras culturas.	140
5.4 Mapeamento e análise documental.....	142
5.4.1(Projeto Político Pedagógico) PPP:.....	142
5.4.2 - O regimento escolar	148
5.4.3 - Análise da ficha de requerimento de matrícula dos alunos do 6º ao 9º ano.	156
6 - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS ATRAVÉS DA ANÁLISE QUANTITATIVA	162
6.1 Apresentação e discussão dos resultados obtidos através do instrumento quantitativo	162
6.2 - RESULTADOS E DISCUSSÕES DA ABORDAGEM QUANTITATIVA QUALITATIVA – TRIÂNGULAÇÃO DE MÉTODOS	179
6.2.1 - Triangulação da Caracterização dos grupos:	180
6.2.2 - Triangulação das discussões dos alunos e professores acerca da diversidade cultural na escola.....	181
6.2.3 - Triangulação do desenvolvimento curricular e a metodologia utilizada pelos os professores no âmbito da diversidade cultural dos alunos	183
6.2.4 –Triangulação sobre Preconceitos e Discriminações entre alunos/as por conta de suas diferenças culturais.	185
CONSIDERAÇÕES FINAIS	187
Referências Bibliográficas	194

APÊNDICES	I
APÊNDICE – I SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DO MODELO DE ENTREVISTA E QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE CAMPO.	II
APÊNDICE II –CARTA-CONVITE PARA OS PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE TACARATU – PE.....	IV
APÊNDICE III. GUIÃO DE ENTREVISTA, PROFESSORES DE 5º AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	V
APÊNDICE IV. CARTA-CONVITE AOS ESTUDANTESDE 6º AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA REALIZAÇÃO DE ENTREVISTA.....	VII
APÊNDICE V. GUIÃO DE ENTREVISTA, ESTUDANTESDE 6º AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	VIII
APÊNDICE VI. CARTA-CONVITE AOS ESTUDANTESDE 6º AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTALPARA RESPONDER QUESTIONÁRIO	X
APÊNDICE VII. QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ESTUDANTESDE 6º AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTALDE UMA ESCOLA PÚBLICA DA REDE MUNICIPAL DE TACARATU - PE.....	XI
APÊNDICE VIII. RESPOSTAS DA ENTREVISTA COM PROFESSORA DO ENSINO FUNDAMENTAL	XIV
APÊNDICE IX. RESPOSTAS DA ENTREVISTA COM PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL	XIX
APÊNDICE X. RESPOSTAS DA ENTREVISTA COM PROFESSORA DO ENSINO FUNDAMENTAL	XXV
APÊNDICE XI. RESPOSTAS DA ENTREVISTA COM PROFESSORA DO ENSINO FUNDAMENTAL	XXXIV
APÊNDICE XII. RESPOSTAS DA ENTREVISTA COM PROFESSORA DO ENSINO FUNDAMENTAL	XXXIX
APÊNDICE XIII. RESPOSTAS DA ENTREVISTA COM PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL	LI
APÊNDICE XIV. RESPOSTAS DA ENTREVISTA COM PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL	LXII
APÊNDICE XV. RESPOSTAS DA ENTREVISTA COM PROFESSORA DO ENSINO FUNDAMENTAL	LXXIII
APÊNDICE XVI. RESPOSTAS DA ENTREVISTA COM PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL	LXXVII
APÊNDICE XVII. RESPOSTAS DA ENTREVISTA COM PROFESSORA DO ENSINO FUNDAMENTAL	LXXXIV
APÊNDICE XVIII. RESPOSTA DA ENTREVISTA COM DISCENTE DE 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	LXXXIX

APÊNDICE XIX. RESPOSTA DA ENTREVISTA COM DISCENTE DE 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	XCIII
APÊNDICE XX. RESPOSTA DA ENTREVISTA COM DISCENTE DE 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	XCVII
APÊNDICE XXI. RESPOSTA DA ENTREVISTA COM DISCENTE DE 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	CI
APÊNDICE XXII. RESPOSTA DA ENTREVISTA COM DISCENTE DE 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	CVI
APÊNDICE XXIII. RESPOSTA DA ENTREVISTA COM DISCENTE DE 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	CXI
ANEXOS	CXV
ANEXO I- Ficha de Requerimento de Matrícula - frente.....	CXVI
ANEXO II - Ficha de Requerimento de Matrícula - verso	CXVII
ANEXO III – Regimento escolar.....	CXVIII
ANEXO IV – Projeto Político pedagógico (PPP)	CXLIV

ÍNDICE DOS QUADROS

Quadro 1 Descrição das categorias das entrevistas realizadas com os docentes.....	71
Quadro 2 Descrição das categorias das entrevistas realizadas com os discentes.....	71
Quadro 3 Descrição das variáveis dos questionários aplicados aos discentes.....	73
Quadro 4 Distribuição tabular da identificação pessoal e profissional dos professores de 6º ao 9º ano.....	79
Quadro 5 Apresentação dos ED dos professores agrupados na FD Conhecimento dos professores à cerca da Diversidade Cultural na Escola.....	81
Quadro 6 Apresentação dos ED dos professores agrupados na FD Diversidade e a Sociabilidade entre os alunos.....	83
Quadro 7 Apresentação dos ED dos professores agrupados na FD A existência do Currículo escolar e sua flexibilidade na inclusão da diversidade cultural.....	87
Quadro 8 Apresentação dos ED dos professores agrupados na FD Desenvolvimento Curricular e a Metodologia utilizada pelos professores no âmbito da Diversidade Cultural dos Alunos.....	90
Quadro 9 Apresentação dos ED dos professores agrupados na FD Em que circunstâncias a flexibilidade do currículo poderá ser boa solução na inclusão da diversidade cultural.....	93
Quadro 10 Apresentação dos ED dos professores, agrupados na FD. As práticas docentes, os ganhos e perdas das raízes de grupos minoritários sob a cultura dominante.....	96
Quadro 11 Apresentação dos ED dos professores, agrupados na FD. A relação dos professores com as novas Diretrizes Educacionais e a diversidade cultural na comunidade escolar.....	98
Quadro 12 Apresentação dos ED dos professores, agrupados na FD. Os projetos da escola que contemplam a diversidade cultural existente.....	100
Quadro 13 Apresentação dos ED dos professores, agrupados na FD. Participação dos professores nas formações temáticas da diversidade cultural na escola.....	102
Quadro 14 Apresentação dos ED dos professores, agrupados na FD. Identificação de grupos culturais distintos na escola.....	104

Quadro 15 Apresentação dos ED dos professores, agrupados na FD. Discriminações e preconceitos entre os/as alunos/as, por conta de suas diferenças culturais.....	106
Quadro 16 Apresentação dos ED dos professores, agrupados na FD. A posição dos professores em relação às questões das diferenças culturais na sala de aula.....	108
Quadro 17 Apresentação dos ED dos professores, agrupados na FD. A relação dos professores com a história de vida de seus alunos.....	110
Quadro 18 Apresentação dos ED dos professores, agrupados na FD. As dificuldades dos professores em trabalhar com o multiculturalismo.....	113
Quadro 19 Distribuição tabular da identificação pessoal dos estudantes de 6º ao 9º ano que fizeram parte da pesquisa através de entrevistas.....	114
Quadro 20 Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD Conhecimento dos alunos acerca da diversidade cultural na escola.....	116
Quadro 21 Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD A sociabilidade dos alunos, professores e funcionários da escola acerca das questões étnicas raciais.....	118
Quadro 22 Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD Participação dos alunos em projetos culturais na escola.....	119
Quadro 23 Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD Os materiais didáticos da escola e a cultura dos alunos.....	120
Quadro 24 Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD Situações de preconceito e discriminação no espaço escolar.....	122
Quadro 25 Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD Problemas e conflitos referentes ao preconceito e a discriminação no espaço escolar.....	123
Quadro 26 Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD A opinião dos estudantes diante de uma situação de discriminação.....	125
Quadro 27 Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD A visão dos estudantes em relação ao comportamento da sociedade brasileira sob a diversidade cultural.....	126
Quadro 28 Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD A visão dos estudantes sobre as situações mais comuns de preconceito e discriminação na sociedade.....	128
Quadro 29 Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD A sociedade brasileira e a valorização do respeito às diferenças culturais.....	129
Quadro 30 Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD: Conhecimento dos discentes acerca da Lei 10.639/03 e 11.645/08.....	131

Quadro 31 Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD: A absorção e vivência das leis 10.639/03 e 11.645/08 estabelecida na Constituição Federal pela sociedade brasileira.....	133
Quadro 32 Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD: A família e suas tradições culturais.....	135
Quadro 33 Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD: A relação da família com grupos sociais de diferentes tradições.....	137
Quadro 34 Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD: Os valores culturais e as tradições preservadas no seio familiar.....	138
Quadro 35 Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD: A sociabilidade dos estudantes de tradições culturais com outras culturas.....	141
Quadro 36 Triangulação da Caracterização dos grupos.....	180
Quadro 37 Triangulação do Conhecimento dos professores e alunos acerca da diversidade cultural na escola.....	181
Quadro 38 Triangulação do Desenvolvimento Curricular e a Metodologia utilizada pelos professores no âmbito da diversidade.....	183
Quadro 39 Triangulação dos Grupos culturais distintos e o Preconceito na escola.....	185

ÍNDICE DAS TABELAS E FIGURAS

Tabela 1. Distribuição do perfil pessoa dos alunos avaliados.....	163
Tabela 2. Distribuição da percepção dos alunos acerca do preconceito religioso e a classe social que possui.....	171
Tabela 3. Frequência das atividades desenvolvidas e situações vividas em sala de aula	176
Figura 1. Distribuição dos alunos segundo o gênero.....	163
Figura 2. Distribuição dos alunos segundo a faixa etária.....	166
Figura 3. Distribuição dos alunos segundo o turno de estudo.....	168
Figura 4. Distribuição dos alunos segundo a série de estudo.....	170
Figura 5. Distribuição dos alunos acerca da percepção sobre o acolhimento das pessoas por conta da sua religião.....	171
Figura 6. Distribuição dos alunos segundo auto percepção da classe social.....	175
Figura 7. Prevalência das atividades sempre e quase sempre desenvolvidas e situações vividas em sala de aula.....	177

INTRODUÇÃO

Idealizada para educar alunos/as numa educação homogeneizadora, a escola atual vive um momento de tensão e conflito em meio à diversidade cultural de seu público. Essa pesquisa vislumbra a necessidade de investigar o desenvolvimento curricular de uma das escolas da rede pública da Vila Caraiibeiras, Município de Tacaratu –PE, com foco na diversidade cultural presente no espaço escolar, dentre as mudanças e as influências diversas do meio social coletivo constituído por pessoas com papéis e modos de pensar e agir diferente no mundo contemporâneo e globalizado. A investigação busca uma análise das relações entre cultura e escola incluindo os novos paradigmas da educação e a sistematização dos conteúdos que são trabalhados em sala de aula, se os mesmos oferece msignificados e produzem mudanças na vida do estudante. Analisa também as implicações que a equipe escolar enfrenta para lidar com tal diversidade e as dificuldades dos educadores e alunos a se adaptarem a outras culturas diante das novas perspectivas da atualidade. Sabendo-se que a escola recebe crianças de vários seguimentos sociais e que é necessário trabalhar com esse público a valorização da interculturalidade do meio social em que vive, espera-se que a mesma disponha de práticas pedagógicas, metodologias inovadoras que contemple de alguma forma a diversidade cultural de seus alunos considerando as necessidades educacionais do momento.

Na visão de Moreira & Candau, (2003, p. 160):

“A escola é, sem dúvidas, uma instituição cultural. Portanto as relações entre escola e cultura não podem ser concebidas como entre dois polos independentes, mas sim como universos entrelaçados, como uma teia tecida no cotidiano com fios e nós profundamente articulados”.

Ao observarmos a escola de ontem e de hoje percebemos que a diversidade sempre existiu no espaço escolar, a diferença é que o público da escola contemporânea surge com novas reivindicações sobre a igualdade de direitos que exige da mesma uma nova cultura organizativa que priorize a pluralidade e o respeito às diferenças do ser humano e sua valorização cultural (Leite, 2003). Essa visão de igualdade, de desejo, de ética dos grupos subalternos em relação aos grupos dominantes, tem gerado muitos conflitos nos interiores das unidades escolares como também em toda a sociedade.

Como afirma Apple (1989, p. 58):

“(...) as escolas, portanto, são também agentes no processo de criação e recriação de uma cultura dominante eficaz. Elas ensinam normas, valores, disposições e uma cultura, que contribuem para a hegemonia ideológica de grupos dominantes”.

Diante dessa problemática a questão de partida que norteia a realização desta investigação é: como uma escola enfrenta o desafio de educar na diversidade cultural de seus alunos na vila de Caraiibeiras - PE? Para além desta questão norteadora, alguns questionamentos se fazem necessários: como incluir os membros de uma minoria cultural nos conteúdos curriculares e nas práticas escolares? Como a escola enfrenta o desafio de educar a diversidade cultural?

Nesse contexto, as categorias eleitas que deram suporte teórico a essa investigação são: Cultura da Escola, Educação Multicultural, e Desenvolvimento Curricular. Sob a luz de teóricos como: Luck (2011); Moreira e Candau (2001, 2003, 2008, 2013); Silva (1999); Silva (2012); Rodrigues (2013); Canen e Xavier (2011); Romualdo (2011); Assumpção, Cabral, Muniz e Pessoa (2008); Julia (2001); Silva (2006); Melo (2007); Bobbitt (1912); Oliveira (2003); Matos [et al] (2014); Souza (2012); Silveira [et al] (2012); Santana (2009); Minayo (2005, 2001, 2009); Sacristán (2000); Triviños (1987), Apple (1989), Forquim (1993), Bhabha (2007), Todorov (2003), Hall (1997); Silva (2013) Leite (2003); Forquim (1993).

A educação no seu contexto atual prima o respeito à diversidade, pois trabalha com uma clientela heterogênea onde todos precisam ser e se sentirem incluídos. Esse novo paradigma da educação atual exige que a escola construa uma nova ética escolar que reconheça as diferentes culturas e a pluralidade das manifestações intelectuais e sociais de quem nela convive. Diante disto, busca-se compreender como a escola cumpre com suas obrigações de forma ética respeitando a figura humana que sofre preconceito e discriminação pelo sistema social desumano da sociedade? Como o desenvolvimento curricular da escola contempla essa diversidade?

Nessa dimensão a convivência com multiculturalismo dentro da sala de aula torna-se cada dia mais desafiador para os atores que vivem esse processo de globalização em plena contemporaneidade. No momento atual, as velhas práticas escolares estão sendo contestadas e a busca por mudanças paradigmáticas estão ganhando espaço no meio

educacional e social, por conta da ênfase às diferenças culturais, sociais, étnicas, religiosas, de gêneros e outras que não podem mais ser ignoradas dentro dos espaços escolares.

O estado da arte desta temática deu-se a partir de consultas em trabalhos acadêmicos teses e dissertações como: Romualdo, (2011) “Os Currículos realizados/inventados na relação com a(s) diferença(s) no cotidiano escolar.” O qual apresenta um diálogo entre professores sobre como os sujeitos se constroem/desconstroem, com grande mobilidade, como são anulados/exaltados, como os sujeitos são estereotipados, e como as diferenças constituem os sujeitos; Rodrigues (2013) “Multiculturalismo – A diversidade cultural na Escola” reflete sobre a problemática da diversidade nas escolas as consequências dessa interação de culturas, bem como os desafios que se colocam aos professores e quais estratégias que podem ser utilizadas para facilitar uma maior integração entre os alunos de diversas origens culturais no mesmo espaço de ensino; Silva (2013ULHT), Relações étnico-raciais: um estudo de caso sobre os impactos da lei nº 10.639/03 no cotidiano escolar a qual traz uma análise das concepções de seis professores e 100 estudantes de uma escola da rede Estadual de ensino de Pernambuco situada na Região do Agreste Meridional do Estado sobre o papel da história e cultura afro-brasileira e africana como instrumento de combate ao preconceito étnico-racial na escola e um estudo bibliográfico do período XIX ao XXI referente ao racismo no Brasil, o currículo escolar, a proposta da lei 10.639/03; Souza (2012ULHT), Educação Escolar Indígena: uma análise da educação intercultural do povo Xukuru do Ororubá. A qual tem como objetivo compreender a Educação Escolar Indígena (EEI), a partir da estadualização do ensino no Estado de Pernambuco, mais especificamente, do povo Xukuru do Ororubá, que tem suas terras nos municípios de Pesqueira e Porção, na região agreste de Pernambuco, bem como analisar interculturalidade dentro da cultura e costume desse povo. Quirino (2012ULHT) – Cotidiano e violência simbólica: a desconstrução do preconceito étnico racial nas escolas. A investigação busca analisar a concepção de cinco professores de unidades diferentes da rede municipal do Recife que vivenciam o preconceito étnico racial nas salas de aulas. O estudo bibliográfico do período XIX ao XXI referentes ao racismo no Brasil, o currículo escolar, a proposta da lei 10.639/03 a literatura apresentada pelos professores em relação a temática.

Para além das dissertações e teses, artigos emblemáticos tratam a questão. Entre vários: Moreira e Candau (2008) “Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas

pedagógicas” abordam reflexões sobre currículo e identidade: implicações para a prática pedagógica partindo da necessidade de reflexões sobre a identidade nos dias de hoje, constitui contemporaneamente objeto de estudo para teoria social e teorizações sobre Educação; Moreira e Candau (2003) “Educação Escolar e Cultura(s): Construindo Caminhos” enfatiza momentos de trabalhos com docentes o qual evidencia as dificuldades entre o professorado em tornar a cultura um eixo central do processo curricular; Silva (2012), Hall (1997), “Identidade e diferença: A Perspectiva dos estudos Culturais” trata da produção social da identidade e da diferença reconhecidas pelo oficialismo como questões de conhecimento, mas que são trabalhadas de forma marginal como temas transversais, com a ausência de teorias; Canen e Xavier (2011) “Formação Continuada de professores para a diversidade cultural: ênfases, silêncio e perspectivas”, as autoras fazem uma abordagem sobre a diversidade cultural brasileira articulando o conceito de diversidade, igualdade, diferença justiça social com a formação de professores inicial ou continuada, para refletir, discutir, criar e implementar ações que possibilitem vislumbrar novos caminhos e avanços em relação a diversidade cultural no contexto escolar; Assumpção, Cabral, Muniz e Pessoa, (2008), “Currículo e Diversidade Cultural”, nesse trabalho as autoras mostram um mapa sintético dos estudos sobre currículo, desde sua origem chegando as discussões atuais, com a intenção de subsidiar as reflexões a cerca do cotidiano das escolas; Silva, (2006) “Cultura Escolar: Quadro Conceitual e Possibilidade de Pesquisa”. O autor esboça uma leitura inicial do quadro conceitual de trabalhos sobre cultura escolar e das possibilidades de pesquisas na e pela escola; Melo (2007) “Currículo e Diversidade Cultural: A Ressignificação dos centros Escolares” – trata a educação como um ponto de partida para uma prática social a relação do indivíduo um com o outro a partir da desconstrução e reconstrução do currículo escolar que constituiu centros escolares; Silva (2007), “Diversidade Cultural em sala de aula: representações docentes sobre saberes e experiências dos alunos” analisa representações dos/as professores sobre os saberes e comportamentos de alunos/as provenientes de camadas populares e as implicações destas representações na prática pedagógica; Julia (2001), “A cultura Escolar como Objeto Histórico” demonstra que a cultura escolar não pode ser estudada sem um exame preciso das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém a cada período de sua história. Luck (2011), Gestão da cultura e do clima organizacional da escola. A autora se refere aos conceitos educacionais que definem a forma de organização do trabalho interno da escola, focando a importância dos mesmos na construção coletiva do fazer

pedagógico como também a influência de fatores externos, como as políticas públicas e as intervenções sociais e culturais, mostrando questões, ações e reações que retratam o clima, e a cultura da escola. Oliveira (2003), trata a questão da cultura escolar, a partir de um olhar para a escola enquanto organização social e na perspectiva sócio- cultural, na possibilidade de ampliar a compreensão sobre a complexidade da vida da escola; Matos [et al] (2014) traz uma abordagem antropológica das questões multiculturais que permeiam a sociedade e a escola brasileira; Sacristán (2000), O Currículo: Uma reflexão sobre a prática traz uma abordagem reflexiva dos processos que transformam o currículo numa prática contextualizada na sala de aula como também a importância da cultura, das crenças, dos valores que embasam o currículo escolar e a vivência do mesmo considerando a importância da cultura no seu momento histórico, a formação docente e a cultura da escola.

De acordo com o exposto, essa investigação se justifica pela relevância do tema no âmbito da diversidade cultural escolar, onde se faz necessário uma análise de como a escola trabalha a questão do multiculturalismo considerando os desafios dos educadores ao se depararem com uma gama de saberes, diversas culturas tendo que promover uma interação entre os envolvidos, a partir de suas práticas educativas que respeite o modo de vida de seus integrantes suas experiências seus valores, suas crenças e seus costumes. A educação multicultural permite que a escola consiga enxergar o ser humano pela sua diferença.

Este trabalho está dividido em cinco capítulos, além da introdução e as considerações finais.

O primeiro capítulo “Cultura da escola” discorre sobre um estudo teórico das novas configurações multiculturais que vem estruturando e desestruturando os espaços escolares e levando a escola a ser objeto de estudo nos centros de pesquisas educacionais. Traz também uma abordagem sobre o papel social da escola, numa perspectiva multicultural expondo a necessidade de se considerar a diversidade cultural na qual a mesma está inserida se desprendendo das práticas educativas conservadoras. Para tanto os teóricos que embasaram a temática acerca de tais considerações foram: Silva, (2006), Moreira & Candau, (2003), Hall (1997), Viñao Frago (1998), Julia (2001), Oliveira (2003), Forquin (1993), Bhabha (2007), Todorov (2003).

No segundo capítulo trata-se da Educação Multicultural como uma forte influência no processo de desenvolvimento da aprendizagem, partindo das considerações da cultura organizacional da escola, do respeito às diferenças individuais, dos valores nela construídos e os desafios do desenvolvimento de um trabalho multicultural contrapondo a estrutura dos valores estabelecidos pela classe dominante. Aborda também a questão do: Multiculturalismo na Escola e uma breve Configuração do Cenário Multicultural no Brasil numa visão antropológica, partindo do encontro dos europeus com os indígenas brasileiros onde já existia o etnocentrismo, as hierarquias e as discriminações entre povos. Discorremos este capítulo referenciado por autores como: Leite (2003), Santos (2002), Candau (2013), Moreira e Candau (2003, 2008, 2013), Moreira (2001), Todorov (2003), Luck (2011), Matos (2014), Souza (2012), Santana (2009), Peixoto (2009).

O terceiro capítulo faz uma abordagem do Desenvolvimento Curricular e o Multiculturalismo partindo do campo conceitual para a compreensão do currículo escolar dentro de uma realidade multicultural, na visão teórica de vários autores que contestam a forma que a diversidade cultural vem sendo trabalhada na escola, compondo assim, uma nova corrente histórica na educação no contexto da pluralidade cultural brasileira. Os autores que elencaram essa temática foram: Silva, (1999), Assumpção, Cabral, Muniz e Pessoa (2008), Boditti (1912), Moreira e Silva (1997), Moreira e Candau (2008), Santana (2009), Silva (2009), Rodrigues (2013), Melo (2007).

O quarto capítulo, apresenta o caminho metodológico utilizado nesta investigação, descrevendo o tipo de estudo, utilizamos a entrevista semiestruturada, questionário e análise documental como instrumentos de coleta de dados, descritas como quali-quantitativa. Inclui-se a hipótese, os objetivos gerais e específicos elencados, o *lócus* da pesquisa uma escola da rede pública Municipal de Tacaratu-PE, contextualizando as características dos sujeitos com a realidade cultural local.

O quinto capítulo trata dos resultados obtidos nas coletas de dados através das entrevistas, questionário e análise documental da pesquisa de campo sendo a etapa quantitativa, através da aplicação do questionário aos 163 alunos, e na etapa qualitativa, expressada através do registro das entrevistas direcionadas aos 10 professores e mais 6 alunos/as de diferentes etnias. Os itens questionados nesta etapa foram analisados e discutidos a partir da concepção de diversos teóricos. Para melhor estabelecer uma relação da realidade observada utilizamos os gráficos e tabelas confrontando-os com os estudos teóricos sobre essa temática.

Neste capítulo inclui-se a triangulação de dados com o objetivo de realizar o cruzamento dos métodos utilizados, bem como os resultados por eles obtidos, procurando estabelecer semelhanças e diferenças nos contextos analisados na escola campo de estudo acerca do Desenvolvimento Curricular e a Diversidade Cultural.

As considerações finais apresentam as conclusões realizadas a partir dos resultados das análises da resposta de uma escola em relação ao desafio de educar no âmbito da diversidade cultural dos seus alunos/as, reforçando os pontos significativos da nossa pesquisa, destacando reflexões desenvolvidas em torno da temática estudada.

CAPÍTULO I

CULTURA DA ESCOLA

CAPÍTULO 1- CULTURA DA ESCOLA

Segundo Silva, (2006) a escola tem se tornado um objeto de estudo cada vez mais frequente nas pesquisas do país contando com os mais diferentes enfoques de análise. Tanto no que se refere ao estudo da História, Sociologia e da Política educacional como também a Prática Pedagógica, tudo isso tem contribuído para levar a escola a ser objeto de estudo no centro das pesquisas educacionais. Uma das abordagens que tem sido muito comentada pelos teóricos, são as configurações multiculturais que vem estruturando ou desestruturando o espaço escolar formando assim uma nova cultura de acordo com os fatos e as mudanças sociais que ocorrem e influenciam o desenvolvimento do trabalho escolar. Silva (2006 apud Chervel, 1988), entende a cultura escolar como uma cultura adquirida na escola e encontra nela não somente seu modo de difusão, mas também sua origem.

Nessa perspectiva o papel da escola não se restringe somente a desenvolver atividades pedagógicas educativas, mas de exercer o seu papel social dentro de um espaço particular dela própria enfrentando o desafio de trabalhar a cultura da sociedade na qual a escola está inserida, tendo que considerar os valores, as crenças que são bases fortes que configuram a trama desenvolvida na instituição, como também os mecanismos que orientam o processo das atividades pedagógicas, de gestão e organização da mesma de acordo com a legislação vigente e o poder público, inicializando assim um processo de descentralização da cultura dominante. Para Moreira & Candau, (2003, p.158). “A cultura estaria assim, além do social, descentralizando-se, livrando-se de seus determinismos tradicionais na vida econômica, nas classes sociais, no gênero, na etnicidade e na religião”. Hall (1997) refere-se à centralidade da cultura como elemento chave na modificação do cotidiano que penetra na vida social das pessoas e a partir daí constitui uma nova identidade.

“O que denominamos “nossas identidades” poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos “viver”, como se viesse de dentro mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências únicas e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são formadas, em resumo, culturalmente”.(Hall,1997, p. 26, apud Moreira & Candau,2003, p.158).

Nesse contexto o autor ressalta a importância da cultura na formação da nossa identidade, que ela está diretamente entrelaçada às práticas do nosso cotidiano, quando afirma que toda prática social tem uma dimensão cultural. Portanto a cultura escolar se estabelece de acordo com a cultura da sociedade, sendo que na cultura escolar se configura toda uma conjuntura pedagógica que compreende as práticas, os diferentes conteúdos, regimento e normas sociais internas. Tudo o que é construído na escola ou em seu entorno é especificamente para seus fins como seu prédio, mobiliários e toda parafernália de materiais didáticos, como também o estudo e o ensino em áreas de conhecimentos específicos vivenciadas na escola de acordo com a modalidade ensino nela trabalhada.

Já a cultura da sociedade pode-se considerar tudo aquilo que é adquirido historicamente, ou que cresce e se transforma dentro de um contexto social, que se manifestam através de hábitos, valores, pensamentos e formas de organizar e desenvolver os espaços sociais. Isso também ocorre no espaço escolar só que organizados de acordo com o seu desenvolvimento curricular o qual caracteriza seu jeito próprio de ser a partir das características comuns da instituição de ensino. Com essa dinâmica cria-se um elo entre a cultura da escola e a filosofia escolar.

Nessa dimensão a escola projetará suas metas valorizando a realidade do educando para daí impulsioná-lo para um melhor desenvolvimento intelectual e social. Para fortalecer as teorias a respeito da cultura escolar é importante que o pesquisador conheça a escola para poder analisar sua história, sua cultura, sua filosofia, a aplicabilidade de seus objetivos, sua proposta pedagógica verificar se suas ações condiz ou não com as necessidades e transformações sociais, se o ensino por ela oferecido tem algum significado na vida do estudante. Para Viñao Frago (1998) a cultura da escola se constitui num conjunto de práticas, normas, ideias e procedimentos que se expressam através de suas ações, suas linguagens, seus discursos, suas formas de comunicação presente no cotidiano escolar.

“A escola tem sua cultura estabelecida, não sendo o sistema educacional diferente, isto é, também uma cultura institucionalizada a qual se expressa como aquele conjunto de ideias, pautas e práticas relevantes consolidada, com modo de hábitos. Os aspectos organizativos e institucionais contribuem (...) a conformar uns ou outros modos de pensar e atuar e, por sua vez, estes modos conformam as instituições num outro sentido”. (Viñao Frago, 1998, P. 169).

A escola é uma instituição ímpar, que se estrutura sobre processos educativos, como também através de pensamentos constituidores da própria cultura. São essas características que fazem parte do dia a dia da escola e caracteriza a sua cultura. Sendo assim podemos considerar cultura escolar como um conjunto de saberes construído dentro do espaço escolar tanto pelos alunos/as quanto pelos professores, as contribuições das famílias dos alunose dos funcionários em geral da escola que servem como base para o desenvolvimento de um trabalho educativo.

Dessa forma não se pode negar que as práticas escolares estão ligadas as diversas culturas como afirma Moreira e Candau (2003), Não se pode conceber uma experiência pedagógica “desculturizada”, em que a referência cultural não esteja presente. Nesse entendimento a escola só pode construir a sua própria cultura a partir da identidade cultural de seus atores, os quais provêm de diversos segmentos sociais, culturais, econômicos, religiosos e étnicos, o que transforma o espaço escolar num ambiente de conflitos e desafiador para o exercício de suas práticas educativas. Moreira & Candau (2003) afirmam ainda que:

“a escola é uma instituição construída historicamente no contexto da modernidade, considerada como mediação privilegiada para desenvolver uma função social fundamental: transmitir culturas, oferecer as novas gerações o que de mais significativo produziu culturalmente a humanidade”. (p. 160).

A esse respeito os autores suscitam vários questionamentos, em relação a cultura e suas produções significativas, as configurações dos conteúdos escolares no processo de mudança e transformação social ocorrida progressivamente. Nesse contexto, Moreira & Candau (2003) propõe que entendamos a escola como um espaço de “cruzamento de culturas”, onde várias culturas se encontram merecendo uma maior reflexão frente a questão multicultural e os conflitos que explodem dentro do universo escolar. Ainda na visão de Moreira & Candau a escola sempre teve dificuldade com a pluralidade e a diferença. Mas o momento atual exige que a mesma saia da acomodação e pare de querer tratar as questões culturais de forma homogênea e padronizada baseada nos aspectos de poder e dominação, que a mesma não apenasreconheça a diversidade cultural de seu público, mas renove suas práticas a fim de vencer o desafio de educar no paradigma da do respeito à diferença e a igualdade. Nesse contexto Pérez Gomez (2001) ressalta a importância de estudar a escola como uma instância de mediação cultural entre os

significados, sentimentos e condutas da comunidade e do desenvolvimento das novas gerações.

Julia Dominique, (2001) na busca por uma definição sobre cultura escolar se apoia primeiramente na concepção que a mesma para ser estudada tem que estás ligada “as relações conflituosas ou pacíficas” (p.10) onde a religiosidade e a política, predominante em cada período histórico deve ser considerada. Nesse contexto definiria a cultura escolar como “um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar”. (p.10). A autora reclama a falta de instrumentos para a realização de uma análise histórica das práticas e elementos que compõem cultura escolar apontando uma retomada a partir dos anos setenta, onde o estudo sociológico da população escolar permitiu ver os desníveis em relação ao desenvolvimento do processo educativo, o que levou vários historiadores a verem a escola como “um meio inventado pela burguesia para adestrar e normalizar o povo.” (p.11), era a época em que a cultura era reproduzida de forma abstrata onde as desigualdades continuavam passando de geração a geração. Nos anos oitenta, diz a autora, houve a imposição da “obrigatoriedade escolar” e normas pedagógicas com a valorização do civismo e o tecnicismo. Diante disto a autora faz um apanhado histórico sobre a cultura escolar entre os séculos XVI a XIX que compreendem as normas e finalidades da escola, o desempenho e o papel do profissional, as práticas e conteúdos vivenciados em épocas diferentes. Ao se tratar de normas escolares em determinado tempo histórico, ressalta Júlia Dominique (2001):

“gostaria de insistir somente sobre dois pontos: os textos normativos devem sempre nos reenviar às práticas; mais que nos tempos de calma, é nos tempos de crise e de conflitos que podemos captar melhor o funcionamento real das finalidades atribuídas a escola”. (p. 19).

Nessa constância, percebe-se que os conflitos sempre existiram no âmbito escolar, de acordo com os textos os quais a autora se refere ao tratar das normas escolares um se consagra a lições e programas comparam-se ao currículo escolar e o outro se encarrega a definir as funções a cada membro da instituição. Essa organização continua presente na escola de hoje, em primeiro plano vivencia-se os conteúdos para atingir os objetivos do currículo escolar e as regras impostas pelo sistema de ensino, deixando a parte a história de vida e a identidade do educando.

Pol, Hlousková, Novotny e Zounek (2007), consideram cultura de escola um termo moderno atualmente muito mencionado nas relações escolares, principalmente quando se trata de mudanças ocorridas no processo de desenvolvimento do espaço escolar. Por ser um termo que contempla as diversas manifestações da natureza humana a cultura escolar abraça as diversas áreas onde as escolas operam. Na perspectiva de buscar um conceito para o termo cultura escolar e na dificuldade de encontrar definições os autores tomaram como referências autores Checos eslovacos, Ingleses e Alemães, que se inspiraram nas ciências para alcançar um conceito sobre a mesma, o que não descarta outras possibilidades de busca de conceito a partir de outras referências.

Nesse processo os autores se apropriam de possibilidades que ajudam na construção do conceito sobre cultura escolar, como no caso das teorias de Gestão empresarial que transferindo para a vivência escolar, percebe-se que nela se concentra os trabalhos dos gestores e as atividades coordenadas por eles e efetivadas por um determinado grupo de trabalhadores, nesse caso a escola, funcionários e alunos, que de forma coletiva se envolvem no processo educativo criando estratégias, cumprindo metas com o objetivo de alcançar resultados. Nessa visão, a forma como é gerida as ações dentro do espaço escolar a partir das tomadas de decisões da gestão se origina a caracterização de uma cultura organizacional que se configura no interior da escola partindo de uma dimensão interna para uma dimensão externa, social. Cabe também a essa concepção a maneira que é vivenciada as ações planejadas pelos seus integrantes e os princípios culturais, morais e sociais em que são baseadas para que daí possa se definir o clima organizacional escolar, essa prática impulsiona para uma elevação do seu potencial a partir do reconhecimento de sua identidade.

Em relação às contribuições da antropologia na formação da cultura escolar, vários autores comungam da mesma ideia de que o seu conceito sobre cultura da escola inclui valores enraizados, presunções e tradições que se formaram durante a história cultural que a escola está vivendo (Pol, et al 2007). Nesse sentido a antropologia contribui no conceito de cultura escolar por ser uma ciência social que estuda as sociedades e suas culturas, o que permite entender os fenômenos ocorridos no seu contexto social e cultural, num determinado espaço tempo, considerando que o modo de ser das pessoas tem a influência de uma herança cultural que é transmitida de geração para geração. Nessa ótica os autores Barth (1990), Dalin, Rolff, Kleelamp (1993), Stolp (1994) e Whitaker (1993) apud Pol,

Hlousková, Novotny e Zounek (2007), elegem as relações interpessoais, como um dos elementos importantes de cooperação no quadro pedagógico da escola, é lá onde são partilhadas as diversas opiniões fundamentadas em diversas formas de entendimento que são tecidas entre professores alunos e funcionários. Segundo os mesmos autores já citados “Todos esses elementos são vistos como processos interativos e contribuem para a coesão da comunidade escolar.” (p.69) O modo de como ocorre as relações interpessoais afeta o desenvolvimento da escola tanto como um fator positivo quanto negativo, depende como se processa e como se canaliza as diferentes situações vividas no ambiente escolar.

Ao se tratar da sociologia como contribuinte no entendimento sobre cultura escolar, a mesma tem uma forte influência por ser uma ciência que estuda os fenômenos sociais com uma dimensão cultural, para fortalecer essa afirmação baseado na ideia de que o mundo sociocultural tem uma forma significativa Sokorin (2000) apud Pol, Hlousková, Novotny e Zounek (2007) afirmam que:

“Os fenômenos sociais são transportadores de significados que os definem como socioculturais, numa dimensão comportamental os fenômenos podem ser manifestados em formas específicas de comportamento e numa dimensão material os fenômenos podem ser objetivados em formas materiais como contatos tangíveis” (p.70).

Portanto a sociologia ocupa um espaço importante no campo conceitual da cultura escolar através dela é que se estabelece a legitimidade do processo de interação social entre os indivíduos e novos conhecimentos que são produzidos a partir das diferentes culturas que nela se cruzam.

Para analisar melhor o conceito de cultura escolar os autores acima citados reportaram-se a três níveis de conceitos estruturados por Helsperet al. (1998 p. 46); nível real, simbólico e imaginário. O nível real coloca como primeira instância os princípios estruturais e sociais como função da escola; O nível simbólico se baseia numa forma de interação entre os atores de uma escola que se estruturam de forma harmônica ou conflituosa com o nível real, considerando comportamentos individuais dos grupos que a constitui. E o nível imaginário o qual a escola expressa uma relação de instituição para passar uma imagem positiva para a sociedade.

Nessa mesma ótica os autores ainda mencionam Delin, Rolfl e Kleelamp (1993) que apontam igualmente a complexidade da cultura escolar e a estrutura deste conceito em

três níveis: O translógico, lógico e o sublógico. No translógico os valores são percebidos como metafísicos baseados em crenças, códigos éticos e conhecimentos morais; O nível lógico os valores são percebidos como um vasto contexto social de normas, costumes, expectativas e padrões e o nível sub-lógico os valores são experiências adquiridas e pautadas nas emoções, na afetividade, sentimentos e comportamentos pessoais.

Dessa forma para demonstrar uma abordagem integrada sobre o conceito de cultura escolar, os autores se referem a uma combinação de vários contextos que constitui as contribuições das várias disciplinas científicas que unificadas podem deter o poder de estruturar os elementos que constitui a sua cultura.

Sendo assim a definição sobre o conceito de cultura escolar mesmo com todo esse aparato de informações seu significado continua obscuro. Diante disto percebe-se que a cultura escolar se configura pelas relações estabelecidas no interior da escola através das pessoas, dos materiais, das crenças, dos valores e outros fatores que compõem o universo escolar. De maneira geral o estudo contribui com a definição de cultura escolar por apresentar conteúdos importantes para estabelecer os valores e as normas designados para a composição da mesma.

Em um estudo realizado por Oliveira (2003), no qual vários autores contribuem para a formação de conceitos sobre cultura organizacional de instituições diversas, a partir de um olhar para a escola enquanto organização social numa perspectiva sócio-cultural, na possibilidade de ampliar a compreensão sobre a complexidade do conceito de cultura escolar. A autora faz referências como também traz citações e resenhas de autores como Nóvoa (1995), Teixeira (1998), Morgan (1996), Torres (1997), Schein (1991), Sarmento (1994), Paula e Silva (2001) entre outros. Para Teixeira (1998 apud Moreira 2003, p.292) “a cultura organizacional constitui-se por um conjunto de valores, crenças e pressupostos por que definem os modos pelos quais a organização conduz seus negócios”. Dessa forma as relações internas e externas que são estabelecidas no interior das instituições, pode-se comparar aos modelos de organização de outras, inclusive da escola, pois a cultura de uma instituição se caracteriza pela aceitação e absorção da proposta de mudanças sem precisar de nenhuma imposição Oliveira, (2003). Portanto essa abordagem é a que mais se aproxima do campo da pedagogia a qual pode considerar a cultura escolar como um conceito pedagógico.

Nesse sentido quando o assunto é mudança na cultura escolar ou inovação na prática pedagógica, há uma grande resistência por parte dos atores envolvidos aumentando ainda mais a complexidade na compreensão do motivo da mudança de uma cultura organizacional. No âmbito educacional utiliza-se muitas vezes da autoridade dos dirigentes para implantar ou implementar novas práticas. Sobre essa questão a autora refere-se a uma abordagem teórica de Paula e Silva (2001) que analisa as concepções de autoridade e hierarquia que fazem parte da cultura escolar. De acordo com Oliveira (2003, p.294):

“O tecido das relações cotidianas é marcado pelo embate e pela negociação constante, pela legitimação ou supressão da autoridade. A relação de desigualdade, que está embutida no conceito de autoridade, é um dos elementos desse embate. Nas organizações escolares o que se observa é uma legitimação da autoridade baseada no cargo ocupado”.

Nesse contexto tanto as culturas organizacionais das instituições diversas, quanto a cultura escolar traz no seu bojo, conflitos, rupturas e sofrem tensões no seu cotidiano, por conta de modelos organizacionais ultrapassados que não são condizentes com as mudanças culturais e sociais que se estabelecem no seu interior. A sociedade atual prima por uma escola democrática, onde sua cultura organizacional seja baseada nos princípios de igualdade e de formação integral do ser humano. Essa concepção se torna cada vez mais complexa, pois relações sociais e a cultura escolar são compostas pelos sujeitos da sociedade e parte desses sujeitos são os mesmos componentes que formam a comunidade escolar.

CAPÍTULO II

EDUCAÇÃO MULTICULTURAL

CAPÍTULO 2 - EDUCAÇÃO MULTICULTURAL

A diversidade na escola é um grande desafio para os educadores que vivem o dia a dia da mesma tendo que atender as demandas sociais em que os alunos estão inseridos e ao mesmo tempo trabalhar com um currículo oficial que nem sempre se adequa ao cotidiano dos alunos. Se pensássemos a escola como um grande palco, o elenco seria formado por professores, pais e alunos, os quais pertencem a culturas diferentes e transformam a escola num palco cultural onde os artistas apresentam seu jeito de ser, de agir, de pensar de acordo com o meio de onde veio ou onde vive. Moreira & Candau (2003) revelam terem sido surpreendidos com indagações a respeito da dificuldade que o profissional da educação tem de trabalhar as questões multiculturais na sala de aula.

“Como lidar com essa criança tão “estranha”, que apresenta tantos problemas, que tem hábitos e costumes tão “diferentes” dos da criança “bem educada”? Como “adaptá-la” às normas, condutas e valores vigentes? Como ensinar-lhe os conteúdos que se encontram nos livros didáticos? Como prepará-la para os estudos posteriores? Como integrar a sua experiência de vida de modo coerente com a função específica da escola” (p. 153)?

Nesse contexto a escola passa a ser receptora e transmissora das diversas culturas vivendo no seu cotidiano momentos de constantes desafios, mudanças e adaptações devido à diversidade. O que ocorre é que nem toda escola está preparada para aceitar e enfrentar o desafio da diversidade, então seu compromisso no cumprimento do seu papel social fica abalado, incompleto, pois nem sempre consegue processar de forma coerente as novas manifestações que buscam a consolidação dos direitos iguais para pessoas diferentes.

Moreira & Candau (2003) apontam que em muitas escolas as questões culturais são tratadas apenas em datas comemorativas. Os autores trabalhando as tensões e conflitos que ocorrem nas relações entre as várias culturas que permeiam a escola, observam que:

“Essa nova configuração das escolas se expressa em diferentes manifestações de mal-estar em tensões e conflitos denunciados tanto por educadores (as) como por estudantes. É o próprio horizonte utópico da escola que entra em questão: os desafios do mundo atual denunciam a fragilidade e as insuficiências dos ideais modernos e passam a exigir novas interrogações e buscas. A escola, nesse contexto, mas que transmissora da cultura, da “verdadeira cultura” passa a ser concebida como um espaço de cruzamento, conflitos e diálogo entre diferentes culturas”(p. 160).

Nessa dimensão observamos os dois campos que caminham lado a lado, o pedagógico e o cultural, não se consegue desenvolver um trabalho pedagógico de qualidade, sem conhecer o universo cultural no qual a escola está inserida. Dessa forma afirma Perez (1998, apud Moreira & Candau, 2003) “sejamos capazes de identificar as diversas culturas que se entrelaçam no universo escolar, reconhecendo suas especificidades e suas diferenças, refletindo e socializando-as com os seus atores.” (p. 160). Já que parte da sociedade está presente nas nossas escolas e com ela as suas diferenças, seja ela em relação a classe social, gênero, etnia, opção sexual ou religião, não tem como não se trabalhar na escola uma educação multicultural. O que exige o desenvolvimento de um trabalho afetivo partindo da sensibilidade do emocional do ser humano. Segundo Moreira (2001) pode-se promover uma educação multicultural para desenvolver a sensibilidade para a pluralidade, contudo a educação multicultural oferecerá bons resultados com a sensibilização das pessoas envolvidas, com esse envolvimento intrínseco acontecerá o bem estar e a justiça social tão almejada por tantos. Sendo assim Moreira (2001) afirma.:

“A educação multicultural pode também ser usada, em outro enfoque, para integrar grupos que contestam valores e práticas dominantes, celebrar manifestações culturais dominantes, garantir a homogeneidade, e tentar apagar (ou esmaecer) as diferenças, bem como evitar que a compreensão da constituição das diferenças questione hierarquias estabelecidas”(p. 66).

Nessa perspectiva a educação multicultural pode ser utilizada como vários objetivos, no combate a discriminação e a qualquer tipo de preconceito com o intuito de promover uma pluralidade que respeite as diferenças dos seres humanos; construindo assim um ambiente capaz de desenvolver várias dinâmicas e manifestações que caracterizam a escola como um espaço sociocultural. A educação multicultural é essencial, já que vivemos numa sociedade onde a discriminação vive impregnada na vida das pessoas como afirmam Moreira & Candau (2003).

“Talvez seja possível afirmar que estamos imersos a uma cultura de discriminação, na qual a demarcação entre o “nós” e os “outros” é uma prática social permanente que se manifesta pelo não reconhecimento dos que consideramos não somente diferentes, mas, em muitos casos “inferiores” por diferentes características identitárias e comportamentos”(163).

Conforme os autores a escola também é palco de discriminação, mas as vezes não à reconhece devido a sua cultura escolar que é centrada num conceito de igualdade e homogeneidade. Os casos de discriminação passam despercebidos por não existir forças para lutar da parte de quem sofre o preconceito. Existe o conceito de que todos têm direitos iguais e são tratados da mesma maneira, mas na verdade a discriminação está presente em todas as dimensões da escola. “Dinâmica relacional, brincadeiras, festas, piadas, apelidos, gestos e olhares”. Moreira & Candau (2003, p.164).

Diante desses fatos surge a necessidade da escola refletir sobre a cultura arcaica dominante nela infiltrada, refletir sobre a construção de seu projeto político pedagógico, sua dinâmica de relacionamento, sobre o respeito mútuo, o diálogo, a revisão de suas práticas educativas trabalhando os conhecimentos técnicos e científicos de forma contextualizada com a cultura da sociedade atual, ou seja, desconstruir uma cultura discriminatória e preconceituosa e dar possibilidades de criar um espaço que favoreça o processo de reinventar uma nova cultura escolar sem perda de valores e das raízes culturais de seus educandos.

Contudo essa mudança de hábitos e atitudes em relação ao respeito às diferenças e os princípios de igualdade ocorrerá se acontecer uma transformação coletiva de todos os atores envolvidos nas práticas educativas, que constitui uma identidade cultural a partir de uma educação multicultural.

Nesse contexto a dinâmica escolar desenvolverá suas atividades com uma perspectiva sociocultural de significados importantes na vida social dos seres humanos. Assim, a escola se tornará um ambiente interativo como diz Luck, (2011) onde se manifestam múltiplas dimensões de interesses e vontades.

Ainda sob o olhar da autora:

“A escola é muito mais do que um prédio e suas condições materiais e recursos de funcionamento. Não é tão somente um lugar onde se desenvolve um currículo, nem uma estrutura administrativo-pedagógica, nem muito menos, um conjunto de espaços onde aulas são dadas. Ela é uma organização social onde, isto é, uma coletividade dinâmica intencionalmente organizada com o objetivo de promover com seus alunos o desenvolvimento de cidadão críticos, mediante sua compreensão de mundo, de si mesmos e de seu papel nesse mundo, pela vivência de experiências sociais significativas. E é na medida em que estes resultados de fato orientem seu trabalho que se tem uma escola em seu sentido pleno” (p. 85).

Dessa forma o tipo de educação que a escola produz com o seu fazer pedagógico, sua organização social, física e estrutural é o que corresponde à constituição de sua cultura escolar. A força do trabalho coletivo voltado para uma educação multicultural dará um novo norte a vida da escola, desde que sejam levados em consideração os aspectos humanos e peculiares relacionados aos valores, as crenças e o respeito mútuo. Assim percebe-se que a educação multicultural influencia no processo de desenvolvimento da aprendizagem dependendo da forma organizacional da escola. Segundo Luck, (2011) quanto mais fortes e intensas forem as aprendizagens nesse contexto, mais fortes e intensas serão as mudanças culturais.

Nessa visão, quanto mais olharmos as diferenças e as semelhanças com um olhar de igualdade e de respeito ao próximo como a si mesmo, vendo o diferente com o olhar de igualdade, seremos capazes de enxergar o multiculturalismo de uma forma natural e respeitosa, onde todos possam realizar as atividades referentes a cultura uns dos outros, sem que haja resistência de alguma parte. Esse tipo de atitude dará espaço a uma convivência harmoniosa entre as pessoas de etnias e classes sociais diferentes tanto dentro do espaço escolar como no meio social onde elas vivem.

2.1-O multiculturalismo na escola

As questões voltadas para a desigualdade social têm despertado à escola e o sistema educacional para um olhar mais atento à uma formação profissional mais consistente em torno do multiculturalismo.

A escola vem sendo a muito tempo um local de reprodução das relações sociais e de valores estruturados pela classe dominante onde práticas ideológicas são trabalhadas e fortalecem o poder de dominação cultural. Nessa perspectiva os desafios de encarar o multiculturalismo dos dias atuais só aumentam frente ao processo de desmistificação legitimado anteriormente pela classe dominante, no qual foi criado um sistema hierárquico onde o indivíduo se encaixa dependendo da classe social, da religião, do gênero a que pertence. Santos (2002, P. 105).

“A escola constrói as características adequadas para a integração do indivíduo à sociedade. A maneira de falar, de vestir e de ver o mundo serão impostas pela escola como fundamental à reprodução da vida social. Nesse

sentido, características como cor da pele, sexo e idade, serão amplamente difundidas pelo sistema educacional.”

Nesse contexto, o momento atual exige da escola uma considerável mudança na sua relação entre cultura e educação, o que requer uma desafiante reorganização na sua dinâmica interna, na organização curricular, nos seus projetos pedagógicos e nas suas relações com a comunidade, já que a educação não pode estar desvinculada da cultura. “São universos profundamente entrelaçados e não podem ser analisados a não ser a partir de uma íntima articulação” Moreira & Candau (2013, p.13). Essa articulação tem se tornado cada vez mais difícil devido a diversidade que se situa na sociedade contemporânea. Essa problemática tem chamado a atenção de vários autores e teóricos a analisar as relações entre educação e cultura. Nessa perspectiva as concepções homogeneizadoras presentes no espaço escolar e em suas práticas nunca foram tão criticadas e questionadas como afirma Moreira & Candau (2003, p. 161):

“A escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e a padronização. No entanto abrir espaços para a diversidade, a diferença e o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que está chamada a enfrentar”.

Nessa ótica, é perceptível na escola de hoje a falta da abertura de diálogos entre educadores e educandos para discutir as questões culturais e sociais entre os novos grupos que surgem a cada dia com as mudanças da modernização o que fortalece e aprofunda a crise na escola. A pluralidade se multiplica a cada dia, as divergências e polêmicas em relação a diversos assuntos também crescem cotidianamente e essas divergências sociais e culturais acabam se confrontando dentro do espaço escolar gerando conflitos, preconceitos e discriminações. De forma expansiva universalizando e comprometendo todo o universo educacional que por sua vez não está preparado para acompanhar as mudanças sociais que vem ocorrendo de forma tão veloz. Dessa forma Moreira & Candau (2013), enfatiza algumas características em relação a uma perspectiva intercultural, “(...) considera básica, a promoção deliberada da inter-relação entre diferentes grupos culturais presentes em uma determinada sociedade.” (p.22). Onde as visões diferencialistas sejam confrontadas e que seja dado o devido valor a riqueza de cada identidade cultural. Outra característica é que favorece a interculturalidade na visão de Candau é “a permanente renovação da cultura”

(p.22), com o passar dos anos novos contextos, novas culturas surgem, mas vinda de uma mesma raiz cultural. É uma dinâmica de renovação, mudança e transformação que não para de se movimentar na escola e na sociedade. Uma outra característica apontada pelos autores acima é a “hibridização cultural, um elemento importante para se levar em consideração a dinâmica dos diferentes grupos socioculturais.” (p.22-23). O que permite o surgimento instantâneo de novos grupos, novas identidades, novos tipos de produtos, que se propagam rapidamente pelo mundo por conta dos meios de comunicação de massa, causando impactos negativos como o desaparecimento das tradições culturais e positivos por divulgar e possibilitar uma maior abertura para a tolerância às diferenças culturais.

Segundo Hall:

“O hibridismo não se refere a indivíduos híbridos, que podem ser contrastados com os “tradicionais” e “modernos” como sujeitos plenamente formados. Trata-se de um processo de tradução cultural, agonístico uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecidibilidade” (Hall, 2003, p. 74).

Nessa perspectiva, as relações entre culturas construídas historicamente não são fáceis de ser concebidas devido a forte interferência do poder dominante, como aponta Moreira & Candau (2013), estas relações “estão atravessadas por relações fortemente hierarquizadas, marcadas pelo preconceito e discriminação de determinados grupos”. (p. 23). Por um lado cresce a abertura para instituição de novos grupos culturais, por outro, a mesma medida, a perda da identidade de outros, cresce também o preconceito, que por sua vez faz aumentar a luta para amenização de atitudes discriminatórias.

Nessa ótica Candau assinala como característica importante da perspectiva intercultural “o fato de não desvincular as questões de diferença e da desigualdade presentes hoje de modo particularmente conflitivo, tanto no plano mundial quanto em cada sociedade”. (p.23). Esse processo de universalização cultural seja ela concebida positiva ou negativa, ou seja, valorizando ou discriminando o outro, parte da escola é difundido para as sociedades devido a globalização. Dessa forma afirma Moreira & Candau (2013, p. 23):

“A perspectiva intercultural que defendo quer promover uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para uma educação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de

um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente incluídas”.
(p.23).

Nesse contexto o termo interculturalidade para a autora Catherine Walsh (2001 p.10 -11) citada por Moreira & Candau (2013, p. 23 -24) é um “processo de intercâmbio entre pessoas, saberes e práticas culturalmente diferentes”, assim, as dificuldades para a realização desse intercâmbio tem se tornado a cada dia mais complexa no campo pedagógico, portanto, não há um plano concreto e eficaz que tenha mostrado sucesso ao promover mudanças de atitudes nessa perspectiva intercultural.

Assim, Moreira & Candau (2013), propõe: “Reconhecer nossas identidades” (P. 25) como elemento fundamental para a descoberta de onde viemos, e assim tomar consciência da nossa raiz cultural dentro de um contexto global. Esse reconhecimento permite o surgimento de uma visão crítica e consciente da diversidade cultural que constitui a sociedade mas que não é devidamente valorizada principalmente na escola por conta do “daltonismo cultural” (p.27), este sempre presente na mesma, distanciando cada vez mais alunos e alunas de suas vivências culturais, lhes causando inquietações, inseguranças e exclusões que acabam prejudicando seu rendimento escolar. Segundo Moreira e Candau (2013) “o daltonismo cultural tende a não reconhecer as diferenças étnicas, de gênero, de diversas origens regionais e comunitárias”. (p. 27-28). O que favorece o fortalecimento de uma visão homogeneizadora em relação às diferentes culturas que permeiam o espaço escolar. Segundo Moreira & Candau esse fato acontece por diversos motivos:

“A dificuldade e falta de preparo para lidar com estas questões, o considerar que a maneira mais adequada de agir é centrar-se no grupo “padrão”, ou, em outros casos, por, convivendo com a multiculturalidade quotidianamente em diversos âmbitos, tender a neutralizá-la como um desafio para a prática educativa”.(2013, p.28).

Dessa forma essa resistência em relação a aceitação do outro e sua diferença no âmbito escolar e social fez evidenciar o termo multiculturalismo nas práticas educativas e nos meios educacionais. Hoje nos Parâmetros curriculares nacionais (PCNs), a pluralidade cultural é um eixo dos temas transversais a ser trabalhado no cotidiano escolar, mesmo assim o multiculturalismo ainda é vivenciado timidamente nas salas de aulas das escolas brasileiras, segundo Candau (2013) essa é uma prática que exige a “desconstrução” de outras já “enraizadas no trabalho docente para sermos educadores/as capazes de criar

novas maneira de situar-nos e intervir no dia a dia de nossas escolas”. (p. 28). Para o educador, é travar uma luta contra as concepções homogeneizadoras inculcadas pela sociedade desde os tempos hodiernos, quebrar o daltonismo cultural infiltrado no meio social. Para Candau (2013), é importante sabermos Identificar nossas representações dos “outros”. Saber a própria origem, isso favorece a valorização da cultura do outro e o reconhecimento das diferenças. Só a partir desse reconhecimento é que começa a se desenvolver a cultura do respeito e da igualdade social. É um trabalho desafiador para educadores/as, pois não há uma escola para pessoas de cada classe social, religião ou etnia, contudo toda essa pluralidade que se concentra no interior da escola faz vir a tona grupos culturais que são visto com um olhar ou de aprovação ou de repúdio dependendo da forma de como um se situa diante do outro. O grupo que sofre preconceito e discriminação é julgado como o responsável pelo fracasso escolar. Isso acontece, segundo Candau (2013):

“Quando como professores/as, situamo-nos diante dos/as alunos/as, a partir de estereótipos e expectativas diferenciadas segundo a origem social e as características culturais dos grupos de referência, quando privilegiamos somente comunicação verbal, desconsiderando outras formas de comunicação humana, como a corporal, a artística, etc.” (p. 30).

Nessa perspectiva o educador/a é a figura que conduz as situações de conflitos geradas pelas atitudes discriminatórias de um grupo sobre outro ou pela negação de algum direito do ser humano. Candau (2013) coloca o conhecimento histórico como uma forma de trabalhar a prática pedagógica negociando com os fatos e acontecimentos que provocam mudanças atuais na sociedade, Dessa forma “a escola é concebida como um centro cultural em que diferentes linguagens e expressões culturais estão presentes e são produzidas” (p.34). Portanto a mesma não pode mais funcionar como reprodutora da desigualdade social produzida pela sociedade capitalista onde os bens culturais foram distribuídos de forma desigual os quais uns tem acesso a eles outros não. Segundo Candau (2013):

“A escola precisa ser reinventada e se afirme como um locus de formação de novas identidades e mentalidades capazes de construir respostas, sempre com caráter histórico e provisório para as grandes questões que enfrentamos hoje tanto no plano local quanto nacional e internacional” (p.35).

Dessa forma os autores Moreira & Candau (2008) fazem algumas reflexões sobre currículo e identidade e apresentam algumas estratégias que podem ajudar a lidar com as diferenças na sala de aula: “procurar aumentar a consciência das situações de opressão que se expressam em diferentes espaços sociais” (p.47). Para que os/as alunos/as percebam e tomem consciência da existência dos diversos tipos de preconceitos e discriminações existentes na sociedade tanto por parte da classe opressora como também da classe dos oprimidos, ou seja, repensar as práticas escolares em relação às diferenças culturais do seu público. Os autores sugerem como estratégias o desenvolvimento de atividades como pesquisa sobre a identidade cultural, questionários com os familiares, trabalhos elaborados pelos próprios estudantes, debates, levantamento de discussões na sala de aula, para socialização dos resultados dos trabalhos produzidos, para contextualização com os conceitos históricos de diversas áreas do conhecimento com as situações do cotidiano.

Outra estratégia citada pelos autores, muito discutida com um grupo de professores da Secretaria de Educação do Rio de Janeiro em 2004, segundo Moreira & Candau, (2008, p.48) foi: “Estimular o desenvolvimento de uma imagem positiva dos grupos subalternizados”, dessa forma possamos interpretar essa estratégia como uma possibilidade de reverter o quadro das discriminações entre os grupos, ou seja, focalizar num estudo referente aos fatores positivos e as contribuições culturais que eles deram e podem dar a sociedade através do teatro, das danças, do cinema, poetas e escritores consagrados que consolidaram suas obras a partir de histórias de vidas, culturas de diferentes povos, de diferentes regiões. Essa questão valoriza a diversidade cultural e eleva a autoestima das classes que se encaixam em diferentes grupos considerados subalternos e ainda pode despertar para criação de movimentos contra aos mais diversos tipos de preconceitos, o que abriria novos caminhos, para novas conquistas e mudanças de posturas em relação a aceitação e respeito a diversidade. Outra estratégia apontada por Moreira & Candau (2008), foi criar situações que possam: “Favorecer a compreensão do significado e da construção de conceitos que tem sido empregado para dividir e discriminar indivíduos e grupos, em diferentes momentos históricos e em diferentes sociedades” (p. 49). Nesse contexto poderemos rever conceitos em relação as diferentes culturas, classes sociais, etnias, gêneros, sexualidade, deficiências comparando as formas que as mesmas se configuraram em determinados tempos históricos. É importante que o/a aluno/a descubra que o preconceito sempre esteve presente em sociedades e diferentes épocas do passado e que hoje há a necessidade da reconstrução de conceitos e

reinsignificação das diferenças individuais para que possa se cultivar o respeito entre os seres humanos. Nessa perspectiva Moreira & Candau (2008) propõe como estratégia, “Facilitar a/o estudante a compreensão e a crítica dos aspectos das identidades sociais estimulados pelos diferentes meios de comunicação” (p. 51); que os/as estudantes compreendam como é a influência da mídia no processo de formação de uma consciência que tanto pode ser discriminatória como igualitária dependendo do contexto e da forma como a mesma faz referência a determinadas classes ou etnias. Nessa visão será importante que o professor/a seja o facilitador/a para alunos/as descobrirem o valor das pessoas pelos os que elas são, independentes das diferentes formas de vidas, cor da pele, sexualidade, gênero, religião ou classe social a que pertence. Existe inúmeras formas de se trabalhar essa temática em sala de aula, focalizando o desenvolvimento da formação do senso crítico da/do estudante em relação a pluralidade.

Dessa forma, Moreira e Candau (2008); defendem que é importante “Propiciar ao aluno/a possibilidade de novos posicionamentos e novas atitudes que venham a caracterizar propostas de ação e intervenção” (p.52). Essa foi mais uma estratégia discutida com um grupo de professores da Secretaria de Educação do Rio de Janeiro em 2004, tal estratégia mostra a importância da mudança de postura e de atitudes em relação ao preconceito que deve ser inculcada na criança desde cedo através de uma educação multicultural para que ela cresça compreendendo a importância de entender e valorizar o “eu” e o “outro”. Seus valores, crenças e costumes sejam respeitados na mesma dimensão de igualdade independentemente das diferenças individuais que possuem. Se a criança cresce com essas convicções futuramente tende a ser um lutador pela igualdade social e de direito capaz de transformar a sociedade e torná-la mais justa e igualitária livre da opressão e dos estragos psicológicos perversos causados pela força da discriminação e preconceito. Nessa visão os autores suscitaram como estratégia importante: articular as diferenças entre os grupos, como uma forma de promover uma interação capaz de superar as divergências que impedem a boa convivência entre os grupos Moreira e Candau (2008, p.53). Dessa forma compreende-se que vivemos num mundo globalizado, onde emerge vários fatores socioculturais e econômicos, os quais a escola precisa levar em consideração no desenvolvimento da educação escolar, para que a dimensão do saber ensinado na escola tenha efeito instrutivo no sentido de instigar no aluno a capacidade de compreender os processos culturais da comunidade na qual está inserido como também ter uma visão ampla de outras culturas, para aprender a conviver e respeitá-las sem precisar

mutuações entre elas. Para facilitar esse conhecimento as novas tecnologias e os meios de comunicação vêm sendo os maiores e mais novos veículos de transportar e universalizar a escola e tudo o que ela produz partindo de uma realidade local para uma realidade universal.

Outra ação importante que pode ser um estímulo é a troca de ideias, a fala da criança na sala de aula onde existe vários alunos/as que pertencem a grupos ou etnias diferentes com o objetivo de dialogar sobre as divergências que separam as pessoas umas das outras pela falta de compreensão da riqueza que a pluralidade pode proporcionar. Quando uma passa a conhecer e admirar a outra justamente pelo fato de ela ser ou de ter algo diferente, isso enriquece os diálogos sobre a pluralidade cultural o que proporciona uma abertura para que se estabeleça uma educação multicultural.

“A sala de aula nem sempre é para todos os alunos um lugar seguro. Nem sempre é fácil eliminar as barreiras entre as diferenças. Os esforços nessa direção precisam ir além do mero “pluralismo” ou do convite para que todos participem no diálogo. Não é suficiente criar condições para que a sala de aula se transforme em um espaço em que todos se sintam à vontade para falar”. (Moreira&Candau, 2008, p. 54).

Nesse contexto a visão dos autores, sobre os discursos das diferenças nas salas de aulas são muito importantes para unir os diferentes tipos de grupos existentes na sociedade, os quais acabam se encontrando dentro do espaço escolar. Portanto para os autores é na escola que deve ser trabalhado com fervor os aspectos de integração e não de separação dos indivíduos no sentido de transformar as diferenças numa bela aquarela multicultural que enriquece, enfeita e iguala as pessoas num só patamar onde suas diferenças serão vista como uma riqueza a mais de valores, tais como as relações articuladas dentro da sala de aula pelos mediadores nas diversas áreas do conhecimento e nas disciplinas vivenciadas por eles.

É inegável que a pluralidade cultural se apresenta no mundo de forma cada vez mais expressiva, como afirma Moreira (2001), “As diferenças são derivadas de dinâmicas sociais” Em relação ao “termo multiculturalismo” o autor enfatiza o favorecimento do mesmo para as questões que podem se trabalhar as atitudes em relação “à pluralidade cultural” (p.66), nesse contexto diz o autor multiculturalismo representa uma condição inescapável do mundo ocidental onde a diversidade cultural se faz presente e a educação multicultural deve ser promovida no âmbito educacional.

2.2 - A configuração do cenário multicultural no Brasil

Numa visão antropológica a respeito das diferenças podemos fazer uma retomada do primeiro encontro dos europeus com os índios brasileiros, onde dois mundos diferentes acabavam de se descobrir e construir uma nova história cultural. Segundo Matos [et al.] (2014, p.11), “Os viajantes europeus ao chegarem as terras brasileiras, deram de cara com os nativos os quais chamaram de “selvagens””. Esse foi um dos primeiros conceitos ou pré-conceito utilizado para se referir a alguém pertencente a outra cultura. Os nativos receberam esse título por quênão conheciam a civilização nem o progresso que já era avançado no mundo ocidental, logo foram classificados pelos ocidentais como diferentes, pelos seus modos de serem, de não se vestirem, por não falar a mesma língua, pelo tipo de alimentação. Lembramos aqui o trabalho de Todorov (2003) acerca da Conquista da América: o qual relata fatos baseados nos textos de Cristóvão Colombo sobre a chegada dos europeus na América, suas primeiras reações em relação aos índios. De início não consegue entendê-los e aceitá-los como seres humanos, considerou-os como objetos vivos que faziam parte da paisagem e os índios por sua vez consideraram os espanhóis como seres de origem divina. Já se originava aí uma resistência dos dois povos em compreender a diversidade existente. Para a população indígena houve uma ruptura dos diversos valores culturais inclusive no âmbito educacional, passaram por diversas transformações para se adaptarem a uma nova cultura deixando seus costumes e adquirindo os valores da civilização da cultura ocidental. Muito desses valores foram perdidos ao longo da história.

Todas essas questões configuravam ali um novo cenário multicultural, onde um começava a enxergar o outro mas não se reconhecia no outro. Segundo a autora os europeus tinham a concepção de etnocentrismo e achavam que o modo de viver e de ser daquelas pessoas tão diferentes deveriam ser inferiores, subalternizados.

Nesse contexto, a visão dos que acreditavam e acreditam que existem valores melhores do que os outros já existiam a muito, como também já existia uma hierarquia seguida de discriminação. Dessa forma a dificuldade de lidar com as diferenças são históricas, essa visão etnocêntrica, se justifica quando Matos [et al.] (2014) aponta os questionamentos feitos pelos viajantes missionários “se eram seres humanos aqueles nativos de modos tão selvagens” (p13). Essa estranheza em relação a percepção e aceitação do diferente perpassa por décadas e ainda nos dias atuais é comum quando nos deparamos com situações inusitadas como afirma Matos [et al.] (2014).

“Não é preciso qualquer habilidade de previsão ou adivinhação para saber que a percepção da diferença nem sempre se dar tranquilamente e interjeições poucos elegantes devem ter escapados ao ver dois homens como pais de uma mesma criança; ao saber que na casa do João apreciam uma boa buchada de bode, ou que seu colega de faculdade curte um bom arrocha e deprecia o rock’n’ roll!” (p.9).

O preconceito está ligado a forma de como cada ser humano ver os valores do outro, a cultura do outro, o que é comum para um grupo pode ser estranho para outro, essas diferenças muitas vezes gera um olhar de julgamento e de preconceito. Todorov (2003), em seu trabalho, *A Descoberta da América Nós e os Outros*, analisa a construção da imagem do “outro” nas sociedades. “Podem-se descobrir os outros em si mesmo e perceber que não se é uma substância homogeneia, é radicalmente diferente de tudo que não é si mesmo” (p. 7). Nessa visão do outro como diferente de si mesmo e ao mesmo tempo tão semelhante percebe-se que a personalidade e as características físicas são mecanismos que diferenciam os seres humanos, mas não os tornam inferiores ou superiores.

Nesse contexto Damatta, (1981, apud Matos [et al.], 2014, p. 29) aponta que “não existe indivíduos sem personalidade, o que ocorre é que uns tem personalidade mais forte do que outros” o autor expõe que todos os seres humanos pertencem a alguma cultura, nesse caso as diversas formas de como ela se manifesta, é justamente o que configura o cenário da diversidade. Mesmo sendo seres da mesma espécie, menciona Matos [et al.] (2014) “a maneira de se colocar no mundo e de interagir com ele, nos mais diversos aspectos, resulta na diversidade que observamos, e, que por vezes, assusta” (P.30). Ainda segundo Matos uma comida que pode ser deliciosa para uns, mas para outros que não conhecem podem criticar e até achar nojento, esse tipo de comportamento se manifesta também em outros conceitos como por exemplo dizer que alguém não tem personalidade, são questões geradoras de preconceitos.

Nessa perspectiva, a autora enfatiza também um termo bem comum quando se trata do multiculturalismo, “o Brasil é o país da diversidade” Matos [et al.] (2014, p.32), olhando por esse ângulo nos remete uma ideia positiva, relativista das diferentes culturas brasileiras alastradas pelas suas regiões, as quais são manifestadas pelos hábitos e costumes de acordo com cada região do Brasil, que é reconhecida pela suas principais características culturais seja pela música, dança, aspecto econômico e religioso. “As

diferenças que fervilham a nossa volta desde os tempos idos, representam a diversidade cultural” (p.33). Na visão de Damatta (1981, apud Matos, 2014) isso é uma forma de “enxergar o mundo pela lente da cultura.” (p. 26). Como já foi colocado anteriormente a cultura se manifesta sob vários aspectos em países e em regiões de todo o mundo, a culinária, por exemplo, varia de acordo com cada lugar. O tipo de alimento, os horários, o jeito de comer, afirma Matos (2014) “quem não já ouviu alguém do nordeste falar que é “pesado” comer feijão a noite, enquanto alguém do Sudeste acha estranho comer cuscuz com carne na café da manhã” (p.36). São hábitos que se transformam em tradição e as pessoas que passam a viver naquela região acabam se adaptando ao modelo cultural o qual se inserem, muitas vezes deixando os seus costumes para trás.

Dessa forma, diz a autora, o ser humano tem a capacidade de se adaptar a outras culturas, “aprender um novo idioma, outras etiquetas, adaptar o paladar a novos sabores, etc” (p.36). Portanto para Matos o ser humano passa a ser o único produtor e transmissor de cultura do mundo, pois é ele quem se encarrega de manter a tradição de acordo com as regras de convivência estabelecidas por um determinado grupo e que são passados de geração em geração sem precisar constar em alguma legislação. Nesse contexto a autora aponta costumes e alguns papéis que são desempenhados por homens ou mulheres, em um determinado tempo e espaço, mas que através da “cultura dinâmica” (p. 36), esses papéis se modificam de acordo com as mudanças sociais e a necessidade e exigida pela sociedade em épocas diferentes. Como também, a interação com ambientes diferentes diz a autora faz às vezes nos sentirmos inseguros “quando nos afastamos das nossas referências” (p.37).

“O afastamento dos nossos costumes permite que olhemos nós e, sobretudo, para o outro com um olhar mais brando, pelo menos por maior empenho em enxergar o que há de diferentes em mundos distintos. Basta imaginar uma viagem turística, em como ela desperta a curiosidade sobre a música do lugar visitado, a culinária, os sotaques os hábitos que caracterizam o lugar e seu povo” (Matos et al. 2014, p.37).

A convivência com pessoas de outras culturas faz com que o sujeito se sinta como um “ser único”, mas que “suas atitudes, não impede de pertencer a uma coletividade que lhe possa propiciar melhorias de seu interesse”. (Souza, 2012, p. 23). De acordo com o autor o interesse pode estar intimamente ligado ao fortalecimento do reconhecimento da sua identidade, ao mesmo tempo em que se depara com outra realidade passa a reconhecer melhor a sua.

Dessa forma o estudo a partir da cultura revela a história do povo em seus diversos aspectos inclusive as diferenças sociais e de comportamento do ser humano que perpassa pelas sociedades desde a antiguidade até os dias atuais. Na sociedade contemporânea as diferenças se revelam num cenário cultural que veem se configurando numa mistura de raças, cor, gênero, sexualidade, ritmos musicais, culinária, segundo Souza (2009) “a tal diversidade é o reflexo do que está na nossa origem” (p.65). Essa mistura foi retratada por artistas modernistas como “Mário de Andrade que remete ao cruzamento do branco, do índio e do negro como “matéria prima” para a formação da população brasileira”. (p. 65). Sendo assim essa “matéria prima” foi aos poucos se expandindo através dos costumes, os valores, as religiões, a música e seus variados ritmos, a dança, a culinária, o modo de vida das pessoas que compõem o “mosaico” multicultural no Brasil. Nessa perspectiva afirma Matos, (2014):

“podemos nos lambuzar com uma boa feijoada, nos faltar de comer tapioca, balançar numa rede, balançar os quadris dançando um samba, um forró ou o que chamamos de Axé music. Podemos nos gabar de uma arquitetura, que remete à Europa assim com as vestimentas que de lá buscaram inspiração. Pó trás desse “mosaico cultural”, porém, existem questões que nos trazem lembranças e reflexão sobre o papel dessa mistura para o Brasil” (p. 65).

Numa visão positiva essa miscigenação demarca a sociedade brasileira com uma riqueza cultural que por um lado envaidece a população brasileira por fazer parte dela, mas por outro lado abre espaço para que o preconceito e a discriminação se fortaleçam ainda mais, por falta de uma educação multicultural, mesmo após a abolição, as desigualdades sociais não param de crescer, o preconceito e a discriminação não acontecem somente entre as raças, mas em todos os aspectos das relações humanas.

Com a chegada do pós-modernismo surge uma nova discussão lançada por teóricos sobre as questões multiculturais no âmbito educacional. Conforme declara Peixoto (2009):

“Teóricos do campo educacional passaram a alertar para a importância da incorporação do multiculturalismo nos currículos, no planejamento político – pedagógico das escolas e no tratamento teórico de questões relacionadas à formação de professores, introduzindo como parte dessa formação o problema das identidades culturais e étnicas e a importância de sua valorização na composição das diferentes formações sociais”(p. 35).

Nesse sentido, não basta apenas conhecer as diferentes culturas existentes no espaço escolar, mas reconhecê-las como parte importante que constitui a diversidade. A temática trata da necessidade de uma formação escolar que considere os aspectos econômicos e sociológicos, que veja essas diferenças num patamar de igualdade onde as mesmas sejam discutidas respeitadas por todos os envolvidos no processo escolar.

Segundo Peixoto, (2009) “O tema do multiculturalismo, abandona as análises no campo econômico e político, privando a produção teórica de categorias sociológicas e políticas.” (P.36). A falta de percepção da relação de educação e sociedade provocou uma desvalorização de identidades no Brasil, acentuada na década de 1990, conforme Peixoto (2009,P.37), “uma espécie de ver a árvore e não atentar para o bosque”. Nessa lógica percebe-se uma lacuna nas práticas pedagógicas da escola contemporânea, que não atentou para a formação integral do aluno/a considerando suas identidades e seus valores culturais. Assim sem um ensino inovador que permita estimular a curiosidade e o pensamento crítico do estudante, sobre suas identidades e culturas, que promova um diálogo da sua realidade associada aos conteúdos escolares, para que se estabeleça uma proximidade entre o que se ensina e o que se aprende, não haverá uma educação de qualidade.

De acordo com Santana, (2009), no período pós-moderno pesquisas foram realizadas por vários autores a respeito de como estava sendo abordada a questão da diversidade cultural na escola, onde as diferenças culturais passaram a se apresentar de forma homogeneizada pelos princípios de igualdade que convergiam os brancos europeus. Com a contestação desse fator pela educação surgiu o multiculturalismo desmistificando a visão de homogeneização. Uma mudança na raiz cultural começa a surgir lentamente na era do pós-modernismo, o que permite o surgimento de alguns conflitos entre a homogeneização e centralização da cultura.

O multiculturalismo surge com várias faces uma delas se caracteriza como multiculturalismo crítico apontado por Stuart Hall (2006) apud Santana (2009), o qual “critica a exclusão social e política diante dos privilégios de algumas hierarquias existentes na nossa sociedade.” (p.53). É o movimento que segundo Santana (2009), surge da força da classe dos dominados como uma forma de lutar pela aceitação das diferenças e igualdade de direito.

No Brasil, as lutas por essa política de inclusão cultural e social se desenvolvem com mais vigor “na década de 1980” conforme Santana (2009, p.54). As produções de

trabalhos voltados para esse tema nessa década fortaleceram as lutas pela inclusão de pessoas de diversas na sociedade, pois com suas orientações ajudavam na organização dos movimentos sociais e culturais que buscavam a preservação da cultura étnica. Nessa ótica a diversidade cultural começa a aparecer no cenário da educação brasileira, dando mais ênfase a inclusão social com o objetivo de promover uma política de igualdade social, mas que segundo Santana (2009), “nunca existiu de fato”. (p.55). O ideal de uma sociedade justa e igualitária não passou de uma utopia que até os dias atuais não se concretizou. Nesse sentido:

“Foram raros esses períodos de liberdades democráticas em uma história de mais de quinhentos anos, e hoje vivemos em um deles, que certamente está se construindo no mais longo período de liberdade democrática que a história do Brasil já conheceu. Essa particularidade de nossa história obviamente interfere na nossa maneira de entender a questão das igualdades/desigualdades e outras questões, tais como o papel da política, da liberdade, da democracia e da educação”.(Santana 2009, P.55).

Na década de 1990, novas leis educacionais foram criadas em favor da igualdade, debates sobre o tema invadem o campo educacional, reforçam critérios estabelecidos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), um referencial nacional para educação escolar, que em uma de suas partes trata da sobre a política de igualdade social. Onde os direitos e deveres dos cidadãos se completam com o reconhecimento dos direitos básicos que garantem a qualidade de vida do ser humano, saúde, educação, alimentação, enfim todos os benefícios sociais, como também orientam para se trabalhar na escola toda forma de combate ao preconceito e toda forma de discriminação relacionada às diferenças sociais e culturais.

Neste ângulo, Santana (2009,p. 56), refere-se aos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio que enfatiza a temática dos princípios de igualdades como: “estética da sensibilidade, a qual reconhece a diversidade sem, no entanto, fortalecer os estereótipos responsáveis pela discriminação”. É, no entanto uma concepção superficial e insuficiente que não produz resultado na erradicação da discriminação e do preconceito que permeiam pelo âmbito educacional brasileiro. Nessa perspectiva afirma Santana (2009):

“Diante dessa realidade, as diversas correntes do movimento negro tem atuado com o intuito de promover no campo educacional, principalmente na formação dos professores, ações efetivas, voltadas para a elaboração de

políticas públicas destinadas a preparar os profissionais da educação para uma prática não racista e de respeito étnico e cultural” (p.56).

A escola por sua vez, receptora da diversidade cultural, ganha a incumbência de dialogar sobre essa problemática e encarar a luta pelos direitos iguais, diante disto “o governo federal [...] passa a adotar a partir de 2003 ações para corrigir injustiças, eliminar discriminações e promover a inclusão social e a cidadania no sistema educacional brasileiro” Santana (2009, p.57). Outras medidas foram tomadas como, a criação de políticas públicas para garantir a manutenção dos direitos de igualdade como a Lei Federal nº 10.639, promulgada em 9 janeiro de 2003, a qual faz incluir na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-brasileira, para que as novas gerações conheçam suas raízes culturais reconhecendo que a cultura negra teve e tem uma grande influência na formação da sociedade brasileira. Conhecer sua própria história é o caminho para compreender que o Brasil é um país multicultural e que o racismo assim como outros tipos de preconceito precisa ser abolido do nosso meio social. O multiculturalismo é um desafio para a escola, pois muitos professores ainda temem a lidar com às diferenças na sala de aula, por essa razão as questões de discriminações e preconceitos se perpetuam entre os estudantes, por falta do desenvolvimento de um trabalho eficazmente voltado para a formação da identidade do povo brasileiro, onde o aluno conhecendo seu passado possa romper com os preconceitos, adquirir conceitos positivos e formar uma nova sociedade onde a miscigenação não seja apenas temas de debates ou movimentos sociais, mas que seja reconhecida como uma contribuição positiva na formação cultural do povo brasileiro. Essa é uma questão “negada no Brasil” diz Santana (2009, p. 63), a cultura predominante imposta, foi a europeia enquanto a cultura negra e indígena tornou-se motivo de luta e movimento para ganhar espaço na sociedade que historicamente foi construída por várias culturas, inclusive por índios, brancos e negros. É importante que a escola ensine a criança desde cedo “a riqueza das diversas culturas presentes em nossa formação social” Santana (2009, p.64), para que a igualdade de direito não seja tema de movimentos sociais de algo que foi negado no passado e que agora precisa ser recompensado. Na visão de Santana (2009):

“Desde a década de 1980, o multiculturalismo nos tem dado importantes subsídios para lidar com o processo de reestruturação do sistema educacional brasileiro, exigindo o reconhecimento das questões étnico-culturais no Brasil. No entanto o desenvolvimento dessa corrente e sua contribuição efetiva exigem maior aprofundamento sobre a diversidade cultural e a complexidade da nossa formação social” (p. 66).

A Educação Multicultural é uma problemática necessária ao debate educacional, porém complexa à aplicação de práticas pedagógicas significativas na escola. Nessa perspectiva, merece reflexão e pesquisas mais aprofundadas dos educadores sobre essa temática, para aumentar as possibilidades de oferecerem seus educandos um ensino que reconheça e valorize a diversidade cultural, diminua o preconceito e a discriminação e contribua para a construção de uma sociedade justa e democrática.

O cotidiano da escola permite viver algo da beleza da criação cultural humana em sua diversidade e multiplicidade. Segundo os PCNs (1997), os educandos tem o direito de manifestar suas opiniões através do diálogo, da socialização dos saberes cultural.

“O cotidiano da escola permite viver algo da beleza da criação cultural humana em sua diversidade e multiplicidade. Partilhar um cotidiano onde o simples “olhar-se” permite a constatação de que são todos diferentes traz a consciência de que cada pessoa é única e, exatamente por essa singularidade, insubstituível”. Brasil (1997, p. 40).

É na escola que acontece o encontro das origens de diferentes povos, onde alunos e professores cada qual com suas histórias diferentes constroem novas histórias e desenvolvem novas experiências que num processo de interação vão produzindo múltiplos saberes respeitando os gostos, as escolhas, preferências e opiniões de cada um, construindo assim um ambiente que lhes dê credibilidade, segurança e respeito a sua diferença.

CAPITULOIII

DESENVOLVIMENTO CURRICULAR

CAPITULO 3 - DESENVOLVIMENTO CURRICULAR

3.1. Desenvolvimento Curricular e o Multiculturalismo

Os estudos sobre currículo nasceu da necessidade emergencial de uma melhor organização no setor educacional, para institucionalização do mesmo a partir da formação de disciplinas por especialistas que buscaram compreender várias teorias pedagógicas, que viesse concretizar o currículo como instrumento norteador das práticas pedagógicas escolares.

Silva (1999), afirma que o currículo é a especificação precisa de objetivos, procedimentos e métodos para a obtenção de resultados que possam ser precisamente mensurados. Nesse entendimento as concepções de currículo se concretizaram quando o mesmo passou a ser uma realidade presente nas escolas. No sentido epistemológico da palavra “currículo” ou em latim “curriculum”, “pista de corrida”, nessa “corrida” é que nos tornamos o que somos. Pois o currículo deve estar ligado não só ao conhecimento, mas, a identidade, assim o autor considera o currículo tanto como uma questão de conhecimento como uma questão de identidade.

Em busca de uma definição para o currículo Silva (1999) estuda diversas teorias e questiona sobre o que elas pretendem explicitar ou esconder.

“A questão central que serve como pano de fundo para qualquer teoria do currículo é saber qual conhecimento deve ser ensinado. De forma mais sintética a questão central é: o que? Para responder a essa questão, as diferentes teorias podem recorrer a discussões sobre a natureza humana, sobre a natureza da aprendizagem ou sobre a natureza do conhecimento, da cultura e da sociedade” (Silva, 1999, P.14)

Nessa visão a pergunta “o que?” está relacionada com o ideal de ser humano que se deseja formar e para que tipo de sociedade a escola esteja prestando seus serviços educacionais. O autor questiona sobre os tipos de formações a partir do tipo de currículo, o que pode ser para formar pessoas com um ideal humanistas de educação, otimizadora e competitiva, pessoa com ideais de cidadania e críticas. Dessa forma, a cada tipo de ser humano um tipo de currículo.

Na análise de Assumpção, Cabral, Muniz e Pessoa, (2008). A palavra currículo é originária do vocábulo latino currere, significa correr um determinado trajeto ou caminho.

Nesse contexto currículo seria uma forma de organização de a escola trabalhar os conteúdos proposto criando caminhos de como e quando ensinar como também avaliar o que está sendo trabalhado de acordo com a realidade social e cultural que a escola está inserida, portanto deve ser considerado o que está descrito no projeto Político pedagógico viabilizando a execução das atividades educativas, considerando as questões culturais e a diversidade em que se encontra a escola. Ainda sobre essa questão, tanto Bobbiti (2012) quanto Dewey, Althusser, Bourdieu e Passeron, tem a mesma visão a respeito do conceito de currículo quando o colocam como a alma da escola e que deve ser estudado e elaborado com cuidado, pois será contido nele as raízes e os direcionamentos da educação de indivíduos que se será formado.

“Educar o indivíduo de acordo com suas capacidades. Isso exige que o material do currículo seja suficiente para atender às diversas necessidades de cada classe de indivíduos na comunidade e que o curso de formação e estudo ser suficientemente flexível que o indivíduo pode ser dado apenas coisas que ele precisa” (Bobbit, 1912,P. 269).

Para Bobbit a questão central do currículo era a organização, para o especialista em currículo, o mesmo tem uma função meramente burocrática (selecionar habilidades e relacioná-las as disciplinas). O conceito fundamental dessa concepção curricular é a de “desenvolvimento do currículo, como uma questão técnica.” O desenvolvimento de uma proposta curricular deveria promover a conquista de um padrão de domínio de determinadas habilidades que superasse a discrepância do nível de aprendizagem entre alunos de uma mesma série. Cada objetivo selecionado precisaria ser formulado como comportamento explícito apropriado ao aluno. Cada comportamento explícito (na psicologia comportamentalista) se torna o padrão de referência segundo o qual a aprendizagem pode ser verificada.

Conforme Moreira e Silva (1997, p. 28), “o currículo é um terreno de produção e de política cultural, no qual os materiais existentes funcionam como matéria prima de criação e recriação e, sobretudo, de contestação e transgressão”. O currículo escolar tem ação direta ou indireta na formação e desenvolvimento do aluno. Portanto, é fácil perceber que a ideologia, a cultura e o poder nele configurado são determinantes no resultado educacional que se produzirá. Sendo assim podemos aqui ressaltar três tipos de currículos que se configuram dentro do espaço escolar por Moreira e Silva (1997), os quais apontam para o professor estar atento ao contexto social e cultural no qual seu aluno está inserido

para daí criar novas formas de adaptações curriculares e não ficar alienado ao um currículo já prescrito. O Currículo real é o currículo que se desenvolve dentro da sala de aula com professores e alunos a cada dia em decorrência de um projeto pedagógico e dos planos de ensino; o currículo oculto é o termo usado para denominar as influências que afetam a aprendizagem dos alunos sejam elas positivas ou negativas, bem como o trabalho dos professores. O currículo oculto representa tudo o que os alunos aprendem diariamente em meio às várias práticas, atitudes, comportamentos, gestos, percepções, que vigoram no meio social e escolar, já o currículo prescrito atribui à escola o papel de transmitir uma cultura com base na lógica da reprodução, um currículo igual para todo o território e para todos os alunos, construído para que o professor o execute da forma como veio estruturado.

Moreira e Candau (2008) consideram que gestores e docentes precisam organizar os tempos e os espaços escolares para abranger as atividades de pesquisa dentro da instituição, fazendo com que o trabalho do profissional da educação seja mais valorizado, através do seu desempenho profissional, e ainda despertar nos educandos o espírito de pesquisa, de busca, de ter prazer no aprender, no conhecer coisas novas. Nessa visão novas perspectivas de aprendizagens surgirão, pois o que é ensinado na escola passa ter um significado na vida do aluno e o mesmo começa a valorizar e se interessar mais pelos estudos porque se sente sujeito do processo. Portanto a influência do desenvolvimento curricular adequado a seu público que compreenda as diferenças culturais e sociais existentes no espaço escolar.

A cultura está em toda parte do mundo explicitada através das pessoas que apresentam no seu cotidiano o modo de andar, vestir, comer, dançar, orar, celebrar, brincar. Desde as mais antigas civilizações onde estão ancoradas as diversas formas de expressar e ver o mundo que a cultura se configura através de seus aspectos físicos e simbólicos. Tanto em termos materiais quanto espirituais as pessoas constroem sua existência de acordo com a realidade em que o estão inseridas. A cultura é considerada um dos patrimônios mais importantes de um povo, porque ela é resultado do compartilhamento de valores que são passados de pessoas para pessoas, sendo criada e recriada de geração em geração. As crenças, os valores, os costumes é quem define a identidade que somos de onde viemos e em quem devemos acreditar ou não, portanto ela influencia nos nossos modos de ser e estar no mundo, na forma de agir e como nos relacionamos naturalmente e socialmente com os outros.

Nesse contexto trataremos aqui a configuração do currículo escolar dentro de uma realidade onde o multiculturalismo é presença marcante na escola, em busca de uma nova interpretação do que acontece na atualidade. De acordo com Santana (2009) após a década de 1980 vários autores começaram a contestar a forma que a diversidade cultural estava sendo tradicionalmente trabalhada na escola, compondo assim, uma nova corrente na história da educação chamada de multicultural.

Segundo Silva (2009) o multiculturalismo é considerado um tipo de manifestação que se apresenta de forma ambígua, pela maneira que os meios de comunicação de massa tratam a questão da diversidade, aparentemente parece que reconhece, valoriza, respeita, admira e exibe imagens e sons que elevam as diferenças culturais num rico contexto de orgulho e beleza. Na verdade o que realmente ocorre por trás de toda essa máscara é uma ambiguidade que confunde e esconde os verdadeiros princípios de igualdade e respeito à diversidade cultural, ou então não haveria tantos grupos reivindicando seus direitos e que seus valores culturais sejam reconhecidos e representados nacionalmente. Não existiria tantas pessoas lutando por um direito que já lhes pertence mas que lhes é negado, essa questão ainda é um problema existente no interior dos grupos culturais. Pois do outro lado está o poder dominante que visa a legitimação de um processo de homogeneização, ou seja, a junção de várias culturas em determinado espaço e tempo, sem considerar as formas que devem ser tratadas as diferenças.

Dessa forma o multiculturalismo passa a ser um importante instrumento de luta política, reforça Silva. Portanto, o mesmo ainda ressalta que, “o multiculturalismo não pode ser separado das relações de poder” (Silva, 2009, p. 85).

Nesse contexto podemos considerar o espaço escolar como um local multicultural. Onde exige dos educadores uma consciência ética que os mesmos possam trabalhar as diferenças sem ter que impor uma única cultura imposta pelo poder dominante. Como nos chama a atenção (Santana, 2009) para o multiculturalismo crítico.

“O multiculturalismo, crítico nos ensina a reconhecer as diferenças existentes em cada indivíduo ou grupo, ao mesmo tempo em que nos coloca diante da igualdade de direitos. Considerando que convivemos em uma sociedade democrática, a aceitação dessas diferenças compõe sua totalidade heterogênea, estabelecendo sobre essa base uma orientação educacional, uma vez que o processo de dominação e a formação do aluno “moldado” começam na educação infantil, continuando no ensino superior e até a sua formação profissional” (p. 53, 54).

O multiculturalismo exige dos dirigentes, corpo docente e discente da escola que não basta incluir essas culturas na escola, mas valorizá-las e respeitá-las de acordo com sua etnia ou origem social. A troca de experiências e ideias heterogenias constituem as grandes riquezas culturais da sociedade. Nesse contexto Silva (1999), afirma que, “a partir dos estudos culturais podemos ver o conhecimento e o currículo como campos culturais, como campos sujeitos à disputa e a interpretação, nos quais os diferentes grupos tentam estabelecer sua hegemonia”. (p. 135).

Sendo assim o multiculturalismo permite uma compreensão de equivalência entre as culturas tanto em termos antropológicos como epistemológicos. Ou seja, “as características de grupos raciais se configuram de acordo com o tempo e o espaço onde os seres humanos vivenciam suas manifestações culturais e humanas”. Ainda na visão de Silva, (1999):

“Essa perspectiva está na base daquilo que se poderia chamar de um “multiculturalismo liberal” ou “humanista”. É em nome dessa humanidade comum que esse tipo de multiculturalismo apela para o respeito, a tolerância e a convivência pacífica entre as diferentes culturas. Deve-se tolerar e respeitar a diferença porque sob a aparente diferença há uma mesma humanidade”. (p. 86).

Dessa forma o desenvolvimento curricular da escola se configuraria como uma invenção, uma construção social que necessita da análise das relações de poder e compreensão sobre o tipo de conhecimento a ser construído no espaço escolar a partir da sua organização e da proposta idealizada pelos sujeitos envolvidos. O que está, no cotidiano de seus alunos, assim conhecem a realidade os quais os mesmos estão inseridos. Nessa perspectiva definir junto com toda comunidade escolar envolvendo, pais professores e alunos enfatizando o início de um processo de autonomia e respeito a diversidade na construção de uma proposta de trabalho pedagógico que contemple uma educação de qualidade a partir da significação dos conteúdos contidos no projeto curricular da escola. Silva (1999) destaca no seu texto: Diferença e identidade: O currículo multiculturalista, ou seja, o multiculturalismo visto numa perspectiva crítica pode se dividir entre duas concepções, “pós-estruturalista e materialista”. A concepção “pós-estruturalista” é produzida através do discurso linguístico, ligado a relações de poder, segundo o autor, são as relações de poder que fazem com que a “a diferença” adquira um

sinal, que o “diferente” seja avaliado negativamente ou positivamente em relação ao não diferente, depende do discurso produzido a respeito do que se opõe ao diferente. A concepção “materialista” está relacionada à discriminação por conta da desigualdade social, econômica e institucional, baseada nas diferenças culturais. Dessa forma qualquer tipo de preconceito não será eliminado através somente do “combate a expressões linguísticas” Silva (1999), mas em todas as instituições sociais, a escola é uma das principais onde deve prevalecer não só a concepção “pós-estruturalista”, mas também a “materialista”, onde o exemplo é a maneira mais eficaz de ensinar. Faz-se máster alertar as todas as gerações inclusive as mais jovens para as diferenças sociais que se afloram na sociedade moderna, como aponta Rodrigues (2013):

“Não é de se estranhar que quanto mais cedo estiverem habituadas a ouvir, a falar e a pensar sobre as diferenças e semelhanças, mais aptas estão a conhecer-se a si mesmas e ao outros. Quanto mais estiverem habituados a ver exemplos das múltiplas formas de executar as mesmas atividades, mais fácil se tornará de aceitarem a variedade como normal” (P.6).

Na visão crítica de Silva (1999) sobre currículo e multiculturalismo, evidencia a necessidade de se trabalhar na escola uma adequação curricular que contemple as necessidades sociais de seus educandos, mesmo que para isso seja necessário modificação no currículo, o que muitas vezes causa medo, dúvida e insegurança nos educadores. Acaba se tornando algo desafiador que carece de certa ousadia e autonomia do educador. Para Silva (1999):

“O gradiente da desigualdade em matéria de educação e currículo é função de outras dinâmicas, como as de gêneros, raça e sexualidade, por exemplo, que não podem ser reduzidas a dinâmicas da classe. Além disso, o multiculturalismo nos faz lembrar que a igualdade não pode ser obtida simplesmente através da igualdade de acesso ao currículo hegemônico existente, como nas reivindicações educacionais progressistas anteriores. A obtenção de igualdade depende de uma modificação substancial do currículo existente” (P.90).

Dessa forma o currículo escolar deverá ser reformulado para atender as necessidades intelectuais de seus indivíduos dentro um processo reflexivo sobre as diferentes formas de produção das relações sociais que se produzem e se configuram pelos grupos sociais nela existente.

CAPÍTULO IV: TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

CAPÍTULO 4 - TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Segundo Turato (2003), metodologia é a disciplina que se ocupa de estudar e ordenar (no possível) os muitos métodos que concebemos suas origens históricas, seus embasamentos paradigmáticos acompanhados de suas relações teóricas, suas características estruturais e as especificidades de seus alvos (p.153).

Nesse contexto faz parte da natureza humana o desejo de conhecer, trilhar caminhos, descobrir o que está oculto. O bom pesquisador procura investigar o que não está claro, mas ao mesmo tempo consegue perceber reflexos que causam curiosidade, sempre estar atento ao que ocorre ao seu redor.

4.1 OBJETIVOS:

4.1.1 Geral:

- Analisar a resposta de uma escola municipal da vila de Caraibeiras município de Tacaratu – PE em relação ao desafio de educar no âmbito da diversidade cultural dos alunos.

4.1.2 Específicos

- Mapear as diferentes culturas existentes na instituição escolar entre alunos e professores.
- Identificar o modo como os professores se relacionam com as novas diretrizes educacionais e a diversidade cultural de sua comunidade;
- Verificar como os docentes incluem aspectos da cultura de seus alunos nas práticas pedagógicas;
- Analisar no desenvolvimento curricular se a metodologia utilizada pelos os professores está inserida no âmbito da diversidade cultural dos alunos.

4.2 HIPÓTESE

Acreditamos que os professores da escola pública tem dificuldade de trabalhar com a diversidade cultural de seu público, por terem que seguir o currículo oficial que não contempla as peculiaridades dos diversos grupos sociais e culturais que se cruzam no dia a dia do espaço escolar.

4.3 Tipo de Pesquisa

Método é a maneira pela qual fazemos alguma coisa, para atingir um objetivo, o método qualitativo e quantitativo foi escolhido para a realização dessa pesquisa, pois responde às necessidades desta investigação. Para além de oferecer toda uma diversidade de fontes por meio de questionário entrevista, filmes documentos e registros que permitem a interpretação e organização dos dados pesquisados, auxiliando na compreensão do tema em estudo.

Para Turato (2003, p. 153), método é um conjunto de regras que elegemos num determinado contexto para se obter dados que nos auxiliem nas explicações ou compreensões dos constituintes do mundo. Dessa forma o processo qualitativo oferece uma melhor visão do que está sendo investigado em relação a busca de significados em contexto social e especificamente em relação a cultura possibilitando uma generalização teórica.

Segundo Minayo (2009, p. 14) “A metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”. Nesse sentido observar os problemas sociais presentes na comunidade, as implicações existentes no âmbito educacional precisamente na escola, onde os educadores enfrentam o desafio de trabalhar com a diversidade cultural no seu dia a dia, como estão utilizando as práticas pedagógicas que atendam as necessidades educacionais dos estudantes é pertinente, pois isso é instigante, desperta a curiosidade, impulsiona para novas descobertas, merece cada vez mais aprofundar as observações, levantar hipóteses, tirar conclusões. Portanto o método qualiquantitativo é adequado a essa pesquisa, pois através dele será possível adentrar ao modo de ensinar e aprender frente ao multiculturalismo que permeia o âmbito escolar, conhecendo as experiências de vidas de professores e alunos que invadem as instituições de ensino com suas culturas seus modos de vidas tão diferentes. Nesse caso para que um método de pesquisa tenha seu emprego adequado, é preciso saber se ele responderá aos objetivos da investigação científica que queremos empreender (Turato,2003).

Nessa perspectiva a escuta do pesquisador como também suas observações instiga-o a uma interpretação mais ampla da realidade em estudo, podendo se beneficiar da utilização do método qualiquantitativo, como afirma Trivinos (1987) “toda pesquisa pode ser ao mesmo tempo quantitativa e qualitativa” (p. 118). Oferece ao pesquisador

oportunidade de usufruir com propriedade tanto dos dados qualitativos como também dos dados estatísticos o que permitirá objetividade nos resultados da pesquisa e uma maior aproximação do pesquisador com o real. Nessa percepção afirma Minayo ao se referir à importância da metodologia para a teoria, “Na verdade a metodologia é muito mais que técnicas. Ela inclui as concepções teóricas da abordagem, articulando-se com a teoria, a abordagem com a realidade empírica e com os pensamentos sobre a realidade (p. 15)”. Nessa constância o pesquisador terá mais facilidade de integrar os resultados das estatísticas com os significados encontrados sobre as relações humanas numa dimensão sociocultural.

4.4 O Locus da pesquisa

A presente pesquisa foi desenvolvida em uma das escolas da rede pública municipal, de uma cidade do interior de Pernambuco, localizada na região do Médio São Francisco a 470 Km da capital Recife. Seu nome Tacaratu é de origem indígena considerada no passado uma maloca ou ajuntamento de índios das tribos Pankararus, Umaus, Vouvêa e Geriticó todos do grupo linguístico kariri. Os índios que hoje habitam no município pertencem à tribo Pankararusos que formaram uma aldeia num lugarejo chamado Brejo dos padres, onde padres da congregação de São Felipe Nery desenvolveram um trabalho missionário no passado e a partir daí começou o povoamento e a formação da vila Tacaratu como era chamada antes da sua emancipação política que ocorreu em 13 de maio de 1954. Os registros de sua história apontam fatos ocorridos a partir do século XVII. Como por exemplo, a existência da Capela de Nossa Senhora da Saúde em 1752. Sua área territorial é de 1.265 km quadrado e atualmente sua população é estimada em 24.236 habitantes (Brasil, 2014).

As atividades artesanais são heranças indígenas que com o passar do tempo foram se modificando e se alargando por todo o país. Hoje Tacaratu é lugar onde se desenvolve um pólo de artesanato têxtil que fica localizado na vila Caraiibeiras, exporta seus produtos não só para todo o Brasil, mas também para outros países, portanto atrai moradores oriundos de várias regiões com diversas formas de costumes e culturas diferentes o que fortalece a presença do multiculturalismo na escola. Contudo, incluem-se nessa lógica, famílias desestruturadas em busca de uma oportunidade de emprego, minorias étnicas raciais, religiosas, que tecem a diversidade com seus diferentes hábitos, valores, costumes, cores e sabores.



Ao se tratar de multiculturalismo, a escola tem um papel importante em harmonizar as diferentes culturas em um mesmo espaço, garantindo a seus indivíduos os direitos iguais a todos e o respeito mútuo, nascendo daí uma nova cultura a qual se configura como a cultura escolar.

A opção pela escola Municipal como locus de investigação partiu da inquietude de conhecer o desenvolvimento curricular da mesma e a forma de como os educadores enfrentam o desafio de educar frente a adversidade cultural de seus atores. Como também o modo que os professores se relacionam com as novas diretrizes educacionais e a diversidade cultural de sua comunidade e como se estabelece as relações entre as diferentes culturas existentes na instituição escolar com a convivência no cotidiano de alunos e professores.

A escola campo de estudo recebe estudantes de diversas localidades vizinhas como também de vários estados brasileiros. As famílias migram de outras cidades por causa da demanda de emprego, pois o artesanato têxtil é a principal atividade econômica do município e proporciona trabalhos manuais fáceis de aprender, contudo toda família tem acesso a esse tipo de atividade, inclusive as crianças que na sua maioria praticam algum tipo de trabalho. Dessa forma a escola é a receptora dessa diversidade que nela se deleita, famílias de culturas diferentes que por conta da necessidade de aumentarem sua renda através dos serviços oferecidos pela comunidade preenchem o espaço escolar com suas diferentes formas de vida.

A Escola funciona em três turnos, com o Ensino Fundamental e EJA (Educação de Jovens e Adultos), atende uma clientela de mais ou menos 800 alunos distribuídos nos três

turnos de acordo com as séries e faixa etária. Dispõem de 96 funcionários, sendo 41 professores e 39 ASG, 1 Diretora, 1 secretária, 4 coordenadores pedagógicos, 1 coordenadora de biblioteca 19 monitores do Programa Mais Educação.

A maioria dos professores tem licenciatura em Pedagogia ou em diversas áreas do conhecimento quase todos os professores possuem pós – graduação e alguns são mestres.

- **O espaço físico da escola é organizado da seguinte forma:**

- ✓ Dezesesseis salas de aulas
- ✓ Banheiros para alunos/as, um masculino outro feminino e um para os professores;
- ✓ Uma secretaria, uma sala para os professores, uma biblioteca, um refeitório, uma cozinha, um depósito de merenda, um depósito de material de limpeza, um auditório, um laboratório de informática, uma diretoria e um pequeno pátio.

- **Os recursos:**

- ✓ A escola dispõe de recursos didáticos e tecnológicos para facilitar o trabalho docente, são adquiridos através da unidade executora (UEX) do Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação (FNDE), Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE) e o Programa Federal “Mais Educação”.
- ✓ A escola desenvolve suas atividades pedagógicas, sociais e educativas baseada nos princípios de uma gestão democrática, através do Regimento Escolar, o Projeto Político Pedagógico (PPP) alicerçados à Leis de Diretrizes de Bases da Educação Nacional (LDB) e na Constituição Federal (CF).

4.5 Sujeitos da pesquisa

Como sujeitos da pesquisa, temos uma amostra de 163 alunos de um universo de 400 alunos de 6º ao 9º. O universo dos professores da escola representa 25 sujeitos, dos quais a amostra foi de 10 professores que atuam em turmas de ensino fundamental de 6º ao 9º ano, Por serem os sujeitos que participam diretamente do universo da diversidade cultural na escola, estão inseridos na vida de sua comunidade, portanto, são eles, alunos e professores os atores que configuram o processo de estruturação da cultura escolar.

Foi considerado o critério de Huberman (1995), para a amostra dos professores, por tratar dos ciclos da vida profissional dos mesmos de acordo com o tempo de experiência na profissão, marcados por fases de suas carreiras, em que as culturas e suas manifestações acontecem de diversas formas. Assim, possibilitou-nos uma leitura mais

precisa da amplitude da diversidade que permeia o âmbito escolar e a atuação dos professores diante desta temática. Dessa forma, é possível obter-se informações nas diversas fases da carreira profissional e como os mesmos lidam com as mudanças e os fatores culturais de acordo com cada momento histórico.

É nessa concepção que Nóvoa (1995) traz uma abordagem sobre a trajetória de vida dos professores e suas práticas que nos possibilita produzir um novo conhecimento a partir de um estudo baseado nas fases da carreira de profissionais os quais descrevem características de cada uma delas ou ainda como aponta Huberman (1995) num estudo metodológico e epistemológico da sequência dessas fases e a utilização das mesmas na história de vidas dos professores e seus percursos profissionais. Ao tratar da Fase de Diversificação Huberman (1995) afirma:

“As pessoas lançam-se, então, numa pequena série de experiências pessoais, diversificando o material didático, os modos de avaliação, a forma de agrupar os alunos, as sequências do programa, etc. Antes da estabilização, as incertezas as inconsequências e o insucesso geral tendiam de preferência a restringir qualquer tentativa de diversificar a gestão das aulas e a instaurar certa rigidez pedagógica (p. 41)”.

Nessa perspectiva, o professor que se considera estabilizado na sua profissão está na fase que se sente capaz de encarar os desafios e as mudanças como uma forma de crescer profissionalmente e se consagrar um profissional competente no âmbito de suas atribuições. Isso é perceptível na maneira de organizar seu planejamento e desenvolver sua função. Assim em cada fase da vida, o professor reage de forma diferente de acordo com a sua maturidade profissional, os fatos que ocorrem na escola, no grupo de trabalho o qual está inserido, o público que atende, sem perder a essência de seus princípios. Nessa constância foi possível ouvir professores de faixa etária diferentes, que vive o mesmo contexto histórico, como também professores de diferentes idades que viveram também contextos históricos diferentes. Assim, pode-se obter resultados positivos para a pesquisa considerando não só o trabalho do docente iniciante, como também em diversas fases de suas carreiras no campo pedagógico.

O critério utilizado para a escolha dos professores foi que os mesmos precisariam estar atuando na escola campo de estudo e aceitassem a participar da pesquisa.

Já o critério para escolha dos alunos, os mesmos deveriam estar regularmente matriculados na escola cursando as séries finais do ensino fundamental do 6º, 7º, 8º e 9º ano e que tivessem disponibilidade para responder as questões que lhes foram direcionadas.

4.6 Instrumentos de coleta de dados

- Entrevista
- Mapeamento e análise documental
- Questionário

Para realização desse trabalho de pesquisa foi utilizado, a entrevista semiestruturada, mapeamento e análise documental e a técnica questionário padronizado.

A entrevista semiestruturada para Laville & Dionne (1999) é considerado um instrumento estratégico que possibilita o reconhecimento do objeto de investigação com base no testemunho. Nesse sentido:

“A entrevista semiestruturada se caracteriza por uma série de perguntas abertas e aplicadas verbalmente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimentos. [...] As características desse tipo de entrevista distanciam-se daquelas de tipo estruturado, mas não são inconvenientes: A flexibilidade adquirida se traduz por uma perda de uniformidade, que atinge agora tanto as perguntas quanto as respostas (p. 188)”.

Nessa técnica o entrevistado fica a vontade para falar o que sabe, o que pensa o que sente em relação ao tema em estudo e o pesquisador pode fazer interferências e até reformular as perguntas para melhor compreensão do entrevistado e reconhecimento dos fatos que contribuirão com resultados significativos para o trabalho do pesquisador.

Sendo assim adotamos a entrevista semiestruturada, por oferecer espontaneidade nas respostas do entrevistado para que a entrevista não tome uma dimensão de engessamento.

A técnica de mapeamento e análise documental possibilitará um contato com as informações contidas em documentos como: arquivos de fotos, filmes, registros em livros de atas e fichas dos alunos, podendo assim alcançar bons resultados com as informações contidas em documentos impressos, segundo Laville& Dionne, (1999, p. 166) esse tipo de

fonte é importante por nela conter publicações e escritos sobre organismos políticos, exposição de projetos, documentos pessoais, documentos que contém experiências de vidas que revelam crenças valores e costumes. Nesse contexto apresentam também dados que são fornecidos pela família e pelos documentos no ato da matrícula do aluno, referente a etnia, sexo, cultura, saúde, educação, condições sociais nas quais os sujeitos da pesquisa estão inseridos.

A terceira se volta para a técnica de questionário padronizado o qual permite ao pesquisador a utilizar perguntas de ordem uniformizada e ter respostas precisas do interrogado.

Portanto elegemos como instrumentos de pesquisa a técnica de entrevista semiestruturada, a técnica de pesquisa com base documental e a técnica de questionário padronizado sob a análise quali quanti para a realização dessa investigação.

4.6.1 Técnica de Entrevista Semiestruturada

De acordo com Laville Dionne, (1999, p. 190, 191) a entrevista é um instrumento de pesquisa bastante eficaz no estudo das ciências humanas, pois permite um contato mais íntimo entre o entrevistador e o entrevistado, abrindo assim novas possibilidades de diálogo aprofundando dos saberes, crenças, valores e de tudo que está relacionado ao objeto de investigação. O pesquisador pode extrair de seus testemunhos uma tradução de sentimentos e comportamentos diante das situações do cotidiano, sendo flexível e prudente, o pesquisador pode ir muito além do que ele havia programado deixar o entrevistado a vontade para melhor utilizar a imaginação para expor os fatos que ele domina sobre a realidade e o objeto de estudo em questão.

“Cabe ao pesquisador imaginar e ajustar a técnica, os instrumentos que lhe permitirão delimitar o objeto da pesquisa, extrair deles a informação necessária a compreensão que ele quer ter para logo partilhá-la e contribuir assim para a construção dos saberes”. (Laville; Dionne, 1999, p.191).

Nesse contexto os autores colocam a entrevista semiestruturada como um instrumento que permite flexibilidade na sua estrutura, mas que precisa do ajustamento do pesquisador para que ele possa tirar vantagens e aproveitar o que for pertinente e conveniente ao objetivo de seu trabalho.

A entrevista semiestruturada deste trabalho combina perguntas abertas e fechadas que segundo Minayo (2009) permite “discorrer sobre o tema em questão sem se prenderá

indagação formulada (p. 64)”. Através de tal recurso foi possível buscar informações sobre o conhecimento dos professores de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, acerca do Desenvolvimento Curricular e da Diversidade Cultural na Escola, a partir de suas experiências profissionais, suas práticas de sala de aula. Os questionamentos elaborados se adéquam à este trabalho por tratar de uma técnica eficiente na coleta de dados a cerca dos problemas sociais como afirma Gil (2008):

“A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizada no âmbito das ciências sociais. Psicólogos, sociólogos, psicopedagogos, assistentes sociais e praticamente todos os outros profissionais que tratam de problemas humanos valem-se dessa técnica, não apenas para coleta de dados, mas também com objetivos voltados para diagnóstico e orientação”. (p.109).

Nesse caso a presente técnica de entrevista proporciona acesso a diversas informações sobre a vida social, as diferentes culturas e as relações dos sujeitos envolvidos nesta investigação. Através da mesma pode-se analisar o desenvolvimento curricular da escola, a postura dos professores e alunos em uma vivência multicultural, analisando a pluralidade cultural na sala de aula, como também a articulação das diferentes culturas, suas compreensões a cerca da diversidade cultural, a discriminação e preconceitos, a capacidade de interação no meio cultural e a consciência na forma de ver e respeitar o outro.

Para Trivinos (1987, p.146), a entrevista semiestruturada, permite trabalhar com diversos grupos de pessoas, nesse caso alunos/as e professores de diversas classes sociais e etnias, através de questionamentos básicos apoiados ao tema da investigação. O que favorece uma total compreensão dos fenômenos sociais.

Nesse contexto elaboramos um guião para as entrevistas com cinco questões centrais acerca do desafio de educar no âmbito da diversidade cultural, o que permitiu o surgimento de novos questionamentos dentro de cada eixo temático.

Para realização das entrevistas foi construído um guião. (Apêndice III)

Quadro 1 Descrição das categorias das entrevistas realizadas com os docentes	
Q1.	Identificação pessoal e profissional dos professores (idade, gênero, tempo de formação e tempo de docência)
Q2.	Discussão acerca da diversidade cultural na escola;
Q3.	O Desenvolvimento curricular na escola;
Q4.	Diretrizes educacionais e a diversidade cultural;
Q5	Identificação de grupos culturais distintos na escola.

Para além das entrevistas realizadas com os docentes, realizamos entrevistas também com seis estudantes pertencentes a diferentes etnias, para se obter melhores resultados na investigação em relação a articulação dos saberes culturais dos estudantes seus costumes, suas tradições e suas vivências dentro do contexto escolar a partir do desenvolvimento curricular face a diversidade cultural na escola.

Para realização das entrevistas foi construído um guião (Apêndice V)

Quadro 2: Descrição das categorias das entrevistas realizadas com os discentes

Q1: Identificação do Entrevistado:

Idade:

Gênero:

Etnia:

Série:

Formação educacional do pai:

Formação educacional da mãe:

Ocupação Profissional do pai:

Ocupação Profissional da mãe:

Q2. Conhecimento do aluno acerca da diversidade cultural na escola

Q3. Reação dos estudantes frente ao preconceito e a discriminação

Q4. A visão dos estudantes em relação ao comportamento da sociedade brasileira sob a diversidade cultural

Q5. Conhecimento dos discentes acerca da Lei 10.639/03 e 11.645/08

Q6. A família e suas tradições culturais

Fonte: Entrevista realizada (2015).

4.6.2 Mapeamento e análise documental

Essa é um tipo de pesquisa que fornece ao pesquisador dados necessários e eficazes na coleta de informações, e por se tratar de uma pesquisa realizada no ambiente escolar onde esse tipo de material é de fácil acesso, pois se sabe que a escola guarda em seus arquivos todos os registros e documentos relacionados a sua prática docente como regimento escolar, Projeto Político Pedagógico (PPP), o currículo escolar, projetos, vídeos, filmes, fotos, fichas de matrículas, que revelam a origem de seus alunos. Os documentos sonoros e visuais são também portadores de informações úteis, ainda que ocupem menos espaços que os anteriores no campo de pesquisa. Afirmam Laville & Dionne (1999):

“Entre as fontes impressas, distinguem-se vários tipos de documentos, desde as publicações de organismos, que definem orientações, enunciam políticas, expõem projetos prestam contas de realizações, até documentos pessoais, diários íntimos correspondências e outros escritos em que as pessoas contam suas experiências, descrevem suas emoções, expressam a percepção que tem de si mesmas”. (p. 166).

Por outro lado os registros são importantes, pois neles consta dados sobre idade, sexo, raça, organização familiar, moradias, aspectos socioeconômicos, o uso da língua, cultura, educação a quais os sujeitos estão inseridos, todos esses aspectos tornam-se dados numéricos o que facilita o trabalho do investigador.

4.6.3 Questionário

Os dados seguintes foram coletados a partir da aplicação da técnica de questionário padronizado, pois o mesmo consiste em “alcançar rapidamente e simultaneamente um grande número de pessoas” segundo Laville & Dionne (1999, p. 186) essa é uma técnica que garante o anonimato dos interrogados. Assim, os sujeitos da pesquisa se sentirão mais a vontade para falar de suas inquietações a respeito do que está sendo questionado.

É um instrumento eficaz quando se trata de saber os fatores sociais de uma determinada população, pois facilita a compreensão de diversos elementos e informações que se pretende sistematizar em pouco tempo.

Esta técnica foi escolhida por permitir que cada pessoa veja as questões formuladas na mesma ordem e da mesma maneira o que para Laville & Dionne (1999) “facilita a

compilação e a comparação das respostas escolhidas e permite recorrer ao aparelho estatístico quando chega o momento da análise” (p.184). Assim os resultados poderão oferecer maior clareza das questões em estudo após processo o estatístico.

Por tratarmos da diversidade cultural que engloba em seu contexto questões étnicos raciais nos reportamos a Silva (2013) elaborou um questionário para delinear um estudo sobre as relações étnico-raciais, visando avaliar os impactos produzidos pela Lei nº 10.639/2003 no cotidiano escolar o qual, solicitamos autorização para adaptação.

Este questionário é parte importante de um estudo feito a cerca do desenvolvimento curricular de uma escola pública municipal e da diversidade cultural de seus alunos, o qual busca respostas para compreender melhor a realidade desse público.

Para a realização do questionário foi construído um guião (Apêndice VII).

Quadro3: Descrição das variáveis do questionário aplicado aos discentes

Q 1	Faixa Etária e Idade
Q 2	Gênero
Q 3	Turno que estuda
Q 4	Sobre a questão racial
Q5	Sobre a religião
Q6	Se a escola trabalha e respeita a religião
Q7	Grupo étnico racial e social a que pertence
Q8	Se a escola trabalha atividade diversificada que contempla a cultura de seus alunos
Q9	Reconhece-se na classe social econômica a que pertence
Q10	Percebem se os professores conhecem a história de vida de seus alunos
Q11	Se na escola existe preconceito ou discriminação entre os alunos
Q12	Se na escola existe preconceito ou discriminação de professor com aluno
Q13	Se já sofreu preconceito ou discriminação na escola
Q14	Se a escola trabalha a questão racial e orientação sexual
Q15	Se a escola realiza projetos e atividades que viabilizam o contato com diferentes tipos de realidade, valores, ambientes e pensamentos.

4.7 Instrumentos de Análise de Dados

É o momento em que o investigador retoma os achados para analisar os dados, ou seja, os documentos, as entrevistas e questionários realizados com as pessoas que serviram como base para o levantamento do que foi coletado e assim organizá-los com a intenção de obter resultados e concluir seu trabalho. Para Laville & Dionne, (1999). “É o momento excitante para o investigador aquele que se encontra em fim de posse de seus dados e em que se esforça em ver “que isso vai dar””. (p.197). Nesse contexto o investigador terá os dados ainda em estado “bruto” (197). Dai irá organizar seus dados reunidos de acordo com as categorias desenvolvidas, onde utilizará os instrumentos adequados para quantificá-los, obter o conhecimento e chegar a conclusão do seu trabalho.

4.7.1 Para a análise quantitativa

Nessa perspectiva utilizamos o aplicativo **SPSS**, software de (StatiscalPacket for the Social Science), o qual transforma os dados em informações relevantes através de gráficos e tabelas, possibilitando uma forma eficiente de sintetizar de modo qualitativo dos dados coletados através das entrevistas e questionários aplicados aos sujeitos participantes da pesquisa. SPSS é útil para fazer testes da correlação de hipótese, pode providenciar ao pesquisador contagem de frequência, ordenar dados, reorganizar a informação de forma precisa.

4.7.2 Análise qualitativa

Análise do discurso (**AD**) dará aos dados qualitativos a possibilidade de analisar textos, ou seja, os discursos produzidos de acordo com o seu dispositivo teórico. A pesquisa qualitativa para Minayo (2009),

“Trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômeno humano é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue, não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes”. (p. 21).

Nessa concepção a metodologia desse trabalho implicará na análise e confronto das falas dos atores envolvidos para melhor entender as relações sociais e as diferenças que compõem o universo da diversidade cultural. Dessa forma a pesquisa ganhará sentido verídico de acordo com o discurso do investigador e interlocutor. Como afirma Orlandi, (2007):

“A análise do discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana” (p.15).

Nessa perspectiva, a análise qualitativa serve para se conhecer melhor a realidade do objeto de estudo, pois se trabalha com uma linguagem concreta sobre os fatos oferecendo assim reais significados do que está sendo estudado e analisado pelo analista do discurso. O método permite que as variáveis possam ser direcionadas no decorrer da investigação, portanto é pertinente para desvelar processos sociais de grupos pouco investigados. Segundo Minayo (2010, p. 261) Quando se trata de comunicação e coleta de dados que pode se obter através da interlocução entre duas ou mais pessoas, a possibilidade de construção de informações sobre o objeto de estudo é bem maior, pois o entrevistador pode fazer suas interpretações das respostas obtidas a partir da interação dos membros envolvidos na pesquisa, entrevistado e entrevistador. Como afirma Martin e Bicudo (1994, p. 54) “Ao entrevistar-se uma pessoa, o objetivo é conseguir-se descrições tão detalhadas quanto possível das preocupações do entrevistado. Não é, tal objetivo, produzir estímulos pré-categorizados para respostas comportamentais”. Nesse sentido as descrições empíricas pontuadas pelos respondentes, podem ser interpretadas dentro do contexto da investigação, adequando as prioritariamente a essência das categorias investigadas.

4.7.3 Triangulação

Ao se tratar de um trabalho de investigação social, onde diferentes métodos serão utilizados a triangulação surge como uma forma comum de combinar a metodologia quantitativa e qualitativa, numa compreensão metodológica dos novos contextos sociais que permite o enquadramento entre os dados sendo eles convergentes ou divergentes.

A Triangulação é Portanto um método utilizado pelos pesquisadores, como uma forma de organizar suas avaliações com maior possibilidade de precisão, utilizando metodologias distintas, com dados coletados de diferentes formas para se obter clareza nos resultados da pesquisa. Seu objetivo é contribuir para o estudo do fenômeno e proporcionar uma compreensão mais profunda das novas dimensões que surgem a partir do resultado da investigação qualitativa e quantitativa, o que depende da competência e compreensão do pesquisador. De acordo com Minayo (2005), Além de a triangulação propor uma estratégia de diálogo entre áreas distintas do conhecimento, permitindo confronto entre teoria e prática agrega múltiplos pontos de vista seja das variadas formulações teóricas utilizadas pelos pesquisadores ou a visão de mundo dos informantes da pesquisa utilizados de modo articulado no estudo empreendido pelos autores.

Nessa perspectiva, Minayo (2005) afirma:

“A modalidade de triangulação de métodos se fundamenta na teorização do contexto e do conteúdo do programa a ser avaliado e usa os instrumentos operacionais para analisar os resultados, os efeitos e o rendimento da intervenção. Acrescenta, porém, a esses elementos, a observação e a análise da dinâmica visível e subjacente dos atores sociais envolvidos no processo e suas representações” (p. 10).

Dessa forma a realidade social onde ocorre a pesquisa apresentará uma grande riqueza de significados no resultado final da mesma, objetivado compreender os processos sociais e culturais dos sujeitos envolvidos de acordo com as suas etnias, gêneros, classes e grupos a que pertencem.

CAPÍTULO V

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

CAPÍTULO 5 - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 Apresentação e discussão dos resultados obtidos através do instrumento qualitativo

Para a realização dessa investigação foi utilizada a abordagem teórica da Análise do Discurso, que se utiliza da “fala e seu contexto” Minayo, (2008, p. 301), de acordo com as formações discursivas (FD) que compõem o discurso dos professores, as quais representam o produto do discurso dos 10 (dez) docentes entrevistados. Esta produção de discurso foi agrupada em 15 (quinze) Formações Discursivas (FDs), contempladas dentro de (5) eixos temáticos: Identificação do professor; Conhecimento acerca da diversidade cultural; Conhecimento acerca da diversidade cultural e a sociabilidade dos alunos; a existência do currículo escolar e sua flexibilidade na inclusão da diversidade cultural na escola; desenvolvimento curricular e a metodologia utilizada pelos professores no âmbito da diversidade cultural dos alunos; a existência do currículo escolar e sua flexibilidade na inclusão da diversidade cultural; as práticas docentes e a perda das raízes de grupos minoritários sob a cultura dominante; as circunstâncias em que a flexibilidade do currículo poderá ser boas soluções na inclusão da diversidade na escola; os projetos da escola que contemplam a diversidade cultural existente; Participação dos professores nas formações temáticas da diversidade cultural na escola; identificação de grupos culturais distintos na escola; discriminações e preconceitos entre os/as alunos/as, por conta de suas diferenças culturais; posição dos professores em relação às questões das diferenças culturais na sala de aula; relação dos professores com a história de vida de seus alunos; as dificuldades dos professores em trabalhar com o multiculturalismo.

Para se obter uma visão mais clara dos fatos foi necessário realizar uma entrevista com seis alunos de 6º ao 9º ano pertencentes à diferentes etnias, os quais fizeram parte desta investigação. Foi possível traçar um breve perfil, agrupando questões sobre: idade, gênero, etnia, formação educacional dos pais, a função que ocupam; o conhecimento do aluno acerca da diversidade cultural na escola; a sociabilidade dos alunos, professores e funcionários da escola acerca das questões étnicas raciais; a Participação dos alunos em projetos culturais na escola; os materiais didáticos da escola e a cultura dos alunos; Situações de preconceito e discriminação no espaço escolar; a reação dos estudantes diante de uma situação de discriminação; a visão dos estudantes em relação

ao comportamento da sociedade brasileira frente a diversidade cultural; a visão dos estudantes sobre as situações mais comuns de preconceito e discriminação na sociedade; A sociedade brasileira e valorização do respeito às diferenças culturais; conhecimento dos discentes acerca das Leis 10.639/03 e 11.645/08; a absorção e vivência das leis 10.639/03 e 11.645/08 estabelecida na Constituição Federal pela sociedade brasileira; a família e suas tradições culturais; a relação da família com grupos sociais de diferentes tradições. Nas Formações Discursivas (FDs) os estudantes aparecem representados pela letra “A” seguido de um número arábico, a fim de facilitar a apresentação dos resultados e assegurar o anonimato dos entrevistados na Formação Discursiva (FD).

5.1.2 Identificação pessoal e profissional dos professores

A partir da entrevista realizada com os dez professores de 6º ao 9º ano que fizeram parte desta pesquisa, foi possível traçar um breve perfil, agrupando questões sobre idade, gênero, tempo de formação e tempo de função na docência.

Os professores aparecem representados pela letra “P” seguido de um número arábico, a fim de facilitar a apresentação dos resultados e assegurar o anonimato dos entrevistados.

QUADRO 4– Distribuição tabular da identificação pessoal e profissional dos professores de 6º ao 9º ano que fizeram parte da investigação.

Professor	Idade	Gênero	Tempo de Formação	Tempo de Função
P1	38 anos	Feminino	14 anos	09 anos
P2	35 anos	Masculino	19 anos	03 anos
P3	29 anos	Feminino	07 anos	05 anos
P4	38 anos	Feminino	08 anos	15 anos
P5	39 anos	Feminino	12 anos	17 anos
P6	43 anos	Masculino	26 anos	25 anos
P7	43 anos	Masculino	10 anos	18 anos
P8	30 anos	Feminino	03 anos	08 anos
P9	27 anos	Masculino	08 anos	08 anos
P10	50 anos	Feminino	20 anos	30 anos

Fonte: entrevista realizada em (2015)

Ao observarmos a tabela acima podemos perceber que a maioria dos professores entrevistados é do gênero feminino, isso mostra que ainda persiste no Brasil, como mostram pesquisas sobre o tema (Almeida, 1998; Souza, 2014) a profissão professor ainda ter uma prevalência de do gênero feminino. Suas idades cronológicas variam entre 27 a 50 anos de idade, o tempo de serviço e o tempo de formação profissional se divergem entre si, possibilitando assim obtermos diversos depoimentos dos profissionais em fases diferentes de sua carreira profissional com relação as suas vivências e experiências sobre o desafio de educar na diversidade cultural de seus alunos.

5.2. Análise dos resultados das entrevistas com os professores

5.2.1- Formação Discursiva (FD) Conhecimento acerca da Diversidade cultural

NestaFD que trás o questionamento sobre o conhecimento do professor acerca da diversidade cultural na escola, na AD do *corpus* desta investigação, mapeamos a concepção dos docentes sobre essa temática.

Os excertos dos depoimentos (ED) de P2, P4, P5, P6 e P10, podem ser identificados no quadro 4, a sigla ED, representa fragmentos dos discursos analisados a partir de sua produção.

Em busca de compreender o processo de desenvolvimento da diversidade cultural em nossas escolas e descobrir formas de enfrentar tal desafio já que os entraves se faz presente no dia a dia da escola, Moreira & Candau (2003, p. 156) afirmam que, “Ao mesmo tempo em que se expressam dificuldades e dúvidas por parte de muitos docentes, significativas experiências tem sido desenvolvidas, tanto no âmbito das escolas como em outros espaços de educação não formal(...)”, essa concepção se vincula à discussão dos professores entrevistados que colocam as datas comemorativas como um meio de se trabalhar algumas das diversas culturas que na escola se deleita, mas por serem experiências vividas de forma esporádica não constitui práticas eficazes no sentido de assegurar a valorização dos grupos étnicos raciais presentes na escola.

QUADRO 5 – Apresentação dos ED dos professores, agrupados na FD Conhecimento dos professores acerca da Diversidade Cultural na Escola.

FD -Discussão acerca da diversidade cultural na escola.	
Identificação do Professor	Excerto de depoimento (ED)
P “2”	“Não faz parte de uma rotina pedagógica, elas são discutidas esporadicamente quando agente identifica alguns traços presentes em alguns alunos ou quando se espera que escola participe de algum movimento cultural fora da escola, é que essa diversidade passa a ser discutida entre os educadores.”
P “4”	“Ela é trabalhada, discutida através de apresentações, de feiras, seminários dentro da escola e na comunidade, através de apresentações não muito, além disso”.
P “5”	“O conhecimento a cerca da diversidade e o multiculturalismo é pouco discutido na escola. E quando isso acontece é sempre em aulas atividades ou em reuniões, quando está para acontecer algum evento que precise de uma apresentação referente a alguma cultura. Quando vivenciamos as datas comemorativas na escola.”
P “6”	“Na escola buscamos de uma forma, porém simples, não tanto incisiva, na questão dessas vivências, pois os elementos representativos dessas culturas muitas vezes não nos permitem a aprofundamento dessas vivências, pois o currículo da escola ainda não apresenta ações que estejam inerentes a vivência dessas culturas”.
P “7”	(...) sempre quando se coloca alguma situação de discriminação nas salas de aula, essa discussão vem até as aulas atividades, porém não se resolve porque é um estudo muito fechado, fica dentro da escola e continua nas salas de aulas as mesmas questões. Não é fácil trabalhar multiculturalismo numa sociedade que recebe todos os dias novos grupos sociais com novas culturas diferentes e que nós professores nem temos conhecimento dessas culturas (...) não fomos preparados para trabalharmos com esse público (...) e aí fica uma dificuldade muito grande entre o que nós conhecemos de multiculturalismo e da cultura desses indivíduos com a vivência da escola (...).
P “10”	“As poucas vezes que discutimos as questões do multiculturalismo são em aulas atividades para trabalhar apresentações culturais, onde foca a questão da diversidade cultural. Não partindo especificamente dessa palavra. Esse termo multiculturalismo é pouco falado na nossa escola, mas trabalhamos as culturas locais nos eventos que a escola participa”.

Fonte: entrevista realizada em (2015)

Quando a escola não apresenta um currículo que contemple a diversidade cultural de seu público, se constitui nela um caráter de homogeneização que segundo Silva (2001) provoca exclusões e reforça a desigualdade. De acordo com o que foi exposto pela maioria dos professores, a temática da diversidade não está oficialmente representada no currículo escolar o que dificulta a possibilidade de se trabalhar o processo de desenvolvimento da identidade dos alunos e aumenta ainda mais o desafio que lhe é imposto ao enfrentar as mudanças da sociedade contemporânea. Nesse contexto, explica Silva (2001, p. 18) “(...) a urgência de se trabalharem as lacunas entre a cultura da escola e a cultura de origem dos alunos”, observamos o **P7** quando diz que “(...) não fomos preparados para trabalharmos com esse público e aí (...) fica um déficit muito grande entre o que nós conhecemos de multiculturalismo e da cultura desses indivíduos com a vivência da escola (...)”. Diante do exposto fica evidente a falta de formação para os professores para se trabalhar disciplinas específicas que contemplem o multiculturalismo na escola. No entanto as concepções dos **P2, P5 e P10** são convergentes ao tratar da diversidade cultural como um tema pouco discutido na escola, onde se trabalha apenas para apresentações em eventos escolares.

5.2.2- Formação Discursiva (FD) acerca da diversidade cultural e a sociabilidade dos alunos

Foram agrupados nesta FD as concepções dos professores em relação a diversidade cultural e a sociabilidade dos alunos como um fator de enriquecimento ou como um entrave no desenvolvimento global do aluno. Luck (2011) citada anteriormente trata a escola como um ambiente de interação, onde se desenvolvem experiências significativas na vida dos seus alunos as quais fazem deles cidadãos críticos e atuantes, justamente por essa vivência de experiências múltiplas ela é considerada o lugar da coletividade, onde permite troca de saberes e construção de novos saberes, contribuindo com o desenvolvimento global de seus estudantes, bem como a construção de um mundo novo e diferente, onde grupos marginalizados buscam a igualdade social.

Expomos as concepções dos professores acerca dessa questão através dos excertos dos depoimentos (ED) **P2, P4, P3, P7, P8 e P10**, identificados no quadro 6.

QUADRO 6 – “Apresentação dos ED dos professores, agrupados na FD Diversidade Cultural e a Sociabilidade entre os Alunos”.

FD – Diversidade Cultural e Sociabilidade entre os Alunos	
Identificação do Professor	Excerto de depoimento (ED)
P “2”	“Com certeza, cada cultura tem a sua contribuição pra o entendimento da ciência como um todo então é... o multiculturalismo gera também múltiplos olhares e os múltiplos olhares geram também uma visão múltipla sobre o conhecimento que torna a aprendizagem mais sólida e mais significativa”.
P “4”	“(…) A comunidade escolar em si é composta por um público vindode diferentes grupos étnicos cada um com sua tradição formas de viver e encarar o cotidiano e tudo isso de forma diferente. Trabalhar com a diversidade favorecenessa troca de saberes e realidades e sabemos que a criança é enquadrada nessa fase de descoberta do encantamento e da construção do conhecimento, logo é com a socialização de experiências de diferentes culturas enriquecerá o desenvolvimento da mesma”.
P “3”	“(…) a criança já vem de um berço familiar que é diferente do outro então com essa troca de saberes e experiências, pelo contrário ela vai identificar que tem um outro ser que também é especial que também é importante que tem uma outra forma de ver a vida. (...)”.
P “7”	“Sim. Eu concordo que a diversidade cultural na escola é um fator de enriquecimento por que sabemos que quando se trata de Brasil, somos uma sociedade multicultural e se a escola não trabalhar afinco essa situação poderá está formando pessoas em séries com a mesma mentalidade com a mesma forma de pensar (...)”.
P “8”	“(…) Quando as relações se estabelecem como um fator positivo sem preconceito e sem discriminação,pode ser considerado um entrave quando as diferenças não são aceitas entre os sujeitos que convivem no espaço escolar e na comunidade (...)”.
P “10”	“Eu considero que colabora para o desenvolvimento global da criança, pois permite uma visualização da miscigenação que existe principalmente na nossa região, dessa forma contribuindo para uma maior visão de mundo e melhorias nas inter-relações na instituição e fora dela também”.

Fonte: entrevista realizada em (2015)

Hall (1997, p. 2) considera que a cultura tem sido um fator importante no desenvolvimento estrutural da sociedade moderna. Dessa forma o autor aponta que “os meios de produção, circulação e troca cultural, em particular, têm se expandido, através das tecnologias e da revolução da informação”. Na instituição escolar, de acordo com a visão do **P2, P3, P7 e P10** não é diferente, a troca ou cruzamento de cultura é um fator que contribui para as novas configurações sociais, pois como afirma o **P2** “o multiculturalismo gera também múltiplos olhares e os múltiplos olhares geram também uma visão múltipla sobre o conhecimento que torna a aprendizagem mais sólida e mais significativa”. O **P8** concorda que a diversidade cultural é um fator de enriquecimento para a criança “(...) quando as relações se estabelecem como um fator positivo sem preconceito e sem discriminação. Ou pode ser considerado um entrave quando as diferenças não são aceitas entre os sujeitos que convivem no espaço escolar e na comunidade (...)”.

O discurso traz uma compreensão de que a escola tem um papel fundamental na difusão das culturas e na expansão das relações sociais. Segundo Moreira e Candau (2003, p. 161) “o que caracteriza o universo escolar é a relação entre as culturas (...)”, portanto é fundamental que a escola reconheça e valorize seus sujeitos numa perspectiva multicultural transformando as diferenças culturais em ganhos e não em perdas de conhecimento.

A escola se depara hoje com uma sociedade que vive mundialmente um momento de profundas transformações e contradições sociais, de um lado grupos que vivem condicionados ao conformismo, a insegurança, o medo de lutar pelos seus direitos talvez por falta de esclarecimento sobre os mesmos. A falta de conhecimento sobre o significado e o poder da democracia, como também, a falta de conhecimento sobre as leis que garantem a igualdade de direito. Por outro lado timidamente já se observa um desejo de mudança que surge de grupos afetados pela discriminação e a exclusão que sonham com uma sociedade mais humana e igualitária. Quando um cidadão descobre que os direitos garantidos na Constituição Federal não estão sendo respeitados, começam as inquietações, situações conflituosas e revoltas que resplandece no ambiente escolar por conta dessa exclusão de grupos culturais pela própria sociedade.

Em meio a esses conflitos se configura o multiculturalismo, o qual se observa duas faces, a da beleza cultural e a da intolerância, que a medida que cresce, paralelamente os grupos culturais também cresce o preconceito, a discriminação e a exclusão. Essa

exclusão se associa a negação das identidades dos diversos povos existentes na nação brasileira.

Nessa direção aponta Candau (1998, p. 48):

“Atreveria-me a afirmar que esta perspectiva que está mudando, pelo menos em grupos significativos de nossa sociedade, especialmente aqueles que aos que é negado o acesso pleno a cidadania e à democracia. Suas vozes se fazem ouvir surda, clara ou violentamente. E a sociedade começa a se preocupar pela construção de dinâmicas sociais mais inclusivas e participativas, em muitos casos orientados exclusivamente para minimizar tensões e conflitos”.

É nessa lógica que a diversidade cultural pode ser um fator de ganhos ou de perdas para os estudantes, depende da prática pedagógica do professor e da escola, se ambos oferecem um ensino diversificado, que favoreça a heterogeneidade das culturas dos alunos, não permitindo que a homogeneidade cultural dominante permaneça sacrificando e discriminando as diferenças individuais dos alunos. Assim como a sociedade a escola, principalmente a escola, é o lugar propício para o início da construção de dinâmicas sociais de inclusão para que aluno aprenda na escola não apenas as leis de seu país, mas aprenda a ser um cidadão que saiba respeitar o outro na sua diferença, reivindicar seus direitos e lutar para que eles sejam garantidos. Como está descrito no artigo 5º da CF (Constituição Federal) “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade (...)”

Segundo Candau (1998), na América Latina, já acontece uma reflexão sobre o papel de uma educação para uma sociedade de caráter multicultural por conta da presença de muitos estrangeiros nas escolas públicas. Apesar dos conflitos provocados pela problemática da diversidade, as políticas públicas desses países buscam inserir as populações de diferentes nacionalidades no contexto social favorecendo a assimilação de uma educação intercultural. A inserção da cultura indígena do Peru nos núcleos escolares também foi um fator que deu ênfase para que várias experiências educativas fossem realizadas em diversos países da América Latina, que segundo Candau foram experiências orientadas para atender grupos culturais marginalizados. Para a mesma, é interessante investigar essas experiências com o objetivo de aprofundar as atuais reflexões a respeito das diversas culturas de um país. Nessa perspectiva afirma Candau (1998, p.51):

“No entanto, o desafio de promover uma educação intercultural não se restringe a determinadas populações específicas, como se somente elas fossem exigido o esforço de reconhecimento e valorização das culturas diferentes da sua origem. Hoje urge ampliar este enfoque e considerar a educação intercultural como um princípio orientador, teórico e praticamente, dos sistemas educacionais na sua globalidade”.

5.2.3-Formação Discursiva (FD) A existência do currículo escolar e sua flexibilidade na inclusão da diversidade cultural na escola.

O reconhecimento do currículo escolar como um instrumento flexível, transforma a realidade escolar numa ação mais produtiva, principalmente quando este é produzido coletivamente. As decisões tomadas a partir de diagnósticos da realidade escolar, dar possibilidade de a escola reinventar uma nova forma de organização, encarando suas dificuldades, modificando um planejamento puramente técnico, para uma ação educativa, levando em conta o fortalecimento do clima e a cultura organizacional da escola como um fator determinante na realização dessas ações. Segundo Luck (2011, p.29) “Quando o campo de forças está desencontrado elas se anulam reciprocamente gerando instabilidade, insegurança, falta de direcionamento, e conduzindo o trabalho ao ativismo”. Nesse sentido os interesses coletivos em busca dos mesmos objetivos, fazem com que eles sejam alcançados atendendo as exigências das diretrizes educacionais e a necessidade dos alunos.

Sob essa perspectiva, foi inquirida dos professores entrevistados a existência do currículo escolar e sua flexibilidade na inclusão da diversidade cultural na escola. Os Excertos de Depoimentos (ED) P3, P4, P5, P6, P7 e P10 identificados no quadro 7.

QUADRO 7 – Apresentação dos ED dos professores, agrupados na FD. “A existência do currículo escolar e sua flexibilidade na inclusão da diversidade cultural”

FD - A existência do currículo escolar e sua flexibilidade na inclusão da diversidade cultural	
Identificação do Professor	Excerto de depoimento (ED)
P “3”	“(…) agente não ver um resultado positivo dos projetos culturais vivenciados na escola percebemos conflitos, preconceitos, bullying em diversos casos”.
P “4”	“(…) Essa forma como agente trabalha ainda é muito esporádica, ainda é uma forma trabalhada através de apresentações, de datas comemorativas (...)”.
P “5”	“(…) em toda escola existe a diversidade na minha não é diferente, enquanto ao currículo, ele não é elaborado coletivamente pelos os professores da escola (...)”.
P “6”	“Na realidade percebemos que existe sim uma diversidade muito grande como em qualquer outro espaço, porém não há ainda, não é inserido no currículo para que haja um trabalho mais eficaz dessa diversidade cultural (...)”.
P “7”	“(…) os professores não conseguem trabalhar com a cultura do aluno, por que desconhecem a cultura, não foram preparados, pois a faculdade de formação de professores não os prepara para essa diversidade, nos currículos das universidades fica uma lacuna muito grande quando se fala da diversidade cultural, a Universidade trata desse tema como data comemorativa, agente trabalha na escola pontuando, não faz parte de uma vivência cotidiana (...)”.
P “10”	“Existe a diversidade cultural de forma bem marcante, porém não temos um currículo adaptado a essa realidade, ou seja, o currículo escolar não consegue inclui toda essa diversidade que nela se encontra. Essa inclusão da diversidade ao currículo fica a critério de cada professor”.

Fonte: entrevista realizada em (2015)

O currículo escolar se apresenta como uma forma de trabalhar a construção da identidade cultural dos estudantes, favorecendo a possibilidade de inclusão dos vários grupos culturais existentes, porém as falas dos professores transmitem as inquietações em

relação adificuldade de se trabalhar um currículo adaptado às questões de classe social, gênero, raça e sexualidade, como também a falta de articulação entre os professores e a equipe escolar sobre essa questão como menciona o **P10** “essa inclusão fica a critério de cada professor”. Nesta linha Sacristán (2000, p 55) afirma:

“O currículo reflete o caráter de instituição total que a escola de forma cada vez mais explícita, está assumindo, num contexto social no qual, muitas das funções de socialização que outros agentes sociais desempenharam agora ela realiza como consenso da família e de outras instituições. Assumir esse caráter global supõe uma transformação importante de todas as relações pedagógicas, dos códigos dos currículos, do profissionalismo dos professores e dos poderes de controle destes e da instituição sobre os alunos” (pág. 55).

É importante que a escola tenha autonomia para flexibilizar o currículo, porém os conteúdos curriculares descritos na Base Nacional Curricular Comum (BNCC) que são úteis à vida acadêmica do aluno não podem deixar de serem ministrados pelos professores, ou o caráter da instituição sofrerá um abalo negativo nos resultados das avaliações externas. Observemos as dificuldades dos professores em contextualizar os conteúdos curriculares com as diversas culturas de seus alunos.

Observamos a fala do **P3**, que diz não vê um resultado positivo dos projetos vivenciados na escola, pois persistem os problemas de bullying e preconceitos na escola, o que se justifica com o depoimento do **P6** e **P10**, quando colocam que a diversidade não está inserida no currículo escolar, já o **P7** diz que os professores não conseguem trabalhar com a cultura do aluno por que não foram preparados para isso, “(...) a Universidade trata desse tema como data comemorativa, agente trabalha na escola pontuando, não faz parte de uma vivência cotidiana (...)”. Nessa ótica afirma Candau (2008) “(...) o multiculturalismo não nasceu nas universidades e no âmbito acadêmico em geral. São as lutas dos grupos sociais discriminados e excluídos de uma cidadania plena, os movimentos sociais, especialmente os relacionados às questões étnicas(...)” (p. 49). Recorremos a Canen & Xavier (2011) quando tratam da importância da formação continuada de professores para uma preparação em torno dessa temática para as autoras essa formação “significa abrir espaços que permitam a transformação da escola em um local em que as diferentes identidades são respeitadas e valorizadas, consideradas fatores enriquecedores da cidadania” (p.642). Dessa forma mesmo que a universidade não

ofereça uma formação específica para esse fim a formação continuada se constitui como uma ferramenta expressiva na educação multicultural (Melo, 2008). Portanto a tentativa de compreender a desenvoltura de um currículo flexível na escola nos proporcionou uma visão de que não depende só dos professores, mas de toda a equipe escolar, dos fatores políticos pedagógicos, da organização e a articulação dos interesses dos docentes em relação a diversidade cultural para melhor pensar numa educação verdadeiramente inclusiva.

5.2.4. Formação Discursiva (FD) em relação ao Desenvolvimento curricular e a metodologia utilizada pelos professores no âmbito da diversidade cultural dos alunos.

Planejar atividade escolar torna-se uma difícil tarefa para os professores quando não há entre eles uma discussão sobre os valores culturais e as relações de poder que envolve os conteúdos do currículo e seu desenvolvimento na escola, dessa forma para compreender o trabalho pedagógico e a metodologia utilizada na escola, se fez necessário a escuta dos professores entrevistados partindo de uma dimensão teórica para o campo metodológico.

Vejamos as concepções dos professores acerca dessa questão através dos excertos dos depoimentos (ED) P2, P3, P5, P6, P9 e P10, identificados no quadro 8.

QUADRO 8 – Apresentação dos ED dos professores, agrupados na FD. “Desenvolvimento Curricular e a Metodologia utilizada pelos professores no âmbito da diversidade cultural dos alunos”.

Observaremos as seguintes respostas:

FD - O desenvolvimento curricular e a metodologia utilizada pelos os professores no âmbito da diversidade cultural dos alunos	
Identificação do Professor	Excerto de depoimento (ED)
P “2”	“(…) o currículo não é elaborado em conjunto com os educadores, a maioria das decisões que nós temos inclusive as de origem curriculares, elas são extra-escolares agente consegue fazer no máximo uma pequena adaptação do currículo, mesmo assim correndo o risco de não ser aprovado ou não ser entendido pelas a equipes que nos orienta”.
P “3”	“(…) Geralmente trabalham muito o conteúdo pragmático da disciplina não procuram desenvolver um projeto que sinalize esse multiculturalismo (...)
P “5”	“(…) Não desenvolvemos um currículo específico que contemple a diversidade que temos na escola, mas procuramos usar métodos que pelo menos não exclua nem discrimine as diferenças que nos deparamos no cotidiano de sala de aula (...)
P “6”	“(…) os professores buscam essa vivência de uma forma muito particular, de forma muito pessoal, quando se vai buscar o registro não se tem nada de apoio (...)
P “9”	“Muitos professores ainda não se acostumaram com essa diversidade, a prova disso é que quando se depara com qualquer problema na sala de aula já chama a direção da escola para solucionar o problema, vejo que em relação a essa questão falta uma formação onde ele aprenda a conviver com o meio o qual ele está inserido (...)
P “10”	“O currículo das escolas públicas da nossa região é um currículo que já vem pronto, porém são feitas algumas adaptações com projetos interventivos que são designados pela Secretaria de Educação e pelas Orientações Teóricas Metodológicas (OTMs). Mas não está inserido integralmente no âmbito da diversidade dos alunos”.

Fonte: entrevista realizada em (2015)

A organização curricular se instituiu pela caracterização de disciplinas que compõem o processo de ensino com base em um conjunto de saberes, que se estruturam de forma a fragmentar as disciplinas escolares, hierarquizando-as tornando umas mais importantes do que outras. Nessa constância, o desafio de pensar numa organização

curricular que favoreça e dê sentido às experiências vividas no espaço escolar se alargam a cada dia, já que é função da escola oferecer uma formação humana integral que contemple suas identidades, suas culturas e suas necessidades. “Uma escola sem conteúdos culturais é uma proposta irreal, além de descomprometida” (Sacristan, 2000, p.19). Nessa visão a reconstrução de uma cultura escolar diferente da cultura dominante tem se tornado um obstáculo na elaboração de atividades pedagógicas que valorize o multiculturalismo na sala de aula.

Os procedimentos metodológicos ficam a critério de cada professor que por sua vez trabalham de forma isolada cada um a seu modo como afirma o **P6** “(...) os professores buscam essa vivência de uma forma muito particular, de forma muito pessoal, quando se vai buscar o registro não se tem nada de apoio (...)”.

Veem-se pelo depoimento dos professores que é um desafio trabalharem metodologias que contemple a diversidade cultural quando não há uma construção coletiva do currículo escolar, aumentando as dificuldades dos mesmos em lidar com práticas educativas ou seja os conteúdos pragmáticos e com as diversas manifestações da diferença. Como afirma o **P3** “(...) Geralmente trabalham muito o conteúdo pragmático da disciplina não procuram desenvolver um projeto que sinalize esse multiculturalismo (...)”.

De acordo com Candau, (2008) Na escola há vários grupos como indígenas, negros, homossexuais, pessoas oriundas de determinadas regiões geográficas do próprio país ou de outros países, com diferentes níveis de escolarização e muitas vezes os conteúdos aplicados estão fora da realidade escolar de seu público, favorecendo o desenvolvimento de uma política “(...) assimilationist perspectiva prescritiva favorece que todos se integrem na sociedade e sejam incorporados à cultura hegemônica”.(p. 50). O que se converge com a fala do **P10** que diz: “O currículo das escolas públicas da nossa região é um currículo que já vem pronto (...)” e do **P5** quando diz: “(...) Não desenvolvemos um currículo específico que contemple a diversidade que temos na escola, mas procuramos usar métodos que pelo menos que não exclua nem discrimine as diferenças que nos deparamos no cotidiano de sala de aula (...)”.

Dessa forma todos os alunos participam de uma educação comum a todos correndo risco de perda das raízes culturais, a desvalorização dos saberes pertencente a determinados grupos que nela se encontra como também a exclusão dos grupos minoritários.

Observamos na fala do **P2** que “(...) o currículo não é elaborado em conjunto com os educadores, a maioria das decisões que nós temos inclusive as de origem curriculares, elas são extraescolares agente consegue fazer no máximo uma pequena adaptação do currículo, mesmo assim correndo o risco de não ser aprovado ou não ser entendido pelas a equipe que nos orienta”. O que demonstra a ausência da autonomia da escola trabalhando um currículo já elaborado por outras instâncias, partindo de um princípio de igualdade que não reconhece as diferenças culturais e sociais. Como também na fala do **P9** “Muitos professores ainda não se acostumaram com essa diversidade, (...) chama a direção da escola para solucionar o problema (...)”, não conseguem reconhecer as diferenças e trabalhar uma prática pedagógica contextualizada com as diferentes culturas. De acordo com Candau, (2011) “Certamente trata-se de outra maneira de olhar a prática pedagógica, que não é fácil e supõe desconstruir a perspectiva da homogeneização tão presente e configuradora da cultura escolar” (p.250).

5.2.5-Formação Discursiva (FD) a respeito das circunstâncias em que a flexibilidade do currículo poderá ser boa solução na inclusão da diversidade na escola.

Para Candau, (2011) “As diferenças culturais - étnicas, de gênero, orientação sexual, religiosas, entre outras – se manifestam em todas as suas cores, sons, ritos, saberes, sabores, crenças e outros modos de expressão” (p. 241). Nessa ótica observaremos o desenvolvimento curricular da escola e as vantagens de trabalhar um currículo flexível que valorize tais diferenças, na visão dos professores entrevistados.

Vejamos as concepções dos professores acerca dessa questão através dos excertos dos depoimentos (ED)P2, P3, P4, P5, P7, P8 identificados no quadro 9.

QUADRO 9– Apresentação dos ED dos professores, agrupados na FD. “As circunstâncias em que a flexibilidade do currículo poderá ser boa solução na inclusão da diversidade na escola”.

FD - As circunstâncias em que a flexibilidade do currículo poderá ser boas soluções na inclusão da diversidade na escola	
Identificação do Professor	Excerto de depoimento (ED)
P “2”	“(…)a diversidade cultural gera múltiplos olhares sobre o conhecimento e os múltiplos olhares produzem uma aprendizagem mais elástica, produzem uma aprendizagem com uma base mais significativa do que simplesmente é (...)”
P “3”	“(…) a escola necessita implementar em seu PPP ações e metas que se trabalhem a cultura e a sua diversidade, voltados para o lado mais humano, e não só conteúdos e conceitos (...)”
P “4”	“(…) a criança se sente incluída quando ela é valorizada dentro seu contexto através da troca de saberes, que é proveniente de sua história, de seu lugar, de sua raça, valorizando o seu eu (...)”
P “5”	“No sentido de um conhecer e respeitar o outro nas suas diferenças, (...)Então a flexibilidade do currículo é útil quando a escola, ou seja, o professor faz com que o aluno seja o protagonista da sua própria história, quando o que é ensinado, discutido na sala de aula tenha sentido na sua vida lá fora (...)”.
P “7”	“(…) acredito que a transformação só poderá acontecer quando partir do conhecimento do aluno, porque ninguém consegue partir de um meio, precisamos partir do princípio e o princípio está no conhecimento empírico do aluno”.
P “8”	“O currículo pode oferecer boas soluções para a inclusão se a escola fosse de fato uma escola inclusiva, onde a flexibilidade do currículo permitisse um desenvolvimento de um trabalho que contemple as necessidades dos grupos culturais que nos deparamos no nosso cotidiano em sala de aula (...)”.

Fonte: entrevista realizada em (2015)

Quando se trata das circunstâncias de flexibilizar o currículo como um meio de promover o processo de inclusão e construção social, reforçamos a ideia da desconstrução de paradigmas uniformes, dominante. Sua característica principal é a contextualização dos conteúdos e sua relevância em relação a valorização da realidade dos alunos e alunas envolvidos no processo, como afirma o **P4** “(...) a criança se sente incluída quando ela é

valorizada dentro seu contexto através da troca de saberes, que é proveniente de sua história, deseje lugar, de sua raça, valorizando o seu eu (...).”

Educar na diversidade é sem dúvida ensinar em um contexto em que as diferenças individuais sejam utilizadas para enriquecer e flexibilizar os conteúdos curriculares proposto pelo sistema de ensino de modo a promover a participação dos estudantes e docentes gerando diversas oportunidades tanto para o desenvolvimento intelectual, social, cultural e acadêmico. Observamos a fala do **P2** “(...) a diversidade cultural gera múltiplos olhares sobre o conhecimento e os múltiplos olhares produzem uma aprendizagem mais elástica, produzem uma aprendizagem com uma base mais significativa do que simplesmente é (...)”

Segundo Sacristán, (2000,p. 18). “Quando se fala de currículo como seleção particular de cultura, vem em seguida a mente a imagem de uma relação de conteúdos intelectuais a serem aprendidos, etc”. Se a escola se preocupa com uma educação de qualidade para todos os alunos/as, a diversidade é um aspecto que só vem a somar para que essa qualidade aconteça na íntegra, pois um currículo adaptável a essa diversidade favorece a possibilidade de adequar seus conteúdos curriculares à cultura da instituição escolar e com isso dar a seus alunos uma resposta mais adequada aos diversos grupos de alunos/as que frequentam a escola. (Sacristán, 2000).

Tal ideia é convergente com discurso do **P5** em dizer que: “(...) a flexibilidade do currículo é útil quando a escola, ou seja, o professor faz com que o aluno seja o protagonista da sua própria história (...)”, vejamos também a fala do **P8** “O currículo pode oferecer boas soluções para a inclusão se a escola fosse de fato uma escola inclusiva, onde a flexibilidade do currículo permitisse um desenvolvimento de um trabalho que contemple as necessidades dos grupos culturais que nos deparamos no nosso cotidiano em sala de aula (...)”.

Dessa forma, “O currículo precisa ser entendido como um processo de construção social, atravessado por relações de poder que fizeram e fazem com que tenhamos esta definição determinada de currículo e não outra (...)” (Silva 2002, p. 135).

Na escola, a diversidade humana é representada pelas diferenças no jeito de falar, nos estilos, nas histórias de vidas de cada aluno/a, essas características sendo reconhecida e compreendida pelos docentes, não só valoriza os saberes individuais como também descaracteriza uma prática fragmentada descontextualizada da realidade dos estudantes que desconsidera a identidade impedindo de compartilhar saberes e reconstruir significados.

Ao observarmos a fala do **P7** quando diz “(...) acredito que a transformação só poderá acontecer quando partir do conhecimento do aluno, porque ninguém consegue partir de um meio, precisamos partir do princípio e o princípio está no conhecimento empírico do aluno”. Nessa perspectiva, buscar elementos básicos a partir do conhecimento do aluno é pensar em modificar o currículo escolar o que não é tarefa fácil, fazer acontecer a mudança e adequação dos conteúdos com a finalidade de melhorar as oportunidades dos alunos/as e seus grupos sociais. Sacristán, (2000). Na fala do **P3** observemos o que ele diz “(...) a escola necessita implementar em seu PPP ações e metas que se trabalhem a cultura e a sua diversidade, voltados para o lado mais humano, e não só conteúdos e conceitos (...)”. Olhando por esse ângulo o professor aponta a necessidade de a escola desenvolver ações partindo de um processo de reconhecimento e respeito às identidades culturais, que tenham o propósito de resgatar e fomentar atitudes individuais e coletivas contra o preconceito e a favor do respeito às diferenças. A esse respeito, Sacristán, (2000), fala da importância de critérios na seleção dos componentes curriculares que iniciem a acessibilidade dos estudantes as diversas formas de conhecimento e “experiência humana” no âmbito de uma democracia para que os mesmos se tornem participativos na sociedade onde vivem. Assim a educação oferecida pela escola se tornará “compreensiva” onde o profissionalismo e a boa formação dos professores fazem com que aconteçam as mudanças nas metodologias e na organização da escola resultando em um melhor rendimento para os alunos. Ainda nas palavras do autor “A diversidade de alunos pode ser tratada com diferentes fórmulas que não são nem equivalentes entre si, nem ascéticas quanto aos efeitos sociais e pedagógicos” Sacristán, (2000, p. 63). Assim a forma como o professor entende e trabalha incluindo as experiências de vida de seus alunos/as, bem como uma boa articulação com os conteúdos curriculares fará com que a diversidade tome dimensões positivas e significativas dentro do espaço escolar sem nem um grupo perder sua identidade.

5.2.6 - Formação Discursiva (FD) sobre as práticas docentes e a perda das raízes de grupos minoritários sob a cultura dominante

Com relação às contribuições das práticas docentes como ganhos ou perdas das raízes culturais dos grupos minoritários na sala de aula, obtivemos as seguintes respostas:

➤ **QUADRO 10 – Apresentação dos ED dos professores, agrupados na FD. “As práticas docentes, os ganhos e perdas das raízes de grupos minoritários sob a cultura dominante”.**

FD- As práticas docentes, os ganhos e perdas das raízes de grupos minoritários sob a cultura dominante.	
Identificação do Professor	Excerto de depoimento (ED)
P “3”	“(…) as práticas docentes são produtoras tanto de sonhos como de desesperanças. A prática educativa assume uma importante função social, e que deve ser norteada ao princípio da igualdade, sobretudo ao reconhecimento da riqueza cultural de cada aluno participante da escola (…)
P “4”	“(…) as práticas docentes são fundamentais para as raízes culturais, pois o que não se pratica com o tempo se perde (…)
P “5”	“Na minha concepção, as práticas docentes tanto podem contribuir para ganhos como também para perdas das raízes culturais, depende da forma como a escola ver, valoriza e trabalha os grupos minoritários que nela existe (…)
P “6”	“(…) muitas vezes uma prática pode ser indesejável e pode trazer perdas significativas, quando não estão relacionadas e nem de acordo com aquilo que o estudante necessita (…)
P “7”	“(…) a escola está preocupada, principalmente essa escola está preocupada nos resultados, nas provas externas, exigidas pelo governo Federal, Estadual e Municipal, (...) o desenvolvimento deve ser dado partir do indivíduo e não da sociedade por que quando o desenvolvimento chega a sociedade já deve ser o resultado da ação (…)
P “10”	“Com certeza depende muito de como o professor vivencia a sala de aula, (...) valorizando a cultura e as manifestações e o que eles vivenciam em sua região em sua casa na sua família, dessa forma não há perdas das raízes culturais por que a sua cultura continua viva”.

Fonte: entrevista realizada em (2015)

Podemos perceber nos discursos dos professores que as práticas docentes são fatores fundamentais na conservação das raízes culturais, mas para isso depende muito da forma como o professor desenvolve suas atividades pedagógicas como afirma o **P3** “(...) as práticas docentes são produtoras tanto de sonhos como de desesperanças (...)”, bem como o **P5** “(...) depende da forma como a escola ver, valoriza e trabalha os grupos minoritários que nela existe (...)”. Em concordância o **P6** “(...) muitas vezes uma prática pode ser indesejável e pode trazer perdas significativas, quando não estão relacionadas e

nem de acordo com aquilo que o estudante necessita (...)”. Nessa ótica, teóricos como Moreira (1994), Gonçalves e Silva (1996), Arroio (2000), Candau (2001), mostram através de seus estudos como a escola pode repensar suas metodologias de forma a contribuir para ganhos e não perdas das raízes culturais dos grupos minoritários sob a cultura dominante que perdura no cotidiano escolar.

Para Silva, (2001) o entendimento do professor sobre cultura, na medida em que ele atua num sistema de tradição impõe a cultura dominante à alunos de diversas etnias, assim "O conteúdo é realmente significativo quando este é relacionado com o contexto sócio cultural do aluno e lhe propicia o domínio do conhecimento sistematizado Silva, (2001, p.41). Como vimos na fala do **P10** “(...) valorizando a cultura e as manifestações e o que eles vivenciam em sua região em sua casa na sua família, dessa forma não há perdas das raízes culturais por que a sua cultura continua viva”.

Ao analisarmos o depoimento do **P7** “(...) a escola está preocupada, nos resultados, nas provas externas, exigidas pelo governo Federal, Estadual e Municipal, (...) o desenvolvimento deve ser dado partir do indivíduo e não da sociedade por que quando o desenvolvimento chega a sociedade já deve ser o resultado da ação (...)”. Dessa forma, “A dimensão cultural é intrínseca aos processos pedagógicos, “está no chão da escola” e potencia processos de aprendizagem mais significativos e produtivos Candau, (2011, p.253), significa que o papel da escola é reconhecer, valorizar e preparar seus alunos para exercerem seu papéis de cidadãos na sociedade e não apenas prepará-los para alcançarem bons resultados nas avaliações externas e elevar o nome da escola perante a sociedade. Não que essas ações não sejam também de suma importância tanto para o aluno/a como também para a escola, mas como coloca o **P4** “(...) as práticas docentes são fundamentais para as raízes culturais, pois o que não se pratica com o tempo se perde (...)”.

Nessa perspectiva recorremos a Moreira (2001) quando sugere aos professores três aspectos importantes no desenvolvimento da prática pedagógica em relação a diversidade cultural, as quais sejam vistas em primeiro lugar as condições culturais em que a metodologia desenvolvida contribua na formação identitária dos docentes e discentes, em segundo que as diferenças e as desigualdades sejam questionadas desmistificando as relações de poder nelas imbuídas e a terceira, que a ação parta da reflexão e vice-versa evoluindo para outros espaços sociais e tecendo discussões entre os grupos e ao mesmo tempo ampliando o processo de formação e crescimento pessoal e intelectual entre ambos.

5.2.7-Formação Discursiva (FD) A relação dos professores com as novas Diretrizes Educacionais e a diversidade cultural na comunidade escolar.

O espaço de discussão dos referenciais étnicos na escola é de fundamental importância para a construção de significados a respeito do reconhecimento das diversas culturas que são necessários e constitutivos de ações cidadãs voltada à dignidade humana, igualdade de direitos e respeito ao próximo.

Para analisarmos a relação dos professores com as novas Diretrizes Educacionais e a diversidade na comunidade escolar, busquemos os discursos dos professores identificados no quadro 11.

QUADRO 11 – Apresentação dos ED dos professores, agrupados na FD. “A relação dos professores com as novas Diretrizes Educacionais e a diversidade cultural na comunidade escolar”.

FD - A relação dos professores com as novas Diretrizes Educacionais e a diversidade cultural na comunidade escolar	
Identificação do Professor	Excerto de depoimento (ED)
P “1”	“As diretrizes que agente costuma receber na escola, são as Orientações Teórico-Metodológicas(OTMs) que muitas vezes, são repassadas para os professores sem esclarecimento muitas vezes num pendrive”.
P “2”	“(…) não somos orientados diretamente para lidar com essas diversidades culturais é muito mais uma questão de percepção do professor na sua prática, (...) existe uma legislação, mas a própria escola não torna essa legislação acessível aos professores (...)”
P “5”	“(…) Então a nossa relação com as diretrizes educacionais é estabelecida através do contato com as Orientações teórico-metodológicas (OTMs), que a escola recebe e repassa para trabalharmos em sala de aula (...)”.
P “10”	“Os professores procuram se relacionarem cada um a seu modo há aqueles que por conta própria e por interesse próprio buscam inovar e adequar sua metodologia a realidade de sua escola e da sua comunidade, como também existe o professor que prefere esperar que a equipe pedagógica da escola busque essas diretrizes e traga para as discussões, mas como isso não acontece fica essa enorme lacuna entre as novas diretrizes educacionais e a diversidade cultural na escola”.

Fonte: entrevista realizada em (2015)

As diretrizes educacionais são instrumentos onde as relações de poder e saber acontece ou devem acontecer para que haja um equilíbrio entre o que se ensina e o que se aprende. Dessa forma, “Analisar currículos concretos significa estudá-los no contexto em que se configuram e através do qual se expressam em práticas educativas e em resultados”. Sacristán, (2000, p. 15). Em concordância com o autor, a análise de documentos oficiais tais como as diretrizes, fortalece o desenvolvimento de um trabalho pedagógico significativo no desenvolvimento cultural da sociedade, pois através dessa análise surgem novas ideias, novas visões de mundo que podem ser vinculadas aos interesses dos grupos situados numa posição vantajosa em relação a organização social (Moreira e Silva (1997).

Observando o discurso dos professores entrevistados a maioria relatou que não há na escola um trabalho efetivo em relação ao estudo das diretrizes, que o mesmo acontece de forma muito particular a critério de cada professor como afirma o **P2** quando diz “(...) não somos orientados diretamente para lidar com essas diversidades culturais (...)”, **P10** “Os professores procuram se relacionarem cada um a seu modo há aqueles que por conta própria e por interesse próprio buscam inovar e adequar sua metodologia a realidade de sua escola e da sua comunidade (...)”. Analisando a fala do **P1** e **P5** podemos observar que a escola recebe as Orientações Teóricas Metodológicas (OTMs) e passam para os professores sem que tenha um momento para discussão ou debate sobre o que é necessário ou não ensinar.

5.2.8 - Formação Discursiva (FD) Os projetos da escola que contemplam a diversidade cultural existente.

Os projetos funcionam como mecanismos importantes para trabalhar a diversidade na escola.

Segundo Carvalho (2002, p. 70), “Pensar em respostas educativas da escola é pensar em sua responsabilidade para garantir o processo de aprendizagem para todos os alunos, respeitando-os em suas múltiplas diferenças.” Essa é sem dúvida uma tarefa complexa, pois exige da escola e de seus professores uma quebra de paradigmas, que ultrapasse os conteúdos e programas em busca de uma dinâmica escolar voltada para o exercício da cidadania com ênfase no respeito a diferenças. Nessa dimensão escutamos a

fala dos professores a respeito dos projetos que a escola trabalha em prol da diversidade cultural na escola, identificados no quadro 12.

QUADRO 12 – Apresentação dos ED dos professores, agrupados na FD. “Os projetos da escola que contemplam a diversidade cultural existente”.

FD - Os projetos da escola que contemplam a diversidade cultural existente.	
Identificação do Professor	Excerto de depoimento (ED)
P “1”	“Não temos um projeto específico para trabalharmos a diversidade cultural na escola, porém temos outros projetos que englobam várias temáticas (...)”
P “2”	“(...) não existem projetos específicos pra isso existem sim alguns que acontecem de forma esporádica, por exemplo, na semana da consciência negra, se trabalha a cultura negra (...)”
P “3”	“Sim. Há projetosa escola e seus projetos, ela trabalha com temas transversais explorando a formação da identidade do povo brasileiro, a miscigenação, há projetos também em torno do nosso folclore, os costumes de diversos grupos étnicos, danças culinárias regionalismo, ou seja, a cultura popular todos esses segmentos são explorados em datas comemorativas em oficinas feiras de conhecimentos desfiles cívicas e em apresentações culturais para a comunidade (...)”
P “6”	“Na realidade não temos projetos específicos sobre a questão do trabalho com a diversidade cultural, essas manifestações acontecem esporadicamente em datas comemorativas (...)”
P “8”	“Ainda não tem um projeto específico para determinado grupo cultural, na escola são vivenciados projetos em datas comemorativas de forma interdisciplinar onde cada professor trabalha em cada área de conhecimento”.

Fonte: entrevista realizada em (2015)

Em se tratando dos projetos culturais vivenciados pela escola constatou-se através dos entrevistados que a mesma trabalha a diversidade cultural esporadicamente nas datas comemorativas, a maioria dos professores afirmou que na escola não existe um projeto específico que trabalhe a diversidade, porém a temática é trabalhada de forma interdisciplinar cada professor a seu modo. Sobre esse discurso observamos a dificuldade da escola em lidar com a diversidade, “enfrentar o desafio de propor um ensino que respeite a cultura da comunidade significa constatar e criar projetos pedagógicos para atender a todos sem exceção”. Perrenoud, (2000, p. 90). Podemos constatar essa afirmação

no art. 210 da Constituição Federal: “Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar a afirmação básica comum e respeito aos valores culturais artísticos e regionais, bem como na Lei de Diretrizes e Base(LBD) e complementada nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) na parte de Pluralidade Cultural, no entanto a criação de projetos que levem a discussão e reflexão das diferenças individuais e coletivas depende da forma como a escola organiza e trabalha seus projetos.

5.2.9 -Formação Discursiva (FD) sobre a Participação dos professores nas formações temáticas da diversidade cultural na escola

A participação dos professores nos encontros de formação continuada para a diversidade cultural é uma boa possibilidade de mudança para a escola, pois promove a sensibilização dos profissionais e a valorização da pluralidade e a incorporação de um currículo em ação Canen- Xavier, (2012). Analisamos as FD dos professores indicados no quadro 13, os quais tratam da participação dos professores nas formações sobre a temática da diversidade cultural.

QUADRO 13 – Apresentação dos ED dos professores, agrupados na FD. “Participação dos professores nas formações temáticas da diversidade cultural na escola”

FD - Participação dos professores nas formações temáticas da diversidade cultural na escola	
Identificação do Professor	Excerto de depoimento (ED)
P “3”	“Sim. Mais não nessa instituição (...)”
P “5”	“Uma vez, a algum tempo atrás não me lembro bem o ano, foi logo quando houve a modificação na LDB, que propôs a obrigatoriedade da lei 10.639/03(...)”
P “6”	“Infelizmente não. Participei de outras formações que foram oferecidas pela Secretaria de Educação do Estado, mas do município não teve nem uma formação ainda, pelo menos que eu tenha tido conhecimento”.
P “8”	Infelizmente não. Nunca participei apesar de achar de extrema importância para a diversidade cultural.
P “9”	“Já participei várias vezes de encontro de formação onde a temática trabalha a diversidade cultural mostrando a forma de como podemos atuar nessa área da educação para mantermos a segurança do que estamos fazendo e transmitindo para os nossos alunos (...)”
P “10”	“(…) na minha escola ainda não tivemos a oportunidade de ter uma formação para a temática da diversidade cultural na escola (...)”.

Fonte: entrevista realizada em (2015)

Em relação a participação dos professores nas formações sobre a temática da diversidade, podemos observar através de seus discursos que a escola não reconhece a diversidade cultural como um fator primordial na formação do profissional para se alcançar uma educação de qualidade. Ou se reconhece não busca meios para que isso aconteça, prefere seguir uma tendência pedagógica do sistema dominante, onde reina a hegemonia. O P3 e o P6 disseram já ter participado de formações ou encontro sobre o assunto, mas oferecido por outras instituições, a escola mesmo nunca ofereceu. Sob ótica de uma cultura etnocêntrica a qual pertencemos o professor necessita de formação para lidar com a problemática da pluralidade cultural na escola. Segundo Candau (2013) a desvalorização do educador está presente em muitos sistemas educacionais. “O movimento de reformas educacionais que atravessa o continente privilegia as questões curriculares e não tem seu principal foco no educador” (p.12). A assistência ao professor,

a formação continuada e a valorização do profissional da educação são tão importantes quanto as reformas curriculares para atender as necessidades dos estudantes da sociedade atual. Não adianta reformas e mais reformas nos currículos se o professor não está preparado para lidar com a nova realidade em sala de aula. “articular os pressupostos de uma proposta multicultural à formação docente coloca-se como um desses profícuos caminhos a ser seguido, para uma escola culturalmente responsiva”. Canen – Xavier, (2011, p. 642). Nas escolas atuais existem diversas formas de produzir o conhecimento e cada dia essas formas vão se multiplicando, construindo assim uma nova cultura escolar, a qual o professor precisa estar preparado para encarar essas mudanças ou então estará formando alunos numa perspectiva comum.

5.2.10 - Formação Discursiva (FD) sobre a Identificação de grupos culturais distintos na escola

Podemos destacar nessa FD o depoimento dos professores acerca do conhecimento que os mesmos tem sobre os diferentes grupos étnicos raciais existentes na escola, descritos no quadro 14.

QUADRO 14 –Apresentação dos ED dos professores, agrupados na FD.“Identificação de grupos culturais distintos na escola”

FD - Identificação de grupos culturais distintos na escola

Identificação do Professor	Excerto de depoimento (ED)
P “1”	“(…) Na escola que eu trabalho existe diversos grupos, existe os negros, brancos, os homossexuais, ciganos, pardos, os que moram na zona rural, na zona urbana, entre outros(…)”.
P “2”	“Bem, de diferentes nacionalidades não, mas de diferentes culturas e etnias são bem perceptíveis (pausa) por exemplo aqui tem grupo de origem cigana, aqui tem grupo de origem africana, de origem indígena, (…)”
P “4”	“Com certeza, identifico, procuro dialogar, conscientizar através de palestras, quando acontece algum caso de bullying em virtude da discriminação por gênero, por raça, por opção sexual (…)”
P “5”	“(…) Aqui na escola nós identificamos os brancos, os pardos, os negros, os indígenas, os ciganos, os homossexuais, apesar deles, os homossexuais, não se identificarem como são justamente por temerem ao preconceito que ainda é muito forte (…)”
P “8”	“(…) Índios, brancos, pardos, ciganos, homossexuais, nômades, grupos religiosos católicos e os evangélicos e também os especiais”.
P “9”	“Sim. Dentro da escola temos uma grande mistura de grupos sem contar nas discussões que existe entre esses grupos principalmente quando o assunto é religião, cultura ou sexualidade, nos deparamos com enes problemas em relação a esses temas (…)”.

Fonte: entrevista realizada em (2015)

Segundo os depoimentos dos professores, as diferenças étnicas raciais são fatores predominantes na escola o que desafiam cada vez mais as práticas educativas. Ao identificar essas diferenças, os educadores empregam distintos conceitos de diferença, confirmando a polissemia cultural existente na escola, como observemos na fala do **P8**: “Índios, brancos, pardos, ciganos, homossexuais, nômades, grupos religiosos católicos e os evangélicos e também os especiais”. Apartir deles, é possível categorizar as diferenças relacionadas à desigualdade e à construção de identidade dos alunos.

A educação multicultural não se restringe somente na descoberta dos grupos culturais na escola, mas valorização e reconhecimento das suas origens, “Hoje urge ampliar este enfoque e considerar a educação intercultural como um princípio orientador (...)”, Candau, (1998, p.51). No entanto as práticas trabalhadas na escola, os conteúdos

dos livros didáticos pouco abordam as questões sociais das diversas camadas da sociedade, a cultura dominante é a que prevalece fortalecendo a monocultura gerando situações de conflitos e aumentando o fracasso escolar. Dessa forma a escola oportuniza a criação de uma “cultura escolar padronizada, ritualista, formal, pouco dinâmica, que enfatiza processo de mera transferência de conhecimento (...)” Candau, (1998, p.53). Dessa forma os questionamentos que ajudam na construção de uma aprendizagem significativa, crítica, abrangente a outras culturas, deixam de ser trabalhados fortalecendo uma cultura escolar fechada e homogenia.

5.2.11 Formação Discursiva (FD) sobre Discriminações e preconceitos entre os/as alunos/as, por conta de suas diferenças culturais.

Ao abordarmos o termo: diferenças culturais logo vêm a ideia de preconceito e em seguida a discriminação. “Uma situação até então considerada “normal” e natural se “revela” como permeada por relações de poder, historicamente construídas e marcadas por desigualdades e estereótipos raciais e culturais” (Candau, 1998, p. 54). Na visão da sociedade o “diferente” assusta e é colocado fora dos padrões sociais pela cultura dominante, nessa perspectiva traremos o discurso dos educadores que lidam no seu dia a dia com a diversidade cultural e com diversas situações de preconceito e discriminação que permeiam o espaço escolar. Identificamo-las no quadro 15.

QUADRO 15– Apresentação dos ED dos professores, agrupados na FD. “Discriminações e preconceitos entre os/as alunos/as, por conta de suas diferenças culturais”.

FD– “Discriminações e preconceitos entre os/as alunos/as, por conta de suas diferenças culturais”.	
Identificação do Professor	Excerto de depoimento (ED)
P “2”	“(…) já presenciei várias vezes inclusive já cheguei a interferir de forma pedagógica com alguns grupos de alunos justamente sobre essas situações que estavam se transformando em uma situação de discriminação que poderia sair do controle então nós conversamos bastante sobre isso e eu pedir inclusive a um grupo de alunos que pesquisassem um pouco da cultura do outro (...)”.
P “3”	“(…) Problemas são acolhidos na coordenação pedagógica, quer resulta da falta de respeito pela realidade do outro. (...)”.
P “4”	“(…) muito ligado a questão de preconceito de cor, raça e de sexo. Existe também lógico o preconceito sobre algumas de religiões (...)”
P “5”	“(…) O preconceito é o grande mal que só destrói, é uma praga que se encontra em toda parte do mundo, na escola então...Quanto mais o multiculturalismo se expande, mais cresce o preconceito e a discriminação. Vivemos numa sociedade preconceituosa que desconhece o valor do outro, por isso o discrimina (...)”.
P “6”	“(…) Infelizmente agente ainda percebe isso, uma questão de inferioridade daqueles que tem menos, e outros que tem mais alguma coisa querendo está mais acima em determinado nível, mas que é necessário fazer intervenções, o professor precisa está atento a isso para que isso não aconteça”.
P “7”	“(…) Eu percebo que na escola é o local onde mais acontece a discriminação, na escola tem os grupos, tem todos os gêneros, na escola é onde tem toda discriminação e é onde se constrói toda discriminação, sabemos que as famílias têm um grande papel na questão da discriminação, na questão de não respeitar o individual, mas a família vem da escola, a família e o aluno de hoje foi o aluno de ontem, então a família não é culpada totalmente, se coloca muito a culpa na família, mas quem educou a família foi a escola, se não educou direito, foi a escola (...)”.
P “8”	“(…) Com os negros, com os homossexuais, por a classe econômica financeira e também com os alunos especiais”.
P “10”	“(…) Entre alguns há certa curiosidade por parte dos que moram na comunidade como também por parte dos que chegam, percebe-se que as

vezes acontece um estranhamento entre ambos e aí é preciso a interferência do professor para que esse estranhamento não se transforme em discriminação por alguma parte”.

Fonte: entrevista realizada em (2015)

Como vimos nos depoimentos dos professores, os julgamentos preconceituos os estão sempre presentes na escola, a falta de valorização das várias culturas, como a falta de questionamentos sobre os diversos saberes conduz a escola ao caminho da neutralidade absoluta o que foge do seu papel social deixando de combater a cultura da agressividade que compromete o convívio escolar gerando conflitos e prejudicando o desenvolvimento da aprendizagem de seus alunos. Dessa forma “A tomada de consciência dessa realidade, em geral, é motivada por fatos concretos que explicitam diferentes interesses, discriminações e preconceitos presentes no tecido social”. Candau (1998, p. 54).

A escola por ser o espaço da diversidade é também o espaço da discriminação como afirma o **P5** “(...) O preconceito é o grande mal que só destrói, é uma praga que se encontra em toda parte do mundo, na escola então... Quanto mais o multiculturalismo se expande, mais cresce o preconceito e a discriminação (...)” Nessa lógica afirma Candau (1998), “Para muitas pessoas esta descoberta é altamente ameaçadora”. (p. 54). As diferenças na maioria das vezes não são reconhecidas pelos alunos como conhecimentos enriquecedores no crescimento intelectual, social e cultural dos mesmos, funcionam como divisores que separam as pessoas de classes, gêneros e raças diferentes, aumentando ainda mais o desafio do educador ao educar na diversidade cultural.

Podemos observar que para o professor, não basta apenas identificar os grupos culturais existentes na escola, mas conhecer os mecanismos de dominação cultural, econômica, social e política para melhor perceber as culturas étnicas raciais da sociedade.

Para o aluno compreender e respeitar o jeito de ser do outro, questionar positivamente a cultura do outro para assumir a identidade brasileira que se originou a partir da diversidade e opor-se ao etnocentrismo e preservar os valores básicos que sustentam uma sociedade sadia sem preconceito e sem discriminação.

5.2.12 - Formação Discursiva FD sobre a posição dos professores em relação às questões das diferenças culturais na sala de aula.

Nesta FD se discute a questão das diferenças culturais e a posição do professor na sala de aula. Diante dessa temática observaremos no quadro 16 os discursos dos professores em relação às atitudes e as tomadas de decisões dos professores diante de situações de desrespeito as diferenças culturais na sala de aula.

QUADRO 16 – Apresentação dos ED dos professores, agrupados naFD. “A posição dos professores em relação às questões das diferenças culturais na sala de aula”.

FD - A posição dos professores em relação às questões das diferenças culturais na sala de aula	
Identificação do Professor	Excerto de depoimento (ED)
P “1”	“Eu procuro sempre observar os alunos se tem algum fato que é de discriminação e preconceito procuro chamar a turma atenção, fazer todo um ritual de conversa, por que não adianta você chamar só aquele que fez e aquele que foi a vitima (...)”
P “2”	“Bem, os casos que já aconteceram eu tentei resolver na sala de aula, pelo menos nas aulas as situações foram contornadas (...)”
P “3”	“(...) Acredito que com o trabalho focando a cultura popular conseguiremos resgatar nossas raízes, nos conhecer como povo brasileiro, que apesar da diversidade que há cada cultura é importante para caracterizar a própria identidade (...)”.
P “4”	(...) “Agente identifica enquanto professor, orienta, conscientiza o aluno que está sofrendo bullying, porém é necessário um diálogo maior entre a escola e a família entre os alunos para que possa conscientizar de uma forma mais ampla o que está acontecendo e daí tomar as devidas decisões”.
P “6”	“(...) nos casos de preconceito é necessária a intervenção. Trabalhar com as questões dos valores do ser, da formação pessoal do ser humano, como ele é, o que ele é, fazer aquela atividade do espelho se reconhecer no outro para ver que o outro é igual a você, todo mundo é igual. É necessário essa intervenção para que ele se veja no outro, e daí trabalharem a questão de valores e também a questão da legalidade.
P “7”	“(...) eu vou primeiro pesquisar, por que não é fácil entrar em uma discussão que eu tenha que tomar partido e quando se fala da questão da discriminação temos que tomar partido e aí qual é a hora certa de

	tomar partido e qual partido você vai tomar, a preocupação é maior e a dificuldade de nós educadores está aí nessa questão. Eu vou tomar partido sem eu conhecer a fundo a questão da discriminação(...)"?
P "9"	"Da melhor forma possível, eu gosto muito de dialogar de estar inserido no meio desses desafios lógico sem preparo não existe condição de ajudar aquele que está sofrendo (...)"
P "10"	"Normalmente, acredito que se precisa ter que se levar em consideração os conhecimentos prévios que cada um trás de acordo com a sua cultura, de acordo com as suas características próprias e aí adaptar para que todos tenham conhecimento de como acontecem as coisas e os porquês".

Fonte: entrevista realizada em (2015)

Tratar das diferenças culturais na sala de aula, reconhecendo-as e valorizando-as da superação das discriminações é atuar sobre um dos mecanismos de inclusão, tarefa necessária, para caminhar na direção de uma sociedade plenamente democrática. Infelizmente a desvalorização das culturas principalmente das étnicas- raciais que é um traço característico da realidade brasileira, tem dificultado muito o trabalho pedagógico do professor. Sobre essa questão, Candau (2005), aponta a necessidade do rompimento do chamado daltonismo cultural e o reconhecimento do arco-íris das culturas como uma nova prática educativa a ser implementada no dia a dia das escolas. Nessa ótica a percepção crítica do professor se constitui como um instrumento de produção e conservação cultural no contexto escolar. Ao observarmos a fala do **P10** quando diz: "(...) acredito que se precisa ter que se levarem em consideração os conhecimentos prévios que cada um trás de acordo com a sua cultura, de acordo com as suas características próprias e aí adaptar para que todos tenham conhecimento de como acontecem as coisas e os porquês". Ele está buscando estratégias de o aluno reconhecer sua identidade como também conhecer a cultura do outro, descobrir o porquê das diferenças. Nessa perspectiva afirma Candau (1998) em relação as diferenças no contexto escolar "Não se trata de assumir uma cultura marcadamente culturalista, (...) no entanto, trata-se de dar ao componente cultural a atenção devida (...)" ou seja, nem supervalorizar nem tampouco discriminar as diferenças culturais tratando-as num patamar de igualdade e respeito entre ambas.

5.2.13 - Formação Discursiva FD a relação dos professores com a história de vida de seus alunos

De acordo com Coll (2004, p. 294) "conhecer bem os alunos implica interação e comunicação intensa com eles, uma observação constante de seus processos de aprendizagem e uma revisão da resposta educativa que lhes é oferecida". Com o intuito de compreender melhor essa integração de professor x aluno, foram agrupadas na FD os depoimentos dos professores em relação ao conhecimento das histórias de vidas de seus alunos identificados no quadro 17.

QUADRO 17 – Apresentação dos ED dos professores, agrupados na FD. “A relação dos professores com a história de vida de seus alunos”.

FD -A relação dos professores com a história de vida de seus alunos.	
Identificação do Professor	Excerto de depoimento (ED)
P “1”	“Não posso dizer que conheço a fundo eu conheço algumas coisas que eu procuro perguntar em sala de aula, eu quero conhecer, mas ainda não tive essa oportunidade de ir até a casa ou de desenvolver um trabalho mesmo de conhecer a vida deles que eu acho também importante, não é invadir é conhecer para poder lidar com as situações (...)”.
P “3”	“(...) Eu faço um roteiro complementar ao meu trabalho colocando muitas questões sobre as crenças, sobre os sonhos, as dificuldades não só dentro da família, mas dentro da sociedade que eles enfrentam, na escola como ele vê a escola como o papel do gestor, dos professores, coloco também situações problemas, se você está diante de um amigo que está triste, que está sem expectativa de vida, sem querer realizar os sonhos que você deve dizer como ajudá-lo (...)”.
P “4”	“Conheço sim. Não conheço de todos, mas conheço de uma boa parte até por se tratar de pessoas conhecidas, agente mora num lugar, numa comunidade pequena onde todo mundo conhece todo mundo né, meio que família então agente conhece boa parte (...)”
P “5”	“(...) Trabalho com turmas de 6º ao 9º ano incluindo a EJA Educação de Jovens e Adultos, são muitos, né e não consigo ter uma aproximação boa com todos, mas conheço superficialmente”. “Tenho consciência da importância de se conhecer a história de vida de cada aluno, para que a aprendizagem tenha significado em sua vida. Numa sala de aula o mais importante não é o currículo, não são conteúdos, não são projetos, provas e mais provas, mais importante do que tudo

	isso, é saber o que ensinar e para quem ensinar (...)”.
P “6”	“Conheço mais ou menos eu tenho uma relação muito estreita com meus alunos, agente conversa nos intervalos de aula, agente está muito próximo (...)”.
P “7”	“(...) eu tenho mais de trezentos alunos ai para eu conhecer a família desses alunos é complicado e ai para ter uma aproximação maior com esses alunos só se for através de projetos de pesquisas, eu não tenho como conhecer a família de meus alunos se são mais de trezentos (...)”
P “8”	“(...) Consigo ter um contato em reuniões, na escola, quando encontro na rua, procuro saber como é o andar dos alunos com a sua família (...)”
P “10”	“Sim. Sempre procuro conhecer sua história de vida, conhecer as famílias de onde vieram, como vivem, quais são as suas necessidades, para melhor desenvolver meu trabalho de professora buscando adequar os saberes escolares a realidade do aluno”.

Fonte: entrevista realizada em (2015)

Podemos observar nos discursos dos professores a importância de se conhecer a realidade de seus alunos para desenvolver com excelência um trabalho pedagógico que não seja excludente a nenhum grupo social. É impossível para o professor aplicar um trabalho que produza mudança se não se sabe o que precisa mudar e como mudar, “Por isso, o professor desempenha um papel ativo no processo de educação: modelar, cortar, dividir e entalhar os elementos do meio para que estes realizem o objetivo buscado” (Vigotski, 2003, p.79). Nesse contexto para entender melhor as histórias de vidas dos alunos o diálogo é um dos caminhos mais viável para estreitar as relações entre professor e aluno, bem como família e escola. Podemos perceber essa concepção nitidamente na fala do **P6** “(...) eu tenho uma relação muito estreita com meus alunos, agente conversa nos intervalos de aula, agente está muito próximo (...), observamos também a fala do **P10** quando diz: “(...) Sempre procuro conhecer sua história de vida, conhecer as famílias de onde vieram, como vivem, quais são as suas necessidades, para melhor desenvolver meu trabalho de professora buscando adequar os saberes escolares a realidade do aluno”. Nesse mesmo pensamento se coloca o **P3**: “(...) Eu faço um roteiro complementar ao meu trabalho colocando muitas questões sobre as crenças, sobre os sonhos, as dificuldades não só dentro da família, mas dentro da sociedade (...)”, dessa forma percebe-se a preocupação dos professores em conhecer o modo de vida de seus alunos, de que mundo eles vem, para

fortalecer o trabalho educativo, como diz o educador Paulo Freire (1996) “Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural” (p.41), é oferecer oportunidades para que alunos e professores conheçam uns aos outros e tenham liberdade de assumir suas próprias identidades. “Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos (...), assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto” (Paulo Freire, 1996, p.41). A educação tem em si essa função de articular as relações sociais e culturais, para que as identidades culturais sejam conservadas e não perdidas.

5.2.14 - Formação Discursiva FD- As dificuldades dos professores em trabalhar com o multiculturalismo

Foram agrupadas na FD as diversas dificuldades que os professores enfrentam no seu dia a dia ao trabalhar com o multiculturalismo em sala de aula, numa sociedade capitalista e preconceituosa onde a marginalização e exclusão de alguns grupos sociais são fatos que acontecem frequentemente, bem como a articulação das questões curriculares com as relações culturais na escola. Observaremos os excertos dos depoimentos dos professores identificados no quadro 18.

QUADRO 18– Apresentação dos ED dos professores, agrupados na FD. “As dificuldades dos professores em trabalhar com o multiculturalismo”.

FD- As dificuldades dos professores em trabalhar com o multiculturalismo

Identificação do Professor	Excerto de depoimento (ED)
P “2”	“Entender todas as culturas, que temos no nosso espaço e relacioná-las aos conteúdos trabalhados por que assim, um dos primeiros passos para que a gente atraia a atenção do aluno é que ele se sinta incluso no que agente está trabalhando (...)”
P “3”	“Eu digo que em resumo é combater o preconceito (...)”
P “4”	“(...) Acho que uma das principais é de você está relacionando com o conteúdo em sala de aula, a questão de tantas atividades que agente tem no dia a dia pra elaborar pra desenvolver e tanto trabalho burocrático também que não deixa de ter, diários, planejamentos, o próprio estudo do currículo, das notas, novas oportunidades de aprendizagem (...)”
P “5”	“Uma das maiores dificuldades é ter que contextualizar a realidade das salas de aulas, as formas de vida, as diversas culturas, os níveis de aprendizagem de nossos alunos com as diretrizes imposta pelo sistema educacional (...)”.
P “8”	“Tenho dificuldade em trabalhar com os alunos especiais, por que não fui preparada para lidar com essa clientela (...)”
P “10”	“Tenho muita dificuldade de trabalhar com o público que tem necessidades especiais (...)”.

Fonte: entrevista realizada em (2015)

Ficou evidente nos depoimentos a angústia dos professores e professoras diante das dificuldades que enfrentam para vencer a tendência padronizadora dominante nas escolas, desde contextualizar as diversas culturas com a realidade, relacioná-las com o currículo, o combate ao preconceito, bem como o trabalho com os alunos dos grupos dos especiais.

Considerando o panorama da diversidade no contexto escolar, as dificuldades dos professores para trabalharem com metodologias adequadas que contribua com a construção pessoal do aluno têm aumentado a cada dia, pois as teorias ensinadas nas faculdades são insuficientes, bem como as formações continuadas e os cursos de formação de professores. Assim, em concordância com Candau (1999), a educação vive um momento paradoxal e contraditório, onde a autora faz uma abordagem sobre a questão de

“construir ecossistemas educativos- reinventar a escola” Candau, (1999,p.11), novas práticas educativas voltadas para a construção do conhecimento foram criadas na América latina com a perspectiva de enfrentar o desafio de lidar com a heterogeneidade no âmbito educacional. Um dos desafios citados por Candau (1999) “(...) é ampliar, reconhecer e favorecer diferentes *lôcus*, ecossistemas educacionais, diferentes espaços de produção e do conhecimento, de criação e reconhecimento de identidades práticas sociais e culturais” (p.13). Diante da demanda de ecossistemas educativos, o desafio está na transformação das práticas docentes, para que as mesmas venham a contribuir na formação de pessoas conscientes e protagonistas de suas próprias histórias de vida.

5.3-Identificação pessoal dos discentes

QUADRO 19 – Distribuição tabular da identificação pessoal dos estudantes de 6º ao 9º ano que fizeram parte da pesquisa através de entrevistas.

Aluno	Idade	Gênero	Etnia	Série	Ocup. do pai	Ocup. Da mãe	Formação educ. do pai	Formação Educ. da mãe
A “1”	16	F	Negra	9º ano	Artesão	Agricultora	E. Fundamental	Estudou até a 5ª série
A “2”	16	F	Negra	9º ano	Vendedor de artesanato	Artesã	Primário	Primário
A “3”	18 anos	F	Cigana	7º ano	Cantor	Dona de casa	Até a 5 série	Nunca estudou
A “4”	15 anos	M	Cigano	7º ano	Vendedor de artesanato	Cuida da casa	Nunca estudou	Nunca estudou
A “5”	11 anos	F	Indígena	6º ano	(Falecido)	Coord. Ped. escolar	Até o 5º ano	Ens. Superior
A “6”	13 anos	M	Indígena	6º ano	Vigilante	Artesã	2º Grau completo	2º grau completo

Fonte: entrevista realizada em (2015)

Conforme observemos no quadro acima que foram eleitos para responder as entrevistas seis alunos de diferentes etnias do 6º ao 9º ano, sendo dois de origem negra, dois de origem cigana e dois indígenas com objetivo de compreender melhor os anseios dos alunos pertencentes a grupos culturais diferentes em meio às práticas pedagógicas trabalhada na escola. Observemos também a ocupação profissional dos pais dos alunos/as três trabalha com artesanato, um é cantor, outro vigilante e outro é falecido. Em relação às mães duas são artesãs, duas cuidam apenas da casa, uma é agricultora e a outra coordenadora pedagógica de escola, quanto ao grau de instrução, dos seis pais apenas um tem o 2º grau completo, dois conseguiram concluir o primário, um concluiu o 1º grau e um nunca estudou. Das mães duas concluíram o primário, uma fez o 2º grau, uma concluiu o ensino superior e duas nunca frequentaram a escola. Nota-se aí a importância de conhecer as diferentes culturas e as diferentes realidades das famílias dos alunos, para que aconteça uma educação de qualidade e inclusiva. Essa é uma realidade comum no Brasil os níveis de escolaridade da maioria das famílias brasileiras ainda trazem um ranço elitista e excludente da educação do passado, elitista porque era privilégio de poucos e excludente porque excluía os pobres tanto negros como brancos e as mulheres.

5.3.1- Formação Discursiva FD- Conhecimento dos alunos acerca da diversidade cultural na escola.

Para Moreira & Candau (2003), “A problemática das relações entre escola e cultura é inerente a todo processo educativo” (p.159). Dessa forma podemos observar que as práticas pedagógicas devem segregar a cultura dos alunos para produzir uma aprendizagem significativa. Para consolidar essa investigação questionamos anteriormente a mesma pergunta na entrevista com os docentes, nesse contexto discorreremos as opiniões dos alunos acerca da diversidade cultural na escola, identificados no quadro 20.

QUADRO 20 – Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD “Conhecimento dos alunos acerca da diversidade cultural na escola”.

FD - Conhecimento dos alunos acerca da diversidade cultural na escola.

Identificação do Aluno	Excerto de depoimento (ED)
A “1”	“(…) não há um trabalho voltado para a minha cultura no currículo escolar, pelo menos eu não vejo”.
A “2”	“(…) os professores, funcionários tratam todos iguais independente de qual for a cultura que pertencem, já da parte de alguns alunos percebe-se o preconceito”.
A “3”	“(…) Uma vez tive uma aula sobre os nômades, pessoa que viaja muito uma professora deu uma aula sobre isso, mas não falou sobre os ciganos”.
A “4”	“Por alguns professores sim, tem uns que ficam perguntando coisas sobre a nossa cultura e demonstram respeito quando agente responde, os funcionários, acho que nem percebe agente e os colegas a maioria não respeitam agente, ficam querendo rebaixar a gente na frente dos outros, querendo discriminar sabe...”
A “6”	“Sou índio de pele negra, não me sinto muito valorizado na minha escola, por que os professores só chamam agente para apresentações quando é dia do índio ou o dia da consciência negra (...)”.

Fonte: entrevista realizada em (2015)

De acordo com os depoimentos dos alunos acerca da diversidade cultural na escola, observamos que é ainda muito frágil o trabalho pedagógico quando se trata das diferenças culturais. A educação prega um modelo cultural cheio de esperança para uma vida futura onde cresça a economia, desenvolva as ciências, as tecnologias, onde se sustenta a ideia de uma educação de igualdade, com isso os grupos minoritários acabam excluídos, pois não existe uma escola homogenia, onde as práticas sejam padronizadas. Na fala do **A1** “(…) não há um trabalho voltado para a minha cultura no currículo escolar, pelo menos eu não vejo”. Fica evidente que as atividades escolares não contemplam a diversidade cultural existente na escola, como também observamos a fala do **A6** “Sou índio de pele negra, não me sinto muito valorizado na minha escola, por que os professores só chamam agente para apresentações quando é dia do índio ou o dia da consciência negra (...)”.

Já na fala do **A2** observemos que: “(...) os professores, funcionários tratam todos iguais independente de qual for a cultura que pertencem, já da parte de alguns alunos percebe-se o preconceito”. Esse comportamento acaba se transformando em ações homogêneas voltadas para ideais de igualdade, mas ao mesmo tempo excludente. “(...) Assumindo uma visão monocultural da educação, particularmente, da cultura escolar” (Candau, 2003, p. 160). Essa questão se justifica na fala do **A4** quando diz que: alguns professores respeitam e até se interessam pela sua cultura, “(...) os funcionários, acho que nem percebe agente e os colegas, a maioria não respeitam agente, ficam querendo rebaixar a gente na frente dos outros, querendo discriminar sabe...” dessa forma, a prática educativa construída em cima de valores hegemônicos, tanto gera o preconceito quanto a discriminação dos grupos minoritários, trazendo para o cotidiano escolar, tensões e conflitos entre os sujeitos envolvidos no processo.

Observamos o depoimento do **A3**: “(...) Uma vez tive uma aula sobre os nômades, pessoa que viaja muito uma professora deu uma aula sobre isso, mas não falou sobre os ciganos”. O aluno revela que a cultura cigana passa despercebida, pela escola, o que torna um desconforto para esse grupo, que denuncia a fragilidade da escola em relação a valorização da diversidade cultural.

5.3.2- Formação Discursiva FD - A sociabilidade dos alunos, professores e funcionários da escola acerca das questões étnicas raciais.

Ao tratarmos da sociabilidade entre alunos, professores e funcionários podemos nos reportar a uma visão interacionista voltada para organização dos saberes da escola, pelos seus atores bem como suas relações uns com os outros, acerca das questões étnicas raciais descritas no quadro 21.

QUADRO 21 – Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD “A sociabilidade dos alunos, professores e funcionários da escola acerca das questões étnicas raciais”.

FD -A sociabilidade dos alunos, professores e funcionários da escola acerca das questões étnicas raciais.

Identificação do Aluno	Excerto de depoimento (ED)
A “1”	“(…) o tratamento é único, igual para todos os alunos, por parte dos professores e da gestão escolar, mais infelizmente não se pode dizer o mesmo com respeito aos alunos que compõem a escola (…)”
A “4”	“(…) Eles ficam apelidando, basta a pessoa apresentar qualquer característica diferente, como pele negra ou muito branca, muito magro ou muito gordo, se é cigano eles ficam querendo imitar agente de uma forma discriminatória, querendo humilhar (…)”.
A “5”	“Isso acontece muito, brincadeiras que considero preconceito”.
A “6”	“Há sim, tem colegas que tratam os outros com discriminação não só pela cor ou pele raça, mas por outras coisas, como ser pobre, morar na periferia (…)”.

Fonte: entrevista realizada em (2015)

Ao observarmos os depoimentos dos alunos acerca dessa temática, percebemos as situações de conflitos, de preconceitos nas relações dos diferentes grupos culturais nela existente. Dessa forma, Moreira & Candau (2003) afirma que a escola mais do que “transmissora da cultura, da “verdadeira cultura”, passa a ser concebida como um espaço de cruzamento, conflitos e diálogo entre diferentes culturas” (p. 160). Percebe-se a necessidade de o diálogo como instrumento que viabiliza a construção de uma cultura escolar alicerçada no respeito à igualdade dos direitos dos diferentes grupos sociais. Observemos a angústia na fala do **A4** quando diz que: “(…) Eles ficam apelidando, basta a pessoa apresentar qualquer característica diferente, (…)”.

Percebemos aí que ocorre uma demarcação entre as pessoas por conta das suas diferenças, nesse contexto afirma Moreira & Candau (2003), “A discriminação pode adquirir múltiplos rostos, referindo-se tanto a caráter étnico e caráter social, como a gênero, (...) regiões geográficas de origem, características físicas e relacionadas à aparência, grupos culturais específicos” (p.163). Apesar de vivermos numa sociedade moderna, o preconceito e a discriminação ainda persistem no meio social estragando as relações entre as pessoas.

5.3.3 - Formação Discursiva FD- A Participação dos alunos em projetos culturais na escola.

Quando a escola cria possibilidades de elaborar projetos pedagógicos, demonstra a sua preocupação em inovar suas práticas para vencer a crise de paradigmas que se instalam no ambiente escolar. Em se tratando da diversidade cultural, a escola é chamada a refletir sobre suas práticas, já que os grupos sociais, étnicos e culturais são cada dia mais presentes na sociedade e a escola por sua vez em seu papel social busca desenvolver meios que viabilizem a articulação das diversas culturas, como afirma Candau (1999) “Não basta mais lutar apenas contra as desigualdades sociais, mas é preciso também buscar estratégias onde as diferenças culturais possam coexistir de forma democrática” (p.19). Nessa perspectiva observemos os projetos culturais criados pela escola, bem como a participação dos alunos nos mesmos como agentes ativos do processo educativo buscando assim uma interpretação das novas práticas pedagógicas vivenciadas pela escola. Analisemos os excertos de depoimentos dos alunos indicados no quadro 22.

➤ **QUADRO 22 – Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD “Participação dos alunos em projetos culturais na escola”.**

FD – A Participação dos alunos em projetos culturais na escola.	
Identificação do Aluno	Excerto de depoimento (ED)
A “1”	“Nunca participei de nenhum projeto ou evento cultural já promovido pela minha escola (...)”
A “2”	“(...) Nunca participei, mas minha escola promove sim vários eventos culturais para conscientizar o público sobre esse preconceito que ainda hoje acontece em nosso cotidiano”.
A “3”	“(...) Referente a minha cultura não. Já fiz outras apresentações aqui na escola, mas sobre a minha cultura não”.
A “5”	“Referente a minha cultura teve somente o dia do índio”.
A “6”	“Sim já participei de comemorações no dia do índio e no dia da consciência negra, fizemos uma pesquisa sobre a influência da cultura negra no Brasil e ensaiamos uma dança africana para apresentar no pátio”.

Fonte: entrevista realizada em (2015)

Como percebemos no depoimento dos alunos/as a escola desenvolve projetos educativos, mas de uma forma muito tímida, não atinge o seu público no sentido de

oferecer uma aprendizagem culturalmente significativa. “As questões relativas à educação escolar e cultura(s) são complexas e, como procuramos mostrar, afetam diferentes dimensões das dinâmicas educativas” (Moreira & Candau, 2003, p. 166). Nessa ótica são trabalhadas na escola práticas monoculturais, não se percebe uma preocupação em criar estratégias sensíveis ao diferente, para que alunos/as passem a ser os protagonistas da sua própria história participando ativamente desses projetos.

5.3.4 - Formação Discursiva FD - Os materiais didáticos da escola e a cultura dos alunos

Foram agrupados na FD os depoimentos dos alunos/as referentes a existência e ao uso dos materiais didático e a articulação dos mesmos com a diversidade cultural na escola. Vejamos no quadro a seguir.

QUADRO 23 – Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD “Os materiais didáticos da escola e a cultura dos alunos”.

FD -Os materiais didáticos da escola e a cultura dos alunos	
Identificação do Aluno	Excerto de depoimento (ED)
A “1”	“Se na escola existe matérias que possibilite os próprios alunos conhecer sua cultura até hoje eu não tive acesso, pelo menos não na sala de aula”.
A “2”	“Não. Se oferece nunca tive acesso a esses materiais”.
A “3”	“Não. Nunca vi”.
A “4”	“Não sei. Se tem eu nunca vi. Nos livros tem falando dos negros, dos índios, mas da gente cigana não tem”.
A “5”	“Não isso não, tem essas coisas somente na aldeia como os livros que tem lá só que fora da aldeia não tem muito não, fala sobre o índio mais é o índio em geral, não fala sobre a minha cultura Pankararu, isso não”.
A “6”	“Nos livros da escola tem alguma coisa sobre as culturas, mas sobre a cultura da minha tribo Pankararunão tem. Lá na escola da aldeia tem muitos materiais, CDs, cartilhas, livros, revistas, por que lá eles trabalham os valores e os costumes da nossa cultura. Na escola da aldeia eles tem um jeito de ensinar que faz agente gostar de ser índio. Apreendi muita coisa sobre minha cultura na escola da aldeia, mas nessa escola aqui da cidade não ensina muito sobre essas coisas de índio não”.

Fonte: entrevista realizada em (2015)

Percebemos na fala dos alunos/as entrevistados que há uma escassez de materiais didáticos na escola referente aos grupos dos ciganos, dos negros e dos índios, ou se existe os alunos desconhecem. No entanto a introdução de conteúdos e o uso de materiais didáticos referente ao multiculturalismo ficam mais a critério do professor, como já foi exposto anteriormente, a escola não oferece esses materiais. No seu interior está enraizada a cultura universal dominante que nos dias atuais só gera tensões e conflitos. Nessa ótica afirma Moreira e Candau, (2003) “Não se pode conceber uma experiência pedagógica em que a referência cultural não esteja presente” (p. 159). Historicamente falando, nos próprios registros da história da humanidade contada nos livros está presente a cultura dos povos ocorrida em um determinado tempo e espaço que hoje são referências sociais e culturais a serem contextualizadas nas salas de aulas, o que tornam as práticas educativas cada dia mais desafiadoras.

Ao observarmos os depoimentos dos **A5 e A6**, percebemos que são índios que saíram da aldeia de uma escola que valoriza e trabalha a cultura indígena diz o **A6** “Lá na escola da aldeia tem muitos materiais, CDs, cartilhas, livros, revistas, por que lá eles trabalham os valores e os costumes da nossa cultura (...)”. Desse modo concluiremos que os alunos não se sentem incluídos na escola onde estudam atualmente, por a mesma não ter um olhar diferenciado para a sua cultura.

5.3.5- Formação Discursiva FD-Situações de preconceito e discriminação no espaço escolar

Observaremos os relatos dos alunos que sofrem preconceito e discriminação na escola por conta de suas características identitária, bem como suas reações diante desse fato. Os depoimentos estão identificados no quadro 24.

QUADRO 24– Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD “Situações de preconceito e discriminação no espaço escolar”.

FD–Situações de preconceito e discriminação no espaço escolar

Identificação do Aluno	Excerto de depoimento (ED)
A “1”	“Sim, já aconteceu uma vez quando uma colega na sala de aula falou que deixou de tomar café para não dar ousadia a negro e outra situação que passei é que o colega disse que parou de comer banana para não dar ousadia a macaco”.
A “2”	“Por conta da minha etnia não, mas de outra coisa sim”. (não quis falar).
A “3”	“Já sim. Aqui mesmo nessa escola uma menina falou que cigano não era para estudar. Cigano só vive roubando, falando bem alto, querendo imitar a fala, já teve muito isso”.
A “4”	“Sim. De vez em quando agente escuta uma piada, isso é muito chato, não me dá vontade de vir nem para a escola(...)”.
A “5”	“Eu não, nunca sofri preconceito sobre isso não, mas tem muita gente que sofre até hoje”.
A “6”	“Sim sofro preconceito não por ser índio, mas por ser negro infelizmente ainda tem gente que não sabe respeitar essa diferença”.

Fonte: entrevista realizada em (2015)

Apesar de vivermos no bojo da modernidade situações de preconceito ainda são muito comuns na escola, fala-se tanto em igualdade de direitos, independente de raça, cor, religião, mas fica só na teoria porque na prática é bem diferente como aponta nossos entrevistados: o **A1** “Sim, já aconteceu uma vez quando uma colega na sala de aula falou que deixou de tomar café para não dar ousadia a negro e outra situação que passei é que o colega disse que parou de comer banana para não dar ousadia a macaco”; o **A3**“(…) Cigano só vive roubando, falando bem alto, querendo imitar a fala, já teve muito isso”; **A6** “Sim sofro preconceito não por ser índio, mas por ser negro infelizmente ainda tem gente que não sabe respeitar essa diferença”. Na fala de Moreira & Candau (2003), “(…) estamos imersos a uma cultura de discriminação na qual a demarcação entre “nós” e os “outros” é uma prática social permanente que se manifesta pelo não reconhecimento dos que consideramos não somente diferentes, mas “inferiores” (...)”. Nessa visão as diferentes as características identitárias infelizmente passam a ser vistas com um olhar de

inferioridade ou de superioridade e a escola por ser acolhedora de diversas culturas torna-se palco da discriminação e do preconceito.

5.3.6 - Formação Discursiva FD - Problemas e conflitos referentes ao preconceito e a discriminação no espaço escolar.

Analisaremos a seguir os depoimentos dos alunos a respeito dos problemas e conflitos gerados pelo preconceito e a discriminação na escola, identificados no quadro 25.

QUADRO 25 – Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD “Problemas e conflitos referentes ao preconceito e a discriminação no espaço escolar”.

FD -Problemas e conflitos referentes ao preconceito e a discriminação no espaço escolar.	
Identificação do Aluno	Excerto de depoimento (ED)
A “1”	“(…) alguns problemas conseguem ser solucionados já outros infelizmente não”.
A “2”	“Eu percebo que alguns conflitos referentes ao preconceito que são encaminhados para a gestão da escola a maioria são resolvidos, mas o meu particularmente nunca foi resolvido”.
A “3”	“(…) meu pai chamou atenção e eles resolveram. A pessoa pediu desculpa e mandaram-na pesquisar sobre nossa cultura”.
A “4”	“As vezes alguém da diretoria chama para conversar, mas as brincadeiras de mal gosto sempre continuam acontecendo, essas pessoas assim dessas classes como a nossa cigano, negro, pobre, sempre sofrem preconceitos (...)”
A “5”	“Assim tomam providência conversando com o aluno que fez isso com o colega é assim que fazem”.
A “6”	“Sim. (...) as piadinhas sempre existem, sempre tem alguém com piadas ou brincadeiras de mau gosto, isso nunca foi resolvido, nunca vai acabar”.

Fonte: entrevista realizada em (2015)

Os relatos apontam que alguns problemas e conflitos são resolvidos pela escola, outros ainda persistem o **A1**, **A2**, **A4** e o **A6**, afirmam que são resolvidos em partes, existe o diálogo da equipe escolar com os agressores, mas os problemas continuam acontecendo.

Segundo Moreira & Candau (2003), o preconceito e a discriminação presente na escola precisam ser problematizados, desvelados, desnaturalizados. “Caso contrário a escola estará a serviço da produção de padrões de conduta reforçadores dos processos discriminadores presentes na sociedade” (p. 164). Infelizmente esse comportamento discriminatório, afeta toda dinâmica da escola, todo seu processo educativo, prejudicando fortemente as pessoas que sofrem o preconceito justo no local que não era para existir esse tipo de atitude com o próximo.

Vale salientar a atitude do pai do **A3**, o qual ele próprio (o pai) procurou a gestão da escola para resolver um conflito com seu filho que estava sofrendo discriminação na sala de aula, “(...) meu pai chamou atenção e eles resolveram. A pessoa pediu desculpa e pediram uma pesquisa sobre nossa cultura”. Segundo o aluno o problema foi resolvido, pois os colegas pesquisaram e descobriram que na cultura cigana não havia motivo para discriminar e sim para admirar. Observando a fala do **A5**, percebemos que apenas o diálogo sem ação, sem uma atitude nesse caso é insuficiente para resolver as situações de preconceito no cotidiano escolar como afirma Moreira & Candau (2003) “A problemática da discriminação é certamente complexa e precisa ser trabalhada com base em uma dimensão multidimensional” (p. 164). Nessa ótica, fingir que não ver a discriminação é aceitá-la passivamente, deixando-a naturalizar-se sem tomar as providências necessárias, o preconceito só cresce. O multiculturalismo é respeitar o outro e suas tradições culturais, pesquisando, conhecendo para não gerar o pré-conceito.

5.3.7- Formação Discursiva FD - A opinião dos estudantes diante de uma situação de discriminação

Com a finalidade de compreendermos as atitudes dos alunos diante de situações de preconceito no cotidiano escolar, analisamos as opiniões dos entrevistados agrupadas na FD abaixo.

QUADRO 26 – Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD “A opinião dos estudantes diante de uma situação de discriminação”.

FD–A opinião dos estudantes diante de uma situação de discriminação	
Identificação do Aluno	Excerto de depoimento (ED)
A “1”	“Em primeiro lugar, brigar ou querer se vingar não é a melhor solução, pode acabar levando a uma situação muito trágica (...)”.
A “2”	“Deve reagir denunciando e não com violência (...)”
A “3”	“(...) com violência não, nem se rebaixar ao mesmo nível da outra pessoa, acho que tem que ser superior, não se igualar e procurar seus direitos”.
A “4”	“(...) Não deve ser violento, procurar manter a calma, se for na escola chamar a direção e se for na rua ou em outro lugar chamar a polícia, por que preconceito é crime (...)”.

Fonte: entrevista realizada em (2015)

Em se tratando de como reagir diante de uma situação de preconceito todos os estudantes demonstraram maturidade ao sofrer algum tipo de preconceito, o **P1** “Em primeiro lugar, brigar ou querer se vingar não é a melhor solução, pode acabar levando a uma situação muito trágica (...)”, **P3** “(...) com violência não, nem se rebaixar ao mesmo nível da outra pessoa, acho que tem que ser superior, não se igualar e procurar seus direitos” e o **P4** “(...) Não deve ser violento, procurar manter a calma (...)” todos pensam em não reagir com violência, já que o preconceito e a discriminação é uma forma de violência. Sobre essa questão nos apoiamos em Freire (1996, p. 36) quando afirma que:

“A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que mataram meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos inferiorizam as mulheres (...)”

Infelizmente ainda flagramos nas escolas e na sociedade atitudes preconceituosas de pessoas maltratando pessoas, que na maioria das vezes fica no silêncio, contribuindo para a absorção do sentimento de inferioridade dos que sofrem o preconceito e o de superioridade dos que agredem. Observando a fala do **A2** quando diz: “Deve reagir denunciando e não com violência (...)” As leis existem e devem ser cumpridas, constam na constituição brasileira que a discriminação racial é crime, mesmo assim as pessoas não

param de cometer crimes, não só contra os negros, mas contra outros grupos que a própria sociedade exclui. Segundo Bento (2005) “A prática discriminatória não ofende somente a dignidade da pessoa humana, mas fere também uma das bases da democracia: o direito à igualdade, (p. 62)”. Diante disto as nossas escolas têm enfrentados desafios constantes em lidar com os conflitos gerados em torno da falta de respeito às diferenças individuais explícitas no seu cotidiano.

5.3.8 - Formação Discursiva FD -A visão dos estudantes em relação ao comportamento da sociedade brasileira frente a diversidade cultural.

Observaremos a visão dos estudantes em relação ao comportamento da sociedade brasileira frente a diversidade cultural, no qual percebemos pelos discursos dos estudantes que eles se consideram pertencer a uma sociedade racista em um país de diversas culturas. Como está exposto no quadro 27.

QUADRO 27– Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD “A visão dos estudantes em relação ao comportamento da sociedade brasileira sob a diversidade cultural”.

FD -A visão dos estudantes em relação ao comportamento da sociedade brasileira sob a diversidade cultural

Identificação do Aluno	Excerto de depoimento (ED)
A “1”	“(…) O Brasil é um país que existe uma grande variedade de cultura, mesmo assim é um país que existe muito racismo por parte da sociedade”.
A “3”	“(…) ainda há muito preconceito com os negros com os gordos ainda vejo isso e com agente cigano”.
A “4”	“(…) O Brasil é um país racista, porquênão respeita a cultura e o jeito de ser do outro (...)”.
A “6”	“(…) Só percebemos quando uma pessoa importante é atingida, como um jogador de futebol um artista da televisão. Ai todo mundo fica sabendo através da televisão por isso que acho o Brasil um país racista”.

Fonte: entrevista realizada em (2015)

O racismo sempre esteve presente na sociedade brasileira, é um comportamento social que traz graves consequências à humanidade principalmente os menos favorecidos que são vítimas da ideologia do poder de dominação.

Segundo Munanga, (2000) “Estamos entrando no terceiro milênio carregando o saldo negativo de um racismo elaborado no fim do século XVIII (...) Estamos também entrando no novo milênio com a nova forma de racismo: o racismo construído com base nas diferenças culturais e identitária (p. 27)”. A sociedade brasileira se posiciona frente às diferenças de uma forma discriminatória ao invés de concebê-la como uma riqueza cultural que engrandece e embeleza a nação. Nessa visão observamos a fala do **A4**: “(...) O Brasil é um país racista, porque não respeita a cultura e o jeito de ser do outro (...)”, dessa forma o racismo não se restringe somente a cultura negra, mas as diferenças identitárias que existe no Brasil desde o início de sua história.

Na fala do **A6** quando diz que: “(...) Só percebemos (o preconceito) quando uma pessoa importante é atingida, como um jogador de futebol um artista da televisão. Ai todo mundo fica sabendo através da televisão por isso que acho o Brasil um país racista”. No dia a dia são comuns situações de preconceito, mas passam despercebidos porque ocorre com pessoas comuns que não são famosas. Ao realizar essa investigação percebemos que essas questões ficam na penumbra da sociedade, na obscuridade é como se uma miopia invadissem nossos olhos dificultando a visão e a gravidade e dos males que o preconceito causa aos seres humanos.

5.3.9 - Formação Discursiva FD - A visão dos estudantes sobre as situações mais comuns de preconceito e discriminação na sociedade.

A sociedade carrega consigo ao longo de sua história mitos que condicionam as pessoas a seguirem um modelo de padrões sociais criados por ela própria, porém padrões esses que excluem aqueles que não se encaixam nas exigências da sociedade. Observamos os discursos dos estudantes em relação às situações mais comuns de preconceito e discriminação na sociedade, identificadas no quadro 28.

QUADRO 28 – Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD “A visão dos estudantes sobre as situações mais comuns de preconceito e discriminação na sociedade”.

FD - A visão dos estudantes sobre as situações mais comuns de preconceito e discriminação na sociedade.

Identificação do Aluno	Excerto de depoimento (ED)
A “1”	“Pela cor ou por causa da origem da pessoa e até mesmo pela sua diferença sexual”.
A “2”	“Preconceito da cor da pele, da sua condição social se você for rico é tratado de uma forma se você for pobre é de outra, também por conta da sua sexualidade e se você mora no sítio também sofre preconceito”.
A “3”	“Contra os negros, os gordos e os homossexuais”.
A “4”	“É mais com os negros por causa da cor da pele e do cabelo, com os ciganos eles só começam a perturbar quando descobrem a nossa origem, assim também é com os índios, muitos da escola não sabem que agente é cigano ou índio, por que dar para disfarçar, mais o negro não dar. Os homossexuais também sofrem muito preconceito, mesmo todo mundo falando que é uma coisa comum, as pessoas fingem que aceitam, mas depois ficam falando mal pelas costas”.
A “5”	“É... tem pessoas que chamam os outros de negros, pobres, homossexuais, mais o que tem mais na nossa sociedade e em nossa comunidade é o preconceito com os negros”.
A “6”	“Há... São muitas, mais acho que é mais forte com os negros e com os homossexuais (...)”

Fonte: entrevista realizada em (2015)

Ao analisarmos os depoimentos dos entrevistados em relação aos casos mais comuns de preconceito e discriminação percebemos na voz dos estudantes, que os negros e os homossexuais atualmente são os que mais sofrem preconceito como observamos na fala do **A3**, **A4**, **A5** e o **A6**. Mas na realidade, a intolerância dos seres humanos ultrapassa os limites da falta de ética e do respeito às diferenças. A ignorância se multiplica disfarçadamente e silenciosamente vai devastando, maltratando, bloqueando o processo natural do desenvolvimento humano. A esse respeito reforça Candau, (2003):

“Na sociedade brasileira, exclusão, preconceito e discriminação caminham juntos. A diferença se transforma em desigualdade através de processos sutis e complexos, presentes em nosso cotidiano nos âmbitos privados e públicos, assim como em diferentes espaços sociais”(p.15).

É sem dúvida, desanimador ver tantas pessoas nas escolas, nas ruas, nas igrejas, sem expectativas de vida, sem acreditar em si próprio por conta que o preconceito perturba seus pensamentos, depois de terem inculcado a ideia de fracasso, poucos conseguem se reerguer sozinhos.

5.3.10 - Formação Discursiva FD - A sociedade brasileira e valorização do respeito às diferenças culturais.

O resultado dessa entrevista nos mostra os sentimentos de injustiça e rejeição que os alunos/as entrevistados sentem em relação a posição da sociedade quanto a valorização do respeito às diferenças culturais.

Nessa lógica, observamos os depoimentos dos estudantes a respeito dessas questões indicadas no quadro 29.

QUADRO 29– Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD “A sociedade brasileira e a valorização do respeito às diferenças culturais”.

FD - A sociedade brasileira e valorização do respeito às diferenças culturais	
Identificação do Aluno	Excerto de depoimento (ED)
A “1”	“(…) apesar de ser de uma cultura pouco valorizada, procuro viver do meu jeito, pois no final vejo que sou igual a bilhões de pessoas no mundo, que só querem ser feliz”.
A “2”	“Pela cor da minha pele eu me sinto bem, mas a respeito da diversidade cultural sinto que as pessoas precisam mudar a forma de pensar e respeitar o outro”.
A “3”	“Eu me sinto pouco respeitada, não tem muito respeito, poderia ser melhor”.
A “4”	“Todo mundo que é diferente é tratado diferente tem lugares por onde acampamos que eu me sinto bem, mas tem outros que eu prefiro ir embora logo, por as pessoas me olharem com um olhar de discriminação, por que não tenho morada fixa, sempre estou viajando

	com a minha família. As vezes me perguntam: tu é cigano é? Eu não gosto por que me sinto discriminado pelo jeito que me olham”.
A “5”	“Bom, o índio agora ele é mais valorizado, eu mesma me sinto muito orgulhosa de ser índia. Agora eles valorizam mais o índio. Essa valorização pode ser por conta das manifestações que fazem, por que antes o índio não era valorizado como já falei, agora é uma cultura valorizada. Eu acho que agora podem fazer faculdade fora... na cidade eles (os índios)tem uma cota e não pagam”.
A “6”	“As vezes me sinto injustiçado por que a cor da pele não define o caráter de ninguém, por isso por ser da cultura negra não me sinto respeitado. Como índio até que as pessoas não dizem se tem ou não preconceito, agente não percebe muito”.

Fonte: entrevista realizada em (2015)

O multiculturalismo sempre foi parte integrante da sociedade brasileira, porém a valorização das diversas culturas é que vem sendo questionada por muitos estudiosos, essa desvalorização não é uma herança genética é uma herança social, o preconceito e a discriminação surgiu com o convívio social, as vezes na própria família, na escola ou na sociedade.

Segundo Cavalleiro (2005, p. 20).

“A despreocupação com a questão da convivência multiétnica quer na família quer na escola, pode colaborar para a formação de indivíduos preconceituosos e discriminadores. A ausência de questionamento pode levar inúmeras crianças e adolescentes a cristalizarem aprendizagens baseadas muitas vezes, no comportamento acrítico dos adultos a sua volta”.

Nessa perspectiva, a formação da sociedade se dá através dessa mistura étnica composta de características físicas, culturais, de gênero e outras, que são muito discutidas entre os educadores e estudantes. Infelizmente a sociedade não sabe lidar com as suas diferenças e acaba transformando-as em desigualdade social. Como observemos na fala dos estudantes entrevistados: **A2** “(...) a respeito da diversidade cultural sinto que as pessoas precisam mudar a forma de pensar e respeitar o outro”; o **A3** “Eu me sinto pouco respeitada, não tem muito respeito, poderia ser melhor”; **A6** “Às vezes me sinto injustiçado por que a cor da pele não define o caráter de ninguém, por isso por ser da

cultura negra não me sinto respeitado (...)”. Nesses depoimentos percebemos o quanto a sociedade é perversa e individualista quando se trata das diferenças culturais.

5.3.11- Formação Discursiva FD - Conhecimento dos discentes acerca das Leis 10.639/03 e 11.645/08

Para consolidar na nossa investigação questionamos com os discentes o que eles conhecem sobre as leis 10.639/03 e 11.645/08, observamos o que disseram os estudantes entrevistados no quadro abaixo:

QUADRO 30 – Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD “Conhecimento dos discentes acerca da Lei 10.639/03 e 11.645/08”.

FD - Conhecimento dos discentes acerca da Lei 10.639/03 e 11.645/08	
Identificação do Aluno	Excerto de depoimento (ED)
A “1”	“(…) Fala-se da cultura negra, mais a lei em si ainda não foi trabalhada (...)”.
A “2”	“(…) Nunca nem um professor falou dessa lei. Já fizeram apresentações da cultura negra”.
A “3”	“Não nunca ouvi falar dessa lei. Da cultura afro-brasileira já ouvi”.
A “4”	“(…) os professores de arte e de história já trabalharam a cultura afro-brasileira e a indígena, mas essas leis, não às conheço ainda”.
A “6”	“Os professores falam nas aulas de história e nas aulas de arte alguma coisa da cultura indígena e a africana, mas nessas leis eu não sabia se existia”.

Fonte: entrevista realizada em (2015)

Podemos observar que a relação dos professores com as leis mencionadas acima correspondentes a obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira e da cultura indígena, ainda está muito a desejar na escola segundo a resposta dos/as estudantes entrevistados/as como podemos observar na fala do **A1** “(…) Fala-se da cultura negra, mais a lei em si ainda não foi trabalhada (...)”; **A2** “(…) Nunca nem um professor falou dessa lei. Já fizeram apresentações da cultura negra”; **A4** “(…) os professores de arte e de história já trabalharam a cultura afro-brasileira e a indígena, mas essas leis, não às conheço ainda”.

Dessa forma percebemos que os professores ainda não usufruem desse instrumento pedagógico que são as leis 10.639/03 e 11.645/08, promulgadas com o intuito de valorizar a cultura afro-brasileira e indígena que foram criadas justamente para combater o eurocentrismo e etnocentrismo da educação no Brasil. Essas leis incentivam a busca da ancestralidade dos povos, bem como a conscientização dos educandos a respeito da história desses povos. Como consta no 1º do Art. 26, da Lei nº 11.645, de 08 de março de 2008 encontramos a seguinte redação:

“O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil”. (Art. 26, Lei 11.645/08).

Nessa perspectiva acredita-se que há um despreparado dos professores para lidar com tais temas, o que justifica a falta de conhecimento dos/as alunos/as. O que vimos é uma escola que tem se mostrado omissa perante o dever de ensinar a respeitar a diversidade racial.

5.3.12 - Formação Discursiva FD -A absorção e vivência das leis 10.639/03 e 11.645/08 estabelecida na Constituição Federal pela sociedade brasileira.

Com o objetivo de analisar a absorção da história negra e indígena pela sociedade brasileira as quais suas raízes são responsáveis pela formação de boa parte da população do Brasil, analisamos as respostas dos estudantes descritas no quadro a seguir.

QUADRO 31– Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD “A absorção e vivência das leis 10.639/03 e 11.645/08 estabelecida na Constituição Federal pela sociedade brasileira”.

FD–A absorção e vivência das leis 10.639/03 e 11.645/08 estabelecida na Constituição Federal pela sociedade brasileira.

Identificação do Aluno	Excerto de depoimento (ED)
A “1”	“Muitos desconhecem essa lei, não praticam, não tem essa lei como um dos valores da vida, pois se isso fosse diferente tenho certeza que o mundo seria um lugar melhor de se viver. Se isso existisse não haveria tanto preconceito”.
A “2”	“Acho que poucas pessoas conhecem essas leis, por isso que esses direitos não são assegurados, falta muita informação e conhecimento sobre as leis”.
A “3”	“As vezes deixam de lado as leis, acho que a maioria delas não são cumpridas”.
A “4”	“Elas não são divulgadas, não são muito conhecidas também não são vivenciadas como deveriam o povo não sabem dessas leis”.
A “5”	“Eu acho que na em minha opinião elas não são cumpridas”.
A “6”	“Acho que muita gente nem sabe que essas leis existem, ou então não havia tanto preconceito no Brasil”.

Fonte: entrevista realizada em (2015)

Ao analisarmos as respostas dos/as estudantes, percebemos que a maioria acredita que as pessoas da sociedade não conhecem as leis, portanto não as cumprem. Como observemos o que diz o **A2** “Acho que poucas pessoas conhecem essas leis, por isso que esses direitos não são assegurados, falta muita informação e conhecimento sobre as leis”; o **A4** “Elas não são divulgadas, não são muito conhecidas também não são vivenciadas como deveriam o povo não sabem dessas leis”; o **A5** “Eu acho que não em minha opinião elas não são cumpridas” e o **A6** que também tem a mesma opinião a respeito da absorção e vivência dessas leis pela sociedade brasileira, “Acho que muita gente nem sabe que essas leis existem, ou então não havia tanto preconceito no Brasil”.

Ora como vimos anteriormente se a escola ainda não trabalha afincamente essas leis, é natural que os alunos a desconheçam, por conseguinte a sociedade. Segundo Candau, (2013) “Na reinvenção da escola, a questão da cidadania é fundamental” (p.14). A escola em seu papel social tem a obrigação de trabalhar com essas leis para que as mesmas ultrapassem os seus muros e invadam a sociedade, como uma forma não só de impor

respeito a outras culturas, mas como uma forma de fazer as pessoas conhecerem a história das raízes culturais que formaram a população brasileira. Através do conhecimento é que surge a liberdade e autonomia para respeitar o outro. “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (Freire, 1996, p.59). O respeito com o outro não é uma questão de lei, mas uma questão ética.

Por outro conhecendo ou não a legalidade, infelizmente o desrespeito, a desvalorização das culturas afro-brasileira e indígena ainda acontece. As pessoas ainda não são éticas o suficiente para viverem harmoniosamente uns com os outros. Grande parte da população brasileira se defronta com o racismo e a discriminação enraizada na mente de muitas pessoas que rejeita o seu semelhante, fazendo com que o mesmo perca a autoestima gerando um mal estar que repercute significativamente no seu desenvolvimento escolar, cultural e profissional. Essa discriminação recai mais sobre a raça negra.

Se consultarmos a constituição brasileira em seu artigo 5º está explícita que a prática do racismo é crime inafiançável e imprescritível, sujeito a pena de reclusão, nos termos da lei. Na sociedade brasileira esses crimes são comuns e sem punição, muitas vezes o que justifica a prática do racismo, discriminação ou qualquer tipo de crime é a falta de conhecimento da lei. Como afirma o mestre Paulo Freire, (1996):

“(...) não me venha com justificativas genéricas, sociológicas, históricas ou filosóficas para explicar a superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados. Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar”. (p.60).

Nesse sentido os valores éticos e as virtudes se forem dialogados com os estudantes como um instrumento de aprendizagem e conhecimento, aumenta a possibilidade de se construir uma sociedade ética que conheça e respeite as diferenças, sem que seja necessariamente obrigado por lei, mas pelo bom senso, pelo modo de agir dos seres humanos diante das diversas situações do cotidiano.

5.3.13 - Formação Discursiva FD - A família e suas tradições culturais

A maior parte das tradições culturais vivenciadas nas famílias são heranças passadas de geração para geração, observaremos no quadro a seguir os depoimentos dos/as estudantes a respeito da preservação dessas culturas no seio familiar.

QUADRO 32 – Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD “A família e suas tradições culturais”.

FD -A família e suas tradições culturais	
Identificação do Aluno	Excerto de depoimento (ED)
A “1”	“São praticadas algumas atividades, mas de forma involuntária, por exemplo: gostamos da feijoada, do mungunzá, da tapioca”.
A “2”	“Até que na prática, acontece, mas não se fala que é uma herança da cultura negra, exemplo a minha família preserva a dança, a culinária e os remédios caseiros, mas não é falado que é uma herança da cultura negra”.
A “3”	“São sim. Cigana mulher não pode se casar com homens que não sejam ciganos, só pode casar virgem e não podemos nos relacionar com pessoas que não sejam ciganos. Amizade também não, eles não deixam ter amizade com meninos só com meninas. O homem pode casar com quem ele queira nem que não seja cigano homem da nossa cultura pode só não as mulheres. Eu não aceito, mas tento seguir”.
A “4”	“(…) Acampamos em tendas, não precisamos de móveis, usamos os cavalos para as viagens, o violão para tocar umas modas anoite, a fogueira que é acesa perto da tenda, muitos ainda usam dente de ouro para dar sorte e proteger os dentes das cáries, tem uns que preservam o cabelo grande, pulseiras e correntes no pescoço. Usamos muito o sistema de troca, tem algumas mulheres da minha cultura que leem a mão das pessoas e passam as mensagens enviadas por espíritos das identidades, as mulheres ciganas são protegidas pelo pai quando solteira e quando casam são protegidas pelos seus maridos e tem que se casar virgem”.
A “6”	“Depois que saímos da aldeia agente perdeu um pouco os nossos costumes, agente não participa mais de nada da nossa cultura, a única coisa que temos é a carteirinha de índio que serve para algumas prioridades que são para os índios como desconto nos ônibus, etc”.

Fonte: entrevista realizada em (2015)

Preservar as referências culturais dos povos brasileiros nos dias atuais não é fácil, pois existe muita influência da cultura dominante no meio social, mesmo assim ainda existem muitas famílias que preservam suas culturas como afirmam os estudantes em seus depoimentos. Percebemos que na cultura cigana muitos costumes são preservados, mesmo que sejam visto com preconceito pela sociedade não cigana, o importante para eles é que suas tradições não percam a pureza. Por exemplo, a mulher deve casar-se com somente com o homem cigano, mas o homem pode casar-se com uma mulher não cigana, o que torna inevitável a mesclagem entre as raças e as modificações nos hábitos e costumes do povo cigano. As práticas ligadas ao sobrenatural como leitura de mão, cartomância e outros diferentes hábitos da vida cigana são muito discriminado pela sociedade principalmente pelas igrejas.

Em relação aos povos indígenas, que são os fundadores das raízes culturais do Brasil, observamos que as famílias dos alunos/as entrevistados/ as procuram manter suas tradições, porém só enquanto vivem na aldeia, como afirma o **A6** “Depois que saímos da aldeia agente perdeu um pouco os nossos costumes, agente não participa mais de nada da nossa cultura, a única coisa que temos é a carteirinha de índio que serve para algumas prioridades que são para os índios como desconto nos ônibus, etc.”

A cultura negra segundo os/as estudantes entrevistados, não se distingue muito dos costumes dos brancos, pois os mesmos praticam muitos costumes herdados da cultura negra, como afirma o **A2** “Até que na prática, acontece, mas não se fala que é uma herança da cultura negra, exemplo a minha família preserva a dança, a culinária e os remédios caseiros, mas não é falado que é uma herança da cultura negra”. Nesse sentido a cultura do negro hoje é também a cultura do branco.

De acordo com o exposto observa-se que a família é uma instituição social, permeada por várias estruturas de classe social, crenças e valores que vem sofrendo grandes transformações com o surgimento de novos modelos de família, o que dificulta a sustentação de suas características culturais diante de uma sociedade multicultural. Essas modificações têm abalado a estruturação dos padrões da família versus sociedade, como afirma: Ackerman, (1986):

“(...) Seres humanos e relações humanas foram lançados em um estado de turbulência, enquanto a máquina cresce muito, à frente da sabedoria do homem sobre si mesmo. A redução do espaço e a intimidade forçada entre as pessoas vivendo em culturas em conflito exigem um novo entendimento,

uma nova visão das relações do homem com o homem e do homem com a sociedade (p. 17).

Mesmo sendo diversos, os modelos de família cada uma possui sua própria identidade, não importa se é apenas um agrupamento de pessoas, mas é considerada uma instituição que busca proteger seus valores para que os mesmos não se percam na diversidade do mundo moderno.

5.3.14- Formação Discursiva FD-A relação da família com grupos sociais de diferentes tradições.

QUADRO 33– Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD“A relação da família com grupos sociais de diferentes tradições”.

FD -A relação da família com grupos sociais de diferentes tradições	
Identificação do Aluno	Excerto de depoimento (ED)
A “1”	“Tenho a liberdade de conviver com aqueles que tem os mesmos princípios e valores que eu tenho independente da cor, origem ou nacionalidade”.
A “2”	“Por parte de mãinha não, ela não se importa se eu andar com quem quiser, mas meu pai, ele escolhe as minhas amizades”.
A “ 3”	“Não deixam eu me relacionar com meninos de outros grupos e não deixam eu sair para os cantos, não deixam eu me socializar (...)”.
A “4”	“Eles não permitem que agente fale das nossas tradições para os gajôs, tem muitas coisas que não pode falar para quem não é cigano. Agora já podemos usar as coisas que os gajos usam como roupas, o corte do cabelo, os sapatos, eu acho bom por que assim não me pareço muito com cigano, muitos nem sabem, só na escola que todo mundo sabe, acho que a minha fala que é diferente”.
A “5”	“Tenho muitos amigos que não são da nossa cultura, mas assim se tiver uma pessoa que não seja da nossa cultura quiser um emprego na área indígena, ai eu já não concordo com isso, não pode, também não pode participar de rituais da cultura indígena se não for índio só quem é da cultura é quem pode”.
A “6”	“(…) não moramos mais na aldeia, nossa identidade passa despercebida muita gente nem sabe que somos índios, nossa relação é bem normal, a minha família não se importa se convivemos com outras pessoas ai agente acaba seguindo os costumes, as tradições dos brancos e dos outros”.

Fonte: entrevista realizada em (2015)

A relação das famílias com os diferentes grupos culturais, nos mostra através dos discursos dos /das estudantes opiniões divergentes que é muito particular de cada cultura, na cultura negra a família do **A1** não interfere nas relações dos filhos com outros de outra raça desde que sigam os mesmos princípios. A cultura cigana se apresenta mais fechada segundo os /as estudantes como diz o **A3** “Não deixam eu me relacionar com meninos de outros grupos e não deixam eu sair para os cantos, não deixam eu me socializar (...)”, da mesma forma diz o **A4** “Eles não permitem que agente fale das nossas tradições para os gajôs, tem muitas coisas que não pode falar para quem não é cigano(...)”.

Enquanto a relação das famílias indígenas com outros grupos, observamos que é um pouco mais aberta, no sentido de que os índios podem participar dos costumes dos outros grupos, porém o não índio não pode participar dos rituais da sua cultura.

5.3.15- Formação Discursiva FD- Os valores culturais e as tradições preservadas no seio familiar.

QUADRO 34– Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD “Os valores culturais e as tradições preservadas no seio familiar”.

FD -Os valores culturais e as tradições preservadas no seio familiar.	
Identificação do Aluno	Excerto de depoimento (ED)
A “1”	“É preservado o cabelo afro, a culinária e se tratando de religião na minha família é respeitada as normas da religião que pertencemos”.
A “2”	“Os valores que são preservados são os valores morais relacionados aos bons costumes, mas não é voltada a cultura afro-brasileira que no caso é a minha cultura, na minha casa pouco se fala nisso”.
A “3”	“As danças, a fala, o jeito de falar. O jeito de andar. Não temos religião, só acreditamos em Deus”.
A “4”	“As danças, os rituais de casamento, a moça só pode se casar com alguém da mesma comunidade cigana se desobedecer é escorraçada e não carrega mais o nome de cigana é mandada embora. O homem pode se casar com uma moça não cigana, mas essa terá que virar cigana e aceitar os costumes da nossa etnia”.
A “5”	“As danças, como o toré, a corrida do umbu, tem o menino do rancho. No toré tem os praiás que são aqueles homens que ficam embaixo de um roupão de palha, tem pessoas que os chamam de encantados da nossa tradição, cada um que dança tem sua obrigação, por exemplo, um pode estar dançando ali naquele terreiro para tirar

os males que tem lá para tirar as coisas ruins. Já a corrida do umbu é assim tem que flechar o umbu. Quando uma pessoa acha o primeiro umbu nas matas tem que o entregar a uma pessoa mais velha, então essa pessoa mais velha o coloca em um lugar como uma árvore e o praia vai tentar flechar esse umbu e dar de volta o umbu a pessoa mais velha só ele pode chupar, ninguém mais pode. Para isso tem um ritual.

Com o cansanção é a mesma coisa, eles pegam os cansanções que são essas plantas que queimam a pele e arde, ficam dançando em par um homem e uma mulher fica com o cansanção dançando e segurando-o nas costas, no final ficam batendo uns nos outros, ai depois colocam-os no chão e quem quiser entrar na roda e dançar entra, quem não é índio não pode entrar só quem é índio.

O outro é um ritual que se chama menino do rancho tem que fazer com todos os meninos todos os homens, esse menino tem escolher um praiá tipo um padrinho que seja o padrinho protetor que pega o menino no braço seele for pequeno e tem uma hora, depois que dançam muito, que o menino sai correndo com um chapéu de palha na cabeça o primeiro praiá que pegar esse chapéu é que vira tipo assim o dono é o que vai proteger ele, por que o outro que já falei era para pegar ele no braço mesmo para ser um protetor para não deixar que os outros peguem o chapéu.

Na culinária indígena tem o pirão que sempre fazem quando vão dançar o Toré lá, ou outras danças, sempre fazem o pirão esse é o que mais preservam.

Na medicina tem as pessoas que pegam plantas fazem chás, ou então rezam nas pessoas que estão doentes. O homem ou mulher qualquer um dos dois podem rezar ou fazer os chás tem que ser pessoas que saibam das coisas indígenas, que tenham fé, tem que ter concentração na hora de fazer isso, é um momento muito sério não pode estar com brincadeiras, essas pessoas são chamadas de rezadeiras. E rezador, temos o Cacique e o pajé que sabe mais dessas coisas.

“Não temos mais essas preocupações vivemos iguais a todo mundo, os mesmos valores, os mesmos costumes dos outros que não são índios. Quando meu pai vai a aldeia visitar os parentes e amigos o chamam de índio desaldeado e eu também me sinto assim um índio sem aldeia”.

A “6”

Fonte: entrevista realizada em (2015)

Em se tratando da preservação dos valores culturais e das tradições preservadas pelas famílias dos/as alunos/as entrevistados/as, observamos que apesar de toda influência da cultura branca, muitos costumes e rituais ainda são preservados como vimos a fala do **A1** “É preservado o cabelo afro, a culinária e se tratando de religião na minha família é respeitada as normas da religião que pertencemos”, Já na fala do **A2**, observamos que os valores e os bons costumes são preservados independentes de serem ou não da cultura negra.

Quanto a cultura cigana, eles são mais rigorosos em relação a preservação de seus valores culturais como diz o **A4** “As danças, os rituais de casamento, a moça só pode se casar com alguém da mesma comunidade cigana se desobedecer é escorraçada e não carrega mais o nome de cigana é mandada embora. O homem pode se casar com uma moça não cigana, mas essa terá que virar cigana e aceitar os costumes da nossa etnia”.

Na cultura indígena podemos observar a diversidade de costumes e rituais que são preservados na aldeia explicitados na entrevista do **A5**: “As danças, como o toré, a corrida do umbu, tem o menino do rancho (...)”, porém esses costumes só são vivenciados dentro da aldeia, depois que o índio deixa de viver na aldeia também deixa para traz seus costumes, suas tradições culturais. Observamos o que diz o **A6** a esse respeito: “Não temos mais essas preocupações vivemos iguais a todo mundo, os mesmos valores, os mesmos costumes dos outros que não são índios. Quando meu pai vai a aldeia visitar os parentes e amigos o chamam de índio desaldeado e eu também me sinto assim um índio sem aldeia”.

5.3.16- Formação Discursiva FD-A sociabilidade dos estudantes de tradições culturais com outras culturas.

QUADRO 35– Apresentação dos ED dos estudantes, agrupados na FD “A sociabilidade dos estudantes de tradições culturais com outras culturas”.

FD -A sociabilidade dos estudantes de tradições culturais com outras culturas.	
Identificação do Aluno	Excerto de depoimento (ED)
A “1”	“(…) nunca deixei de participar nem por causa da cor da pele, nem por causa da religião, sou uma pessoa que procuro me relacionar com pessoas de vários grupos sociais, respeitando os valores e os costumes de cada um deles. Portanto faço valer que a minha cultura também seja valorizada e respeitada”.
A “2”	“Sim já deixei de participar em trabalhos em grupo na escola e eu sentir que foi por conta da minha cultura, eu me sentir excluída e sentir também que a minha cultura foi negada”.
A “3”	“Já sim em apresentação da escola por que dançavam com meninos, eles não deixam. Já gostei de um menino que não era da minha cultura, mas não deu certo por que eles (a família) não apóiam, eu não fiquei com ele não, só gostei, mas eu vi que não dava certo ai desistir”.
A “4”	“(…) Eles da escola chamam mais os meninos daqui, pensam que eles sabem mais. Ai eu me sinto excluído por que sou cigano. Muitos pensam que cigano rouba, que todo cigano é pobre e vive pedindo comida, mas meu pai trabalha vendendo e trocando produtos de artesanato tem um carro que usa para fazer as viagens de negócios”.
A “5”	“(…) sempre me chamam para participar das apresentações e se tiver alguma coisa relacionada a cultura indígena sempre me chamam para participar”.
A “6”	“(…) Apesar de já ter sofrido muito preconceito por parte dos colegas, os professores sempre me convidam para participar nas coisas que tenho habilidade em fazer (...)”.

Fonte: entrevista realizada em (2015)

Em relação a sociabilidade entre alunos de culturas diferentes observamos que essa relação é muito variada, o **A1** diz que: “(…) nunca deixei de participar nem por causa da cor da pele, nem por causa da religião, sou uma pessoa que procuro me relacionar com pessoas de vários grupos sociais, respeitando os valores e os costumes de cada um deles. Portanto faço valer que a minha cultura também seja valorizada e respeitada, porém o **A2** que pertence também a cultura negra diz que: “Sim já deixei de participar em trabalhos em grupo na escola e eu sentir que foi por conta da minha cultura, eu me sentir excluída e sentir também que a minha cultura foi negada”.

Na cultura cigana a dificuldade de socialização com os colegas e a escola hora é por conta da escola ou por conta da família do aluno que não permite a quebra de seus costumes como diz o A3 que não participa dos eventos escolares por que a menina cigana não pode dançar com o menino não cigano, já o A4 que também pertence acultura cigana diz não participar por que a escola não o convida“ (...) Ai eu me sinto excluído por que sou cigano (...)”.

A cultura indígena pelo depoimento dos/das estudantes é bem mais valorizada no espaço escolar, o que facilita a socialização com outras culturas como fala o A5 “(...) sempre me chamam para participar das apresentações e se tiver alguma coisa relacionada a cultura indígena sempre me chamam para participar”.

5.4 Mapeamento e análise documental

A análise documental é considerada um instrumento na investigação que pode elucidar os dados escolhidos com os outros instrumentos de análise dos resultados da pesquisa. Os documentos selecionados foram: Projeto Político Pedagógico; Regimento Escolar; fichas de matrículas dos alunos do 6º ao 9º ano; projetos e fotografias que contemplam atividades relacionadas às diferentes culturas trabalhadas na escola.

5.4.1(Projeto Político Pedagógico) PPP:

O elemento norteador do processo de desenvolvimento da escola, que define a identidade da mesma, quando elaborado coletivamente com o objetivo de cumprir as metas que a escola deseja alcançar. O PPP fundamenta sua apresentação na constituição de um trabalho de ressignificações das relações e experiências sócias culturais vivenciadas por todos que compõe o espaço escolar, bem como a importância da proposta da escola que está pautada no redimensionamento de suas ações em busca de uma aprendizagem significativa. “(...) além dos conteúdos culturais eleitos, as diferentes visões de mundo, os saberes pessoais e culturais que trazem os estudantes como aportes de um fazer pedagógico que possa contribuir para uma ampliada formação humana” (PPP, 2015, p 3).

Observamos dentre os objetivos explícitos no PPP que “adequar os novos conceitos e parâmetros da Educação moderna às necessidades da clientela”, reforça a necessidade de

se trabalhar na escola não apenas a matriz curricular ou o acúmulo de disciplinas, mas visa uma adequação que minimize as diferenças inclusas no contexto social, que incentive o discente a reflexão de suas ações, instigue o seu senso crítico como meio de promover a tolerância com as diferenças sem perder de vista sua individualidade.

“Sendo assim, o aluno é visto em sua totalidade, como ser capaz de crescer no meio escolar e fora dele, e o que favorece esse crescimento são um ambiente sadio que prega a igualdade de aprendizagem onde os educadores têm o papel de mediadores do conhecimento sistemático e facilitadores para a compreensão dos mesmos”. (Projeto político Pedagógico, 2015, p. 12)

Nessa adequação se consolida o que diz Candau (1998, p. 59) ao tratar da educação intercultural, que a mesma não pode ser “reduzida a algumas situações ou em atividades realizadas em momentos específicos, ou por determinadas áreas curriculares, nem focalizar sua atenção exclusivamente em determinados grupos sociais”. A educação intercultural não vislumbra a prática de elevar grupos e menosprezar outros, mas pensar numa cultura escolar que contemple os principais aspectos de seus diferentes grupos culturais com um todo, contrapondo a visão do etnocentrismo.

Ao analisarmos a justificativa do PPP, observamos que a diversidade cultural aparece como uma problemática, o que demonstra a preocupação da escola sobre essa questão, porém, as dificuldades enfrentadas pela escola na pretensão de trabalhar as diferentes culturas, são inúmeras visto que a escola encontra-se numa comunidade carente constituída por famílias que enfrentam problemas de natureza variada.

“Daí, nos deparamos com desafios a enfrentar, aparentemente complicado de curar: a influência de fatores socioeconômico, afetivo, psicológico – que muitas vezes impossibilita a aprendizagem do educando. Dessa forma, em todas as séries, os professores se deparam com carências próprias das séries e aquelas próprias das particularidades dos alunos, onde eles sentem-se desafiados a buscar novas estratégias para transformar ações ou atitudes negativas em possibilidades positivas de mudança”.(Projeto Político Pedagógico, 2015, p.5).

Diante desta análise, fica claro que existe uma preocupação da equipe escolar em trabalhar no âmbito da diversidade cultural de seus alunos, mas devido diversos fatores os quais já foram revelados pelos professores durante as entrevistas, essa prática não acontece de forma eficaz, por ser trabalhada de forma muito reduzida, só em algumas

situações, em momentos específicos, sem focar a história dos grupos culturais da comunidade ou os que perpassam pela escola.

Analisando o plano de ação da escola encontramos ações que contemplam a diversidade cultural, porém as ações foram delineadas para serem trabalhadas em determinadas datas comemorativas e não de forma constante, ou seja, só em momentos esporádicos em que se trabalham eventos culturais na escola ou na comunidade. Como podemos observar em algumas ações e objetivos descritos no PPP da escola: “Implementar atividades de arte e pintura, construir um ateliê na escola para se trabalhar com os alunos oficinas específicas, utilizando as mantas, bolsas, redes, tapetes e outros produtos produzidos na comunidade têxtil na qual a escola está localizada” (PPP, 2015)

Nesta ação observamos que há um interesse da escola em desenvolver atividades que favoreça o crescimento econômico da comunidade e a renda familiar de seus alunos através das habilidades e a criatividade dos mesmos na arte de pintura, já que fora da escola é o artesanato têxtil é a atividade econômica praticada pela maioria dos moradores da cidade. O desafio segundo os educadores é conciliar essas peculiaridades com as matrizes curriculares, ou seja, desenvolver práticas educativas que dialoguem com as necessidades socioculturais presentes na sociedade. De acordo com o conceito de cultura nos PCNs “(...) o indivíduo aprende durante sua infância conhecimentos e valores do grupo a qual pertence que mais tarde serão praticados por ele na vida adulta da maneira como cada grupo social as concebe” (Brasil, 2001, p.27). Dessa forma a escola estará trabalhando os conteúdos sistematizados da cultura acadêmica contextualizando-os com a realidade de vida de seus alunos. Como afirma Pérez Gómez (2001, p.261):

“Na aula e na escola, há de se viver uma cultura convergente com a cultura social, de modo que os conceitos e disciplinas se demonstrem instrumentos úteis para compreender, interpretar e decidir sobre os problemas da vida escolar e da vida social”.

Nessa direção a escola pensou numa forma de dar significado aos conteúdos pragmáticos contextualizando-os com a realidade econômica e social, compreendendo a necessidade da mudança de paradigma na prática cotidiana. Nesse contexto Candau(1999) trata da necessidade de aprofundar as questões entre educação e cultura, como uma necessidade cada vez maior.

“De uma concepção reducionista da cultura que privilegia as dimensões artísticas e intelectuais passa-se a uma perspectiva mais abrangente, para qual a contribuição dos antropólogos é especialmente significativa, em que a cultura é vista como estruturante profundo do cotidiano de todo o grupo social e se expressa em modos de agir, relacionar-se, interpretar e atribuir sentido, celebrar etc.” (p. 61).

Dessa forma a aprendizagem fará a diferença na vida do estudante por o mesmo se sentir agente do processo educativo, pois a escola que valoriza as habilidades artísticas de seus educandos estará compreendendo o significado simbólico do contexto educacional, numa visão mais profunda da cultura humana.

Infelizmente ao observarmos a dinâmica do dia a dia da escola constatamos que o projeto “Arte e cultura” não mais existe por o professor especialista em arte que o coordenava ter sido transferido para outra escola, mesmo assim encontramos alguns registros iconográficos do projeto extinto.

Outro objetivo que consta no PPP é “Valorizar e preservar as culturas afro-brasileira, africana e indígena e fortalecer a política de educação para a igualdade étnica racial, através de pesquisa de campo e entrevistas com pessoas da comunidade, realização de festival cultural. Preparação de álbum da cultura e identidade” (PPP, 2015).

Nessa mediação a escola propõe nessa ação, metodologias que preparem o aluno para atuar numa sociedade neoliberal onde há uma diversidade cultural presente em busca de resgatar o respeito e a compreensão da raça humana diante do contexto histórico que repleto de tensões e estereótipos racistas de desigualdades que valoriza um ser sobre o outro dependendo da sua etnia ou classe social. Diante do objetivo proposto no PPP da escola percebemos interesse da escola pela inclusão da história e da cultura afro-brasileira e indígena no seu currículo, buscando a reparação dos danos causados à identidade cultural e os seus direitos de seu povo que foram negados durante tantos anos. Mas como vimos anteriormente no depoimento dos professores somente a inclusão dessa temática no currículo escolar não basta, é preciso que haja um trabalho eficaz condizente com o que diz a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

“§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil”.(Art. 26 Lei nº 10.639/03)

Portanto, há atualmente, leis que asseguram a obrigatoriedade do ensino da cultura e história afro-brasileiras, africanas e indígenas nas escolas. A lei 10.639 que foi sancionada em 2003 e institui o ensino da cultura e história afro-brasileiras e africanas e a lei 11.645 complementa a lei 10.639 ao acrescentar o ensino da cultura e história indígenas. Ambas alteram a lei 9.394, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. De acordo com o que foi mencionado pelo P10 na FD: A relação dos professores com as novas Diretrizes Educacionais e a diversidade cultural na comunidade escolar: “Os professores procuram se relacionarem cada um a seu modo há aqueles que por conta própria e por interesse próprio buscam inovar e adequar sua metodologia a realidade de sua escola e da sua comunidade, como também existe o professor que prefere esperar que a equipe pedagógica da escola busque essas diretrizes e traga para as discussões, mas como isso não acontece fica essa enorme lacuna entre as novas diretrizes educacionais e a diversidade cultural na escola”. Observamos que a temática da cultura africana e indígena está contemplada no PPP da escola, porém não é trabalhado afincamente por não existir um diálogo sobre elas entre os professores e a equipe escolar e que se resume apenas em projetos de datas comemorativas, dia da consciência negra ou dia do índio. Como afirma o P8 na FD sobre os projetos da escola que contemplam a diversidade cultural existente. “Ainda não tem um projeto específico para determinado grupo cultural, na escola são vivenciados projetos em datas comemorativas de forma interdisciplinar onde cada professor trabalha em cada área de conhecimento”.

Outro objetivo do PPP da escola campo de estudo que vale apenas salientar é o de “Preservar as festividades juninas, realizando festa no período junino na escola com comidas típicas, atividades culturais e a participação das famílias” a esse respeito confirmamos o que foi dito pelos entrevistados nos seus depoimentos de que são comemorações culturais vivenciadas pela escola em datas específicas, nesse caso para manter a tradição da festa que foi introduzida no Brasil pelos portugueses, na época da colonização após o ano de 1500.

Observamos que essa ação da escola é verdadeiramente vivenciada pela escola como consta no PPP. Por ser uma festa junina é comemorada no mês de junho época da colheita do milho, onde também se homenageia três santos, Santo Antônio, São João e São Pedro, se vivencia uma vez por ano.

No objetivo que trata de “Preservar a cultura folclórica regional e local realizando atividades socioeducativas Danças, stands, murais, paródias, lendas, etc. com a participação de toda a comunidade escolar”, observamos que é a festa cultural mais abrangente, apesar de ser vivenciada apenas uma vez a cada ano. Nessa ação a escola trabalha com apresentações de diversas culturas locais, regionais, nacionais e internacionais. O que Pérez Gómez (2001) entende como “(...) um cruzamento de culturas que provocam tensões, aberturas, restrições e contrastes na construção de significados” (p. 12). Apesar de ser um manifesto cultural diverso, não há um trabalho de significação para a que comunidade entenda o que está sendo representado, portanto não a valoriza por que não a conhece, daí surgem tensões e conflitos entre as culturas.

Essa é a festa do ano que a escola trás para a comunidade uma vasta representação das manifestações culturais onde se destaca a presença da pluralidade que aparece como um instrumento de inclusão momentânea, insuficiente para o reconhecimento das diferenças e de produção cotidiana do conhecimento, pois é trabalhada de forma muito resumida, existe um tempo muito limitado para pesquisa, bem como as apresentações culturais. Observamos que nessa ação a escola não realiza uma pesquisa contínua de posicionamento crítico que possibilite o estudante desmistificar a cultura homogênea imposta pela escola e pela sociedade, é vista apenas como folclore. Mesmo em tempo restrito, alunos, professores e comunidade vivem momentos de integração das tradições culturais, dos valores e dos costumes que compõem a diversidade, mas insuficiente no enriquecimento dos estudantes como seres sociais, pois a escola não é democrática o suficiente para garantir uma educação multicultural sustentável, a sua prática atende prioritariamente os interesses da classe dominante. Como afirma Pérez Gómez,

(...) toda vez que tal enriquecimento do sujeito requer estruturas democráticas que favoreçam e estimulem os intercâmbios culturais mais diversificados, a reivindicação do sujeito supõe, ao mesmo tempo, a liberdade pessoal e o desenvolvimento da comunidade. (Gómez, 2001, p. 77).

Nesse contexto a escola não possui uma estrutura democrática que possibilite o cumprimento do seu papel social no sentido de modificar as aulas com autonomia para que as mesmas não tenham apenas caráter informativo, conteudista e suas ações culturais não sejam instantâneas, mas que tenha um caráter transformador que proporcione a produção do conhecimento, a reflexão, o respeito e a mudança.

5.4.2 - O regimento escolar

Ao analisarmos o regimento escolar observamos que poucos artigos contemplam a diversidade cultural. Sua construção foi alicerçada nos princípios da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e da Constituição Federal (CF). Observamos o capítulo que trata da esfera administrativa, no artigo 66 do regimento escolar consta a forma de escolha do gestor, que “Será exercida por um educador habilitado em Nível Superior e será nomeado e exonerado pelo Prefeito Municipal”. É um tipo de gestão fundada no autoritarismo, que fere os princípios democráticos e dificulta a escola de ter autonomia para vivenciar sua prática de acordo com a necessidade de seu público, pois as suas decisões e ações dependem do consentimento do prefeito e da equipe da Secretaria de Educação, o que contribui para a centralização do trabalho do diretor, pois nada adiantará o mesmo discutir com a equipe escolar questões que já foram decididas pelos órgãos superiores.

Nesse contexto analisamos o material de apoio à gestão escolar enviado pelo MEC, o programa nacional de fortalecimento dos conselhos escolares (2004), no mesmo consta que a gestão democrática da educação e escolha do diretor escolar no Brasil, é realizada de várias formas de acesso historicamente utilizadas. Entre elas destacam-se a modalidade, de livre indicação dos diretores pelos poderes públicos, que se fundamenta na prerrogativa do gestor público em indicar o diretor como um cargo de confiança da administração pública, o que fortalece a política do favoritismo. Como está explícito na cartilha do programa nacional dos conselhos escolares:

“Essa modalidade parece ter contemplado as formas mais usuais de clientelismo, na medida em que se distinguia pela política do favoritismo e da marginalização das oposições, e o papel do diretor não contava com o respaldo da comunidade escolar. Essa modalidade articulada ao conservadorismo político permitia, portanto, a transformação da escola em um espaço instrumentalizador de práticas autoritárias e mecanismo de barganhas políticas as mais diversas, evidenciando forte ingerência na

gestão escolar” (Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares 2004, p.37).

Diante disto conscientizamo-nos que a escolha de diretores é um tema ainda complexo no âmbito educacional. De acordo com o Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares (2004), o qual aponta as eleições diretas como a forma mais democrática para escolha de diretores escolares, apesar de polêmica por conta da resistência do poder público, é uma porta aberta para se trabalhar a diversidade cultural, pois permite a amplitude de práticas inovadoras e multiculturais na escola, desviando-se das vivências de práticas conservadoras e autoritárias que ainda se confunde com a autonomia das escolas públicas brasileiras onde a centralização do poder se apresenta de formas variadas.

O processo democrático para escolha de diretores contribui para uma gestão participativa onde todos da escola se sintam envolvidos e compromissados com o bom andamento da escola. A escolha parte da delimitação do colégio eleitoral restrita a uma parcela da comunidade escolar ou à sua totalidade que compreende o universo de pais, alunos, professores, técnicos e funcionários. Nesse processo de interação a escola passa a conhecer a sua comunidade, bem como as culturas que nela se cruzam.

Nessa dimensão, observamos que cada sistema de ensino define a forma de escolha do diretor. A escola que foi campo desse estudo é por indicação do poder público municipal o que resulta na quebra de ações democráticas do gestor e sua equipe, desfavorecendo o bom desempenho da gestão e de toda a comunidade escolar nas ações educativas e no compartilhamento das responsabilidades, as quais possibilitariam repensar do papel da escola em relação a convivência multiétnica, pacífica e respeitosa entre os diferentes grupos culturais desmistificando a tradição patrimonialista, autoritária e excludente caracterizado pelo poder dominante elitista. Por seguir um currículo unificado e prestar contas do que foi ensinado através dos resultados das avaliações, a escola não tem autonomia para criar um currículo que atenda as peculiaridades de seus alunos/as.

No Art.8º - do regimento consta que o ensino será ministrado com base nos princípios da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional¹ nº 9.394/96, onde garante no inciso I do regimento a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.

Dessa forma percebemos que a igualdade é vista pela escola como um princípio fundamental na convivência humana, porém o grande desafio é fazer com que o discurso vire prática. Este princípio propiciaria a equiparação dos direitos iguais do aluno que a escola acolhe. Nessa concepção não basta matricular o aluno e garantir sua permanência na escola, mas oferecer condições necessárias para que a cultura mesmo seja reconhecida, valorizada para que ele possa se sentir incluído no ambiente escolar e na sociedade onde vive. A proposta educacional que visa a igualdade de direito para todos, entra em choque quando o assunto é a cultura dos alunos. Apesar de na CF (Constituição Federal) de 1988 no seu art. 1º incisos II e III ser clara ao tratar dos fundamentos da República, da cidadania e da dignidade humana, o preconceito e a discriminação marcam presença constantes no ambiente escolar, como foi mencionado anteriormente nas respostas ao questionário com os alunos. Percebe-se que a matrícula é garantida pelo poder público e a escola, porém não há o respeito devido com a diversidade cultural, a intolerância com as diferenças uns dos outros gera a exclusão de muitos minoritários na escola.

No inciso II do referente artigo do regimento da escola trata da “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber”. Os professores enfrentam dificuldades em cumprir o que compreende essa temática por seguir um currículo que se limita a trabalhar atividades culturais apenas em datas comemorativas, o que é insuficiente para o reconhecimento da formação cultural de seus estudantes que se constituem a partir de elementos como crenças, ideias, mitos, valores, danças, festas populares, culinária entre outros que caracterizam os aspectos de uma determinada comunidade e que muitas vezes são passada de geração para geração. A escola não participa de forma intensa desse processo cultural, mesmo sabendo do seu papel na conservação desses valores, até porque o Brasil é um país miscigenado. Segundo os PCNs (1997, p. 39):

¹ Lei de Diretrizes e Bases Nacionais nº 9.394/96, Art. 14. Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I - participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;
II - participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

“Para os alunos, o tema da Pluralidade Cultural oferece oportunidades de conhecimento de suas origens como brasileiro e como participante de grupos culturais específicos. Ao valorizar as diversas culturas que estão presentes no Brasil, propicia ao aluno a compreensão de seu próprio valor, promovendo sua autoestima como ser humano pleno de dignidade, cooperando na formação de autodefesas a expectativas indevidas que lhe poderiam ser prejudiciais. Por meio do convívio escolar possibilita conhecimentos e vivências que cooperam para que se apure sua percepção de injustiças e manifestações de preconceito e discriminação que recaiam sobre si mesmo, ou que venha a testemunhar — e para que desenvolva atitudes de repúdio a essas práticas”.

Nesse contexto diz Candau (1999, p. 61), “a preocupação por aprofundar nas questões concernentes às relações entre educação e cultura é cada vez maior”. Não é apenas uma concepção sobre a cultura de pequenos grupos, mas o multiculturalismo exige da escola uma visão mais atenta das peculiaridades de seus alunos.

Em relação às Diretrizes Pedagógicas da escola no Art.12incisoIII do regimento escolar reflete a valorização cultural quando aponta que, “Oportunizar a produção cultural através da valorização da cultura do aluno, da comunidade, estado e nação utilizando atividades variadas e tecnologia de ponta”.

Observamos na escola campo de estudo que a valorização da cultura do aluno e de sua comunidade é algo que está no regimento e no PPP da escola, porém não faz parte do cotidiano da escola, como também o uso de tecnologia de ponta. Apesar de existir na escola um pequeno laboratório de informática que poderia ser explorado diversos conteúdos e garantir os alunos/as o acesso ao mundo globalizado através da internet, não está funcionando com eficiência para garantir também a inclusão digital de seu público.

Ao observarmos os PCNs (2007) percebemos que os mesmos sugerem diversas formas de se trabalhar na escola a produção e a valorização cultural da comunidade onde escola está inserida. A prática da transversalidade é um dos meios que oferece informações em diversas áreas e permite a amplitude do conhecimento muito, tanto da cultura dos alunos entre si, quanto em relação as diversas origens socioculturais dos mesmos. É nessa visão que observamos vários professores trabalhando as questões culturais como tema transversal o P6, por exemplo, afirma na FD Diretrizes Educacionais a Diversidade Cultural que: “o que procuro fazer é buscar ações, metodologias que envolvam que façam com que eles estejam juntos, que eles discutam que abra oportunidade para que seja mostrado, através de exemplos trazendo os conhecimentos

científicos para a realidade, fazendo comparações mostrando o que existe em cada uma dessas culturas de acordo com aquilo que eles estãovivenciando no dia a dia”.

“Alguns aspectos presentes na escola, ligados à questão da expectativa, da estigmatização, da autoestima, da conduta na atividade educativa, com a necessária reciprocidade entre educador e educando, fazem do tema Pluralidade Cultural fim e meio”. PCNs (1997, p. 36).

Numa visão psicológica e pedagógica a intervenção didática e os procedimentos do professor em sala de aulacontribuem tanto para o fracasso quanto para o sucesso do aluno em relação ao conhecimento e a valorização cultural do mesmo e sobre sua origem. Nessa constância o P5 diz na FD Diretrizes Educacionais e a Diversidade Cultural (Lei de Diretrizes e Bases Nacionais) 9394/96, “sabemos que existe também um artigo na Constituição Federal de 1988, que trata dos valores culturais, artísticos, regionais e nacionais, como também livros didáticos que trazem textos temáticos culturais e sociais que podem ser trabalhadas como temas transversais, mas isso depende muitode cada professor”. Não é fácil para o professor desenvolver um conteúdo acerca desses temas, pela questão da sua preocupação com a aprendizagem exigida pelo sistema de ensino que estabelece os conteúdos a serem trabalhados e acompanha através de monitoramento. O que torna mais complexo a organização da escola e o desenvolvimento curricular em relação a temática da diversidade cultural na escola.

Dessa forma, a forte presença da diversidade exige da escola uma nova cultura organizacional, no sentido de reconhecer as diferentes culturas não como um problema, mas como uma riqueza cultural de conhecimentos e valores que contribuem com a aprendizagem e proporciona uma convivência saudável e harmoniosa no ambiente escolar.

Ainda de acordo com os PCNs (1997), “um dos aspectos mais complexos quanto ao atendimento adequado à criança e ao adolescente refere-se às expectativas de homogeneização” (p. 36). Sempre que o trabalho é desenvolvido numa perspectiva homogeniaacontece a discriminação de um grupo sobre outro, o que exige uma intervenção crítica do professor seja qual for a situação. Vendo por esse anglo o professor terá a oportunidade de mostrar para seus alunos os valores de suas culturas e a importância de pertencer a um país pluriétnico.

“Trata-se também de recuperar, de forma não depreciativa, conhecimentos que os grupos étnicos e sociais têm, permitindo, ainda, que se evidencie o saber emergente, aquele que está em elaboração como parte do processo social de conscientização e afirmação de identidades e singularidades”. (PCNs, 1997, p.37).

Nesse contexto, a escola de hoje é convocada a elaborar um currículo que permita aos professores a problematização crítica da realidade onde a mesma está inserida, abrindo novos horizontes para crianças e jovens de todas as raças e de todos os grupos sociais terem acesso ao saber científico e sistematizado, bem como terem oportunidade de reconhecer e discutir sobre a diversidade que forma a nação brasileira, já que por muito tempo os grupos dos desfavorecidos foram excluídos.

No capítulo II do Regimento escolar trata da organização curricular no Art.13 consta que, “Os Currículos do Ensino Fundamental, deve atender a uma Base Nacional Comum, e a uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela, assegurando a unidade da diversidade de acordo com a LDB nº9.394/96, Diretrizes, Resoluções e PCN’s”.

Percebemos que esse artigo do regimento escolar foi elaborado com base na LDB e nos PCNs, o que reconhece a importância da flexibilidade do currículo escolar como uma proposta pedagógica que pode ser construída com autonomia, mas não soberana, atende as normas comuns da Educação Nacional e as específicas do sistema de ensino Municipal, o que não impede de se trabalhar a cultura regional da e sociedade local como está previsto no art. 26 da LDB. Mais a organização do planejamento e as metodologias que são trabalhadas na escola são elaboradas por cada professor individual não existe um debate sobre as singularidades dos alunos é elaborado um planejamento para todos.

“ Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos”. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

Diante do que foi exposto anteriormente pelos professores entrevistados, a escola campo de estudo enfrenta grande dificuldade para trabalhar as temáticas da parte diversificada por falta da autonomia pedagógica, apesar de ter um PPP na escola

construído coletivamente as características regionais e culturais, são trabalhada de forma muito tímida que não surte efeito positivo na vida do aluno, devido a falta de diálogo articulado que garanta a valorização permanente da cultura local. Reportamo-nos o que diz o P1 na FD “A relação dos professores com as novas Diretrizes Educacionais e a diversidade cultural na comunidade escolar”. “As diretrizes que agente costuma receber na escola, são as Orientações Teórico-Metodológicas (OTMs) que muitas vezes, são repassadas para os professores sem esclarecimento muitas vezes num pendrive”. Reforça ainda o P2 “(...) não somos orientados diretamente para lidar com essas diversidades culturais é muito mais uma questão de percepção do professor na sua prática, (...) existe uma legislação, mas a própria escola não torna essa legislação acessível aos professores (...)”.

Nessa perspectiva nos reportamos aos PCNs que reforça a questão da flexibilidade do currículo no âmbito da pluralidade cultural.

“A amplitude do tema Pluralidade Cultural determinou a seleção dos conteúdos voltados para uma aproximação do conhecimento da realidade cultural brasileira, quanto à sua formação histórica e configuração atual. Espera-se que os conteúdos propostos sirvam de suporte para que o professor possa contemplar a abrangência solicitada pelo tema, adequando-os, ao mesmo tempo, aos objetivos e à realidade do seu trabalho, assim como às possibilidades de seus alunos”. (PCN, 1997, P.47).

Dessa forma, são importantes tanto a seleção de conteúdos como também o conhecimento do professor a respeito da pluralidade cultural existente na escola. A medida que há a identificação dos grupos culturais na escola, o ideal é que a prática pedagógica homogeneizadora deixe de ser predominante dando lugar a superação das diferenças, a partir de um planejamento flexível que permita a desconstrução e reconstrução do PPP da escola, visando incorporar ações que sejam comuns a todos, mas que as diferenças sejam reconhecidas nas suas singularidades.

No Art.74do regimento escolar o qual refere-se a parte que compete aos Professores, no inciso I estabelece: “Organizar sua prática, observando o desenvolvimento do conhecimento nas diversas áreas, as características sociais e culturais do aluno e da comunidade em que a Unidade de Ensino se insere, bem como as demandas sociais conjunturais”. Nessa ótica, o que se propõe nesse artigo não apenas para professores, mas também a escola, é que ambos devem elaborar seus, planejamentos

de acordo com as características do público que a mesma atende considerando às questões éticas, raciais e culturais. Buscando informações reais da cultura das comunidades, através de diversos meios pedagógicos inclusive utilizando a própria comunidade como dispoenos PCNs (1997). Assim será possível transformar a possibilidade de obter informações das comunidades como um fator de corresponsabilidade social nos rumos das discussões, da formação de crianças e adolescentes. Ou seja, num processo de interação todos se tornam envolvidos no que a escola propõe como o objeto de estudo no decorrer do ano letivo. Nesse contexto os estudantes passam ter o direito de manifestar suas experiências e vivências culturais, através de diálogos que contribuem significativamente no cotidiano da escola afastando o preconceito e a discriminação meio social.

“Partilhar um cotidiano onde o simples “olhar-se” permite a constatação de que são todos diferentes traz a consciência de que cada pessoa é única e, exatamente por essa singularidade, insubstituível. O simples fato de os alunos serem provenientes de diferentes famílias, diferentes origens, assim como cada professor ter, ele próprio, uma origem pessoal, e os outros auxiliares do trabalho escolar terem também, cada qual, diferentes histórias, permite desenvolver uma experiência de interação “entre diferentes”, na qual cada um aprende e cada um ensina. O convívio, aqui, é explicitação de aprendizagem a cada momento: o que um gosta e o outro não, o que um aprecia e o outro, talvez, despreze. Aprender a posicionar-se de forma a compreender a relatividade de opiniões, preferências, gostos, escolhas, é aprender o respeito ao outro”(PCN, 1997, P. 40).

O texto aponta para a importância de o professor desenvolver práticas contextualizadas com as histórias e tradições dos alunos que possibilite conhecer as diferenças de gosto, opiniões e suas diferentes culturas, para que os mesmos passem a respeitar e aceitar a cultura do outro de uma forma que contribua com a construção do conhecimento. Contudo o que observamos durante a pesquisa na escola é que grande parte dos professores enfrentam dificuldades em desenvolver uma prática multicultural pois a escola em si ainda não se organizou no sentido de cumprir o que consta no seu PPP e no seu Regimento em relação ao multiculturalismo.

Considerando a diferença como um fator inevitável nas escolas, é mister a necessidade de currículos orientados para se trabalhar com o multiculturalismo assim a escola não mais é caracterizada como sendo de caráter homogêneo, conservador e autoritário, mas uma escola aberta ao diálogo ao respeito e a igualdade. Conforme Moreira

(2001, p. 70). “(...) a urgência em se trabalharem as lacunas entre a cultura da escola e a cultura de origem dos alunos, a importância de se confrontarem as representações culturais que circulam na escola”.

Observamos no decorrer dessa pesquisa que as práticas etnocêntricas são bastante rejeitadas pelos teóricos, bem como pelos professores entrevistados, porém é uma prática ainda presente na escola devido às dificuldades que os mesmos enfrentam em trabalhar com essa temática, como afirma o “P”⁴ na FD que trata das dificuldades dos professores em trabalhar com o multiculturalismo. “Uma das maiores dificuldades é ter que contextualizar a realidade das salas de aulas, as formas de vida, as diversas culturas, os níveis de aprendizagem de nossos alunos com as diretrizes imposta pelo sistema educacional (...)”. Dessa forma observamos que existe no pensamento dos professores desta escola o desejo de mudança, de desenvolver um trabalho que contemple também os grupos minoritários na escola, porém a prática pluralista advém de uma mudança de paradigma que ainda não chegou até a mesma. Os alunos aparentemente não apresentam muito interesse pelos conteúdos que lhes são ensinados, agem passivamente diante de uma aprendizagem que não condiz com a sua realidade.

5.4.3 - Análise da ficha de requerimento de matrícula dos alunos do 6º ao 9º ano.

O requerimento de matrícula é a identificação do aluno/a que informa os seus dados pessoais, a série que estuda, se possui deficiência, a data de nascimento, o gênero, a etnia, a naturalidade, o endereço da localidade, filiação, profissão dos pais, nível de instrução, local de origem, se é do mesmo município, estado ou país ou veio de outros, a origem da escola de onde veio se é da rede Federal, estadual, municipal, ou particular, nível e modalidade de ensino de origem, a situação anterior e a atual em relação a série/ano que estuda. A ficha também é constituída por um quadro de informações gerais sobre a vida escolar do estudante, data e assinatura dos pais ou responsáveis, assinatura e o número da matrícula do chefe de secretaria e a assinatura do diretor da escola e o número da matrícula. No verso do requerimento constam quatro campos para renovação da matrícula, caso o aluno continue na escola no ano seguinte.

Diante do exposto, essa análise se fez necessária a esta pesquisa por conter no requerimento de matrícula informações importantes sobre a vida do aluno, o que abre espaço para o conhecimento de sua origem cultural. Permite a escola conhecer no ato da matrícula a procedência de seus alunos, o que favorece o pensar de um plano de trabalho pertinente a clientela que irá receber. Nesse caso bem diversificada. Na análise dos requerimentos de matrículas confirmamos a diversidade que há na escola em todos os aspectos, culturais, econômicos, de gênero, etc. Focamos na etnia para entendermos como a escola trabalha as questões multiculturais no seu cotidiano se acontece ou não a exclusão de grupos minoritários.

Nessa busca analisamos o processo da interculturalidade na escola, partindo do desejo de compreender o desenvolvimento curricular de uma prática pedagógica escolar que atenda as necessidades educacionais dos estudantes contemplando as peculiaridades culturais dos mesmos, as quais foram alavancadas a partir da análise de documentos e de depoimentos de professores/as, alunos/as durante a construção desse trabalho.

Em relação as informações constatadas no requerimento de matrícula dos alunos, observamos a importância de tais informações para a organização e reorganização curricular da escola, bem como a análise da diversidade étnica, racial, social e religiosa com quais a mesma há de conviver durante cada ano letivo, o que antecipa a oportunidade da construção de um plano de trabalho intercultural.

Nesse contexto observamos que a escola está localizada em uma comunidade produtora de artesanato têxtil, o que atrai moradores de diversas regiões do Brasil em busca de trabalho e uma melhor qualidade de vida. Portanto a mesma passou a ser receptora de diversas culturas, o que exige uma nova forma de organizar e desenvolver o seu currículo escolar. Recorremos a Candau (1998), que ao analisar as relações entre educação e interculturalidade na América Latina afirma:

“A perspectiva intercultural em educação não pode ser dissociada da problemática social e política presente em cada contexto. Relações culturais e étnicas estão permeadas por relações de poder. Daí seu caráter muitas vezes contestador, conflitivo e mesmo socialmente explosivo” (P. 49).

Nesse contexto observamos a preocupação dos professores como também o desafio que eles enfrentam desenvolver um currículo escolar numa perspectiva multicultural,

pois a política educacional adotada pela escola está enraizada ao sistema municipal de ensino que por sua vez é imposta de forma a vivenciar conteúdos já determinados, que objetiva alcançar metas de acordo com os descritores condizentes com as avaliações externas para que a escola se mantenha numa boa colocação no Índice de Desenvolvimento de Educação Básica (IDEB)². Nessa constância, a junção da falta de sensibilidade de alguns professores/as com a falta de autonomia da escola no sentido da flexibilidade do currículo só contribui para que seja ignorada e negada a cultura de grande parte do alunado, que por sua vez é membro de uma sociedade complexa multicultural de imigrantes que exige da escola o repensar na construção e no seu desenvolvimento curricular. A esse respeito afirma Sacristán:

“A relação de determinação sociedade-curriculo-cultura-prática explica que a atualidade do currículo se veja estimulada nos momentos de mudanças nos sistemas educativos, como reflexos da pressão que a instituição escolar sofre desde diversas frentes, para que adapte seus conteúdos à própria evolução cultural e econômica da sociedade”. (Sacristán, 2000, p. 20)

Nessa ótica observamos a falta de dicotomia do currículo nacional e autonomia curricular, ou seja, a escola não se organiza ou não reúne seus professores para estudarem o currículo nacional e definirem o currículo escolar. As Orientações Teóricas Metodológicas são distribuídas entre os professores e cada um ver como executa de acordo com a sua sensibilidade. De acordo com Marques(1999, p.72-73)“A autonomia curricular pode incluir apenas a adaptação do currículo aos contextos locais ou pode estender-se à criação, pelo estabelecimento de ensino, de currículos alternativos”. Dessa forma, observamos que tanto a adaptação do currículo a realidade local, quanto a criação de práticas alternativas fica a critério de cada professor.

²Ideb é o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, criado em 2007, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), formulado para medir a qualidade do aprendizado nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino. O Ideb funciona como um indicador nacional que possibilita o monitoramento da qualidade da Educação pela população por meio de dados concretos, com o qual a sociedade pode se mobilizar em busca de melhorias. Para tanto, o Ideb é calculado a partir de dois componentes: a taxa de rendimento escolar (aprovação) e as médias de desempenho nos exames aplicados pelo Inep. Os índices de aprovação são obtidos a partir do Censo Escolar, realizado anualmente. As médias de desempenho utilizadas são as da Prova Brasil, para escolas e municípios, e do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), para os estados e o País, realizados a cada dois anos. As metas estabelecidas pelo Ideb são diferenciadas para cada escola e rede de ensino, com o objetivo único de alcançar 6 pontos até 2022, média correspondente ao sistema educacional dos países desenvolvidos.

Em meio a essa problemática, expomos a resposta de uma das perguntas do questionário a qual se refere a proposta de atividades diversificadas na sala de aula que contemple aspecto referente a cultura do aluno, a maioria dos alunos afirmaram que são trabalhadas “as vezes” o que condiz com a respostas da maioria dos professores nas entrevistas, que essas atividades são trabalhadas esporadicamente em datas comemorativas.

Apesar de no PPP e no Regimento da escola existir ações que contemple a diversidade cultural dos alunos na prática não acontece de forma consistente, assim os valores culturais ficam no segundo plano, pois em primeiro lugar está o resultado do rendimento escolar, o que nem sempre é alcançado, pois ensinar ao aluno algo que ele não deseja aprender torna-se um grande desafio para os educadores que mesmo utilizando várias metodologias, não conseguem fugir da centralidade homogênea do currículo. Aumentando cada vez o grau de dificuldade de desenvolver uma educação multicultural.

Nessa perspectiva recorremos a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural da UNESCO no seu artigo 1º que trata da diversidade como um patrimônio da humanidade, a mesma se caracteriza pelos diferentes grupos que é tão importante para o convívio humano, como a diversidade biológica é para natureza. Nesse contexto a cultura é tão necessária à identidade humana como o alimento que a sustenta, podemos observar no Artigo 2º da Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural da UNESCO no que se refere ao pluralismo cultural:

“(…) As políticas que favoreçam a inclusão e a participação de todos os cidadãos garantem a coesão social, a vitalidade da sociedade civil e a paz. Definido desta maneira, o pluralismo cultural constitui a resposta política à realidade da diversidade cultural. Inseparável de um contexto democrático, o pluralismo cultural é propício aos intercâmbios culturais e ao desenvolvimento das capacidades criadoras que alimentam a vida pública”.(UNESCO, 2002, p. 3).

Nessa dimensão podemos perceber a diversidade cultural como é vista pela Declaração Universal dos direitos humanos sobre a Diversidade Cultural da UNESCO como fonte de intercâmbio comum entre a humanidade. É através da ótica da igualdade sobre a diversidade que os seres humanos tornam-se iguais nas suas diferenças, através do respeito ao direito do outro, principalmente os que são minorias no meio social. Contudo os professores e alunos vivem momentos conflitantes no seu cotidiano por não

consequirem se relacionar com o multiculturalismo que coabitam no mesmo espaço que cresce a cada dia, oriundos de diversos pontos do país.

CAPÍTULO VI
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS ATRAVÉS DA
ANÁLISE QUANTITATIVA

6 - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS ATRAVÉS DA ANÁLISE QUANTITATIVA

6.1 Apresentação e discussão dos resultados obtidos através do instrumento quantitativo

Para análise dos dados foi construído um banco no programa EPI INFO, versão 3.5.2, o qual foi exportado para o software SPSS, versão 17, onde foi realizada a análise. Para avaliar o perfil pessoal dos alunos, as atitudes dos alunos em relação as questões multiculturais e o desenvolvimento curricular realizado pelos docentes, foram calculadas as frequências percentuais e construídas as respectivas distribuições de frequência dos fatores avaliados. Na comparação das prevalências encontradas foi aplicado o teste Qui-quadrado para comparação de proporção. Todas as conclusões foram tiradas considerando o nível de significância de 5%.

Resultados

Na tabela 1 temos a distribuição do perfil pessoal dos alunos participantes da pesquisa. Através dela verifica-se que a maioria é do sexo masculino (53,4%), possui idade entre 11 a 13 anos (55,2%), estudam no período da tarde (76,7%) e a maioria são alunos do 9º ano (35,0%). Ainda, observou-se que 32,5% dos alunos participantes da pesquisa estudam no 7º ano. O teste de comparação de proporção não foi significativo para o fator gênero ($p\text{-valor} = 0,389$), indicando que embora seja encontrada uma diferença percentual do número de meninos e meninas participantes da pesquisa a prevalência de alunos do sexo masculino e do sexo feminino é semelhante. Para os fatores faixa etária, período de estudo e série o teste de comparação de proporção foi significativo ($p\text{-valor} < 0,001$ para todos os fatores), indicando que alunos da faixa etária de 11 a 13 anos, que estudam a tarde e estão no 7º ou 9º série é o perfil estatisticamente mais prevalente no estudo.

Tabela 1. Distribuição do perfil pessoal dos alunos avaliados.

Fator avaliado	N	%	p-valor ¹
Sexo			
Masculino	87	53,4	0,389
Feminino	76	46,6	
Faixa etária			
11 a 13 anos	90	55,2	<0,001
14 a 16 anos	50	30,7	
17 a 21 anos	10	6,1	
Acima de 21 anos	13	8,0	
Período			
Tarde	125	76,7	<0,001
Noite	38	23,3	
Série			
6º ano	27	16,6	<0,001
7º ano	53	32,5	
8º ano	26	16,0	
9º ano	57	35,0	

¹p-valor do teste Qui-quadrado para comparação de proporção (se p-valor < 0,05 a proporção no níveis do fator avaliado diferem significativamente).

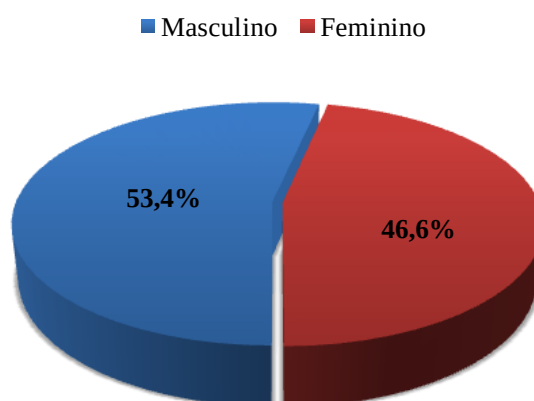


Figura 1. Distribuição dos alunos segundo o gênero.

Como observamos na figura 1 a questão de gênero não é um fator que apresenta grande discrepância entre o sexo masculino e feminino, o que favorece o desenvolvimento de um trabalho pedagógico que considere a paridade, quebrando as barreiras das diferenças entre gêneros.

Em relação a questão da paridade de gênero reportamo-nos ao resultado da pesquisa realizada pela UNICEF a qual mostra a quantidade de meninos e meninas através de um monitoramento global. O objetivo da pesquisa era buscar através de políticas públicas alcançar a igualdade de gênero na educação até 2015, com foco em garantir o acesso completo e equitativo de meninas a uma educação básica de boa qualidade, foi um trabalho realizado em vários países onde alguns atingiram a meta outros não. A proposta chegou até as escolas propondo que as mesmas desenvolvam um trabalho de paridade de gêneros onde as atividades escolares e sócios- educativas sejam vivenciadas sempre em pares.

Ao analisarmos a prática pedagógica da escola campo de estudo no que diz respeito a diversidade observamos que apesar de existir certa paridade de gênero as apresentações culturais que envolvem danças, a participação é mais do público feminino. Isso mostra que a cultura machista que (dançarina é coisa de mulher) ainda existe na sociedade contemporânea. Percebemos também que outros desafios também persistem no espaço escolar em relação ao preconceito e a discriminação de gênero, assim como mostram nas novelas e a mídia em geral a escola também é palco da diversidade sexual de gênero que forçadamente será obrigada a rever suas práticas.

“Pois, em um momento histórico em que mais se fala sobre educar para a diferença, vivemos um cenário político mundial de intolerância que se repete também no espaço da vida privada, em determinada dificuldade generalizada em nos libertarmos de formas padronizadas de concebermos nossa relação com o outro” Dinis (2008, p. 479).

Partindo do pressuposto que o gênero denota diferenciação entre masculino e feminino, podemos considerar que as características biológicas definem o sexo apenas com base pela formação de cromossomos e da genitália. Diante disto percebe-se que o sexo, não define a identidade de gênero ou orientação sexual de uma pessoa. Apesar dessa divisão biológica binária a sociedade atual nos mostra representações de gêneros que não se enquadram na categoria masculina e feminina, como os transexuais, os transgêneros. Observemos também durante a pesquisa na escola o público dos homossexuais, presentes nelaque por sua vez ainda não se preparou para lidar com esse público sem que ocorra a discriminação. Reportamo-nos ao depoimento de uma professora entrevistada quando disse que “Na minha sala tem um caso de um aluno que aparenta, como ele também já disse que

é homossexual, mas ele não se aceita, conversando com ele percebi que ele não se aceita devido ao preconceito que é vivenciado tanto na casa dele, como na escola. Os meninos o xingam, chamando-o de “veado”, que ele tem jeito de “boiola” e com isso ele acaba se fechando, acaba ficando triste(...)”, Como educadores precisamos nos aprofundarmos nesse assunto pouco discutida no âmbito educacional. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) trata da necessidade de se trabalhar na escola a sexualidade como tema transversal, segundo Altmann (2001, p. 576) “A criação do tema transversal Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) é um indício para inserção deste assunto no âmbito escolar”. Homossexualidade e a transexualidade são temas que merecem debate nas práticas escolares, por causa dos alunos/as que encaram no dia a dia o sofrimento, o medo, o preconceito a exclusão e a vergonha de não poderem viver sua verdadeira identidade.

Partindo para âmbito da legalidade percebemos que na Constituição Federal de 1988 (CF), no seu artigo 5º consta que “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, no inciso I homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição”. Por este ângulo, observamos que o respeito às diferenças não é tão somente uma questão legal, mais de princípio, de valor a sociedade sempre foi muito preconceituosa e perversa quando se trata das diferenças, a lei da igualdade foi criada justamente por conta da intolerância que gera discriminação e violência contra o outro.

Nessa perspectiva, observamos que a diferença de gênero é abordada nos PCNs como diferenças sociais e culturalmente construídas “Cabe ao professor intervir didaticamente propiciando experiências de respeito às diferenças e intercâmbio entre eles e elas”. Diz Altmann (2001, p. 583). Pois vivemos em uma sociedade onde se busca o respeito à singularidade e a tolerância à diversidade dos gêneros, a escola é o lugar propício para iniciar esse diálogo, para que as crianças aprendam desde cedo a conviver com as diferenças sexuais respeitando as pessoas independentemente da sua orientação sexual. Como afirma Dinis (2008)

“No espaço escolar, resta ao/a educador/a apenas a interpretação da necessidade ou não da inclusão do tema a partir da leitura dos objetivos, já que pode interpretá-los apenas como a necessidade de questionar as representações sociais acerca do masculino e do feminino, sem mencionar

outras práticas sexuais que sejam divergentes da norma heterossexual” (p.480).

Essa problemática não é apenas uma questão de paridade, igualdade de direito ou de aceitar profissões e ofícios de homem ou de mulher, essa desigualdade reflete no cotidiano da escola interferindo até nas escolhas profissionais dos estudantes, mesmo a televisão enfatizando as profissões de forma igualitária para homens e mulheres, muitas jovens se sentem desencorajadas e inseguras para seguir a profissão que sonhou, por conta do preconceito de gênero.

■ 11 a 13 anos ■ 14 a 16 anos ■ 17 a 21 anos ■ Acima de 21 anos

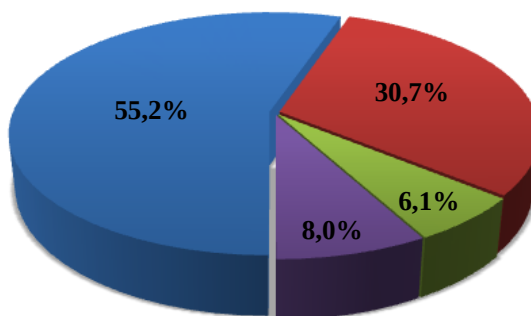


Figura 2. Distribuição dos alunos segundo a faixa etária.

Ao observar a distribuição dos alunos na figura 2 por faixa etária, percebe-se que apesar de a escola ter a maioria de seus alunos dentro da faixa etária adequada para a sua série, que um total de 55,2% cursando do 6º ao 9º ano, a mesma ainda enfrenta o desafio de ensinar a alunos que se encontram fora da faixa etária.

Ao analisarmos os três turnos que funcionam na escola campode estudo, percebemos que a distorção idade/série ainda está presente, pois ainda há um pequeno percentual de alunos/as fora da sua faixa etária. Sobre essa questão a lei 9394/96, aponta que aos seis anos de idade a criança deve ingressar no 1º ano do ensino fundamental e concluir a etapa aos 14. Na faixa etária dos 15 aos 17 anos, o jovem deve estar matriculado no ensino médio. O valor da distorção é calculado em anos e representa a defasagem entre a idade do aluno e a idade recomendada para a série que ele está cursando. O aluno é considerado em situação de distorção ou defasagem idade-série quando a diferença entre a idade do aluno e a idade prevista para a série é de dois anos ou mais.

Como expõe o gráfico anterior, a taxa de distorção idade-série atinge picos nos anos finais do segundo ciclo do ensino fundamental, pressupõe que muitos casos são por conta de as crianças chegarem a essa fase com deficiência na leitura, na escrita e nas operações matemáticas simples, impedindo-os de progredirem para a série seguinte. Porém na escolacampo de estudo outro fator mais agravante que leva a criança a cair na distorção idade/série, é a necessidade de trabalhar para ajudar na renda familiar, já que a comunidade em que a escola está inserida é polo de artesanato têxtil e possibilita atividades de fácil manuseio que qualquer criança acima dos sete anos de idade pode executá-las. Por conta disso a criança começa a faltar as aulas ou abandona a escola para voltar só no ano seguinte, percebe-se uma forte ligação do fator econômico como causa do abandono escolar que leva a distorção.

Como esse fato não é um caso isolado, mas sim uma realidade brasileira, o Ministério da Educação instituiu nas escolas o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) como medida de correção fluxo para avaliar o nível de aprendizagem dos alunos/as com o objetivo de melhorar esses índices a partir de um trabalho mais concentrado nos descritores das disciplinas principalmente de Português e Matemática. A partir desses resultados foram criadas políticas públicas para diminuir a defasagem idade-série, corrigindo o fluxo escolar para readaptar alunos/as com dois anos ou mais de repetência no ensino regular. Observamos na escola campo de estudo uma turma do programa de Aceleração, que concentra alunos em distorção idade/série. A Aceleração é também um programa de correção de fluxo criado pelo Ministério da Educação (MEC) em 1997 que visa corrigir a distorção de fluxo escolar concentrando esforços nos alunos que estão fora de sua faixa etária.

Ao observarmos o artigo 24, inciso V da Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96 constatamos que nele estabelece a verificação do rendimento escolar a partir de cinco critérios. Destacamos a Avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais e outro critério é a possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar. Tais critérios respaldam legalmente a proposta pedagógica da escola no sentido de uma intervenção para a correção de fluxo dos alunos que se atrasaram nos estudos.

Essa foi uma das realidades da escola campo dessa pesquisa, observamos também que a mesma aderiu a outro programa do Governo Federal, o Pacto Nacional pela Educação na Idade Certa – PNAIC- o qual o MEC tem investido e propôs à organização escolar em ciclos para os anos iniciais, não é necessariamente uma política educacional de correção de fluxo, mas tem contribuído bastante para a melhoria da correção idade-série e da correção do atraso escolar, é um programa que inclui avaliações anuais, formação continuada de professores e distribuição de materiais didáticos. O objetivo principal segundo o Ministério da Educação é:

“ Garantir o direito à alfabetização plena a todas as crianças até os oito anos de idade. Esse é o desafio colocado pelo Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (Pnaic), acordo implementado em 2012 entre governo federal, estados, municípios e instituições”. (pacto.mec.gov.br/acedido em 06/06/2016).

Nessa perspectiva participam do PNAIC professores das redes públicas municipais e estaduais que recebem formação continuada presencial durante dois anos com carga horária mínima de 120 horas por ano. Todo esse processo é para que as crianças sejam alfabetizadas na idade certa e diminuir o índice de distorção idade/série.

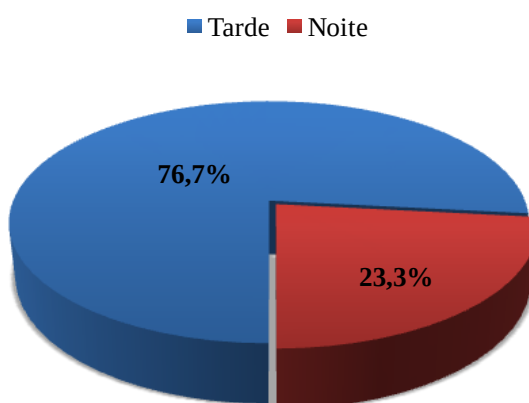


Figura 3. Distribuição dos alunos segundo o turno de estudo.

Em relação ao horário escolar observamos na figura 3 que a maioria dos alunos estudam no período da tarde por serem alunos/as de 11 a 13 anos, a lei não permite que nessa idade o aluno/a estude à noite, já nos outros grupos encontramos alunos/as fora da faixa etária que estudam à noite por que trabalham durante o dia no artesanato local.

Em relação à questão dos alunos/as com menos de 16 anos que estudam à noite segundo a gestora, o espaço físico da escola não comporta as turmas de estudantes nessa

faixa etária durante o dia. Esse fato contribuiu para que mães e pais dos alunos fizessem filas na porta da sala da diretoria com o objetivo de colocarem as crianças para estudarem a noite e terem o dia livre para trabalharem no artesanato local. Diante desse desafio que presenciamos na escola recorremos ao capítulo V da Constituição Federal (CF) que trata do direito a profissionalização e à proteção no trabalho. O Artigo 60 estabelece: “É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz”. Infelizmente o trabalho infantil também tem preenchido o campo da diversidade na escola tornando maior o desafio de educar para um público tão diversificado. A esse respeito foi criado pelo Governo Federal o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), é um programa de transferência de renda que oferece uma bolsa as famílias com crianças e adolescentes entre 7 e 15 anos, que se encontram em situação de trabalho precoce em substituição à renda obtida pelas crianças nas atividades que praticam. A partir de 2005, as atividades sócio educativas que faziam as crianças permanecerem na escola por mais tempo foi transferida para outro programa chamado “Mais Educação” que por questões burocráticas foi suspenso este ano 2016. A renda que reembolsava as famílias dos matriculados no PETI foi unificada ao cartão bolsa família destinada as pessoas de baixa renda.

Nesse contexto a cronologia do trabalho infantil no Brasil e no mundo, aponta que o mesmo é uma cultura antiga, até metade do século XIX, era visto como mão de obra familiar, uma realidade que apesar de muitas mudanças ainda persiste nos dias atuais. Na comunidade onde realizamos esta pesquisa o trabalho infantil sempre esteve presente interferindo no desenvolvimento físico, psicológico e intelectual das crianças. Sem falar que são subtraídos do direito de brincar e conviver com outras crianças. Apesar de interferências periódicas do Ministério do Trabalho e do Conselho Tutelar, nas microempresas que proporcionam as atividades artesanais, muitas famílias ainda insistem e preferem recompensa financeira imediata a investir na educação dos filhos que é um processo de investimento em longo prazo.

Sobre essa questão, Digiácomo, (2013) apresenta o Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei nº 8.069/1990, como um documento internacionalmente reconhecido e um dos mais avançados Diplomas Legais dedicados à garantia dos direitos da população infanto-juvenil. É a lei que garante na CF o cumprimento da ECA. Observamos no artigo 1º desta Lei que dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente e o Art. 2º

Considera-se criança, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. A Constituição Federal, em seu artigo 7º, proíbe no Brasil qualquer trabalho aos menores de 16 anos, salvo na condição de aprendiz, a partir dos 14 anos.

Mesmo com todo esse aparato legal o problema ainda persiste, a escolar por sua vez se depara no seu dia a dia com o grande desafio de lutar contra a evasão, por que muitos alunos abandonam os estudos por conta do trabalho, ou se dividem entre a escola e o trabalho diminuindo bastante o rendimento escolar, ficando sujeito ao abandono escolar e despreparados para o mercado de trabalho disposto a aceitar qualquer tipo de emprego contribuindo para a sustentabilidade da linha de pobreza no Brasil.

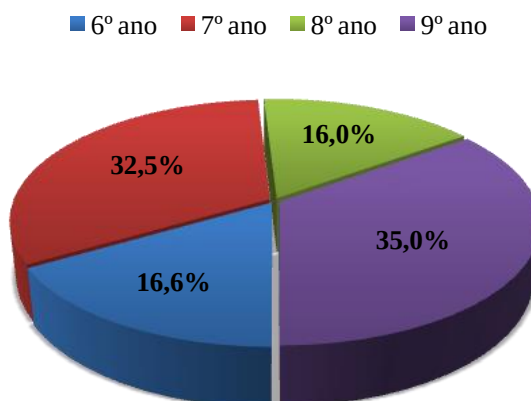


Figura 4. Distribuição dos alunos segundo a série de estudo.

Na tabela 2 temos a distribuição da percepção dos alunos acerca do preconceito religioso e a classe social que possui. Através dela verifica-se que a maioria dos alunos se sente incluída nas atividades vivenciadas na escola quando se trata de religião (80,7%). Ainda, 38,0% se considera da classe média-baixa e 31,3% dos alunos acredita ser da classe baixa. O teste de comparação de proporção foi significativo nos dois fatores avaliados (p -valor $< 0,001$ para ambos), indicando que é relevantemente maior o número de alunos que se considera inserido nas atividades da escola quando se trata de religião e que acredita ser da classe média-baixa ou baixa.

AUTORES

Tabela 2. Distribuição da percepção dos alunos acerca do preconceito religioso e a classe social que possui.

Fator avaliado	N	%	P-valor ¹
Sentimento acerca da religião			
Incluído nas atividades	130	80,7	<0,001
Excluído nas atividades	31	19,3	
Percepção acerca da classe social			
Classe alta	5	3,1	<0,001
Classe média	45	27,6	
Classe média-baixa	62	38,0	
Classe baixa	51	31,3	

¹p-valor do teste Qui-quadrado para comparação de proporção (se p-valor < 0,05 a proporção no níveis do fator avaliado diferem significativamente).

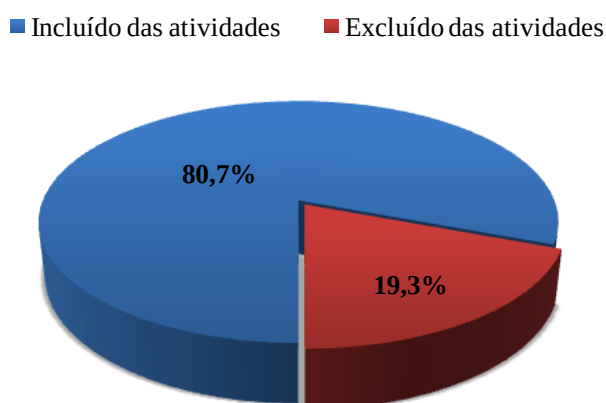


Figura 5. Distribuição dos alunos acerca da percepção sobre o acolhimento das pessoas por conta da sua religião.

Nessa perspectiva, a diversidade religiosa representada na escola por alunos/as de religiões diversas, aparentemente não se configura como um problema que atrapalhe o desenvolvimento da aprendizagem ou um problema de exclusão, porém existe um pequeno percentual de alunos/as que não se sentem incluído nas atividades escolares, ou por uma questão da doutrina fechada de sua religião que não permite participação em alguns eventos culturais ou por a escola não dar atenção aos grupos religiosos. De acordo com Rodrigues (2013, p. 24)

“O que acontece segundo alguns autores, é que os indivíduos das minorias ainda nem sempre têm liberdade para participar na vida cultural e social em igualdade com as diferentes culturas, o que por vezes, gera conflitos e revolta. No meu entender, os próprios currículos escolares ainda nem sempre estão adaptados à diversidade e inovações pedagógicas, os currículos educativos formais, que ainda existem em muitas escolas, limitam o desenvolvimento pessoal ao impor a todas as crianças o mesmo modelo cultural e intelectual sem terem em conta a diversidade de cada um”.

Os espaços escolares de hoje são formados na sua maioria por diferentes grupos culturais, os religiosos estão entre eles preenchendo o mosaico da diversidade escolar, porém o currículo que se trabalha na escola campo de estudo é ajustado a necessidade do aluno/a de acordo com a percepção do professor/a que acolhe as crianças de diversas religiões, mas nem todos se incluem nas atividades sócio-educativas vivenciadas no cotidiano da escola por a temática da religiosidade não ser contemplada oficialmente no currículo escolar, não existe um diálogo coletivo sobre essa questão que acaba se restringindo ao professor de ensino religioso que trabalha a seu modo. Como afirma o P10 na FD A relação dos professores com as novas Diretrizes Educacionais e a diversidade cultural na comunidade escolar: “Os professores procuram se relacionarem cada um a seu modo há aqueles que por conta própria e por interesse próprio buscam inovar e adequar sua metodologia a realidade de sua escola e da sua comunidade, como também existe o professor que prefere esperar que a equipe pedagógica da escola busque essas diretrizes e traga para as discussões, mas como isso não acontece fica essa enorme lacuna entre as novas diretrizes educacionais e a diversidade cultural na escola”.

Por não haver na escola um currículo que contemple esse campo, muitos subentende que o professor da disciplina de ensino religioso fica na responsabilidade de rever todas as questões relacionadas a essa temática, percebemos que a disciplina tem uma carga horária pequena de 4 horas aulas mensais que são trabalhada no contra turno da escola, são distribuídas entre vários professores com a finalidade de completar a carga horária, dos mesmos. Por ser facultativa para o aluno/a poucos/as frequentam as aulas de religião.

De acordo com o Artigo 33. Da LDB:

“O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural

religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo”. (LDB, 9.394/96).

Nesse contexto, o currículo de ensino religioso nas escolas públicas fica a critério de cada sistema de ensino nesse caso, o sistema municipal e a Secretaria de Educação regulamentariam os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso que estabeleceriam as normas para a habilitação e admissão dos professores. No que diz respeito ao conteúdo, os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso. Como consta no § 1º do artigo 33. A escola campo desse estudo recebe nenhuma orientação a esse respeito, segundo os professores, não têm um currículo que contemple os conteúdos da disciplina de ensino religioso ficando a critério de cada professor preparar seu planejamento de acordo com o que achar necessário como já foi citado anteriormente. Sobre essa questão o art. 210 da Constituição Federal, estabelece fixar conteúdos mínimos para o Ensino Fundamental, de maneira a assegurar a formação básica comum, abre espaço para que o ensino religioso, nas escolas públicas reconheça o processo de maturação da criança e do adolescente, para que ele encontre caminhos que lhe norteiem o sentido pleno da própria vida. Por os conteúdos não serem definidos na LDB, oportunizam a escola a desenvolver um currículo abrangente as diversas expressões religiosas existentes na nossa sociedade, sem ferir, reduzir ou discriminar às convicções religiosas dos grupos que nela se encontram.

De acordo com o ponto de vista de Raimundo Nonato Coelho, professor de religião e coordenador da pastoral da educação na Arquidiocese do Rio de Janeiro em uma reportagem a TV globo, que defende a prática do ensino religioso na sala de aula, para ele, "O objetivo é esclarecer a criança sobre o que é ser católico, o que é ser evangélico ou adepto das religiões africanas. Como temos muito sincretismo, a criança não sabe muito bem o que significam essas coisas. Todo mundo é tudo e não é nada, na verdade". Nessa visão a religião não deve ser trabalhada a qualquer modo para não gerar conflitos na escola, já que é um tema tão polêmico, tão particular pede-se uma neutralidade tanto da escola como do professor.

Dessa forma as diferentes manifestações religiosas, devem ser compreendidas no espaço escolar a partir da realidade sociocultural da comunidade na qual a escola está inserida, promovendo o diálogo inter-religioso, de respeito às diferenças religiosas, bem

como o respeito a democracia, a natureza e ao próximo, superando qualquer tipo de discriminação e preconceito e contribuindo para a construção plena da cidadania.

Em relação a distribuição dos alunos/as por classe social, observamos na tabela 38,0% dos alunos/as que responderam o questionário se consideram da classe média-baixa e 31,3% dos alunos acreditam ser da classe baixa o que explica a concretização da realidade da escola, quando se trata da necessidade de se trabalhar tão cedo para suprir as necessidades básicas das famílias de baixa renda.

Desta forma, observamos que as famílias de baixa renda pertencem a uma classe social presente no capitalismo moderno que se convencionou tratar como a que menos possui poder aquisitivo, bem como a que possui um padrão de vida e de consumo baixo em relação às demais camadas da população. No Brasil a classe baixa é compreendida por famílias que sobrevivem com valores abaixo de um salário mínimo. Observamos também que essa divisão das diferenças de classes sociais no espaço escolar é proveniente da divisão de classes sociais do Brasil, que segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU) é um problema que afeta grande parte dos brasileiros, mesmo havendo resultados como os da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD – 2011) na avaliação do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), apontem para a diminuição, o Brasil ainda continua como o oitavo país com o maior índice de desigualdade social e econômica do mundo, mesmo estando entre os dez países com o PIB (Produto Interno Bruto) mais alto do mundo.

Deste modo observamos que a desigualdade social e econômica presentes na escola campo desse estudo é consequência da má distribuição de renda no Brasil. As famílias que se veem em situação de pobreza migram para cidades que oferecem algum tipo de serviço que possa melhorar a qualidade de vida.

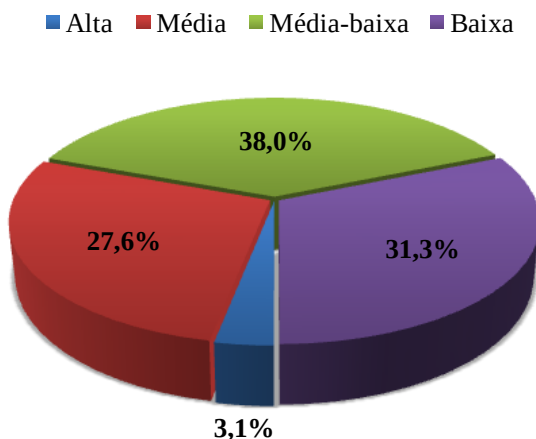


Figura 6. Distribuição dos alunos segundo auto-percepção da classe social.

Na tabela 3 temos a distribuição de freqüência das atividades desenvolvidas e situações vividas em sala de aula. Através dela verifica-se que a atividade ou situação mais vivida pelos alunos (sempre/quase sempre) são as situações de preconceito ou discriminação entre os alunos (52,2%), seguido da realização de projetos e atividades que viabilizem o contato com diferentes tipos de realidade, valores, ambientes e pensamento (36,2%) e atividade diversificada na sala de aula que contempla aspecto referente a sua cultura (25,1%).

AUTORES

Tabela 3. Frequência das atividades desenvolvidas e situações vividas em sala de aula.

Atividades desenvolvidas e situações vividas em salas de aula	Frequência				p-valor
	Sempre	Quase Sempre	Às vezes	Nunca	
Q6 - Atividade diversificada na sala de aula que contempla aspecto referente a sua cultura	15 (9,1%)	26 (16,0%)	102 (62,6%)	20 (12,3%)	<0,001
Q9 - Curiosidade dos docente em saber sua história de vida	22 (13,5%)	16 (9,8%)	90 (55,2%)	35 (21,5%)	<0,001
Q10 - Situações de preconceito ou discriminação entre os alunos	51 (31,3%)	34 (20,9%)	61 (37,4%)	17 (10,4%)	<0,001
Q11 - Situações de preconceito ou discriminação de professor com alunos	4 (2,4%)	7 (4,3%)	42 (25,8%)	110 (67,5%)	<0,001
Q12 - Sofreu algum preconceito ou discriminação	21 (13,0%)	15 (9,2%)	79 (48,8%)	47 (29,0%)	<0,001
Q13 - Trabalho da questão racial e orientação sexual	9 (5,5%)	23 (14,1%)	106 (65,1%)	25 (15,3%)	<0,001
Q14 - Realização de projetos e atividades que viabilizem o contato com diferentes tipos de realidade, valores, ambientes e pensamento	23 (14,1%)	36 (22,1%)	97 (59,5%)	7 (4,3%)	<0,001

¹p-valor do teste Qui-quadrado para comparação de proporção (se p-valor < 0,05 a opinião dos alunos acerca da frequência difere significativamente).

AUTORES

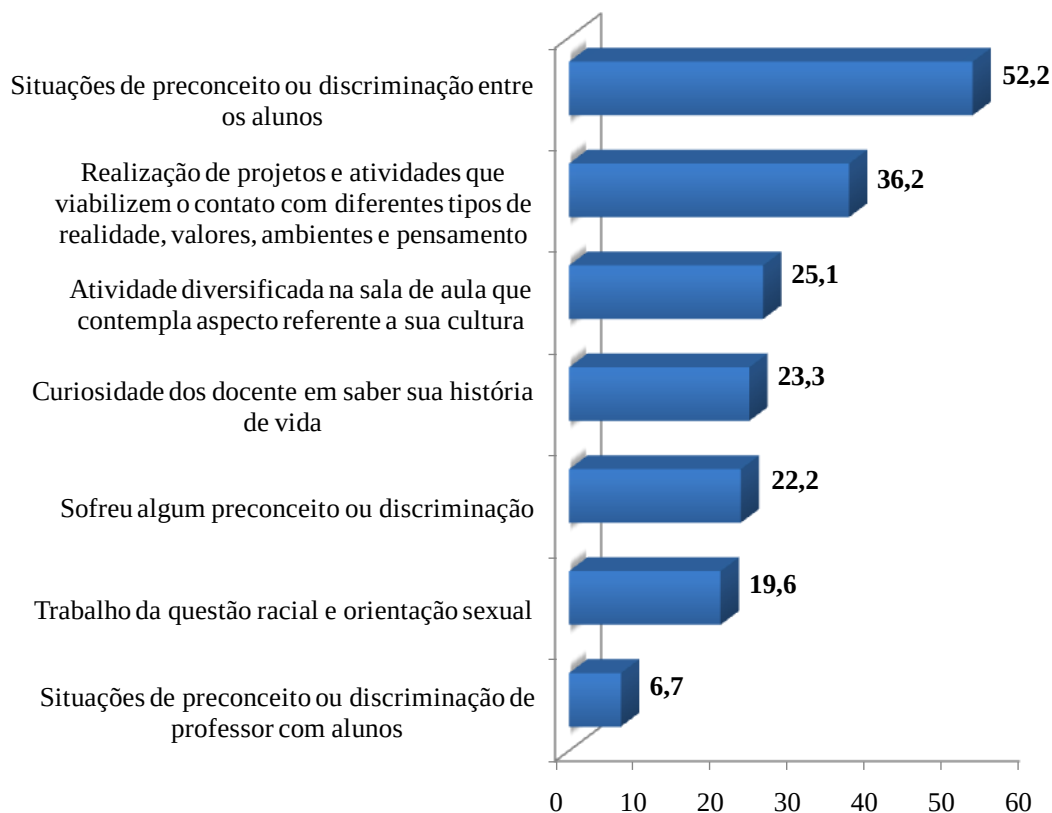


Figura 7. Prevalência das atividades sempre e quase sempre desenvolvidas e situações vividas em sala de aula.

Em relação a prevalência das atividades desenvolvidas e situações vividas em sala de aula, destacam-se as situações de preconceito ou discriminação entre os alunose alunas que correspondem a um percentual de (52,2%),que sempre ou quase sempre sofreram algum tipo de preconceito ediscriminação por colegas.

Ao analisarmos a resposta do questionário dos alunos quejá sofreram preconceitos dentro da escola, percebemos os mais diversos tipose mais diversas formas que ele se manifesta. Uma aluna negra afirmou ter sofrido preconceito por causa da corda cor da pele, o que é um fato comum nas escolas, segundo a A1 “uma colega na sala de aula falou que deixou de tomar café para não dar ousadia a negro e outra situação que passei é que o colega disse que parou de comer banana para não dar ousadia a macaco”. São expressões corriqueiras que apesar de serem mencionadas em momentos de descontração entre os estudantes, machucam a pessoa à quem são dirigidos os comentários. Diante disto os educadores se deparam frente a frente com a problemática do preconceito e discriminação

dos mais diversos tipos, consequência da diversidade cultural na escola, a qual exige dos mesmos a criação de estratégias de ensino que favoreçam a integração dos alunos/as de diferentes culturas, para isso é indispensável a flexibilidade curricular no sentido de melhorar a interação entre os grupos culturais minoritários, diminuindo as divergências e aumentando o respeito entre ambos. Esse fator instiga aos educadores a buscar novas formas de lidar com a diversidade como um princípio educativo, compreender a prática pedagógica de sala de aula com seus diversos atores sociais, culturais, econômicos e raciais.

A esse respeito afirma Lopes (2001 apud Munanga, 2005, p. 189):

“[...] a educação escolar deve ajudar professor e alunos a compreenderem que a diferença entre pessoas, povos e nações é saudável e enriquecedora; que é preciso valorizá-las para garantir a democracia que, entre outros, significa respeito pelas pessoas e nações tais como são, com suas características próprias e individualizadoras; que buscar soluções e fazê-las vigorar é uma questão de direitos humanos e cidadania”.

Dessa forma a escola tem um papel importante, não apenas em acolher o aluno/a de grupos minoritários, mas promover a integração dos mesmos não somente adaptando-os à cultura dominante, mas de incluí-lo de uma forma que suas peculiaridades sejam valorizadas e não ignoradas.

A esse respeito traremos o depoimento de um aluno cigano, A3: “Aqui mesmo nessa escola uma menina falou que cigano não era para estudar. Cigano só vive roubando, falando bem alto, querendo imitar a fala, já teve muito isso”. Percebemos o medo e a timidez do aluno ao falar da sua cultura, porque se sente inferior aos outros grupos, o que demonstra a falta de um trabalho a respeito da construção individual e coletiva das identidades, de modo que as diferenças passem a ser valorizadas, já que a escola é um local acessível a diversas culturas. Sobre essa questão, afirma Morin:

“a cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. Não sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. Assim, sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas” (2001, p. 56).

Nesse contexto, a cultura cigana faz parte das outras culturas que formam grupos minoritários, assim como os negros, os índios e outros, que convém um esclarecimento, um estudo a respeito dessa cultura com tantas tradições e histórias de seus povos. Segundo Moreira & Candau:

“A discriminação pode adquirir múltiplos rostos, referindo-se tanto a caráter étnico e caráter social, como a gênero, orientação sexual, etapas da vida, regiões geográficas de origem, características físicas e relacionadas à aparência, grupos culturais específicos (os *funkeiros*, os *nerdsetc.*). Talvez seja possível afirmar que estamos imersos em uma *cultura da discriminação*, na qual a demarcação entre “nós” e “os outros” é uma prática social permanente que se manifesta pelo não reconhecimento dos que consideramos não somente diferentes, mas, em muitos casos, “inferiores”, por diferentes características identitárias e comportamentos” (2003, p. 163).

Nesse contexto o Projeto Político Pedagógico, o currículo escolar deve subsidiar os valores éticos como princípios norteadores da construção da cidadania, da identidade, do respeito à diferença, da equidade de oportunidades para todos os grupos culturais, assim a escola contribui com uma aprendizagem significativa fortalecendo a relação entre cultura e educação.

Desta forma a escola diminuirá com as diversas formas de preconceito e discriminação que maltrata e prejudica o desenvolvimento pleno do cidadão.

6.2 - RESULTADOS E DISCUSSÕES DA ABORDAGEM QUANTITATIVA QUALITATIVA – TRIÂNGULAÇÃO DE MÉTODOS

De acordo com o desafio e a complexidade do trabalho de educar no âmbito da diversidade cultural da escola

- Triangulação da Caracterização dos grupos;
- Triangulação do Conhecimento dos professores e alunos acerca da diversidade cultural na escola;
- Triangulação do Desenvolvimento Curricular e a Metodologia utilizada pelos professores no âmbito da diversidade.
- Triangulação dos Grupos culturais distintos e o Preconceito na escola.

6.2.1 - Triangulação da Caracterização dos grupos:

Quadro 36

FONTES	QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS	ENTREVISTAS PROFESSORES	COM
Resultados obtidos			
Gênero	A maioria do sexo masculino	A maioria do sexo feminino	
Faixa etária	A partir de 11 anos distribuídos de 6º ao 9º ano	Entre 27 e 50 anos	
Tempo que exerce a função		Entre 3 e 30 anos	

Observamos que a maioria dos estudantes de 6º ao 9º ano são do sexo masculino, mas por haver uma pequena discrepância em relação ao sexo feminino, não impede o desenvolvimento de um trabalho de igualdade entre os gêneros, onde as atividades em grupos sejam vivenciadas em pares e as atividades sócio-educativas e apresentações culturais não sejam vivenciadas apenas pelo público feminino que só fortalece o preconceito e discriminação entre os gêneros, como constatamos na escola durante a pesquisa.

Em relação a idade dos estudantes 55,2 % se encontram na faixa etária entre 11 e 13 anos, estudam no período da tarde, pois não é permitido por lei que alunos/as nessa idade estude à noite. Esse grupo não apresenta distorção idade/série. Já os outros grupos apresentam distorção idade/série e a maioria estuda à noite por que durante o dia trabalham no artesanato local para ajudarem na renda familiar.

No que concerne aos professores a maioria é do sexo feminino, suas idades estão distribuídas entre 27 e 50 anos de idade e o tempo que exerce a função varia entre 3 e 30 anos.

6.2.2 - Triangulação das discussões dos alunos e professores acerca da diversidade cultural na escola.

Quadro 37

	PROFESSOR	ALUNO	DOCÊNCIA
FONTE	ENTREVISTAS COM PROFESSORES	QUESTIONÁRIO E ENTREVISTAS COM OS ALUNOS.	ANÁLISE DOCUMENTAL
Resultados obtidos			
O conhecimento dos professores e alunos acerca da diversidade cultural na escola.	A maioria dos professores afirmou que a diversidade cultural é pouco discutida e se trabalha esporadicamente em datas comemorativas.	Não há na escola projetos para se trabalhar os tipos de culturas.	Um dos objetivos do PPP é Valorizar as culturas e fortalecer a política de educação para a igualdade.
A sociabilidade dos alunos, professores acerca da diversidade cultural.	Todos os professores consideram a diversidade um fator de enriquecimento que colabora para o desenvolvimento global da criança.	A maioria dos alunos afirmou que poucos professores têm curiosidade em conhecer suas histórias de vidas e não trabalham atividades diversificadas referentes a sua cultura.	Preservar a cultura folclórica regional e local realizando atividades socioeducativas Danças, stands, murais, paródias, lendas, etc. com a participação de toda a comunidade escolar.

De acordo com o depoimento dos professores, conclui-se que a escola não tem uma rotina pedagógica que contemple a diversidade que nela se deleita, as poucas vezes que se discute sobre a temática do multiculturalismo é quando está para acontecer algum evento que requeira apresentação cultural. Comprovamos essa realidade com o resultado das respostas dos alunos nas entrevistas, quando afirmaram não perceber nenhum projeto ou atividade que contemple a sua cultura. Já no questionário dos alunos na questão sobre as atividades trabalhadas referente a sua cultura 25,1% confirmaram que essa temática é vivenciada na escola. Na análise do PPP da escola, valorizar as culturas e fortalecer a

política de educação para a igualdade é um dos objetivos principais, mas de acordo com o que observamos essa prática não acontece.

Em relação a sociabilidade dos Professores e alunos acerca da diversidade cultural os professores sinalizam as contribuições da cultura como um fator importante para uma aprendizagem sólida e significativa, desde que o multiculturalismo seja visto com múltiplos olhares para que possa gerar novas visões sobre o conhecimento, favorecendo a troca de saberes e realidades entre as crianças, que por estarem passando por uma fase de descoberta se encantarão com a cultura do outro e passarão a respeitá-la. Observamos que apesar dos professores terem uma visão positiva do multiculturalismo como um fator de enriquecimento no desenvolvimento da aprendizagem da criança, não se aplica uma metodologia que favoreça a socialização de experiências culturais no cotidiano da escola. Confrontamos esse item com as respostas dos alunos quando questionamos sobre a curiosidade dos professores em conhecer suas histórias de vidas, apenas 23,3% dos alunos responderam que existe professor preocupado em conhecer suas histórias de vidas. Ora, não se pode conhecer os tipos de culturas dos alunos/as, se não conhecer primeiro a realidade dos mesmos/as.

Durante a pesquisa observamos as dificuldades dos professores em desenvolver um trabalho multicultural, pois apesar de vivermos na era da modernidade a diversidade é vista pela sociedade como “os diferentes” que formam grupos minoritários com concepções de que algo é lhe negado. Essa concepção de poder e submissão dificulta a compreensão do verdadeiro sentido da diversidade, criando um obstáculo na tentativa da construção de um diálogo intercultural que visa igualdade de direitos. Sobre essa questão Bhabha (2007) atribui um conceito à diversidade que abre várias compreensões sobre o seu significado.

“A diversidade cultural é o reconhecimento de conteúdos e costumes culturais pré-dados; mantida em um enquadramento temporal relativista, ela dá origem a noções liberais de multiculturalismo, de intercâmbio cultural ou da cultura da humanidade”. (Bhabha, 2007, P.63).

Nesse contexto a diversidade não pode ser uma descoberta ameaçadora para os diferentes grupos sociais que separam as pessoas por classe social, gênero, raça, religião, orientação sexual e outros, mas como o reconhecimento dos diferentes estilos de vida das pessoas como uma somatória de múltiplos saberes a serem partilhados e respeitados.

Ao analisarmos o PPP observamos que existe a pretensão de preservar a cultura regional e local, mas que na prática são atividades realizadas eventualmente apenas em datas comemorativas, através de atividades socioeducativas.

Portanto observamos no primeiro item que não há discrepância entre a fala dos alunos e professores, as opiniões se convergem quando se trata do conhecimento acerca da diversidade cultural na escola em relação a sociabilidade dos alunos e professores as opiniões se divergem a maioria dos professores concordam que a diversidade é um fator de enriquecimento no desenvolvimento da aprendizagem, mas os responderam que a maioria dos professores não se interessam em conhecer suas histórias de vida. Já no PPP constam várias ações que contemplam a diversidade cultural, mas não são aplicadas no cotidiano da escola.

6.2.3 - Triangulação do desenvolvimento curricular e a metodologia utilizada pelos os professores no âmbito da diversidade cultural dos alunos

Quadro 38

	PROFESSOR	ALUNO	DOCÊNCIA
FONTE	ENTREVISTAS COM PROFESSORES	QUESTIONÁRIO E ENTREVISTAS COM OS ALUNOS	ANÁLISE DOCUMENTAL
Resultados obtidos			
Desenvolvimento curricular e a metodologia utilizada pelos os professores no âmbito da diversidade cultural dos alunos.	A maioria dos professores afirmou que o currículo já vem pronto, porém são feitas algumas adaptações pela Secretaria de Educação e pelas Orientações (OTMs) Teóricas Metodológicas. Mas não está inserido integralmente no âmbito da diversidade dos alunos.	A maioria dos alunos afirmou que a escola não realiza atividades que viabilizam o contato com diferentes culturas.	No Regimento escolar trata da organização curricular deve atender as características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia, assegurando a unidade da diversidade de acordo com a LDB nº 9.394/96.

Após a triangulação da Formação Discursiva do Desenvolvimento Curricular e as Metodologias utilizadas pelos Professores no âmbito da Diversidade Cultural de seus alunos, verificamos que o currículo escolar não é elaborado coletivamente, seus objetivos visam prioritariamente os conteúdos pragmáticos de disciplinas isoladas, dessa forma não valoriza as experiências vividas no espaço escolar, não favorece uma formação humana integral que se estenda aos valores culturais.

As metodologias utilizadas para contemplar a diversidade ficam a critério de cada professor, que na maioria não se alertaram para a importância de trabalhar uma prática pedagógica contextualizada com as diferentes culturas continuam apegados a práticas antigas e inconsistentes, que só fortalece a perspectiva de homogeneização configurada a muitos anos no espaço escolar.

Nessa dimensão percebemos a necessidade de um currículo multicultural que compreenda as identidades culturais promovendo um movimento emancipatório na aprendizagem dos estudantes que correspondam a seus aspectos políticos e sociais. Neste sentido Moreira, (2001, p.75) chama a atenção para o conhecimento que realmente deve ser ensinado nas escolas, a importância dos debates sobre as intrínsecas conexões entre o que se ensina na sala de aula e as desiguais relações de poder na sociedade. O autor ressalta também a necessidade da universidade priorizar o ensino do currículo na formação docente referenciando a teoria com a prática. Pois sabemos que os professores tem dificuldades de trabalhar com o multiculturalismo por que não foram preparados para lidar com essa realidade tão presente no espaço escolar como afirma o P7 na FD, A existência do currículo escolar e sua flexibilidade na inclusão da diversidade cultural. “Os professores não conseguem trabalhar com a cultura do aluno, por que desconhecem a cultura, não foram preparados, pois a faculdade de formação de professores não os prepara para essa diversidade, nos currículos das universidades fica uma lacuna muito grande quando se fala da diversidade cultural, a Universidade trata desse tema como data comemorativa, agente trabalha na escola pontuando, não faz parte de uma vivência cotidiana (...)”. Com a falta dessa formação para se desenvolver na escola um currículo multicultural aumenta o desafio dos professores em romper com as práticas curriculares defensoras da classe dominante que conservam os saberes numa concepção hegemônica colocando em desvantagens as minorias desprovidas de bens culturais.

6.2.4 –Triangulação sobre Preconceitose Discriminações entre alunos/as por conta de suas diferenças culturais.

Quadro 39

	PROFESSOR	ALUNO	DOCÊNCIA
FONTE	ENTREVISTAS COM PROFESSORES	QUESTIONÁRIO E ENTREVISTAS COM OS ALUNOS	ANÁLISE DOCUMENTAL
Resultados obtidos			
Preconceitose Discriminações entre alunos/aspor conta de suas diferenças culturais.	Todos os professores relataram que já presenciaram situações de preconceito e discriminação entre alunos/as dentro do espaço escolar.	A maioria 52,2% dos alunos confirma que já presenciaram situações de preconceito e discriminação entre os alunos/as.	Dentre os objetivos explícitos no PPP destacamos: adequar os novos conceitos e parâmetros da Educação moderna às necessidades da clientela.

A partir da triangulação das informações obtidas sobre as fontes apresentadas,concluímos que há uma consonância dos dados cruzados os quais confirmam a existência do preconceito e a discriminação entre alunos/as na escola. Essa questão se configura como uma problemática que exige um novo repensar da equipe escolar sobre a diversidade cultural e o respeito às diferenças. Percebemos que no PPP da escola existem objetivos que oportunizam um diálogo sobre essa temática, mas na prática não se aplica. São situações que estagnaram no discurso e no papel. Algumas situações de conflitos quando percebidas são resolvidas apenas em momentos em que ocorre o fato da agressão não existe um trabalho sólido para combater o preconceito e a discriminação. A esse respeito Carvalho afirma:

“Ao se perder de vista a dinâmica das relações entre os homens, suas contradições e dimensões conflitantes, que, em última instância, determinam as desigualdades e a exclusão social, passamos a reivindicar o direito à diferença, como se o seu reconhecimento e tratamento diferenciado pudessem ser o caminho para a inclusão social”. (Carvalho, 2010, p. 47).

Nesse contexto o papel social da escola se caracteriza pela vivência de um projeto educativo que favoreça a compreensão do significado e da construção de conceitos que têm sido empregados para dividir e discriminar indivíduos e grupos, em diferentes momentos históricos e em diferentes sociedades. Com a apropriação do conhecimento sobre os valores de cada grupo social, evitaria os conflitos entre os grupos sociais e as minorias não precisariam mais reivindicar o direito a igualdade por já se sentirem incluídos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escolhemos a temática da Diversidade Cultural, Desafios ao Desenvolvimento curricular, por perceber as dificuldades que os professores e toda a equipe escolar enfrentam no seu dia a dia para lidar com o multiculturalismo, sem fugir das normas e diretrizes educacionais impostas pelo sistema de ensino. Para tanto focalizamos em questionamentos como incluir os membros de grupos minoritários e suas histórias de vida nas atividades culturais, nos conteúdos curriculares e nas práticas escolares, como essas questões são discutidas? Como a escola cumpre eticamente com o seu papel social protegendo a figura humana e garantindo o respeito à diversidade?

Na perspectiva de melhor compreender a convivência com multiculturalismo dentro da escola contemporânea, buscamos nesta investigação um enfoque teórico sobre a Cultura da escola e suas configurações multiculturais que vem estruturando e desestruturando os espaços escolares e tem levado a escola a ser objeto de estudo dos mais diversos centros de pesquisas educacionais.

Analizamos a importância da Educação Multicultural como um fator contribuinte no processo de uma aprendizagem significativa e formação integral do ser humano, partindo das considerações da cultura organizacional da escola, do respeito às diferenças individuais, dos valores nela construídos e os desafios de se trabalhar num contexto multicultural contrapondo-se à estrutura homogênea dos valores estabelecidos pela classe dominante. Abordamos também a questão do multiculturalismo na escola e sua configuração no cenário multicultural no Brasil numa visão antropológica, desde o encontro dos europeus com os indígenas brasileiros onde já existia o etnocentrismo, as hierarquias e as discriminações entre povos.

Em relação ao desenvolvimento curricular e o multiculturalismo discurrimos uma análise do campo conceitual para a dimensão do currículo escolar dentro de uma realidade multicultural, na visão teórica de vários autores que contestam a forma que a diversidade cultural vem sendo trabalhada na escola, compondo assim, uma nova corrente histórica na educação no contexto da pluralidade cultural brasileira.

Diante das investigações realizadas acerca dos desafios de educar no âmbito da diversidade cultural e o desenvolvimento curricular na escola, observamos as influências das diversas culturas nas nuances da prática pedagógica escolar e nas inter-relações

sociais que se configuram no universo escolar face aos novos paradigmas da educação. Buscamos uma análise das concepções dos professores em relação ao conhecimento da diversidade cultural, bem como a sociabilidades dos alunos e as contribuições da cultura tanto para o desenvolvimento global da criança, como para o entendimento da ciência.

Na metodologia realizamos entrevistas com professores e alunos, aplicação de questionário com os alunos, mapeamento e análise documental, em busca de contribuições e reflexões mais consistentes para esta investigação. No entanto, a discussão em torno do conhecimento dos professores a respeito da diversidade cultural na escola, o que foi alegado por eles é que essa é uma problemática pouco discutida na escola, exceto em momentos culturais como datas comemorativas que necessita de apresentações sobre algum tema, é o momento em que alguns professores se reúnem nas aulas atividades para preparar a apresentação relacionada com a data em evidência, mas que não existe projetos para serem trabalhados no cotidiano da escola como consta no plano de ação do PPP “Valorizar e preservar as culturas afro-brasileira, africana e indígena e fortalecer a política de educação para a igualdade étnica racial, através de pesquisa de campo e entrevistas com pessoas da comunidade, realização de festival cultural. Preparação de álbum da cultura e identidade” (PPP, 2015). Sabe-se da obrigatoriedade de se trabalhar essas culturas e que elas são garantidas pelas leis 10.639/03 e a 11.645/08. Entende-se que essas temáticas devem ser trabalhadas de forma interdisciplinar, principalmente nas disciplinas de arte, história e geografia. Porém, de acordo com as respostas obtidas pelos alunos/as, os professores/as apenas falam-se superficialmente da cultura indígena e da cultura africana em suas aulas, mas sobre a existência das leis a maioria dos alunos/as não as conhece. Dessa forma, as culturas não são vistas nas suas peculiaridades como afirmou o A1 “(...) não há um trabalho voltado para a minha cultura no currículo escolar, pelo menos eu não vejo”. Assim, conclui-se que não há projetos específicos e duradouros na escola que favoreça a diversidade cultural e a valorização dos diversos grupos culturais que por ela perpassam.

Buscamos compreender a relação dos professores com as novas diretrizes educacionais e a diversidade cultural de sua comunidade, pois sabemos da importância de estudar e conhecer os documentos norteadores da prática pedagógica escolar para o bom desempenho do professor e o sucesso da escola dentro do contexto da cultura nacional. Nesse ítem a maioria dos professores afirmaram não terem acesso a essa documentação

pela escola, a não ser as Orientações Teórico Metodológicas (OTMs) que são fornecidas a cada professor por disciplina, assim cada um a seu modo elabora isoladamente seu planejamento abrindo uma enorme lacuna entre a diversidade cultural e as diretrizes educacionais. Percebemos que alguns professores preparam seus projetos para se trabalhar nos eventos culturais como feiras de conhecimento, mas que são momentâneos e poucos alunos/as participam como vimos o resultado do questionário apenas 14,1 % dos alunos percebem que sua cultura vem sendo “sempre” contemplada nos projetos e nas atividades trabalhadas na escola.

Portanto não há evidências de um trabalho pedagógico bem articulado sobre os conteúdos propostos nos documentos analisados, PPP e o Regimento escolar, bem como as diretrizes educacionais e as Leis 10.639/03 e 11.645/08 que reafirmam a importância da diversidade cultural na escola e suas contribuições na troca dos múltiplos saberes dos diversos grupos culturais que se cruzam no espaço escolar.

Nessa direção constatamos também que uma das razões para a falta de conhecimento sobre a forma de como se trabalhar o multiculturalismo na escola se justifica pela ausência de formação continuada para os professores sobre essa temática. Assim, o distanciamento que há entre os conteúdos pragmáticos que compõem o currículo escolar e a diversidade cultural, provocam as impactantes situações de preconceito e discriminação que se alastram pela escola e pela sociedade desde os tempos mais remotos. Sobre a questão do preconceito e a discriminação entre os alunos por conta de suas diferenças individuais, a maioria dos professores falaram que a escola é o local onde mais acontece a discriminação, por nela estar todos os grupos étnicos raciais, os homossexuais, os negros, índios, os ciganos, os grupos religiosos. A existência de conflitos na escola gerado por conta do preconceito e a discriminação foram explicitados nesta pesquisa tanto pelos professores entrevistados como pelos alunos. Segundo o resultado do questionário aplicado aos alunos 52,2 % dos alunos afirmaram terem sofrido preconceito por parte dos colegas. A maioria dos professores/as concordaram que frequentemente presenciam o preconceito de diversas naturezas, o que exige dos mesmos intervenções constantes que as fazem através do diálogo entre os envolvidos no momento da ocorrência. Apesar das interferências realizadas no dia a dia da escola, o preconceito é persistente e promove a criação de um novo grupo que é o dos excluídos.

Conforme Sacristán (2002, p. 119) :

“[...] não há forma de exclusão mais radical do que aquela que implica o sentimento de que uma pessoa não é importante para ninguém, é negada (como indivíduo ou como grupo), seja pela condição de ser mulher, criança, imigrante, idoso, negro, aposentado, ignorado na escola, cigano, delinquente, deficiente, mendigo ou por não falar, pensar, rezar ou querer como nós”.

Observamos que os professores/as são conscientes das novas exigências da sociedade atual, e que é mister a construção de um novo olhar sobre os valores étnicos culturais, para tanto necessita-se rever forma de se educar, derrubando as barreiras do preconceito enraizado a tanto em nossa história cultural.

Nessa lógica destacamos dois itens importantes que foram analisados nessa pesquisa: a importância do professor/a em conhecer a história de vida de seus alunos e as maiores dificuldades por eles/as enfrentadas para lidar com o multiculturalismo na sala de aula. Observamos que os professores se interessam em conhecer as histórias de vida de seus alunos, mas devido a grande quantidade de alunos que os mesmos atendem, muitos conseguem apenas ter contato com a família em reuniões de pais e mestres, outros conversam nos intervalos de aulas. Vejamos o que disse o P5 no seu depoimento: “ Numa sala de aula o mais importante não é o currículo, não são conteúdos, não são projetos, provas e mais provas, mais importante do que tudo isso, é saber o que ensinar e para quem ensinar [...]”.

Em relação às dificuldades, as mais citadas pelos professores foram: entender as diversas culturas que se encontram no espaço escolar e relacioná-las com os conteúdos, combater o preconceito, contextualizar a realidade das salas de aulas com as formas de vida dos alunos/as, as diversas culturas, os níveis de aprendizagem de nossos alunos com as diretrizes imposta pelo sistema educacional e trabalhar com os alunos especiais. Nesse contexto educar no âmbito da diversidade não é apenas conhecer as histórias de vida dos alunos/as, mas fazer com que essas histórias apareçam dentre outras histórias como afirma Glate e Oliveira (2003, p.9):

“(...) é tomar decisões sobre os saberes que serão considerados, valorizados ou transmitidos pela escola. É também decidir quanto à criação, ou não, de grupos excluídos e culturas negadas pela escola. A perspectiva multicultural

faz com que o currículo se comprometa com o ensino de qualidade e com a perspectiva de acolhimento e respeito às diversidades”.

Neste entendimento, observamos a necessidade de reconstrução e reorganização da prática educativa, diante do paradigma da cultura escolar que se apresenta nas mais diversas formas e estilos de vida que caracteriza o ser humano pela sua individualidade.

Os dados da investigação apontam as concepções dos professores que a miscigenação formada pelas diversas identidades caracterizam o cruzamento de culturas no espaço escolar e novos desafios surgem no cotidiano, o que se faz necessário um repensar da escola em relação a sistematização dos conteúdos e na organização da prática educativa. Como afirma Moreira (2008, p. 2):

“Tendo em vista que há repercussões de toda essa crise nas escolas e salas de aula em que trabalhamos, faz-se necessário precisar nossa concepção de identidade, bem como analisar de que forma as velozes modificações, que ocorrem na economia, na cultura, na política, nas relações e nas práticas do cotidiano, abalam nossa vida em comunidade, nossa vida íntima e nossa vida profissional”.

Dessa forma, consideramos a escola um espaço de interação social pertencente a um mundo globalizado onde circulam as mais diversas identidades, gerando impactos, como também emergindo uma nova cultura local.

Para concluirmos esta pesquisa analisamos a resposta da escola campo de estudo em relação ao Desenvolvimento Curricular e o Desafio de Educar no âmbito da Diversidade Cultural dos seus alunos, através da participação dos estudantes e dos professores/as, reforçando os pontos significativos da mesma, através da triangulação dos dados e cruzamento dos resultados obtidos. Através deste podemos estabelecer semelhanças e diferenças no contexto analisado, destacando as principais reflexões desenvolvidas em torno deste estudo. Questionamos os itens observados em cada etapa do trabalho, os quais foram analisados e discutidos a partir da concepção de diversos teóricos.

Perante as discussões apresentadas, frente aos diversos desafios enfrentados constatamos a dificuldade dos professores em lidar com a diversidade e criar estratégias pedagógicas adequadas para promover o sucesso educativo de todos os alunos/as, independentemente das suas identidades étnicas, sociais, culturais e religiosas. Este fator

interfere essencialmente no desenvolvimento da aprendizagem, pois para que ela seja significativa é preciso conhecer a realidade dos mesmos e contextualizar essa realidade com os saberes científicos e culturais.

Concluimos que tal estudo não se limita apenas nessa investigação, necessita de novos estudos que possam contribuir para uma educação multicultural de qualidade, que as instituições revejam suas práticas de modo a construir uma nova pedagogia que respeite o universo dos educandos, dos saberes locais e suas identidades.

Tendo em vista que esta investigação foi realizada de acordo com as determinações à ela colocadas objetivando responder os questionamentos em relação ao desafio e o papel da escola de educar seus alunos/as no âmbito da diversidade cultural, salientamos que a crescente produção teórica da temática acerca da Diversidade Cultural nos leva a perceber a necessidade de uma formação pedagógica que amplie cada vez mais os debates nos centros educacionais sobre cultura escolar, educação multicultural e desenvolvimento curricular, que seja criado novos espaços que oportunize a participação de diferentes culturas presentes no espaço escolar. Que o educador tenha sensibilidade ao lidar com essas questões em sala de aula, tenham liberdade para fazer as intervenções necessárias promovendo o desenvolvimento de uma prática alicerçada na cultura de seus educandos.

Dessa forma sugerimos que os resultados obtidos nessa amostra possam ser conduzidos ao Ministério da Educação (MEC) para que sirva de incentivo a futuras pesquisas que objetive reconhecer e qualificar essa temática como um princípio inovador às práticas educativas, partindo de formações continuadas com os profissionais da educação para a pluralidade cultural em todas as modalidades de ensino desde a educação infantil ao ensino superior. Propõe também, a sensibilização do poder público, para que as políticas públicas e políticas de governo atendam as necessidades da sociedade reconhecendo, respeitando, valorizando e conservando a diversidade cultural nela existente.

Segundo o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais em fevereiro de 2004:

“O Ministério da Educação, na perspectiva de estabelecer uma arquitetura institucional capaz de enfrentar as múltiplas dimensões da desigualdade educacional do país, criou a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). Essa Secretaria surge com o desafio de desenvolver e implementar políticas de inclusão educacional, considerando as especificidades

das desigualdades brasileiras e assegurando o respeito e valorização dos múltiplos contornos de nossa diversidade Etnicorracial, cultural, de gênero, social, ambiental e regional”. (BRASIL, 2004, p.19).

Nessa dimensão para acontecer a integração da diversidade cultural com o ideário educacional, não basta apenas a criação de uma Secretaria de Educação Continuada pelo Ministério de Educação (MEC), mas a implementação de uma nova cultura organizacional na escola, no seu currículo e nas suas práticas, que venham a desconstruir as ideias de homogeneizadoras fortalecidas pelo poder da cultura dominante e reconstruir uma nova dinâmica educacional que faça acontecer o que rege as diretrizes Educacionais.

Nesse sentido acreditamos que a valorização da formação para a educação multicultural nas universidades será de suma importância à prática docente ao desenvolver propostas de caráter emancipatório, considerando as questões relacionadas as diferenças culturais dos grupos sociais que formam a nação brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS

- Ackerman, n. w. (1986). Diagnóstico e tratamento das relações familiares. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Alarcão, I. (2001). – Escola reflexiva e nova racionalidade - Porto Alegre: Artmed-editora.
- Almeida, J. S. (1998) Mulher e Educação: a paixão pelo possível. São Paulo: UNESP.
- Altmann, H. (2001). Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Estudos feministas.
- Apple, M. W. (1989) Educação e poder. Trad. de Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bencostta, M. L. (org.)(2007).Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos. São Paulo: Cortez.
- Bento, M. A. S.(2005). Cidadania em Preto e Branco 3. ed. São Paulo: Editora Ática.
- Bhabha, H. K. (2007) O Local da cultura. Belo Horizonte: UFMG.
- Bhabha, H. K. (2010).O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG.
- Bodgan, R; Biklen, S. (1994): investigação Qualitativa em Educação. Porto Editora
- Cabral, IE; Santos, I.; Tavares, CMM. (1998) Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Canclini, N. G. (2011). Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: UNESP.
- Carvalho, E.J.G. (2010).Educação e Diversidade Cultural. In: Carvalho, E.J.G.; Faustino, R. C. (Orgs). Educação e Diversidade Cultural. Maringá, Eduem.
- Carvalho, R. E. (2002). Removendo Barreiras para a aprendizagem 4. ed. Porto Alegre: Mediação.
- Cavalleiro, E. (2005). Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 4. ed. São Paulo: Contexto.
- Cavalleiro, E. (Org.) (2001). Racismo e Anti-racismo na Educação:RepensandoNossa Escola. São Paulo. Selo Negro.
- Chervel, A.(1988). L' histoire, des disciplines scolaires. Paris: Histoire de L' educacion, n. 38.
- Cohn, A. et al.(1992). Pesquisa social em saúde. São Paulo: Cortez.

- Coll, C. Marchesi, J. e Palacios A. (2004). Desenvolvimento psicológico e educação: Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais. vol. 3. 2. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Costa, J.F. (1994). A ética e o espelho da cultura. Rio de Janeiro: Rocco.
- DINIS, N. F. (2008). Educação, relações de gênero e sexualidade. Educ. Soc., Campinas, v. 29, n. 103, p. 477-492.
- Digiácomo, M. J. (2013) - Estatuto da criança e do adolescente anotado e interpretado/ Curitiba. Ministério Público do Estado do Paraná. Centro de Apoio Operacional das Promotorias da Criança e do Adolescente,. 6ª Edição.
- Faria F. Luciano M.; Vidal, Diana et all. (2004). A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. Educação & Pesquisa, vol. 30.
- Forquin, J. C. (1992). Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. Teoria & Educação, Porto Alegre.
- Forquin, J.C. (1993). Escola e Cultura: as bases Sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Tradução Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Frago, V. A. (1995). Historia de la educación e historia cultural. Revista Brasileira de Educação, SP, nº 0, p. 63-82, set./dez.
- Frago, V. A. (2001). Currículo, Espaço e Subjetividade: A Arquitetura como Programa. Rio de Janeiro: DP&A.
- Freire, P. (1996). Pedagogia da Autonomia, saberes necessários á prática educativa. São Paulo: Paz e Terra.
- Hall, S. (2003). Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. da UFMG.
- Heloísa, L. (2011). Gestão da cultura e do Clima organizacional da escola – 2 ed. – Petrópolis, RJ; Vozes.
- Huberman, M. (1995). O ciclo de vida profissional dos professores. In: Nóvoa, Antonio (Org). Vidas de professores. Porto: Porto Editora.
- Julia, D. (2001). A cultura escolar como objeto historiográfico. Tradução: Gizele de Souza. Revista Brasileira de História da Educação, São Paulo, n. 1.
- Júlia, D. (2002). Disciplinas escolares: objetivos, ensino e apropriação. In: Lopes, A; Macedo, E. (Org.) Disciplinas e integração curricular: história e políticas. Rio de Janeiro: DP&A.
- Laville, C. & Dionne, (1999). A Construção do Saber: manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas: Tradução: Heloísa Monteiro e Francisco Settinieri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG. LUCK.

- Leite, C.(2003). Para uma Escola Curricularmente Inteligente. Porto: Edições ASA.
- Louro, G.L. (2003). Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 5. ed. Petrópolis: Vozes.
- Matos, C. M. O. [et al.](2014). Fundamentos antropológicos e sociológico: Aracaju: UNIT.
- Martins, J. & B. Maria A. V. A.(1994). Pesquisa Qualitativa em Psicologia Fundamentos e Recursos Básicos – 2. ed. – São Paulo: Moraes.
- Minayo, M.C.S. (org.).(1996). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes.
- Minayo M.C.S, Assis S.G, Souza E.R, (org.). (2005). Avaliação por Triangulação de Métodos: Abordagem de Programas Sociais. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Minayo, M.C.S. (org.).(2010). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Moreira, A. F. e Silva, T. T. (2002). Currículo, cultura e sociedade. 6. ed. São Paulo: Cortez.
- Morin, E. (2000). Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez.
- Munanga. K. (Org.).(2005). Superando o Racismo na Escola. 2. ed. rev. [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação e Diversidade.
- Munanga. K. (2000). Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia. In: Programa de Educação Sobre o Negro na Sociedade Brasileira. Niterói: EdUFF.
- Orlandi, E. P. (2007). Análise do discurso: Princípios e Procedimentos, 7ª Edição, Campinas, SP: Pontes.
- Peréz, G. A. I. A.(2001). Cultura escolar na Sociedade Neoliberal. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artimed Editora.
- Perrenoud, P. (2000). Pedagogia diferenciada: das intenções às ações. Porto Alegre: Artemed.
- Quirino, D. R. (2012). Cotidiano e Violência Simbólica: A Desconstrução do Preconceito Étnicorracial nas Escolas. Lisboa, Dissertação (Mestrado em Ciência da Educação) – Programa de Pós- Graduação em Ciência da Educação. HLHT-Lisboa. Orientação Profa. Dra. Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida.
- Revista Lusófona de Educação, (2007), 10, 63-79 Em busca do conceito de cultura escolar: Uma contribuição para as discussões actuais Milan Pol, Lenka Hloušková, Petr Novotný, Jiří Zounek. FCT
- Rodrigues, P. C. R. (2013). (Relatório) Multiculturalismo – A Diversidade Cultural na escola. Escola Superior João de Deus, Lisboa.

- Sacristán, J. G. (2000). O currículo: Uma reflexão sobre a prática, 3ª Ed. Porto Alegre: Artmed.
- Sacristán, J. G. (2002). Educar e conviver na cultura global: as exigências da cidadania. Porto Alegre: Artmed.
- Santana, G. S.(2009). Multiculturalismo: educação e miscigenação “etall” org: in Feldman– Formação de Professores e escola na contemporaneidade, ed. Senac, S.P.
- Santos, B.S. (2000). Crítica da Razão Indolente: Contra o Desperdício da Experiência. Porto Afrontamento.
- Silva, T. T.(1999). Documentos de Identidade; Uma introdução às teorias de currículo Belo Horizonte: Autêntica.
- Silva, T.T. (1993) Desconstruindo o construtivismo pedagógico. Educação &Realidade, Porto Alegre, v. 18.
- Silva, T.T. (Org.). (1994). O sujeito da educação: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes,
- Silva, T.T. (Org.). (1998).Liberdades reguladas: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu. Petrópolis: Vozes.
- Silva, T.T. (Org.). (2000).Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes.
- Silva, N. J. (2013) Relações Étnico-Raciais: um estudo sobre os impactos da lei nº 10.639/03 no cotidiano da escola. Dissertação (Mestrado em Ciência da Educação) – Programa de Pós- Graduação em Ciência da Educação. HLHT- Lisboa. Orientação Profa. Dra. Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida.
- Souza, A. L. B. (2012), Educação Escolar Indígena: uma análise da educação intercultural do povo Xukuru do Ororubá. Dissertação (Mestrado em Ciência da Educação) – Programa de Pós- Graduação em Ciência da Educação. HLHT- Lisboa. Orientação Profa. Dra. Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida.
- Souza, A.C.S. (2014) As representações sociais da escola e do docente acerca do exercício da docência masculina em séries iniciais. Dissertação (Mestrado em Ciência da Educação) – Programa de Pós- Graduação em Ciência da Educação. HLHT- Lisboa. Orientação Profa. Dra. Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida.
- Todorov, T.(2003). A conquista da América: a questão do outro. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Triviños, A. N. S.(1987). Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas.
- Turato, E.R.(2003). Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis: Vozes.

Gilvaneide Creusa dos Santos Major (2016). Discurso e Diversidade Cultural na Escola: Desafios ao Desenvolvimento Curricular.

Vidal, E. C. L. & Vieira, S. L. (2007). Ensino Fundamental: fim de um ciclo expansionista?
In: Análise da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios .

Williams, R. (1992). Cultura. Rio Janeiro; Editora Paz e Terra.

LEGISLAÇÃO

- Brasil,(2008). Diário Oficial da União, ANO CXLV, nº 48, Seção 1. Brasília: Gráfica da imprensa nacional.
- Brasil, (1996). Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº. 9.394/96.
- Brasil, (1997). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília, DF: MEC/SEF.
- Brasil, (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília. 168p.
- Brasil, (1990). Lei nº 8.069/90 – Estatuto da Criança e do Adolescente.
- Brasil, (2003). Lei nº 10.639/03 obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira".
- Brasil. (1999). Parâmetros curriculares nacionais - Adaptações Curriculares: Estratégias para a educação de alunos com necessidades educativas especiais. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação fundamental, 1999.
- Brasil. (1996). Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 8ªed., Brasília. Atualizada em 8/5/2013.
- Brasil. (1996). Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 8ªed., Brasília. Atualizada em 8/5/2013.
- Brasil, (2008). Lei nº 11.645/08 obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.
- MEC/SEESP. (2005). Educar na Diversidade. Material de Formação Docente. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial
- ONU. (1948) Declaração Universal dos Direitos Humanos.
- UNESCO, (2002). Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural.

WEBGRAFIA:

- A Lei 10.639/03 e o ensino da história e cultura afro-brasileira e ...educador.brasilecola.uol.com.br/.../lei-10639-03-ensino-historia-cultura-afro-brasilei..acedido em 22/06/2016.
- As Leis 10.639/03 e 11.645/08: um estudo de visões de professores www.webartigos.com/artigos/as-leis-10-639-03-e-11-645-08-um.../76362/ acedido em: 01/06/2016.
- Camargo.(2016). "Desigualdade social"; Brasil Escola. Disponível em brasilecola.uol.com.br/sociologia/classes-sociais.htm>. Acesso em 26 de agosto de 2016
- Currículo sem Fronteiras, v.8, n.1, pp.31-48, Jan/Jun 2008. Acedido em 01/08/2016
- Educação, relações de gênero e diversidade sexual - Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 103, p. 477-492, maio/ago. 2008 Disponível www.scielo.br/pdf/es/v29n103/09.pdfacedido em 22/03/2016
- Glate, R. & Oliveira, e.s.g. Adaptação Curricular. Disponível em: www.acessibilidade.net/at/kit2004/Programas%20CD/ATs/cnotinfor/Relatorio_Inclusiva/report_adaptacao_curricular_pt.html. Acedido em 01/07/2016
- Minayo, M.C.S. - 2011 - Sau. &Transf. Soc., ISSN 2178-7085, Florianópolis, v.1, n.3, p.02-11, 2011. 2. Pesquisa Qualitativa, Teoria e Metodologia. Importância da Avaliação Qualitativa. www.redalyc.org/pdf/2653/265319573003.pdf Acedido em: 31/05/2016.
- Minayo,M.C.S.; Sanches, O. (1993). Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 9 (3):239-262, jul./set.www.google.com.br/webhp?sourceid=chromeinstant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=pesquisa+quantitativa+minayo+2007. Acedido em: 20/05/2015.
- Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa pacto.mec.gov.br/. Acedido em: 06/06/2016.
- Paro, V. Eleições de diretores de escolas públicas: avanços e limites da prática. Acessado em 20 de fevereiro de 2010. Disponível em: pacto.mec.gov.br/component/content/article?id=articleacedido em 20/05/2015.
- Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e africana http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1852-diretrizes-curriculares-pdf&Itemid=30192. Acedido em 31/08/16.
- Revistaescola.abril.com.br/img/politicas-publicas/artigo_vitorparo.doc.acedido em28/10/2015

Gilvaneide Creusa dos Santos Major (2016). Discurso e Diversidade Cultural na Escola: Desafios ao Desenvolvimento Curricular.

Redeglobo.globo.com/globoeducacao/noticia/2012/09/obrigatoriedade-do-ensino-religioso-nas-escolas-do-pais-provoca-polemica.acedido em 12/02/2016

Santos, I.; Clos, A. C. Pesquisa quantitativa e metodologia. In. Gauthier, J.H.M. et al. Método de Pesquisa. Metodologia é o estudo dos métodos https://sistemas.riopomba.ifsudestemg.edu.br/.../955233435_Métodos%20e%20técnicas... acedido em 20/04/2016.

Vygotsky, L. S. (1991). A Formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes. Problems of general psychology. In: Rieber, R. W.; Carton, A. S. (2003). The Collected works of L. S. Vygotsky. New York: Plenum, 1987. v.1, p. 39-285. . Psicologia pedagógica. Porto Alegre: Artmed.

www.plataformadoletramento.org.br/.../pnaic-o-desafio-da-alfabetizacao-na-idade-certa...

16 de abr de 2015 - Criado em 2012, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (Pnaic)

www.webartigos.com/artigos/o-papel-da-instituicao-de-ensino-em-face-da-diversidade-cultural/10425/#ixzz4JZf4kiqc acedido em: 27/07/2016

APÊNDICES

APÊNDICE – I SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DO MODELO DE ENTREVISTA E QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE CAMPO.



Correio eletrônico enviado em 21/07/2015

Assunto: Solicitação de Autorização para a utilização de Questionário para pesquisa de campo

Ilmº: Mestre: Nanicleilson José da Silva

Sou Gilvaneide Creusa dos Santos Major, brasileira, professora do ensino fundamental e médio da rede pública no estado de Pernambuco, aluna do Mestrado em Educação da Universidade Lusófona.

Estou no momento trabalhando na minha dissertação, sob orientação da Professora Doutora Maria das Graças Ataíde, brasileira. O objetivo da minha pesquisa é Analisar a resposta de uma escola municipal da vila de Caraipeiras município de Tacaratu – PE em relação ao desafio de educar na diversidade cultural de seu público, bem como, verificar as atitudes dos alunos em relação às questões multiculturais que perpassam o universo escolar.

Pretendo realizar entrevistas com professores do ensino fundamental e aplicar um questionário com os alunos de uma instituição pública da Cidade de Tacaratu, estado de Pernambuco, Brasil. Gostaria de solicitar sua autorização para aplicar o modelo de entrevista semiestruturada, como também a técnica de questionário, mesmo será utilizado com as modificações necessárias de acordo com os objetivos da dissertação.

Desde já agradeço pela atenção.

Cordialmente,

Gilvaneide Creusa dos Santos Major

Mestranda em Ciências da Educação

Especialista em Psicopedagogia - Especialista em Administração Escolar

Professora do ensino fundamental e médio da rede municipal e estadual de Tacaratu – PE.

Resposta enviada por correio eletrônico no dia 11/09/2015:

Gilvaneide Creusa dos Santos Major (2016). Discurso e Diversidade Cultural na Escola: Desafios ao Desenvolvimento Curricular.

Boa noite, Mestranda! Muito me alegra poder contribuir com o desenvolvimento de vossa pesquisa, nesse sentido autorizo a utilização dos instrumentos de coletas de dados da minha pesquisa (desde que seja referenciada a fonte).

**APÊNDICE II – CARTA-CONVITE PARA OS PROFESSORES DA REDE
MUNICIPAL DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE TACARATU – PE.**



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestranda: Gilvaneide Creusa dos Santos Major

e-mail: sgilvaneidecreusa@yahoo.com.br

Prezado(a) Professor(a):

Sou Professora na Rede Municipal e Estadual de Ensino, mestranda em Ciências da Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias/Escola Superior de Educação Almeida Garrett. Pretendo realizar uma entrevista para uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo analisar a resposta de uma escola municipal da vila de Caraiibeiras município de Tacaratu – PE em relação ao desafio de educar na diversidade cultural de seu público. A pesquisa busca uma análise das relações entre cultura e escola incluindo os novos paradigmas da educação e a sistematização dos conteúdos que são trabalhados em sala de aula. Analisa também as implicações que a equipe escolar enfrenta para lidar com a diversidade cultural e as dificuldades dos educadores e alunos a se adaptarem a outras culturas diante das novas perspectivas da atualidade. Diante do exposto, solicito sua colaboração para realizar uma entrevista simples e individual, onde as respostas disponibilizadas permanecerão em sigilo conforme padrões éticos que regem a pesquisa científica.

Agradeço desde já sua atenção e participação.

Gilvaneide Creusa dos Santos Major – Mestranda em Ciências da Educação na Área de Especialização em Administração Escolar

End: Av: José Gonçalves nº 24 Caraiibeiras Tacaratu – PE CEP: 56480000

Fone: (87) 999987754 (Tim)

Email: . sgilvaneidecreusa@yahoo.com.br

**APÊNDICE III. GUIÃO DE ENTREVISTA, PROFESSORES DE 5º AO 9º
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**



**Guião de Entrevista
PROFESSOR(A)**

Q1. Identificação do Entrevistado:

- ☐ Idade
- ☐ Género
- ☐ Tempo de formação
- ☐ Tempo de função
- ☐ Efetivo
- ☐ Contratado

Habilitação académica

- ☐ Doutorado
- ☐ Mestrado
- ☐ Licenciatura
- ☐ Bacharelato
- ☐ Outro
- ☐ Especialização

Q2. Conhecimento acerca da diversidade cultural na escola

- Como é discutida as questões do multiculturalismo e a diversidade cultural na sua escola?
- Concorda que a diversidade cultural na escola pode ser um fator de enriquecimento no desenvolvimento global da criança? Ou considera um entrave para o crescimento da mesma?
- Na sua escola já existe essa diversidade e flexibilidade no currículo escolar tendo em vista a boa inclusão da diversidade cultural de seu público?

Q3. Desenvolvimento curricular na escola.

- O desenvolvimento curricular e a metodologia utilizada pelos os professores estão inseridos no âmbito da diversidade cultural dos alunos?
- Em que circunstância a diversidade e a flexibilidade do currículo poderão ser boas soluções para uma melhor inclusão destas crianças?

- Na sua concepção as práticas docentes poderão contribuir para ganhos ou perdas das raízes culturais de grupo minoritário que se encontra na sala de aula.

Q4. Diretrizes educacionais e a diversidade cultural

- De que modo os professores se relacionam com as novas diretrizes educacionais e a diversidade cultural de sua comunidade?
- Quais os projetos da escola em relação à diversidade cultural existente?
- Participou de ações ou de formação sobre esta temática?

Q5. Identificação de grupos culturais na escola

- Na sua experiência de sala de aula você identifica grupos de diferentes nacionalidades, culturas, etnias ou religião, na sala de aula?
- Na sua escola você identifica situações de discriminações e preconceito entre os/as alunos/as, por conta de suas diferenças culturais?
- Como você lida com as questões das diferenças culturais?
- Você conhece a história de vida de seus alunos?
- Quais suas maiores dificuldades em trabalhar com o multiculturalismo em sala de aula?

**APÊNDICE IV. CARTA-CONVITE AOS ESTUDANTES DE 6º AO 9º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA REALIZAÇÃO DE ENTREVISTA**



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestranda: Gilvaneide Creusa dos Santos Major

e-mail: sgilvaneidecreusa@yahoo.com.br

Prezado Estudante:

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo analisar a resposta de uma escola municipal da vila de Caraiibeiras município de Tacaratu – PE em relação ao desafio de educar no âmbito da diversidade cultural de seu público. A pesquisa busca uma análise das relações entre cultura e escola incluindo os novos paradigmas da educação e a sistematização dos conteúdos que são trabalhados em sala de aula, se os mesmos oferecem significados e produzem mudanças na vida do estudante. Analisa também as implicações que a equipe escolar enfrenta para lidar com a diversidade cultural e as dificuldades dos educadores e alunos a se adaptarem a outras culturas diante das novas perspectivas da atualidade. Como também verificar a atitude dos alunos em relação a convivência com diferentes grupos étnicos raciais dentro do espaço escolar.

Agradeço desde já sua atenção e participação.

Gilvaneide Creusa dos Santos Major

Mestranda em Ciências da Educação

Especialista em Psicopedagogia - Especialista em Administração Escolar

Professora do ensino fundamental e médio da rede municipal e estadual de Tacaratu – PE.

APÊNDICE V. GUIÃO DE ENTREVISTA, ESTUDANTES DE 6º AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL



DISCENTE

Q1. Identificação do Entrevistado:

Idade:

Gênero:

Etnia:

Série:

Formação educacional do pai:

Formação educacional da mãe:

Ocupação Profissional do pai:

Ocupação Profissional da mãe:

Q2. Conhecimento do aluno acerca da diversidade cultural na escola:

- Vivemos em um país multicultural onde a diversidade está em toda parte e diversas situações que envolvem as diferenças acontecem em nosso cotidiano, diante disto, fale da postura de sua escola em relação a sua cultura.
- O grupo étnico racial o qual você pertence é valorizado dentro da sua escola pelos professores, funcionários e colegas?
- Na sua escola há diferença no tratamento dos alunos por conta das questões étnicas raciais?
- Você já participou de algum projeto ou evento cultural promovido pela sua escola referente à sua cultura?
- A sua escola oferece materiais didáticos que possibilite conhecer a sua cultura?

Q3. Reação dos estudantes frente ao preconceito e a discriminação:

- Você já sofreu algum tipo de preconceito dentro e fora da escola por conta da sua etnia?
- Você percebe que os problemas e conflitos referentes ao preconceito e a discriminação que ocorrem dentro da escola são resolvidos?

- Como você acha que uma pessoa deve reagir quando sofrer algum tipo de discriminação?

Q4. A visão dos estudantes em relação ao comportamento da sociedade brasileira sob a diversidade cultural:

- Mesmo sendo o Brasil considerado o país da diversidade, você o considera um país racista?
- Na sua visão, quais situações de preconceito e discriminação mais comum na sociedade e na comunidade onde você vive?
- Como você se sente diante da sociedade brasileira em relação ao respeito pela sua cultura?

Q5. Conhecimento do discente acerca da Lei 10.639/03 e 11.645/08

- Existe no Brasil a lei 10.639/03 e a lei 11.645/08, promulgada para valorizar a história, cultura afro-brasileira e a cultura indígena, algum professor já mencionou ou trabalhou a temática da cultura afro-brasileira e a cultura indígena?
- A Lei 10.639/03 e 11.645/08 estabelecida na Constituição Federal, asseguram o direito à igualdade de condições de vida e de cidadania, assim como garantem igual direito às histórias e culturas que compõem a nação brasileira, além do direito de acesso às diferentes fontes da cultura nacional a todos, Na sua percepção, como a sociedade brasileira absolve e vivencia essas leis?

Q6. A família e suas tradições culturais

- As tradições da sua cultura são preservadas pela sua família?
- Como a sua família trata a sua relação com as pessoas de outros grupos sociais que não tem as mesmas tradições?
- Quais os valores culturais, crenças, costumes, tradições que são preservados no seio familiar?
- Você já deixou de participar de alguma apresentação ou de se relacionar com alguém por conta de suas tradições culturais e familiar?

**APÊNDICE VI. CARTA-CONVITE AOS ESTUDANTES DE 6º AO 9º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA RESPONDER QUESTIONÁRIO**



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Professora: Gilvaneide Creusa dos Santos Major
e-mail: sgilvaneidecreusa@yahoo.com.br

Prezado Aluno:

Este questionário faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo, Analisar o desafio que a escola enfrenta ao educar em face da diversidade cultural de seu público e as possíveis contradições entre a legislação e a prática do desenvolvimento curricular realizada pelos docentes, bem como, verificar as atitudes dos alunos em relação as questões multiculturais. Não há respostas corretas ou incorretas, no entanto, faz-se necessária franqueza absoluta nas respostas para que possamos obter resultados significativos.

Desde já agradeço a sua participação

Gilvaneide Creusa dos Santos Major

Professora Mestranda em Ciências da Educação
Especialista em Psicopedagogia - Especialista em Administração Escolar
Professora do ensino fundamental e médio da rede municipal e estadual de Tacaratu - PE

**APÊNDICE VII. QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ESTUDANTES DE 6º
AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA DA
REDE MUNICIPAL DE TACARATU - PE**



**QUESTIONÁRIO ADAPTADO
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

Professora: Gilvaneide Creusa dos Santos Major
e-mail: sgilvaneidecreusa@yahoo.com.br

QUESTIONÁRIO

Q1 – Faixa Etária e Idade:

- 1) () 11 - 13 anos 2) () 14 - 16 anos 3) () 17 - 21 anos 4) () Acima de 21 anos.

Idade: _____ anos

Q2 – Gênero:

- 1) () Masculino
2) () Feminino

Q3 – Período:

- 1) () Manhã 2) () Tarde 3) () Noite

Q4 _ Série que estuda?

- () 6º ano
() 7º ano
() 8º ano
() 9º ano

Q5–Em qual desses grupos étnicos raciais, sociais e culturais você se encaixa?

- () indígenas () negros () brancos () pardos
() ciganos () homossexuais () lésbicas () marginalizados
() especiais () outros

Q6 _ A escola ou algum professor trabalha atividade diversificada na sala de aula que contempla aspecto referente a sua cultura?

- () sempre
() quase sempre
() as vezes

() nunca

Q7 _ Quando se trata de religião você se sente:

() incluído nas atividades vivenciadas na escola

() excluído nas atividades vivenciadas na escola

Q8 _ Em relação a classe social econômica você se considera da:

() classe alta () classe média () classe média-baixa () classe baixa

Q9_ Você percebe se os professores procuram conhecer sua história de vida?

() sempre

() quase sempre

() as vezes

() nunca

Q10_ Na sua escola você já presenciou situações de preconceito ou discriminação entre os alunos?

() sempre

() quase sempre

() as vezes

() nunca

Q11- Na sua escola você já presenciou situações preconceito ou discriminação de professor com alunos?

() sempre

() quase sempre

() as vezes

() nunca

Q12_ Você já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação?

() sempre

() quase sempre

() as vezes

() nunca

Q13_ Na escola se trabalha a questão racial e orientação sexual?

() sempre

() quase sempre

() as vezes

() nunca

Q14_ A escola realiza projetos e atividades que viabilizam o contato com diferentes tipos de realidade, valores, ambientes e pensamento.

- ☐ sempre
- ☐ quase sempre
- ☐ as vezes
- ☐ nunca

APÊNDICE VIII. RESPOSTAS DA ENTREVISTA COM PROFESSORA DO ENSINO FUNDAMENTAL



PROFESSOR P1

Q1. Identificação do Entrevistado:

- ☐ Idade- 38 anos de idade
- ☐ Gênero - F
- ☐ Tempo de formação: 14
- ☐ Tempo de função_9 Nesta escola
- ☐ Efetivo- NÃO
- ☐ Contratado: SIM

Habilitação acadêmica

- ☐ Doutorado
- ☐ Mestrado
- ☐ Licenciatura - Letras
- ☐ Bacharelato
- ☐ Outro
- ☐ Especialização –

Q2. Conhecimento acerca da diversidade cultural na escola

- **Como é discutida as questões do multiculturalismo e a diversidade cultural na sua escola?**

R. Através de reuniões com os professores, são discutidas a partir de observações feitas em sala de aula, com questões de tradição, mas isso não é levado para sala de aula como um projeto efetivo, fica só as vezes em discussão entre os professores. Essa discussão é feita entre uma parte dos professores, ainda não é feita junto com todos gestores e professores de todos os horários ainda não.

- **Concorda que a diversidade cultural na escola pode ser um fator de enriquecimento no desenvolvimento global da criança? Ou considera um entrave para o crescimento da mesma?**

R. Concordo que é um fator de enriquecimento, por que quando você ver o seu aluno de uma forma global com os conhecimentos que ele traz, com as tradições

que ele traz, com o jeito que ele traz, fica muito melhor você entrar no mundo desse aluno e com isso conseguir um desenvolvimento melhor tanto para o seu trabalho de professor como para o aluno. A escola ainda não consegue entrar na vida do aluno, por que ela não consegue ter um trabalho direcionado para essas questões, sendo assim ela não atinge aquilo que o aluno quer que a escola veja que é ele como pessoa, como pessoa única que vem de uma família que seja diferente de todas, mas que precisa ser reconhecida e inserida nas outras.

- **Na sua escola já existe essa diversidade e flexibilidade no currículo escolar tendo em vista a boa inclusão da diversidade cultural de seu público?**

R. Existe a diversidade, mas ainda não existe uma flexibilidade no currículo, os professores em seu planejamento em sua metodologia busca contemplar isso, mais ainda existe muitas barreiras, então agente não consegue dar conta devido não ter o apoio de toda a escola tudo isso fica a mercê de cada professor.

Q3. Desenvolvimento curricular na escola.

- **O desenvolvimento curricular e a metodologia utilizada pelos os professores estão inseridos no âmbito da diversidade cultural dos alunos?**

R. Não, não estão inseridos gostaria muito que tivesse, agente fica muito nas discussões, quando acontece algum fato agente procura conscientizar os alunos resgatar alguma coisa que faça eles pensarem sobre o que aconteceu, sobre a diversidade deles em sala de aula e fora, mas ainda não existe uma metodologia clara e sistemática para ser trabalhada.

- **Em que circunstância a diversidade e a flexibilidade do currículo poderão ser boas soluções para uma melhor inclusão destas crianças?**

R. Acredito que quando a escola e seus professores começarem a olhar o seu aluno, a pensar em estratégias que vão de fato trazer essas culturas para serem vivenciadas em sala de aula e valorizadas, para que eles aceitem a cultura do outro e se aceitem acabando assim com o preconceito.

- **Na sua concepção as práticas docentes poderão contribuir para ganhos ou perdas das raízes culturais de grupo minoritário que se encontra na sala de aula.**

R. Eu acho que a escola só tem a ganhar, com essa diversidade de grupos que existe na sala de aula que a escola precisa ter um trabalho onde todos se sintam incluídos dentro daquele espaço, para que se sinta que veio de fora e sim todo

mundo igual dentro daquele espaço, existe vários grupos, várias etnias, mas que eles se percebiam de uma forma que veja que são de outras culturas e sim de uma só. A prática docente tem uma grande influência, por que as vezes tem alguns grupos que nem se reconhecem como aquela cultura e esse trabalho sendo feito na sala de aula todos os dias pelos professores e os outros colegas eles acabam descobrindo que são pessoas importantes dentro da sua cultura.

Q4. Diretrizes educacionais e a diversidade cultural

➤ **De que modo os professores se relacionam com as novas diretrizes educacionais e a diversidade cultural de sua comunidade?**

R. As diretrizes que agente costuma receber na escola, são as OTMs (Orientações Teórico-Metodológicas) que muita das vezes, são repassadas para os professores sem esclarecimento muitas vezes num pendrive, muitas das vezes temos tem procurar a gestão para nos repassar essas Diretrizes, essas OTMs para tentarmos seguir um planejamento adequado, mas acredito que tem professores devido a esses problemas acho que nem fazem seu planejamento dentro das diretrizes. E quanto a diversidade cultural da comunidade muitos professores não conhecem sua própria cultura seu lugar, muitos moram no mesmo lugar, sempre moraram, muitos não conhecem e muitas vezes nem querem valorizar, lá fora as vezes são até mais valorizada essa cultura daqui do que eles mesmos que são pessoas que moram aqui, que vivem aqui e convivem as vezes não participam como deveria ser.

➤ **Quais os projetos da escola em relação à diversidade cultural existente?**

R. Não existe nenhum, efetivo não tem, existe como já foi dito discussões em reuniões pedagógicas, mas que são só discussões, ideias, mas que ficam nas ideias entre os professores, mas projetos mesmo para ser trabalhado com disciplina, metodologia, com metas para ter resultados para conscientizar, ainda não existe. Existem datas comemorativas, que são lembradas no dia, de forma bem simbólica, os professores trabalham pedem para os alunos produzirem, expor o trabalho, mas as vezes nem teoricamente falado dessa data não é falado. Então é para comemorar e para mostrar para o aluno que aquilo aconteceu um dia e mostrar para a comunidade como se fosse uma festa, mas que as vezes quem está lá nem sabe do se trata.

➤ **Participou de ações ou de formação sobre esta temática?**

R, Já participei em outra escola que eu trabalhava de 2002 a 2009, tinha bastante formação referente a esse tema, inclusive agente fazia esse trabalho sistemático na escola nos três horários manhã, tarde e noite, mais isso era feito no coletivo, em todas as disciplinas. Português também tinha uma parte que trabalhava essas culturas e agente acabava tendo um conhecimento amplo, porque agente não só ouvia a formação, mas vivenciava os trabalhos.

Q5. Identificação de grupos culturais na escola

- **Na sua experiência de sala de aula você identifica grupos de diferentes nacionalidades, culturas, etnias ou religião, na sala de aula?**

R. Sim. Na escola que eu trabalho existe diversos grupos, existe os negros, brancos, os homossexuais, ciganos, pardos, os que moram na zona rural, na zona urbana, entre outros.

- **Na sua escola você identifica situações de discriminações e preconceito entre os/as alunos/as, por conta de suas diferenças culturais?**

R. Sim. Essas coisas sempre acontecem, discriminação de altura, de poder aquisitivo, de cor, se um é mais pobre, outro é rico, se um mora no sítio outro mora na cidade, se um homossexual. Ainda existem muita discriminação e o que é pior, isso ainda é levado como se fossem uma coisa normal, entre eles, as crianças, talvez se tivesse um trabalho mais efetivo eles já tinham mudado um pouco o pensamento. Isso causa sofrimento, por que alguns alunos querem ser do jeito que são, mas devido o preconceito, as agressões que acabam ouvindo verbalmente em sala de aula se fecham dentro de si e deixam de ser o que são perdendo sua identidade. O individual que cada um tem. Isso as vezes vem até de casa, os próprios familiares acabam dizendo para essa criança que ele é do jeito que eles querem que seja não do jeito que o aluno se vê. Na minha sala tem um caso de um aluno que ele aparenta, ele também já disse que é homossexual, mas ele não se aceita, conversando com ele percebi que ele não se aceita devido o preconceito que é vivenciado tanto na casa dele, como na escola. Os meninos xingam ele, chamando-o de “veado”, que ele tem jeito de “boiola” e com isso ele acaba se fechando, acaba ficando triste, isso me preocupa porque no futuro ele vai ter que ser uma pessoa com todo o jeito dele com a identidade dele, ele precisará conviver e será que no futuro ele vai continuar sofrendo os mesmo preconceito por ser

diferente? Se a escola tiver um trabalho efetivo que realmente atinja aquele aluno que está sendo a vítima e aquele que está sendo o agressor, aí vai mudar mas se ficar só na conversa, só nas orientações em salas fechadas esse resultado positivo acredito que não vai vim.

➤ **Como você lida com as questões das diferenças culturais?**

R. Eu procuro sempre observar os alunos se tem algum fato que é de discriminação e preconceito procuro chamar a turma atenção, fazer todo um ritual de conversa, por que não adianta você chamar só aquele que fez e aquele que foi a vítima de canto, tem questões de preconceito que precisamos falar com o grupo como todo, que é para todo mundo se conscientizar, então chamo de canto, converso e faço com todos se sintam valorizado ali e que aquela atitude foi totalmente desproporcional.

➤ **Você conhece a história de vida de seus alunos?**

R. Não posso dizer que conheço a fundo eu conheço algumas coisas que eu procuro perguntar em sala de aula, eu quero conhecer, mas ainda não tive essa oportunidade de ir até a casa ou de desenvolver um trabalho mesmo de conhecer a vida deles que eu acho também importante, não é invadir é conhecer para poder lidar com as situações. Mas isso ainda não foi possível fazer, tenho oito turmas e muitos deles moram longe que precisa de carro para ir até lá e fica mais difícil ainda, esse aluno agente conhece até menos, por que moram distantes.

➤ **Quais suas maiores dificuldades em trabalhar com o multiculturalismo em sala de aula?**

R. Uma das dificuldades, é a escola não apoiar, não ter um trabalho pedagógico junto aos professores para nos apoiar nessas questões, multiculturais. A escola exige muito de conteúdos e disciplinas que fiquem focados em um assunto só e que não dar abertura para agente fazer um trabalho diferenciado. A escola quer mostrar resultados, quer mostrar notas, não está interessada se eu vou conseguir se um aluno que estava triste fique feliz, se um aluno que tem dificuldade de falar e de repente com uma atividade multicultural ele conseguiu falar de sua vida e consiga se expor e daí consegui conviver melhor com a turma, mais a escola ainda não está interessada nesse tipo de convívio, porque não dar resultado, não dar nota, então fica só com agente na sala de aula.

APÊNDICE IX. RESPOSTAS DA ENTREVISTA COM PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL



PROFESSOR P2

Q1. Identificação do Entrevistado:

- ☐ Idade- 35 anos de idade
- ☐ Gênero - M
- ☐ Tempo de formação 19
- ☐ Tempo de função_3 anos Nesta escola
- ☐ Efetivo- Sim
- ☐ Contratado

Habilitação acadêmica

- ☐ Doutorado
- ☐ Mestrado Cursando em ciências da educação
- ☐ Licenciatura - Matemática
- ☐ Bacharelato
- ☐ Outro
- ☐ Especialização – gestão escolar e ciências da educação

Q2. Conhecimento acerca da diversidade cultural na escola

- **Como é discutida as questões do multiculturalismo e a diversidade cultural na sua escola?**

R.É, não faz parte de uma rotina pedagógica, elas são discutidas esporadicamente quando agente identifica alguns traços presentes em alguns alunos ou quando se espera que escola participe de algum movimento cultural fora da escola, é que essa diversidade passa a ser discutida entre os educadores.

- **Concorda que a diversidade cultural na escola pode ser um fator de enriquecimento no desenvolvimento global da criança? Ou considera um entrave para o crescimento da mesma?**

R. Com certeza, é cada cultura tem a sua contribuição pra o entendimento da ciência como um todo então é... o multiculturalismo gera também múltiplos olhares e os múltiplos olhares geram também uma visão múltipla sobre o conhecimento que torna a aprendizagem mais sólida e mais significativa.

➤ **Na sua escola já existe essa diversidade e flexibilidade no currículo escolar tendo em vista a boa inclusão da diversidade cultural de seu público?**

R. Não, não existe. E assim quando essas questões são abordadas, são justamente de forma pontual quando há uma necessidade de participar de algum evento cultural, é...quando há algum problema dentro da escola até de discriminação ou alguma coisa assim é que essas situações passam a serem discutidas mas também não faz parte de uma rotina pedagógica e não é colocado dentro da própria escola como um dos temas principais, né como uma proposta principal a ser trabalhada dentro da escola.

Q3. Desenvolvimento curricular na escola.

➤ **O desenvolvimento curricular e a metodologia utilizada pelos os professores estão inseridos no âmbito da diversidade cultural dos alunos?**

R. Não, infelizmente não. Pois o currículo não é elaborado em conjunto com os educadores, a maioria das decisões que nós temos, inclusive as de origem curriculares, elas são extraescolares agente consegue fazer no máximo uma pequena adaptação do currículo, mesmo assim correndo o risco de não ser aprovado ou não ser entendido pelas a equipes que nos orienta.

➤ **Em que circunstância a diversidade e a flexibilidade do currículo poderão ser boas soluções para uma melhor inclusão destas crianças?**

➤ R. Bem, primeiro no acolhimento né, que quando a criança chega na escola e vê que a identidade dela está sendo respeitada, né... ela se sente parte da escola se sente mais acolhida também na troca de saberes como havia dito antes, é...a diversidade cultural gera múltiplos olhares sobre o conhecimento e os múltiplos olhares produzem uma aprendizagem mais elástica, produzem uma aprendizagem com uma base mais significativa do que simplesmente é. Por um simples olhar, por simples uso que se faz de um determinado conhecimento e também na elaboração de acordos didáticos, quando o aluno se sente respeitado tem a sua identidade ele também se sente incentivado a respeitar a identidade do outro fica mais fácil o professor trabalhar e elaborar acordos didáticos regras de convivências dentro do espaço escolar e alguma coisa dessa natureza.

➤ **Na sua concepção as práticas docentes poderão contribuir para ganhos ou perdas das raízes culturais de grupo minoritário que se encontra na sala de aula.**

- R. É, sim como eu havia falado antes, o currículo não é elaborado pelos os professores, não temos autonomia pra isso, por este motivo muitos saberes culturais podem ser perdidos pelas crianças ao longo da sua trajetória escolar e existe também o caso de muitas crianças que acabam pra se sentirem aceitas no seu espaço escolar negando sua própria identidade com medo de sofrerem bullying , ou algum tipo de represaria relacionado a questão da não aceitação da sua identidade.

Q4. Diretrizes educacionais e a diversidade cultural

➤ **De que modo os professores se relacionam com as novas diretrizes educacionais e a diversidade cultural de sua comunidade?**

- R. É, eu acredito que de forma pontual, esporádica não é uma questão efetivamente presente na sala de aula. Assim nós não somos orientados diretamente para lidar com essas diversidades culturais é muito mais uma questão de percepção do professor na sua prática, do que a própria orientação que vem de fora, existe uma legislação, mas a própria escola não torna essa legislação acessível aos professores então os que conhecem fazem o possível pra por conta própria buscar entendimento sobre essas novas leis e como aplicá-las mas mesmo assim não é uma rotina pedagógica são situações esporádicas que acontecem de acordo com a prática de cada professor de acordo com olhar e a percepção de cada professor.

➤ **Quais os projetos da escola em relação à diversidade cultural existente?**

R. Como eu disse antes não existem projetos específicos pra isso existem sim alguns que acontecem de forma esporádica, por exemplo, na semana da consciência negra, se trabalha a cultura negra, se trabalha a origem africana, mas mesmo assim não há uma busca de entender as comunidades que fazem parte da escola então, é muito mais uma coisa relacionada a data comemorativa do que relacionada a uma necessidade de entender a comunidade na qual a escola está inserida.

➤ **Participou de ações ou de formação sobre esta temática?**

R. Não, eu só participei uma vez de uma palestra, fui convidado a assistir uma palestra sobre isso, mas sobre essa temática, multiculturalismo... mas relacionado a outra atividade artística que eu gosto que era uma oficina de poesia e que trabalhava também com multiculturalismo, mas foi fora da escola foi por outro trabalho que realizei e não através da escola.

Q5. Identificação de grupos culturais na escola

➤ **Na sua experiência de sala de aula você identifica grupos de diferentes nacionalidades, culturas, etnias ou religião, na sala de aula?**

R. Bem, de diferentes nacionalidades não, mas de diferentes culturas e etnias são bem perceptíveis (pausa) por exemplo aqui tem grupo de origem cigana, aqui tem grupo de origem africana, de origem indígena, é então e tem inclusive estudantes que vem de famílias da miscigenação desses grupos o que torna ainda mais interessante que traz um pouco de cada cultura.

➤ **Na sua escola você identifica situações de discriminações e preconceito entre os/as alunos/as, por conta de suas diferenças culturais?**

➤ R. Sim já presenciei várias vezes inclusive já cheguei a interferir de forma pedagógica com alguns grupos de alunos justamente sobre essas situações que estavam se transformando em uma situação de discriminação que poderia sair do controle então nós conversamos bastante sobre isso e eu pedir inclusive a um grupo de alunos que pesquisassem um pouco da cultura do outro. E foi como assim ao se aprofundarem mais sobre a identidade do outro foi como eles aprenderam a se respeitarem.

➤ **Como você lida com as questões das diferenças culturais?**

R. Bem, os casos que já aconteceram eu tentei resolver na sala de aula, pelo ou menos nas aulas as situações foram contornadas e como eu disse antes também não existe uma política escolar voltada para isso, talvez a escola não tenha atentado ou acordado para essas questões como uma prioridade eu vejo como uma importante necessidade por que nós temos sim várias culturas que convivem aqui na escola, no espaço escolar, e assim o risco que corre quando a escola não está ...pausa não leva em conta a importância desse multiculturalismo é justamente isso a supremacia de algumas culturas sobre outras e a perda de identidade por alguns

tipos de jovens pode gerar inclusive a questão de casos de evasão escolar é não somente discriminação mas também problemas até de personalidade falta de segurança, de confiança dos alunos dentro atividades escolares entre outras situações né, é uma preocupação que a escola tem que ter que colocar a frente de seus trabalhos porque o multiculturalismo ele respeita as diferenças dentro do espaço escolar é uma garantia de que todos que chegam até a escola vão se sentir inclusos no ambiente, no espaço escolar que é o primeiro passo para que se tenha uma aprendizagem significativa.

➤ **Você conhece a história de vida de seus alunos?**

- R. É...de alguns eu conheço. Mas também nós não temos...(pausa) Na verdade a escola não favorece... que agente conheça essa história do aluno por que não há espaço pra que agente tenha esse diálogo, os espaços que existem são criados pelos professores dentro de suas próprias aulas é que a gente quando ver a necessidade de uma conversa com algum aluno é que agente consegue não por forma programada mas a gente consegue entender um pouco da história do outro e as vezes até a gente se surpreende com essa história.

➤ **Quais suas maiores dificuldades em trabalhar com o multiculturalismo em sala de aula?**

- Entender todas as culturas, que temos no nosso espaço e relacioná-las aos conteúdos trabalhados por que assim, um dos primeiros passos para que a gente atraia a atenção do aluno é que ele se sinta incluso no que agente está trabalhando, então pra tentar fazer principalmente no público que eu trabalho, na Educação de Jovens e Adultos no ensino fundamental agente tem que muitas vezes ir ao mundo do estudante, pegar os conhecimentos empíricos que ele tem e tentar utilizá-los para que a gente possa a partir deles trabalhar de forma científica, melhorar as informações que ele tem de maneira científica, mas também, encontrar uma maneira de fazer com que ele se sinta incluso nesse processo, então quando a gente não conhece a cultura nem o meio de onde esse aluno vem fica muito difícil da gente estabelecer relações entre a prática, entre o cotidiano do aluno e os conhecimentos que ele utiliza no cotidiano e a prática que a gente vai desenvolver na sala de aula, então os principais desafios é esse, mas mesmo assim é um desafio,

é uma motivação, mas quando a gente consegue fazer isso justamente a gente consegue ter um excelente desempenho com esses estudantes

APÊNDICE X. RESPOSTAS DA ENTREVISTA COM PROFESSORA DO ENSINO FUNDAMENTAL



PROFESSOR P3

Q1. Identificação do Entrevistado:

- ☐ Idade -29
- ☐ Gênero - F
- ☐ Tempo de formação – 7 anos
- ☐ Tempo de função_ 5 anos
- ☐ Efetivo- Sim
- ☐ Contratado

Habilitação acadêmica

- ☐ Doutorado
- ☐ MestradoCursando
- ☐ Licenciatura – Letras com Habilitação em Língua Inglesa e Língua Portuguesa
- ☐ Bacharelato
- ☐ Outro
- ☐ Especialização – Literatura Brasileira, Gestão escolar, Docência do Ensino Superior e Ciências da Educação.

Q2. Conhecimento acerca da diversidade cultural na escola

- **Como é discutida as questões do multiculturalismo e a diversidade cultural na sua escola?**

R. Na escola, a discussão com relação ao multiculturalismo e a diversidade cultural estãoentrelaçadasem propostas, de como vamos trabalhar essa diversidade? Quais atividades vão realizar na escola? E no ensino? Mas o que eu percebo, Gilvaneide é que se limita muito em indagações alguns professores trabalham com projetos a partir de seu próprio planejamento, mas eu não vejo, um olharassimcompleto,a escola está realmente disposta a trabalhar com a diversidade cultural eu não consigo identificar como um ponto forte da escola.

- **Concorda que a diversidade cultural na escola pode ser um fator de enriquecimento no desenvolvimento global da criança? Ou considera um entrave para o crescimento da mesma?**

R. Claro que sim. A comunidade escolar em si é composta por um público vindode diferentes grupos étnicos cada um com sua tradição formas de viver e encarar o cotidiano e tudo isso de forma diferente trabalhar com a diversidade favorece-a nessa toca de saberes e realidades e sabemos que a criança é enquadrada nessa fase de descoberta do encantamento e da construção do conhecimento, logo é com a socialização de experiências de diferentes culturas enriquecerá o desenvolvimento da mesma. Então de fato a criança por está dentro da escola ela precisa, ela tem esse direito de conhecer outras culturas, portanto tem que a escola trabalhar a prática docente tem que ser absoluta nesse aspecto. **Em relação a criança com uma outra criança de uma outra cultura, você considera isso como um entrave ao ajustamento dessas crianças ou você ver apenas como ponto positivo?** Bom com relação a ...não é entrave não é. a criança ela já vem de um berço familiar que é diferente da outra então com essa troca de saberes e experiências, pelo contrário ela vai identificar que tem um outro ser que também é especial que também é importante que tem uma outra forma de ver a vida. Então só tem a acrescentar de saberes.

- **Na sua escola já existe essa diversidade e flexibilidade no currículo escolar tendo em vista a boa inclusão da diversidade cultural de seu público?**

Na escola temos e tentamos trabalhar com a inclusão dessa diversidade cultural o problema é que no dia a dia escolar essa inclusão fica escassa o currículo trazee exige trabalhos culturais mais nas relações entre os alunos, agente não ver um resultado positivo dos projetos culturais vivenciados na escola percebemos conflitos, preconceitos, bulliying em diversos casos.

Q3. Desenvolvimento curricular na escola.

- **O desenvolvimento curricular e a metodologia utilizada pelos os professores estão inseridos no âmbito da diversidade cultural dos alunos?**

R. Bom, Gilvaneide na maioria dos casos não, o que fica visível na prática docente é que deixa a desejar em focar seus métodos à diversidade cultural. Geralmente trabalham muito o conteúdo pragmático da disciplina não procuram desenvolver

um projeto que sinalize esse multiculturalismo, e dos professores que investem na diversidade cultural em sua prática vivenciam em poucas atividades de curto prazo deixando também de expandir esse trabalho pertoda a escola.

➤ **Em que circunstância a diversidade e a flexibilidade do currículo poderão ser boas soluções para uma melhor inclusão destas crianças?**

R. Primeiramente devemos destacar que toda criança é dever da escola incluí-la, respeitá-la, conhecê-la para formá-la numa cidadã brilhante e participativa na sociedade. E o currículo deve ser observado e tratado sob um olhar flexível pela educação, pois trabalhamos com um ser vivo que possui uma identidade, uma forma de se comunicar e ver um mundo diferente, então a escola necessita implementar em seu PPP ações e metas que se trabalhem a cultura e a sua diversidade, voltados para o lado mais humano, e não só conteúdos e conceitos que se trata cada disciplina, desapegar um pouco e se possível contextualizar que é a proposta.

➤ **Na sua concepção as práticas docentes poderão contribuir para ganhos ou perdas das raízes culturais de grupo minoritário que se encontra na sala de aula.**

R. Claro que sim, as práticas docentes são produtoras tanto de sonhos como de desesperanças. A prática educativa assume uma importante função social, e que deve ser norteada ao princípio da igualdade, sobretudo ao reconhecimento da riqueza cultural de cada aluno participante da escola. Hoje podemos verificar que muitos alunos se sentem excluídos, envergonhados, por causa de seus costumes, de sua forma de falar, vestir, por justamente não serem reconhecidos como uma pessoa importante que possui uma cultura rica e que faz parte da formação do nosso país. Então o professor precisa ser o mediador automaticamente pensar em sua prática estratégias para sanar esse problema caso contrário a consequência se resume em evasão e alguns casos suicídios por justamente o aluno não aceitar a sua própria identidade e se sentir rejeitado.

Q4. Diretrizes educacionais e a diversidade cultural

➤ **De que modo os professores se relacionam com as novas diretrizes educacionais e a diversidade cultural de sua comunidade?**

R. Bom Gilvaneide, eu não digo uma relação tão harmônica os professores sabem da importância em se trabalhar as novas diretrizes em comunidade, mas como eu já

mencionei anteriormente é escasso o trabalho com a diversidade cultural. Há salas de aulas que a gente observa que por mais que se tenham culturas diferentes, o que está sendo proposto está sendo...se torna universal chegamos a conclusão é ... que é trabalhado mas que esses alunos não se conhecem, eles não se valorizam, não valorizam a própria essência, então agente chega a observar muitos alunos com tantas variedades formas de falar na questão da linguística, do pensamento do comportamento, mais desde a cultura de massa que já vem também como um fator que deixa homogêneo os costumes das pessoas. O professor ainda não trabalha a questão cultural da valorização da essência então agente percebe alunos neutros, sem vida, sem alegria, sem se valorizar, a preocupação na maioria das vezes é de se parecer, é isso que eu observo seguir o modismo, isso mesmo.

➤ **Quais os projetos da escola em relação à diversidade cultural existente?**

R. Sim. Há projetosa escola e seus projetos, ela trabalha com temas transversais explorando a formação da identidade do povo brasileiro, a miscigenação, há projetos também em torno do nosso folclore, os costumes de diversos grupos étnicos, danças culinárias regionalismo, ou seja, a cultura popular todos esses segmentos são explorados em datas comemorativas em oficinas feiras de conhecimentos desfiles cívicos e em apresentações culturais para a comunidade local que foi o caso do projeto LUART, o LUART surgiu nessa tentativa de sair da escola, vamos atingir nossa comunidade com o que agente tem dentro da escola. Então o LUAU que é o LUART é um luau artístico que tem esse objetivo de apresentar nossa identidade então os alunos são trabalhados por etapas tem uma etapa inicial de pesquisa após a etapa inicial de pesquisa os professores que trabalham de forma interdisciplinar, procuram ver estratégias de como apresentar a partir da dança, da culinária como já mencionado e no segundo momento que é uma prática interna dentro da escola, o terceiro momento vai para fora da escola, o que vamos levar de valor da nossa cultura para a comunidade. Para a comunidade ver que agente se preocupa, valoriza e quer que se trabalhe e quer que vá para dentro de casa, então no terceiro momento o LUAU é realizado numa noite onde a comunidade escolar e local é toda convidada e depois disso, é interessante que eles se envolvem tanto saem felizes os pais tem uma receptividade maravilhosa por que eles aplaudem, eles admiram o que o filho está fazendo, depois tem um festejo que o final da culminância, além da exposição vem os cantores das regiões, os poetas

da região,então isso tudo é enriquecedor para nossa cultura para esse hibridismo, pra essa mistura, esse cruzamento de culturas. Ele se vê lá.

➤ **Participou de ações ou de formação sobre esta temática?**

R. Sim. Mais não nessa instituição. Eu vim de outro município passei no concurso, assumir, mas para ter uma formação específica dentro da área cultural eu não tive ainda. **E o projeto LUARTde onde veio essa ideia?** Essa ideia surgiu por formações que agente teve em invadir as ruas, o projeto na verdade tinha esse olhar, por que não a escola ir para fora mostrar como aprendeu dentro e aprendendo também fora?então essa invasão nas ruas é uma proposta de você também se desviar da rotina escolar que traz o caderno, o quadro, o giz, o cartaz, Por que não você mesmo, você aluno, você professor, colocar o seu talento, colocar suas competências e habilidades para fora num grande espetáculo. Então sendo seduzida por essa ideia eu norteie o projeto no sentido de todos numa bela noite, numa lua encantadora, para contemplarmos o conhecimento popular, o conhecimento, a raiz do povo, a identidade do povo.

Q5.Identificação de grupos culturais na escola

➤ **Na sua experiência de sala de aula você identifica grupos de diferentes nacionalidades, culturas, etnias ou religião, na sala de aula?**

R. Com certeza, Gilvaneide, toda sala de aula é composta da diversidade, até porque cada indivíduo vem de um berço familiar diferente. As crenças comportamentos entre outros aspectos são oriundos de um povo e que Cada aluno é resultado das diferenças de um cruzamento de outras culturas.

➤ **Na sua escola você identifica situações de discriminações e preconceito entre os/as alunos/as, por conta de suas diferenças culturais?**

R. Sim. Diversas situações. Problemas são acolhidos na coordenação pedagógica, e que resulta, da falta de respeito pela realidade do outro.O preconceito causa a indisciplina, agressão verbais e físicas que deixam marcas profundas em cada aluno vítima da discriminação, eu mesma experimentei isso de forma muito forte o ano passado onde eu estava com uma turma de concluintes e uma aluna negra, ela.. eu desenvolvi umas oficinas de teatro e no grupo que ela ficou todos os colegas não conseguia ter um papel para essa colega, queria só atribuir como serviçal,

como uma pessoa que vai trabalhar num setor desfavorecido, e ela sentiu isso devido as características do personagem e que inclusive no próprio texto trazia a questão racial do próprio preconceito e ela sofreu isso na pele porque ela não queria assumir esse personagem ela queria outro. Então ela chorou em sala e eu sinalizei o problema. Então diante disso eu convoquei ela para ir a outro lugar e ela conversou comigo após a aula e ela desabafou que não só naquele momento ela já estava sofrendo, mais há muito tempo desde o sexto ano ela já estava sofrendo esse preconceito que chamam ela de negrinha, de há que você não serve para tal papel, que você para dançar não vai servir e vamos ajeitar o cabelo, entre outras situações que eu fiquei muito constrangida. Então ela já tinha certa tristeza no olhar, já tinha detectado que ele não era uma pessoa feliz em sala. Isso é só um pequeno reflexo que eu pude perceber nesse depoimento dessa jovem.

➤ **Como você lida com as questões das diferenças culturais?**

R. Então Gilvaneide, preocupada em intervir com essas situações problemas eu assumo em minha prática pedagógica a valorização e o reconhecimento de nossas origens. Acredito que com o trabalho focando a cultura popular conseguiremos resgatar nossas raízes, nos conhecer como povo brasileiro, que apesar da diversidade que há cada cultura é importante para caracterizar a própria identidade. Nesse sentido sinto-me realizada por ver que meus alunos criam um elo inexplicável em sala a intimidade e o respeito com o outro é compensador. É a nossa prática pedagógica se surpreende com esse resultado e logo, as nossas expectativas como docentes e ser humano também são atingidas. Eu mesmo sou feliz é por que eu vejo que o resultado das minhas estratégias tem um bom retorno quando tudo que procuro, quando eu vejo que uma sala tem um certo problema, que é agitada algo tem de errado e quando eu começo a trabalhar com a cultura popular e essa valorização do múltiplo de várias culturas eles abrem o leque de informações conhecendo agente respeita quando agente não conhece é quando vem o pré - conceito que aquele pré é um conceito errado que já começa a surgir aí.

➤ **Você conhece a história de vida de seus alunos?**

R. Bom. Gilvaneide inicialmente fica difícil em conhecê-los, mas em minha prática eu sempre adoto estratégia para me interagir e entendê-los melhor então ultimamente eu tenho adotado em minha prática o relato pessoal. Eu faço um roteiro complementar ao meu trabalho colocando muitas questões sobre as crenças,

sobre os sonhos, as dificuldades não só dentro da família, mas dentro da sociedade que eles enfrentam, na escola como ele vê a escola como vê o papel do gestor, dos professores, coloco também situações problemas, se você está diante de um amigo que está triste, que está sem expectativa de vida, sem querer realizar os sonhos o que você deve dizer como ajudá-lo. Então todas essas reflexões eu transformo em questionamentos eles respondem em forma de produção textual. Então como eles se envolvem e gostam de expor o que sentem o que acham do outro e de si mesmo eu consigo com cada relato conhecer a vida, história de vida um pouco da história de vida desse aluno, então eu acho assim que foi muito produtivo e atualmente eu estou trabalhando o relato pessoal que não só vai me ajudar a conhecer história de vida mas também eu vou conhecer de que forma eu vou desenvolver aquele aluno e até como pessoa como ser humano eu até faço certas reflexões, como eu estou lidando, com eu estou trabalhando no campo interpessoal professor aluno, aluno professor. É reconhecedor. Isso é reconhecedor, eles depois aplaudem a ideia do relato.

Você acha que eles sentem dificuldade quando vão relatar de si mesmo ou eles falam de si com a maior facilidade? Eles não falam com a muita facilidade, inicialmente há um grande impacto, só que depois que se faz o compromisso do sigilo, ele sabe para onde esse relato vai, quem vai ler, quem vai ter esse contato, então ele já começa a criar uma confiança em si mesmo, e se soltam, porque eles sabem que ali aquele relato por ser pessoal, se trata da sua vida, então tem que ser feito com sinceridade, alguns ainda ficam um pouco inibidos agente tem alunos que falam pouco, escrevem pouco, justamente por algum motivo ou um fator pessoal não poder relatar, mas em muitos casos eu consigo um grande sucesso no resumo do trabalho.

➤ **Quais suas maiores dificuldades em trabalhar com o multiculturalismo em sala de aula?**

Eu digo que em resumo é combater o preconceito. Acredito que todas as dificuldades se resumiriam nesse problema. Porque o preconceito já é uma forma de olhar excluído, então quando você percebe que você como educadora entra em sala e vê que um não consegue olhar com admiração para o outro, agente percebe logo quando vão compor os grupos e já dizem logo eu vou fazer com fulano, fulano e fulano. E aqueles que ficam a margem já se sentem excluídos, eles

já ficam tristes e quando você vai investigar eles começam a rotular, eu não falo com fulano por que ele é uma pessoa que não tem tanta responsabilidade, que fica e não vem e que falta, então tem mil critérios que eles colocam para poder não fazer com o outro. E assim quando há discriminação, é que torna mais preocupante ainda, porque quando agente fala do multiculturalismo agente não pode ver só a cor da pele, é como você a vida é como você encara a sua própria vida, a vida do outro, é como você fala, é como você vai se expressar lá na frente para apresentar tal trabalho, tudo isso é algo cultural, está sempre ligado, então esse preconceito é que o grande detentor, criador, produtor desse mal, dessas dificuldades que agente sofre em sala de aula. Mais depois que agente vai com muito carinho, trabalhando diversas atividades que ele ver que aquela pessoa é importante e que tem competência e que pode independente de cor de pele, de forma de explorar a oralidade ou a leitura ou o conhecimento, mas vê que aquele ser humano merece ser valorizado e que pode quando um começa a acreditar no outro é que agente ver um resultado significativo em sala de aula e isso não só reflete nas apresentações culturais que a gente observapela escola e na comunidade local, mas também nas próprias avaliações.

Então só para fechara nossa entrevista você vê que a escola trabalha com a diversidade como uma beleza cultural, mas ainda tem... ainda tem muitos entraves. Na verdade a escola trabalha, mas pra eles vira um oba, oba. Vira uma questão de momento para tal nota, mas eles ainda não estão percebendo a essência daquilo ali, a onde a escola vai ter que trabalhara essência, o bom aluno vai ter que ver isso, o outro, e respeitá-lo por completo e não eu vou dançar o xaxado e aquela dança é para a nota tal, de tal disciplina ou tais disciplinas, ele precisa ver e sentir que aquela dança ali fez parte de um contexto histórico, ideológico, sociocultural de um povo, de um povo que não pode ser esquecido, enterrado e sim vivenciado. **Quer dizer que a escola trabalha, mas o aluno em si ainda não conseguiu absolver,** absolver que isso remete ao próprio trabalho da escolaque precisa repensar em novas estratégias os professores precisam inovar suas práticas acredito que a falta de formação o município precisa de fato ter uma formação com mais qualidade pra poder trabalhar as questões culturais com mais força. **Então nesse caso a escola está trabalhando apenas o conceito? Isso e não essa mudança de atitude?** e não essa mudança, vê muitas ações, metas objetivos, fica mais no campo teórico, mas

que fica muito solto, muito disperso, num tem uma unidade, uma força que se trabalhe o multiculturalismo.

APÊNDICE XI. RESPOSTAS DA ENTREVISTA COM PROFESSORA DO ENSINO FUNDAMENTAL



PROFESSOR P4

Q1. Identificação do Entrevistado:

- ☐ Idade - 38
- ☐ Gênero - F
- ☐ Tempo de formação – 8 ANOS
- ☐ Tempo de função_ 15 ANOS
- ☐ Efetivo- SIM
- ☐ Contratado

Habilitação acadêmica

- ☐ Doutorado
- ☐ Mestrado
- ☐ Licenciatura- Graduação em Pedagogia e Licenciada em Matemática.
- ☐ Bacharelato
- ☐ Outro
- ☐ Especialização – Psicopedagogia e Gestão Escolar

Q2. Conhecimento acerca da diversidade cultural na escola

- **Como é discutida as questões do multiculturalismo e a diversidade cultural na sua escola?**

R. Ela é trabalhada, discutida através de apresentações de feiras, é seminários dentro da escola e na comunidade, através de apresentações não muito, além disso.

- **Concorda que a diversidade cultural na escola pode ser um fator de enriquecimento no desenvolvimento global da criança? Ou considera um entrave para o crescimento da mesma?**

R. Eu concordo que é um fator de enriquecimento, né agente aprende de mais com a diversidade, a diversidade nos ensina sem dúvida é importantíssimo trabalhar a diversidade dentro do currículo escolar. De forma nenhuma não é um entrave, o entrave acontece a partir do momento que a diversidade é deixada de lado, trabalhada de forma paralela dando enfoque ao currículo nos posto pelo sistema.

- **Na sua escola já existe essa diversidade e flexibilidade no currículo escolar tendo em vista a boa inclusão da diversidade cultural de seu público?**

R. Não. Essa forma como agente trabalha ainda é muito esporádica, ainda é uma forma trabalhada através de apresentações, de datas comemorativas, o que agente sabe que a diversidade está muito além dessas ações.

Q3. Desenvolvimento curricular na escola.

- **O desenvolvimento curricular e a metodologia utilizada pelos os professores estão inseridos no âmbito da diversidade cultural dos alunos?**

R. Não totalmente, pois o currículo ainda nos é imposto, e agente trabalha de forma voltada aos conteúdos curriculares e a diversidade é trabalhada através das metodologias utilizadas em sala de aula, agente pode trabalhar metodologias para trabalhar com a diversidade, mas o currículo da forma com nos é imposto, não faz com que esse trabalho aconteça da forma como deve ser no real.

- **Em que circunstância a diversidade e a flexibilidade do currículo poderão ser boas soluções para uma melhor inclusão destas crianças?**

R. Acredito que a criança se sente incluída quando ela é valorizada dentro seu contexto através da troca de saberes, que é proveniente de sua história, seu lugar, de sua raça, valorizando o seu eu, então eu acredito que a criança se sente incluída sim, quando agente trabalha essa diversidade chamando o eu dela pra fora, fazendo se sentir importante.

- **Na sua concepção as práticas docentes poderão contribuir para ganhos ou perdas das raízes culturais de grupo minoritário que se encontra na sala de aula.**

R. Sim. Acredito as práticas docentes são fundamentais para as raízes culturais, pois o que não se pratica com o tempo se perde. O que agente não está valorizando, o que agente não está praticando acaba sendo esquecido. Então eu acredito que as práticas docentes é sem dúvida um caminho, e é de fundamental importância pra as raízes culturais permanecerem por muitos e muitos tempos.

Q4. Diretrizes educacionais e a diversidade cultural.

- **De que modo os professores se relacionam com as novas diretrizes educacionais e a diversidade cultural de sua comunidade?**

R. É de forma esporádica, ainda não é algo tão presente em sala, digo no dia a dia, né, ainda é uma coisa que agente trabalha em função de uma data comemorativa, em função de um feriado, de algo relacionado a uma comemoração, mas não é algo relacionado ao nosso dia a dia. **A escola não faz essa busca?** A escola não trabalha isso de forma sistemática, você me entende? O professor através da sua metodologia ele pode englobar isso no seu conteúdo e isso também é um entrave para o professor, mas que não existe uma sistematização dessas raízes culturais na nossa vivência da prática.

➤ **Quais os projetos da escola em relação à diversidade cultural existente?**

R. Nós temos um projeto de complementação de carga horária chamado de LUART, que está ligado a cultura né, agora os demais, as demais ações são apresentações em datas comemorativas.

➤ **Participou de ações ou de formação sobre esta temática?**

R. Ações, só as que agente mesmo produz dentro da escola, agente participa que agente mesmo elabora as atividades, ensaia com os alunos, faz as pesquisas, mas uma formação específica dentro dessa área, não.

Q5. Identificação de grupos culturais na escola

➤ **Na sua experiência de sala de aula você identifica grupos de diferentes nacionalidades, culturas, etnias ou religião, na sala de aula?**

R. Com certeza, identifico, eu procuro dialogar, conscientizar através de palestras, quando acontece algum caso de bullying em virtude da discriminação por gênero, por raça, por opção sexual, eu procuro dialogar conversar, conscientizar e quando o caso está muito preocupante agente comunica a gestão da escola para que possa tomar as devidas providências. **E a gestão tem providenciado?** Eu... eu diria que em parte. **E a família, no caso a gestão convida a família para tratar do problema?** Se faz reunião de pais e filhos, de pais e mestres aqui na escola com a presença dos filhos também, foi solicitado para tratar justamente de situações como indisciplina, como a questão da aprendizagem, mas não para tratar sobre a questão da diversidade cultural.

➤ **Na sua escola você identifica situações de discriminações e preconceito entre os/as alunos/as, por conta de suas diferenças culturais?**

R. Identifico sim. De que natureza? Olha está muito ligado a questão de preconceito de cor, raça e de sexo. Existe também lógico o preconceito sobre alguns de religiões, mas... aqui nós temos uma grande clientela que são evangélicos e outros católicos em sua grande maioria, então essas duas culturas elas se diferenciam entre si, porém ainda existe aquela questão do evangélico muitas vezes não quer se enturmar numa atividade com o católico numa atividade de cunho ecumênico Por exemplo, em virtude da própria igreja as vezes impede essa participação, então existetambém esse preconceito essa discriminação.

➤ **Como você lida com as questões das diferenças culturais?**

E o caso dos homossexuais como agente presenciou a pouco o menino que veio dar o depoimento que sofria discriminação e preconceito na escola? O que a escola tem feito? Olha... eu não sei se a gestão está consciente deste fato, por ser um fato relatado a pouco tempo. Agente identifica enquanto professor, agente orienta agente conscientiza o aluno que está sofrendo bulliying, porém é necessário um diálogo maior entre a escola e a família entre os alunos pra que possa conscientizar de uma forma mais ampla o que está acontecendo e daí tomar as devidas decisões.

➤ **Você conhece a história de vida de seus alunos?**

R. Conheço sim. Não conheço de todos, mas conheço de uma boa parte até por se tratar de pessoas conhecidas, agente mora num lugar, numa comunidade pequena onde todo mundo conhece todo mundo né, meio que família então agente conhece boa parte...

Quais suas maiores dificuldades em trabalhar com o multiculturalismo em sala de aula?

- R. Existem algumas sim. Acho que um das principais é de você está relacionando com o conteúdo em sala de aula, a questão de tantas atividades que agente tem no dia a dia pra elaborar pra desenvolver e tanto trabalho burocrático também que não deixa de ter, diários, planejamentos, o próprio estudo do currículo, das notas, novas oportunidades de aprendizagem, isso tudo dificulta muito a questão de trabalhar a diversidade cultural na sala de aula, porque você precisa de um tempo maior pra buscar uma aula diferente, novas metodologias, uma nova interação né, para trazer para sala de aula e ser trabalhado. Fazendo com que se tenha um contato diferenciado com o aluno, fazendo com que o aluno se aproxime ainda mais do

professor, se aproxime ainda mais da escola transmita os seus conhecimentos, os seus saberes, transmitam as suas culturas. Agradeço por participar dessa pesquisa, espero ter contribuído.

APÊNDICE XII. RESPOSTAS DA ENTREVISTA COM PROFESSORA DO ENSINO FUNDAMENTAL



PROFESSOR P5

Q1. Identificação do Entrevistado:

- ☐ Idade - 39
- ☐ Gênero - F
- ☐ Tempo de formação – 12
- ☐ Tempo de função_ 17
- ☐ Efetivo- SIM
- ☐ Contratado

Habilitação acadêmica

- ☐ Doutorado
- ☐ Mestrado
- ☐ Licenciatura - Letras
- ☐ Bacharelato
- ☐ Especialização – Língua portuguesa
- Outro

Q2. Conhecimento acerca da diversidade cultural na escola

- **Como é discutida as questões do multiculturalismo e a diversidade cultural na sua escola?**

R.O conhecimento a cerca da diversidade e o multiculturalismo é pouco discutido na escola. E quando isso acontece é sempre em aulas atividades ou em reuniões, quando está para acontecer algum evento que precise de uma apresentação referente a alguma cultura. Quando vivenciamos as datas comemorativas na escola. Por exemplo, dia do índio alguns professores trabalham a cultura indígena, pintam as crianças, assistem filmes, as vezes ensaiam o toré que é uma dança indígena, mas isso é trabalhado vagamente, apesar de termos em nosso município aldeias de índios como a Pankararus, a aldeia Serrinha. Inclusive o nome do nosso município Tacaratu é de origem indígena, os índios foram os primeiros habitantes, que com o passar dos anos foram se aglomerando nas aldeias, lá eles preservam suas culturas, seus valores, suas crenças seus rituais religiosos,mas aqueles que saíram da aldeia que moram em outras comunidades tiveram que se

adaptarem a outras culturas. Aqui nesta escola recebemos alunos oriundos da aldeia, mas não trabalhamos nada específico para esses alunos, muito deles nem sabem que são descendentes de índios. Então as questões culturais só são discutidas em nossa escola quando precisamos focar em algum tema relacionado a alguma cultura. Mas, o professor é livre para trabalhar o multiculturalismo de forma interdisciplinar, com tanto que não interfira na vivência dos conteúdos programáticos, por que os alunos precisam estar bem preparados para as avaliações.

- **Concorda que a diversidade cultural na escola pode ser um fator de enriquecimento no desenvolvimento global da criança? Ou considera um entrave para o crescimento da mesma?**

R. Prefiro concordar que a diversidade seja um fator de enriquecimento global para a criança, mas isso depende da forma como a escola trabalha a diversidade, como o professor ver essa questão aí o que é um entrave para o desenvolvimento da criança pode ser transformado em situações de crescimento e enriquecimento da mesma, sua autoestima melhora, sua aprendizagem também, por que a criança se sentindo valorizada ela se sente incluída, sente que também faz parte da escola. Pois quando a cultura, o modo de ser da criança, não é visto ou então é visto com discriminação, isso se transforma num entrave e impede o desenvolvimento pessoal da criança. Então a diversidade em si é sem dúvida um fator de enriquecimento, mas isso só acontece se existir o respeito a valorização das diferenças entre as crianças. Para nós professores o que nos cabe é conduzir as crianças e levá-las a esse entendimento. Gosto de fazer abordagens nas minhas aulas para permiti que as crianças consigam enxergar o valor das pessoas independente das suas diferenças, para que eles passem a se respeitarem mais entre si.

- **Na sua escola já existe essa diversidade e flexibilidade no currículo escolar tendo em vista a boa inclusão da diversidade cultural de seu público?**

R. Existe sim, em toda escola existe a diversidade na minha não é diferente, enquanto ao currículo, ele não é elaborado coletivamente pelos os professores da escola. Nós professores é que flexibilizamos o mesmo na medida do possível para atender as necessidades dos nossos alunos no decorrer do ano letivo. Mas, isso varia de professor para professor. Não desenvolvemos na escola um trabalho

unificado que contemple a diversidade de nossos alunos, o que acontece é que pegamos o currículo oficial e adaptamos ao nosso planejamento, a nossa realidade seguindo uma cultura escolar homogenia sem muito foco na diversidade. Quando se trata em flexibilizar o currículo trata também de inovações metodológicas de ensino, muitos professores não se sentem seguros e resistem a mudar sua forma de ensinar e acaba seguindo o que já vem pronto que é mais prático.

Q3. Desenvolvimento curricular na escola.

➤ **O desenvolvimento curricular e a metodologia utilizada pelos os professores estão inseridos no âmbito da diversidade cultural dos alunos?**

R. Assim, a metodologia utilizada pelos professores não está inserida em toda a diversidade de seus alunos, ela é inserida de acordo com a concepção e a forma que cada professor trabalha. Não desenvolvemos um currículo específico que contemple a diversidade que temos na escola, mas procuramos usar métodos que pelo menos não exclua nem discrimine as diferenças que nos deparamos no cotidiano de sala de aula. Por exemplo, trabalho também nessa escola com EJA (Educação de Jovens e Adultos) e não temos um currículo específico, mas buscamos adaptar o currículo do ensino regular a uma metodologia voltada para tal modalidade, sentimos a dificuldade em desenvolver um trabalho para satisfazer as necessidades desse público para que eles desenvolvam sua aprendizagem e não desistam de estudar, mas para isso acontecer tem haver o envolvimento da equipe pedagógica da escola que talvez por ser nova na função não saiba como lidar com essas situações. Então temos a diversidade, mas a forma como desenvolvemos o nosso currículo, a nossa metodologia na escola é insuficiente para atender toda demanda das necessidades de nossos alunos.

➤ **Em que circunstância a diversidade e a flexibilidade do currículo poderão ser boas soluções para uma melhor inclusão destas crianças?**

R. No sentido de um conhecer e respeitar o outro nas suas diferenças. Se o aluno/a se sente respeitado/a, ou seja, que a cultura de seu povo está sendo vista pela escola, isso só fortalecerá a sua identidade. Hoje nós professores temos essa abertura para trabalhar o currículo de acordo com a necessidade de sua turma, de seu aluno, mas a escola deixa claro que não podemos deixar o currículo oficial de

lado, somos obrigados a segui-lo, porém isso não impede de contextualizar a prática de sala de aula com a realidade cultural de nossos alunos, cada professor faz issoa seu modo a escola não ajuda. Isso é um grande desafio para nós educadores não é sempre que conseguimos fazer essa manobra, pois existem vários fatores no dia a dia do professor que dificulta a realização de suas tarefas por completo, sãoplanejamentos, diários e mais diários, fichas e mais fichas, notas, reuniões, correções de trabalhos, provas, toda essa parafernália de serviços burocráticos tomam muito tempo do professor e isso implica em pouco tempo para agente se dedicar as questões culturais de nossos alunos, que por sua vez são diversas, principalmente nós do ensino Fundamental II, trabalhamos com muitas turmas e cada uma bem diferente da outra, cada uma é formada por pessoas diferentes também. Então a flexibilidade do currículo é útil quando a escola, ou seja, o professor faz com que o aluno seja o protagonista da sua própria história, quando o que é ensinado, discutido na sala de aula tenha sentido na sua vida lá fora. Nem sempre conseguimos fazer com que isso aconteça, ai acontece a exclusão, as vezes tão disfarçada que muitos nem percebem, ela fica camuflada pela homogeneidade cultural da escola.

➤ **Na sua concepção as práticas docentes poderão contribuir para ganhos ou perdas das raízes culturais de grupo minoritário que se encontra na sala de aula.**

R. Na minha concepção, as práticas docentes tanto podem contribui para ganhos como também para perdas das raízes culturais, depende da forma como a escola ver, valoriza e trabalha os grupos minoritários que nela existe. Apesar da dificuldade de lidar com a diversidade, nós educadores, precisamos desenvolver práticas docentes que valorize as raízes culturais de nossos educandos e ao mesmo tempo envolver os outros alunos de outros grupos nas relações cotidianas de uma forma que eles não só conheçam a cultura, as diferenças individuais, mas que aceitem e respeitem o outro. Mas na verdade nos deparamos todos os dias com situações inusitadas da maioria de nossos alunos que historicamente vem com seus hábitos, seus valores construídos a partir de uma velha estrutura de poder da cultura dominante. Isso acaba acarretando uma sequência de problemas, o grupo minoritário ou passa a se adequar aoutras culturas ou perde sua identidade cultural,

não se sentem capacitados nem inclusos na escola, perdem a capacidade de exercer sua cidadania, aumentando assim a desigualdade social do país. A escola a meu ver é o local onde é identificada a pluralidade cultural, onde o multiculturalismo se faz presente, portanto nossas práticas docentes devem ser convergente com um currículo que desenvolva projetos educativos, coletivos que contemplem as diferenças individuais existentes na escola, que liberte o aluno das amarras do poder da hegemonia, do preconceito e da discriminação.

Q4. Diretrizes educacionais e a diversidade cultural

➤ **De que modo os professores se relacionam com as novas diretrizes educacionais e a diversidade cultural de sua comunidade?**

R. Como professora, procuro sempre contextualizar as diretrizes educacionais com a diversidade cultural da minha sala de aula, da minha escola, da minha comunidade, procuro também me informar das leis que surgem para garantir direitos, pois quando surge uma lei é porque tal direito não está sendo cumprido. Então nem a escola, nem a sociedade estão respeitando o direito do outro. Sabemos que existem sim documentos e normatizações construídos a partir da LDB (Lei de Diretrizes e Bases Nacionais) 9394/96, sabemos que existe também um artigo na Constituição Federal de 1988, que trata dos valores culturais, artísticos, regionais e nacionais, como também livros didáticos que trazem textos temáticos culturais e sociais que podem ser trabalhadas como temas transversais, mas isso depende muito de cada professor. Não é fácil para o professor desenvolver um conteúdo acerca desses temas, pela questão da sua preocupação com a aprendizagem exigida pelo sistema de ensino que quer a criança seja alfabetizada na idade apropriada a todo custo.

Então agente muitas vezes não se sente preparado para enfrentar um novo desafio e acaba resistindo a mudar nossa metodologia para trabalhar conteúdos temáticos como a cultura africana, afro-brasileira, cultura indígena, sexualidade, trabalho infantil, violência, drogas, bullying, contextualizando-as com a realidade de nossos alunos e as situações que surgem no dia a dia do espaço escolar. Então a nossa relação com as diretrizes educacionais é estabelecida através do contato com as OTMs (Orientações teórico-metodológicas), que a escola recebe e repassa para

trabalharmos em sala de aula. Nela estão determinados os conteúdos de cada disciplina a serem trabalhadas de acordo com cada série. Daí cada um de nós elaboramos nosso planejamento que será desenvolvido durante o ano letivo.

➤ **Quais os projetos da escola em relação à diversidade cultural existente?**

R. Não temos um projeto específico para trabalharmos a diversidade cultural na escola, porém temos outros projetos que englobam várias temáticas, temos a FECONART (Feira de Conhecimento e Arte) é um projeto que acontece só uma vez por ano na escola, é selecionado um tema e a partir desse tema são criados outros muitos projetos. Todo ano vivenciamos um tema diferente, o mesmo é escolhido coletivamente pelos professores de acordo com a necessidade da escola naquele momento. A uns quatro anos atrás realizamos um que focava a questão da cultura africana, é... se chamava de “Brasil – Mamãe África”, fizemos pesquisas com os alunos sobre a cultura africana, o modo de viver do povo africano, a influência da cultura africana na vida dos brasileiros desde a época da escravidão até os dias atuais, foram realizados vários projetos voltados para essa temática onde foi tratado a questão da música, da dança, da culinária e suas contribuições para a nossa cultura. Houve apresentações de peças teatrais, com recortes do poema de Castro Alves Navio Negreiro e outras apresentações voltadas para o combate ao preconceito e a discriminação racial. Temos também outro projeto que vivenciamos uma vez por ano, que é o LUART, este é um projeto voltado para a arte, quer dizer é um projeto artístico, então não deixa de tratar também das culturas. É um Luau, realizado em uma noite na praça da cidade. Os alunos e professores se envolvem fazendo levantamento sobre as origens dos primeiros habitantes da nossa comunidade, os aspectos culturais que nela se desenvolveram: a música, os artistas locais, a religião, a culinária, mas infelizmente esse trabalho por aí, não tem uma consistência, uma sustentabilidade que fortaleça o cumprimento do papel da escola em relação a diversidade cultural, se limita em um projeto que se constrói em pouco tempo e finaliza com a culminância em apenas um dia, através de apresentações. Então é insuficiente para sustentar a prática docente vinculada a questão da diversidade.

➤ **Participou de ações ou de formação sobre esta temática?**

R. Uma vez, a algum tempo atrás não me lembro bem o ano, foi logo quando houve a modificação na LDB, que propôs a obrigatoriedade da lei 10.639/03, a qual orienta os professores a trabalharem em sala de aula a cultura afro-brasileira como constituinte e formadora da sociedade brasileira, valorizando, portanto, o pensamento e as ideias de importantes intelectuais negros brasileiros, a cultura (música, culinária, dança) e as religiões de matrizes africanas. Mas não passou de uma só formação que além de ser muito vaga, também estacionou e daí para cá muita coisa já mudou no dia a dia da escola, os sujeitos são outros e os tempos também. Então essa questão da formação fica muito a critério do professor, quando temos disponibilidade para buscar o conhecimento, pesquisar, ir atrás das informações, para melhorar a nossa prática, tudo de bom pode acontecer, mas se ficarmos esperando só pela coordenação ou gestão da escola, continuaremos ser os conteudistas, ou seja, a escola que repassa conteúdos, que prepara o aluno para se sair bem no resultado das avaliações externas, deixando de lado a cultura de seus alunos, suas crenças e seus costumes.

Q5. Identificação de grupos culturais na escola

➤ **Na sua experiência de sala de aula você identifica grupos de diferentes nacionalidades, culturas, etnias ou religião, na sala de aula?**

R. Sim. Acredito que toda escola é formada por grupos culturais, pelo menos no Brasil, né. Aqui na escola nós identificamos os brancos, os pardos, os negros, os indígenas, os ciganos, os homossexuais, apesar deles, os homossexuais, não se identificarem como são justamente por temerem ao preconceito que ainda é muito forte. Temos também os grupos formados por religiões diferentes, os grupos formados por classe social econômica, os grupos dos alunos oriundos da área rural, né, os camponeses, outros grupos que vem da área periférica, os que moram no centro da cidade, os casos dos alunos especiais de mobilidades diversas, os alunos fora de faixa etária que é o caso dos jovens e adultos, os alunos vindos de outros estados vizinhos, moramos numa região geográfica que faz fronteiras com três estados, a Bahia, Alagoas e Sergipe, então por serem muito próximos, as famílias migram com muita facilidade, tornando a nossa escola a cada dia mais heterogeneia e a cultura cada vez mais diversificada.

➤ **Na sua escola você identifica situações de discriminações e preconceito entre os/as alunos/as, por conta de suas diferenças culturais?**

R. Identifico sim, O preconceito é o grande mal que só destrói, é uma praga que se encontra em toda parte do mundo, na escola então... Quanto mais o multiculturalismo se expande, mais cresce o preconceito e a discriminação. Vivemos numa sociedade preconceituosa que desconhece o valor do outro, por isso o discrimina. Na sala de aula é comum ver casos de alunos que são rejeitados pelos colegas pela questão da classe social, por exemplo, nossa comunidade é muito focada no trabalho até por ser um polo artesanal têxtil, atrai gente de outras localidades em busca de uma melhor qualidade de vida, quando chega aqui ver que não é aquilo que se esperava e acaba somando mais um número na lista das famílias de baixa renda e seu filho sofre isso na escola, por que os que são filhos dos empresários e microempresários, eles se apresentam na escola com um perfil, como se diz mais elevado se acham mais inteligentes, se vestem melhor, usam objetos caros, ostentam um pouco em cima daquele que tem um padrão de vida mais humilde, daqueles que as vezes lhe falta até a alimentação em casa, essa criança sofre, ela é discriminada de várias formas, até por um olhar, ou quando não é convidada ou aceita num trabalho em grupo ou até quando não consegue fazer sua tarefa na aula por que não tomou café e não consegue raciocinar direito, podemos chamar até de violência simbólica, um preconceito oculto, mas que maltrata, mutila o desenvolvimento da criança. Vejo também o preconceito contra os homossexuais, que na sociedade atual deixou de ser um tabu ao falar do assunto, mas quando se trata da realidade a coisa muda de figura. A criança tem sua inocência, mas também por conta disso ela é cruel com o seu ou sua colega, quando chama o outro de veado, de bichasemo menor pudor e outro recebe aquilo como uma ofensa por que a família e a sociedade já inculcouos homossexualismo como uma coisa errada e ruim. Então quando a criança começa a se descobrir sexualmente e percebe que ele ou ela não está dentro dos padrões exigidos pela sociedade, ela se retrai, é como se o mundo todo tivesse contra ele ou ela, e isso muitas vezes retarda o seu crescimento pessoal. A cada dia surgem novos grupos novas formas de ser, de pensar dos seres humanos, principalmente da juventude, na escola surgem os que gostam do fank, de roock, outros estilos musicais, corpos tatuados, brincos nas orelhas, cabelos estilosos, tudo gera uma aceitação ou uma

rejeição e a escola tem que trabalhar uma prática que contemple toda essa diversidade não é fácil não.

➤ **Como você lida com as questões das diferenças culturais?**

R. Frequentemente temos queixas de alunos/as que alegam discriminação na escola, outro dia fui abordada por uma aluna cigana que desabafou o seu sofrimento por conta do preconceito na escola, na sociedade e na própria família. A mesma afirmou com os olhos cheios de lágrimas, que não mais aguentava e não entendia tanta discriminação, primeiro na escola não se sentia respeitada pelos colegas ficavam zombando da sua fala, tinham medo que ela roubasse seus objetos, pediam para ela falar um pouco na linguagem cigana, mas não para aprender ou aplaudir, mas para tirar onda, disse ela. Os trabalhos em grupos só se fossem com a outra colega que também era cigana. Na sociedade, disse ela que notava o olhar discriminatório quando ela tentava se relacionar com as pessoas da sociedade, ainda relatou que estava gostando de um menino que não pertencia a cultura cigana e o próprio menino que dizia gostar dela quando estavam a sós, tinha vergonha de sair ou conversar com ela na frente das outras pessoas. Seus pais também não aceitariam jamais que ela se relacionasse com garotos que não fossem da mesma cultura cigana. Naquele momento o que eu fiz foi conversar bastante com a jovem, até ela se acalmar, pois já tinha notado sua tristeza na sala de aula a alguns dias, conversamos por um bom tempo e prometi que iria fazer algo para ajudá-la. Fiquei sem saber o que fazer diante de tal situação, levei o caso para a coordenação da escola em busca de uma solução, como podemos tratar assuntos tão delicados? Quem sabe trazendo as famílias para escola realizar palestras, oficinas sobre essas questões ou até mesmo conversar em particular com a família, colocar algumas ações como pesquisas sobre a cultura cigana na escola que ainda não teve até o momento, mostrar essa cultura, suas tradições, seus costumes, por que percebi que a garota estava muito deprimida e seu rendimento escolar já não era mais o mesmo. Uma semana depois quando voltei a dar aula na mesma sala a garota não estava mais lá, tinha ido embora, pois os pais descobriram seu relacionamento com o garoto não cigano, então como eles preservam suas tradições acima de qualquer coisa resolveram ir embora da cidade.

➤ **Você conhece a história de vida de seus alunos?**

R. Pouco. Trabalho com turmas de 6º ao 9º ano incluindo a EJA Educação de Jovens e Adultos, são muitos, né e não consigo ter uma aproximação boa com todos, mas conheço superficialmente. Tenho consciência da importância de se conhecer a história de vida de cada aluno, para que a aprendizagem tenha significado em sua vida. Numa sala de aula o mais importante não é o currículo, não são conteúdos, não são projetos, provas e mais provas, mais importante do que tudo isso, é saber o que ensinar e para quem ensinar. Como dizia Freire o ensino só tem significado se for contextualizado com a realidade do aluno, e para trabalhar com a realidade é preciso conhecê-la, ao contrário, a prática pedagógica transforma a escola numa espécie de educação bancária, conteudista que não tem serventia nenhuma na vida do aluno.

Nos dias atuais onde nos deparamos com uma diversidade enorme de saberes e de sujeitos no espaço escolar gosto de trabalhar logo no início do ano letivo projetos relacionados a identidade, para que o aluno descubra quem ele é, começando pelo auto-retrato, árvore genealógica, objetivando favorecer novas interações e ampliar o conhecimento da criança, do jovem ou adulto, a respeito de si mesmo e dos outros levando-os a se descobrir, sentir que possuem um nome, uma identidade e que fazem parte de um conjunto de pessoas em casa, na escola e na comunidade e que acima de tudo são muito importantes. No projeto sempre se trabalha a questão da autobiografia, então você acaba conhecendo um pouco da história de vida de seus alunos, mas isso não é suficiente para que possamos desenvolver um trabalho eficaz com eles, que faça a diferença em suas vidas, entende? Então não basta conhecer, mas de que forma eu posso garantir um ensino de qualidade que seja significativo na vida de tantos alunos cada um com suas peculiaridades, suas características e culturas diferentes. Conhecer é importante, mais... mas, do que isso é saber agir diante da realidade que nós professores encaramos todos os dias ao entrarmos em salas de aula cheias de histórias de vidas diferentes, de sonhos e perspectivas diferentes, cada um com as suas dificuldades seus problemas. É desafiador demais para nós professor esse mundo da diversidade.

➤ **Quais suas maiores dificuldades em trabalhar com o multiculturalismo em sala de aula?**

R. Uma das maiores dificuldades é ter que contextualizar a realidade das salas de aulas, as formas de vida, as diversas culturas, os níveis de aprendizagem de nossos alunos com as diretrizes imposta pelo sistema educacional. O sistema exige de nós professores, cidadãos bem formados no âmbito da cidadania, dos valores éticos e morais, que eles sejam participativos e atuantes na sociedade onde vive, como se a escola tivesse condições de resolver todos os problemas sociais a começar pela educação familiar. A escola submissa ao sistema quer a qualquer custo mostrar bons resultados nas avaliações externas exigidas pelo governo tanto na dimensão Federal, Estadual e Municipal, acaba colocando os professores para trabalharem numa situação de pressão e desconforto. Trabalhamos sob pressão do governo e dos órgãos superiores, e o pior, não vejo a escola, os nossos dirigentes, nem a gestão nem a coordenação, montarem estratégias de ensino junto a nós professores para atingir ou pelo menos chegar próximo do que se pede, do que se é exigido. Por exemplo, quando se trata das culturas africanas e indígenas, sabemos da modificação da lei 9394/96 para a lei de nº 10.639, que incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira, o negro, o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. Como também a lei 11. 645/08 referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros que deverão ser ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história. Esses e outros temas que deveriam ser reforçados pela equipe pedagógica da escola, na construção do PPP (Projeto Político Pedagógico) até porque não é todo professor que tem esse tempo e esse hábito de pesquisar e se atualizar para preparar seu planejamento. Então eu sinto falta sim de estudos, discussões com a equipe pedagógica para que o nosso trabalho de professor tenha mais sustentabilidade e agente se sinta mais seguro na aplicação e vivência de nossos conteúdos sem sala de aula. Não podemos esperar que a secretaria de

Educação Municipal determine o que vamos ensinar, o nosso currículo tem que ser reelaborado por quem está dentro da escola e conhece a sua realidade.

Outra dificuldade é lidar com a rotatividade dos alunos, como já falei anteriormente, a comunidade atrai moradores que vem em busca de trabalho, quando não dar certo ficam pouco tempo na cidade e vão embora, quando as crianças e os professores estão se conhecendo aí acontece isso. Daí já vem alunos novos e assim é o ano inteiro nesse processo.

APÊNDICE XIII. RESPOSTAS DA ENTREVISTA COM PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL



PROFESSOR P6

Q1. Identificação do Entrevistado:

- ☐ Idade -43
- ☐ Gênero - M
- ☐ Tempo de formação – 26
- ☐ Tempo de função_ 25
- ☐ Efetivo- Sim
- ☐ Contratado

Habilitação acadêmica

- ☐ Doutorado
- ☐ Mestrado- Mestre em Psicanálise com aplicação em Educação e Saúde
- ☐ Licenciatura - Biologia
- ☐ Bacharelato
- ☐ Outro
- ☐ Especialização-Programação do Ensino da Biologia

Q2 Conhecimento acerca da diversidade cultural na escola

➤ **Como é discutida as questões do multiculturalismo e a diversidade cultural na sua escola?**

R. Bem. Sabemos que a diversidade cultural representa as distintas culturas existentes no planeta, como cultura entendemos que é o conjunto de tradições de um povo representativo de uma determinada região onde destaca a língua, a crença, os valores, o comportamento, costumes, religião, culinária, folclore, dança, arte, dentre outros. Sendo assim o que diferencia uma cultura das outras são os elementos constitutivos que consequentemente compõe o conceito de identidade cultural, ou seja, o indivíduo pertencente aquele grupo se identifica, com os fatores que determine sua cultura, uma vez que a diversidade cultural engloba o conjunto de cultura que existe, são esses fatores de identidade que distingue o conjunto dos elementos simbólicos representantes nas culturas reforçando a diversidade cultural

existente entre os seres humanos. Na escola buscamos de uma forma, porém simples, não tanto incisiva, na questão dessas vivências, pois os elementos representativos dessas culturas muitas vezes não nos permitem a aprofundamento dessas vivências, pois o currículo da escola ainda não apresenta ações que estejam inerente a vivência dessas culturas. Sendo que são vivenciadas esporadicamente, em atividades extra- curriculares que a escola desenvolve, como no por exemplo no carnaval, no folclore em ações simples esporádica que são vivenciadas essas questões da identidade cultural. Sabemos que na região Nordeste, entre as manifestações culturais destacam-se principalmente as danças, que está relacionado, principalmente em Pernambuco ao folclore, a questão do vaqueiro, do forró, em relação as crenças religiosas que são os festejos, os novenários que acontecem em cada localidade de cada região, aí percebemos que os nossos estudantes se envolvem fazem parte, mas que escola infelizmente ainda não está totalmente inserida com essas vivências, eles participam de forma particular com a sua família, com o seu grupo, mas que a escola não faz parte diretamente dessa vivência.

Os professores não sentam ainda com a equipe para discutir essas questões, embora que mesmo sem está essa vivencia lá registrada, mas ela acontece, porque quando se tem um movimento desse tipo todos estão inseridos, nesse meio tanto os alunos, os professores, as famílias sempre estão inseridos, mas no âmbito escolar ainda não acontece essa vivência, Além disso existe também as outras manifestações que a escola pratica tipo, dentro do currículo agente percebe que dentro do currículo de Língua portuguesa a questão do trabalho com a literatura de cordel, é uma questão cultural nossa, nordestina daqui da nossa região essa vivência. Nos próprios eixos temáticos relacionados a disciplina de Língua portuguesa percebemos que há uma adesão e que os alunos terminam por fazer, além disso também percebemos que existe a questão da vaquejada, da missa do vaqueiro, da toada, que é muito peculiar da nossa região e que hora por outra agente percebe que o aluno está realizando, mas que a escola ainda não parou para trabalhar essas vivências como parte de seu currículo.

- **Concorda que a diversidade cultural na escola pode ser um fator de enriquecimento no desenvolvimento global da criança? Ou considera um entrave para o crescimento da mesma?**

R. Prefiro concordar que a diversidade seja um fator de enriquecimento global para a criança, mas isso depende da forma como a escola trabalha a diversidade, como o professor ver essa questão aí o que é um entrave para o desenvolvimento da criança pode ser transformado em situações de crescimento e enriquecimento da mesma, sua autoestima melhora, sua aprendizagem também, por que a criança se sentindo valorizada ela se sente incluída, sente que também faz parte da escola. Pois quando a cultura, o modo de ser da criança, não é visto ou então é visto com discriminação, isso se transforma num entrave e impede o desenvolvimento pessoal da criança. Então a diversidade em si é sem dúvida um fator de enriquecimento, mas isso só acontece se existir o respeito a valorização das diferenças entre as crianças. Para nós professores o que nos cabe é conduzir as crianças e levá-las a esse entendimento. Gosto de fazer abordagens nas minhas aulas para permitir que as crianças consigam enxergar o valor das pessoas independente das suas diferenças, para que eles passem a se respeitarem mais entre si.

➤ **Na sua escola já existe essa diversidade e flexibilidade no currículo escolar tendo em vista a boa inclusão da diversidade cultural de seu público?**

R. Na realidade percebemos que existe sim uma diversidade muito grande como em qualquer outro espaço, porém não há ainda não é inserido no currículo para que haja um trabalho mais eficaz dessa diversidade cultural, percebemos que através da secretaria do estado foi implantado a questão da cultura Afro-brasileira como eixo temático para ser discutido no currículo, porém na escola onde eu trabalho ainda não chegou, ainda não se percebe essa vivência, as vezes é até comentado, mas na prática não acontece. O Brasil hoje todas as regiões já trabalham com essa temática da cultura afro-brasileira, que é discutido, que é debatido, mas que na prática se vê muito pouco, que precisa ser mais discutido e que precisa ser mais vivenciadas, como a cultura indígena, somos de uma região totalmente indígena, o nosso município Tacaratu é uma cidade indígena temos algumas aldeias, a aldeia Brejo dos Padres, a aldeia Serrinha e a Entre serras, mas infelizmente no currículo da escola ainda não tem nem uma questão relacionada a essa discussão. Temos alunos da aldeia mas que não é vivenciado nem uma ação registrada em currículo para que possa ter um conhecimento maior sobre as vivências dessa cultura própria do índio.

Apenas no dia do índio é comemorado, tem algumas manifestações, mas só naquele dia e depois não é mais trabalhado nem uma ação da cultura indígena é uma necessidade que se tem é uma falha do município não trabalhar e não vivenciar essa questão do índio que é tão nossa tão próximo agente.

Q3. Desenvolvimento curricular na escola.

➤ **O desenvolvimento curricular e a metodologia utilizada pelos os professores estão inseridos no âmbito da diversidade cultural dos alunos?**

R. A questão de currículo fica muito a desejar, porque quando se ver currículo escrito registro não se percebe quase nada em relação a isso, porém os professores buscam essa vivência de uma forma muito particular, de forma muito pessoal, quando se vai buscar o registro não se tem nada de apoio, mas os professores procuram trabalhar essas questões por que é uma necessidade que se faz necessário, nós temos vários tipos de povos, nós temos o índio, que se faz presente, nós temos o negro, o cigano, e ai precisamos ter um conhecimento para poder lidar com isso e fazer com que se tenha a harmonia e se busque manter a identidade de cada um, mas infelizmente em questão curricular ainda não apareceu ainda não foi planejado. Em relação aos Jovens e Adultos percebo que tem um currículo e uma metodologia especial, mas que essa metodologia não é posta em prática, por que não houve nem uma preparação até hoje, os professores não foram capacitados para isso, não há uma formação específica para trabalhar com essa metodologia e ai termina que no dia a dia a metodologiatrabalhadaé uma metodologia tradicional de outra modalidade, não é trabalhado exclusivamente com uma metodologia específica de jovens e Adultos, sabemos que esse estudante dessa modalidade, já vem a muito tempo que está afastado da escola e quando ele vem precisa que seja vivenciado de forma diferenciada, para que ele se sinta motivado, para que tenha condições de buscar seus conhecimentos prévios de acordo com o que ele já viu em tempos anteriores. Mas que infelizmente esse currículo não é colocado em prática, ele existe porém não é vivenciado.

➤ **Em que circunstância a diversidade e a flexibilidade do currículo poderão ser boas soluções para uma melhor inclusão destas crianças?**

R. Em todas as situações, por que o currículo se faz necessário no sentido de conhecer e respeitar o outro nas suas diferenças, se aluno se sente respeitado ou

seja se a cultura de seu povo está sendo vista pela escola isso o fortalecerá, fazendo com que ele sinta bem, ele tenha entusiasmo em estar e mostrar aquilo que ele sabe, aquilo que ele vive. E ai desta forma ela vai estar motivado vai se ter resultados muito mais positivos, trazendo também para a sua turma todas as suas vivencias e enriquecendo aquele espaço de aprendizagem, por que um vai aprendendo com o outro, vai estar colaborando com o outro, claro vai ter um fortalecimento dessas aprendizagens, desse conhecimentos bastante enriquecedor.

➤ **Na sua concepção as práticas docentes poderão contribuir para ganhos ou perdas das raízes culturais de grupo minoritário que se encontra na sala de aula.**

R. Sempre as práticas pedagógicas deverão vir para contribuir, para colaborar para que haja sempre ganhos, sempre temos que desenvolver ações que venham a colaborar com o desenvolvimento cognitivo, com o desenvolvimento dos conhecimentos científicos, mas também com o desenvolvimento do humano, do ser humano. Se essas práticas ela estão vinculadas a um currículo que atenda as necessidades e as diferenças culturais, que atenda as necessidades do estudante claro que vai fazer com que ele se desenvolva, muitas vezes uma prática pode ser indesejável ou pode trazer perdas significativas, quando não estão relacionadas e nem de acordo com aquilo que o estudante necessita, quando de repente você trás para a sala de aula determinadas ações ou eixos que não estão de acordo com a realidade que o aluno vive ai termina em desmotivar, em afastar, esse aluno porque são determinadas práticas que não estão lhe satisfazendo. Infelizmente na escola acontece isso devido a falta de preparação, a falta de conhecimentos, principalmente sobre a questão dos objetivos do professor e do objetivo do aluno, muitas vezes o estudante estar mas estar por estar, ele não esta sendo direcionado ele ainda não estar percebendo qual é o seu papel enquanto estudante e qual sua visão de futuro, ele simplesmente estar vivendo um momento ali, mas sem perspectiva e muitas vezes agente chega a taxar que o aluno não tem perspectiva, mas na realidade muitas vezes é o professor que não tem perspectiva, está vindo por vir, está ali para trabalhar, não está para direcionar, não está para ensinar ou agir como um coordenador com um facilitador do conhecimento para a vida, muitas vezes apenas burocráticos de transmitir aquele conteúdo mas que para por si só, não busca caminhos para o desenvolvimento do ser. Apenas está ali para

mostrar aquele conteúdo e pronto. Sabemos que o professor precisa ir muito além disso, principalmente por essas questões culturais, a diversidade cultural se faz necessário que o professor mostre os caminhos para que o aluno comece a caminhar, e para onde caminhar, o caminho do conhecimento, o caminho da formação pessoal, da formação acadêmica, o que ele pode encontrar no ensino Médio e quais são as perspectiva que ele pode planejar no seu projeto de vida para ele prosseguir na sua carreira acadêmica positiva e que se tenha bons resultados e que preserve sua cultura, que indo aprimorando e voltando para enriquecer aqueles que ficam em sua região.

Q4. Diretrizes educacionais e a diversidade cultural

➤ **De que modo os professores se relacionam com as novas diretrizes educacionais e a diversidade cultural de sua comunidade?**

R. A contextualização da diversidade cultural fica a desejar na escola talvez pela falta de recursos e informações sabemos que existem alguns documentos que estão lá posto, todas as normatizações para serem trabalhadas, para serem vivenciadas a LDB é pouca discutida o próprio PPP é pouco discutido na escola, tem as ações lá postas escritas, mas na realidade não são lidas, não são questionadas, debatidas, não são discutidas, e por falta desses estudos deixam de acontecer e agente deixa de se preparar, de estar colaborando devido a essa falta de informação mesmo, que muitas vezes não é culpa só da escola, mas do próprio professor que não busca essas informações que estão lá nesses documentos para colaborar melhor com seu aluno. Infelizmente a equipe pedagógica dessa escola é meia que dispersa, agente não tem um contato direto, infelizmente até hoje não se sabe quem é quem, e ai fica difícil você chega numa aula atividade mas não consegue identificar qual de fato é o objetivo daquela aula atividade ai são discutidas algumas questões que não tem nenhuma formação não tem um foco centrado naquele momento ou posterior aquele momento, mas que não fica nada amarrado, não se faz um estudo, fica difícil você dá um segmento a essas ações que estão lá no PPP, (Projeto Político Pedagógico), mas que não são vivenciadas devido a isso. O PPP, na realidade é para ser construído coletivamente, mas que muitas vezes é só lido não é debatido, não é discutido, leem-se apenas as ações que estão lá postase pergunta se concordam ou não concordam.

➤ **Quais os projetos da escola em relação à diversidade cultural existente?**

R. Na realidade não temos projetos específicos sobre a questão do trabalho com a diversidade cultural, essas manifestações acontecem esporadicamente em datas comemorativas, por que não existe um projeto específico quero ressaltar também como falei anteriormente a questão da cultura afro-brasileira, que já um eixo temático que precisa ser trabalhado nos currículos das escolas, mas que nessa escola não é trabalhado é apenas citado, mais não é vivenciado especificamente por isso eu afirmo que não temos um projeto específico para trabalhar as questões culturais aí quando acontece nas datas comemorativas como o dia do índio, a questão de uma feira de conhecimento que é denominada na escola de FECONART, onde são colocados alguns projetos que são feitos pelo próprio professor e o aluno não tem conhecimento direto daquilo que foi feito, ele lê um texto e daquele texto ele repete para as pessoas que fazem visitas aos estandes mas ele não tem um conhecimento aprofundado ele está apresentando.

De certa forma está se colocando apenas esporadicamente sem um aprofundamento do que seja. Outra questão também que é trabalhada é o LUART é um luau onde se trabalha a questão da arte, mas que também é muito superficial, não se tem um aprofundamento, ou seja, não tem no currículo, não há necessidade um registro, então se faz simplesmente de uma forma superficial onde o aluno não tem o acesso ao conhecimento relacionado as questões que estão sendo exposta, o professor chega lá vamos fazer uma maquete, vamos fazer uma dança mas simplesmente faz a dança, faz a maquete e não é discutido, não é direcionado a um conhecimento mais aprofundado. Muitas vezes agente percebe que o aluno participa de uma dança até afro-brasileiro, ou de um cabloquinho ou de um frevo, que na realidade o próprio aluno não sabe nem o que é o frevo. Está dançando mais não sabe o significado. Pois não é vivenciado a questão da essência da cultura, é apenas de uma forma superficial. Ele sente o prazer na exposição daquela dança do ritmo em dançar o ritmo, porque é prazeroso, mas não tem o prazer do conhecimento da essência daquela dança, por aquela dança, de onde veio? Como chegou? Quais as contribuições culturais trouxeram para aquela realidade, porque que dançam né, não só na questão da dança, mas também nas outras vivências, como já falei a questão do vaqueiro, a toada, muitos alunos gostam de cantar e que quando são convidados a fazer eles fazem e fazem bem, mas não tem um

conhecimento aprofundado de com surgiu quem foi os primeiros, qual a importância daquela vivência para a nossa região.

➤ **Participou de ações ou de formação sobre esta temática?**

R. Infelizmente não, participei de outras formações que foram oferecidas pela Secretaria de Educação do Estado, mas do município não teve nem uma formação ainda, pelo menos que eu tenha tido conhecimento.

Q5. Identificação de grupos culturais na escola

➤ **Na sua experiência de sala de aula você identifica grupos de diferentes nacionalidades, culturas, etnias ou religião, na sala de aula?**

R. Sim. Toda escola ou todo espaço onde se tem o coletivo é fácil de perceber os grupos que ali estão presentes. Nós temos uma diversidade grande em relação as religiões, em nossas escolas, nós temos os evangélicos que se diferem de várias igrejas, a própria religião católica que também difere alguns seguimentos, tem grupos tipo, apostolado da oração, temos agora aqui no município o grupo de jovens, a carismática, então são vários grupos dentro da religião que agente percebe devido o que falam, devido ao próprio comportamento, além disso percebemos os grupos que são indígenas, os negros, as pessoas de zona rural, as pessoas de zona urbana que formam também seus grupos e fica muito visível a presença desses grupos através de seu sotaque, através do seu comportamento do que usam, de como se alimentam, são atitudes, são ações que deixam visível a sua identidade cultural e as suas diferenças. Também se percebe a questão das religiões, como já falei, a questão dos alunos especiais que conseguimos identificar, nós temos vários alunos no mesmo espaço que apresentam necessidades especiais tanto de questão física, mental entre outras.

➤ **Na sua escola você identifica situações de discriminações e preconceito entre os/as alunos/as, por conta de suas diferenças culturais?**

R. Muito raramente, nem sempre agente percebe, é precisa ter um cuidado para que isso não aconteça mais infelizmente agente ainda percebe alguns casos principalmente em relação ao aluno que é da zona rural, o aluno da zona urbana tem um determinado receio em relação ao aluno da zona rural, você é da roça, você

é do mato, são questões levantadas dessa forma muitas vezes sem ter o objetivo de ferir, mas que no fundo agente sabe que trás um incômodo a pessoa que recebe essa fala, esse conceito, apesar de que hoje essas diferenças não deveria mais acontecer, porque o que se tem na cidade também tem na zona rural, por conta da globalização, mas infelizmente agente sente esse preconceito com os estudantes da zona rural. Outra questão que ainda infelizmente ainda acontece é com o negro, há casos de aluno que é chamado de negro, é chamado de pretinho, agente percebe inclusive em turmas de oitava série, que ainda essas questões de valores precisam ser mais discutidas, como eu tive a pouco tempo o caso de um aluno que é negro e os demais colegas não queriam envolvê-lo no próprio grupo e quando se faz uma análise agente percebe que a questão era porque era negro, aí precisa-se se fazer um trabalho de conscientização e até de psicanálise mesmo, para as pessoas compreenderem que nós um só e além disso mostrar as questões legais, em relação a essa forma de pensar e agir. As leis estão aí para acobertar e além disso, tem a questão do ser humano, a questão do respeito, dos valores que precisam ser reelaborados na memória das pessoas para que aceitem o outro como seu semelhante independente de raça, cor, independente do que seja.

Há algum tempo atrás agente percebia muita essa questão do preconceito com as pessoas que tem necessidades especiais, hoje nem tanto, o que eu percebo hoje é um envolvimento, alguns sendo muitos solidários, ajudando, colaborando, tenho casos de alunos surdos em uma das salas e vejo que os companheiros, colegas da turma terminam ajudando na questão da interpretação através dos gestos, da LIBRA, para que ele possa entender aquela situação que está ocorrendo na sala. Então agente percebe aí um ação de solidariedade junto com eles, apesar de que ainda existem casos esporádicos tem alguns grupos, alguns alunos que ainda não aceitam. Como tivemos outro caso de uma menina que foi empurrada e ela tinha problema de deficiência e não foi permitido que ela entrasse na sala onde tinha outro grupo, aí foi preciso uma interferência, para discutir com essa pessoa a questão do preconceito e a questão da legalidade.

Infelizmente agente ainda percebe isso, uma questão de inferioridade daqueles que tem menos, e outros que tem mais alguma coisa querendo está mais acima em determinado nível, mas que é necessário fazer intervenções, o professor precisa está atento a isso para que isso não aconteça.

➤ **Como você lida com as questões das diferenças culturais?**

R. Nós temos vários alunos de culturas diferentes, de estados diferentes, de aldeias, de outros grupos, o que procuro fazer é buscar ações, metodologias que envolvam que façam com que eles estejam juntos, que eles discutam que abra oportunidade para que seja mostrado, através de exemplos trazendo os conhecimentos científicos para a realidade, fazendo comparações mostrando o que existe em cada uma dessas culturas de acordo com aquilo que eles estão vivenciando no dia a dia. Nos casos de preconceito é necessária a intervenção. Trabalhar com as questões dos valores, do ser, da formação pessoal do ser humano, como ele é, o que ele é, fazer aquela atividade do espelho se reconhecer no outro para ver que o outro é igual a você, todo mundo é igual. É necessária essa intervenção para que ele se veja no outro, e daí trabalharem a questão de valores e também a questão da legalidade. Existe lei, agente não está simplesmente por estar, não só uma questão de querer ou de aceitar ou concordar

Mas uma questão de lei, você precisa respeitar pra conviver só possível essa convivência se houver o respeito, acima de tudo.

➤ **Você conhece a história de vida de seus alunos?**

R. Conheço mais ou menos eu tenho uma relação muito estreita com meus alunos, agente conversa nos intervalos de aula, agente está muito próximo. Eu fiquei muito tempo fora da sala de aula, mas quando voltei me surpreendi com essa abertura que os alunos tem, procuro também dar essa abertura para que haja essa relação mais aproximada, claro haver esse conhecimento em relação a vida deles, como eles vivem, a questão da cultura, as suas condições econômicas, onde moram, com quem vivem, para poder agir em relação a isso, interferir se for necessário e colaborar para que eles sintam prazer em estar. Conhecer a família quando tem reunião de pais e mestres, conversar com a família para saber como estão as relações em casa para tentar entender como são as relações na escola.

➤ **Quais suas maiores dificuldades em trabalhar com o multiculturalismo em sala de aula?**

R. Uma das maiores dificuldades é ter que contextualizar a realidade das salas de aulas, as formas de vida, as diversas culturas, os níveis de aprendizagem de nossos alunos com as diretrizes imposta pelo sistema educacional. Quando não se está

inserido no currículo ai se torna meio que solto, você trabalha no dia a dia mais não tem um registro, você faz devido as necessidades que são apresentadas em sala de aula ou na escola, ou nas observações que agente faz durante o cotidiano escolar, mas que não tem nada amarrado, essa é a grande dificuldade.

Sabemos que essa diversidade, ela trás um enriquecimento muito grande para escola, para a sala de aula e todos que estão inseridos naquele espaço, porque um vai aprendendo com o outro e agente enquanto professor, claro aprendemos também com o outro, cada um é um mundo, cada cultura é um mundo diferente. Só temos que enriquecer nossos conhecimentos nossos pensares, a nossa forma de agir, diante daquilo que agente observa, conversa, vivencia com os nossos alunos no cotidiano. Então as dificuldades são simplesmente questões de registros de está mesmo no currículo e também a questão da formação, necessidade de haver uma formação para essas questões. Agente busca de forma particular, estamos buscando esse conhecimento, mas que na realidade precisaríamos de uma formação voltada para essa modalidade, para que viesse a enriquecer a escola como um todo, mostrando a cultura de cada um vivenciando, partilhando, pois não basta mostrar e vivenciar esporadicamente ou particularmente, mas vivenciando com todos que estejam convivendo naquele espaço.

APÊNDICE XIV. RESPOSTAS DA ENTREVISTA COM PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL



PROFESSOR P7

Q1. Identificação do Entrevistado:

- ☐ Idade -43
- ☐ Gênero - M
- ☐ Tempo de formação – 10
- ☐ Tempo de função_ 18
- ☐ Efetivo- SIM
- ☐ Contratado

Habilitação acadêmica

- ☐ Doutorado
- ☐ Mestrado cursando
- ☐ Licenciatura - Pedagogia
- ☐ Bacharelato
- ☐ Outro
- ☐ Especialização – pós-graduação: Psicopedagogia, Mídia na Educação, Educação do Campo, Gestão Escolar e Ciências da Educação.

Q2. Conhecimento acerca da diversidade cultural na escola

- **Como é discutida as questões do multiculturalismo e a diversidade cultural na sua escola?**

R. Olha, essa situação na escola não é discutida como deveria ser discutida mesmo com o que acontece nas reuniões, sempre quando se coloca alguma situação de discriminação nas salas de aula, essa discussão vem até as aulas atividades, porém não se resolve porque é um estudo muito fechado, fica dentro da escola e continua nas salas de aulas as mesmas questões. Não é fácil trabalhar com o multiculturalismo numa sociedade que recebe todos os dias novos grupos sociais com novas culturas diferentes e que nós professores nem temos conhecimento dessas culturas, nós temos ciganos, temos índios e outros que fogem da nossa formação, nós não fomos preparados para trabalhar com esse público e aí fica um

déficit muito grande entre o que nós temos conhecimento de multiculturalismo, da cultura desses indivíduos com a vivência da escola. Como é que agente pode aproximar o nosso conhecimento sobre a cultura? Até onde nós podemos chegar próximo desse aluno aproximar da cultura desse aluno se não temos conhecimento do que seja a cultura dele? Como nós podemos intervir dentre uma discussão cultural se agente não entende a cultura dele?

Concorda que a diversidade cultural na escola pode ser um fator de enriquecimento no desenvolvimento global da criança? Ou considera um entrave para o crescimento da mesma?

R. Sim. Eu concordo que a diversidade cultural na escola é um fator de enriquecimento por que sabemos que quando se trata de Brasil, somos uma sociedade multicultural e se a escola não trabalhar afimco essa situação poderemos está formando pessoas em séries com a mesma mentalidade com a mesma forma de pensar esquecendo que se somos uma sociedade multiculturalista, não podemos se fechar a um mundinho de uma sociedade branca com suas peculiaridades e deixar de lado as etnias e todo modo de pensar dos povos e de outras religiões e etc.

➤ **Na sua escola já existe essa diversidade e flexibilidade no currículo escolar tendo em vista a boa inclusão da diversidade cultural de seu público?**

R. Olha essa flexibilidade no currículo escolar de nossa escola não dá nem perceber, é colocado de forma que não dá nem para reconhecer esses sujeitos, a flexibilidade que possa a vir a acontecer só se for por professor individualmente. Agente sabe que mesmo com as novas leis da educação como a 10.639/03 que propõe as diretrizes curriculares para o estudo da história cultura afro-brasileira e africana, também a 11.645/08 que melhorou a situação quando colocou a situação dos índios, dos sujeitos do campo e os quilombolas, mesmo assim agente percebe que o currículo da escola não conseguiu englobar ainda essas situações, mesmo sendo legal. A escola ainda teima em está educando os sujeitos do futuro com o pensamento do passado. Volta sempre com a mesma metodologia que ensinava os sujeitos há trinta anos e sabemos que a evolução mundial vai muito além disso sabemos que a escola precisa melhorar seus métodos de ensino para que possa também incluir todos os sujeitos dentro dessa diversidade cultural por que se não o mundo não vai se desenvolver.

Vivemos numa margem de desenvolvimento e o Brasil é um país subdesenvolvido será se não está o problema na educação? Será se esse sub não irá se acabar quando a educação for valorizada? E que todos os sujeitos sejam respeitados com as suas diversidades culturais? O multiculturalismo e a flexibilidade na escola precisa de orientações precisa de estudo, não estamos bem servidos de coordenadores, de diretores, porque esses coordenadores e esses diretores não estão preocupados com o estudo das novas diretrizes.

As leis ainda continuam sendo material de gaveta de escola, material de gaveta de secretaria, não estão sendo utilizadas nas escolas, nas reuniões de coordenação, nas reuniões de planejamento, nas reuniões pedagógicas, isso poderia melhorar se os professores tivessem conhecimento do seu papel de educadores, mas educadores globais, não educadores individuais, o educador precisa ter em sua mentalidade um conhecimento global, ele precisa ter na sua mala de conhecimento sempre o desafio de encontrar coisas novas para que melhore o desenvolvimento da escola.

Q3. Desenvolvimento curricular na escola.

➤ O desenvolvimento curricular e a metodologia utilizada pelos os professores estão inseridos no âmbito da diversidade cultural dos alunos?

R. São várias situações diferentes, algumas situações são colocadas, os professores não conseguem trabalhar com a cultura do aluno, por que desconhecem a cultura, não foram preparados, pois a faculdade de formação de professores não os prepara para essa diversidade, nos currículos das universidades fica uma lacuna muito grande quando se fala da diversidade cultural, a universidade trata desse tema como data comemorativa, agente trabalha na escola pontuando, não faz parte de uma vivência cotidiana. Acredito que, os professores para trabalharem no âmbito da diversidade cultural de seus alunos eles tem que se aproximarem da família desse aluno, tem que ser agentes dessa comunidade, tem que participar da vida da comunidade, por que se não eles não entenderão a cultura individual de cada um, por que a diversidade é muito grande. Cada um tem uma cultura diferente mesmo morando na mesma comunidade, cada um trabalha uma cultura diferente e ensina a seus filhos uma cultura diferente. Agente percebe que com o desenvolvimento, a

evolução da humanidade alguns valores vão se transformando, não é que vão se perdendo, eles vão se transformando, a mídia, a internet, a questão da televisão todos esses aparatos tecnológicos fizeram com que a diversidade cultural venha crescer muito mais. Percebe-se, que nós professores tivemos um acréscimo muito maior na questão da diversidade cultural do aluno, por mais que agente procure trabalhar com essa questão precisamos pensar antes de agir, quando formos nos aproximar das famílias temos que ter cuidado para não sermos invasivos porque o conhecimento dos pais, não é igual ao conhecimento do professor muitas vezes quando pensamos que vamos ajudar corremos o risco de estarmos atrapalhando também na educação desse aluno.

➤ **Em que circunstância a diversidade e a flexibilidade do currículo poderão ser boas soluções para uma melhor inclusão destas crianças?**

R. A escola precisa ser flexível na questão de melhorar a aceitação dos alunos das famílias, porque percebo que a escola chama as famílias para vir até ela e na maioria das vezes esses pais não são bem recebidos como gostariam que fossem, muitas vezes eles são recebidos por iguais, porém sabemos que em se tratando de diversidade ninguém é igual, por isso nós somos todos iguais, por ninguém ser igual. A escola chama escola para reclamar do aluno, para mostrar nota, mas não chama o pai para discutir planejamento, não chama o pai para discutir a questão da discriminação, nem para tentar entender a diversidade cultural da família, e muito menos para participar da vida da escola, principalmente, na questão da inclusão da cultura. Todos os pais têm suas culturas próprias. É tolo dizer, ou seja, a escola se torna tola em dizer, que a transformação irá acontecer a partir do conhecimento escolar, acredito que a transformação só poderá acontecer quando partir do conhecimento do aluno, porque ninguém consegue partir de um meio, precisamos partir do princípio e o princípio está no conhecimento empírico do aluno.

➤ **Na sua concepção as práticas docentes poderão contribuir para ganhos ou perdas das raízes culturais de grupo minoritário que se encontra na sala de aula.**

R. Nesse caso quanto mais a escola desenvolve seu papel da forma que está, as comunidades, os grupos vão perdendo suas identidades. Porque a escola não trata das raízes culturais desses grupos, a escola está preocupada, principalmente essa

escola está preocupada nos resultados, nas provas externas, exigidas pelo governo Federal, Estadual e Municipal que também é um grande entrave. Acredito que essas provas só irão medir o nível de desenvolvimento educacional com um número para a sociedade brasileira, porém não vai contribuir de forma alguma para o desenvolvimento. Porque o desenvolvimento deve ser dado partir do indivíduo e não da sociedade por que quando o desenvolvimento chega a sociedade já deve ser o resultado da ação.

A escola deve trabalhar primeiro, o aluno para essa contribuição de valorizar as raízes, por que quando as raízes culturais não são valorizadas as crianças sofrem a discriminação. A escola precisa desenvolver projetos e ações que venham buscar as raízes culturais de seus grupos e trabalhar na sala de aula, para ver se diminui a questão da discriminação, para ver se melhora a situação social, a sociedade se faz em meio a convivência se a escola não conseguiu melhorar a convivência de seus pares, dentro de sala de aula, ela não está preparando uma sociedade futura, ela está preparando uma sociedade em que é cada um por si e Deus por todos.

Q4. Diretrizes educacionais e a diversidade cultural

➤ **De que modo os professores se relacionam com as novas diretrizes educacionais e a diversidade cultural de sua comunidade?**

R. Vejo assim que essas novas diretrizes educacionais, mesmo tendo uma trajetória já a um bom tempo, em 1993 quando saiu a primeira normativa legal, em que a diversidade deveria ser trabalhada na escola, vejo essas documentações ainda precárias e não são discutidas nas escolas, acredito que quando essa lei passar a ser mais discutida afimco na escola, nas aulas atividades, nas formações pedagógicas vá melhorar tanto o conhecimento do professor ajudando o mesmo a se reconhecer no seu papel de sujeito de transformação da sociedade, por que do jeito que está, as diretrizes educacionais estão voltadas simplesmente para elevar nível numérico de desempenho de escola. Acredito que quando o professor reconhecer que as diretrizes educacionais é papel dele estudar e compreender para desenvolver o seu trabalho venha melhorar isso. Como também a coordenação e gestão pedagógica precisa urgente tomar conhecimento dessas diretrizes para que venha facilitar a vida dos educandos e educadores.

➤ **Quais os projetos da escola em relação à diversidade cultural existente?**

R. Os projetos que existe na escola, além de serem insuficientes, eles são muito fechados, mesmo que trabalhe a diversidade, mas são pontuais, são projetos de feira de conhecimento, são projetos de datas comemorativas, que de ser tão pontual não acresceno desenvolvimento, é tanto que quando esses temas são abordados na escola, precisamos ter muito cuidado por que tocar ou tratar de alguns problemas sem ter o conhecimento de resolução pode até a crescer ainda mais o problema. Sabemos que é real a questão da falta de perspectiva de melhoria de nossa sociedade, vivemos numa sociedade capitalista onde o que vale é o ter, não é o ser e escola tem o papel fundamental de transformar essa ideologia de ter para pessoas que pensem no ser. Acredito que com projetos de pesquisa que a escola poderia propor viesse a aproximar dessa realidade acredito que algumas situações só podem ser resolvida na escola, se a mesma tiver propriedade daquela situação e para isso alguns projetos que já foi desenvolvido na nossa escola anteriormente veio a facilitar a nossa compreensão do que vinha acontecendo em nossa comunidade. Com esse projeto descobrimos que temos uma grande diversidade cultural, temos várias pessoas de outras comunidades, de outros estados e até mesmo de outros países, descobrimos na pesquisa que além de toda essa diversidade regional e nacional ela é também internacional, e isso vem a crescer ainda mais a nossa diversidade cultural, mesmo porque tem outro fator que deve ser ressaltado, a nossa comunidade é um pólo artesanal que trás para cá muita gente em busca de emprego e outra questão também é a geográfica nossa localidade fica muito próximo do estado de Alagoas, Sergipe e Bahia, por ser próximo recebemos frequentemente pessoas dessas localidades, sem falar na grande quantidade de pessoas em relação ao comercio, todos os dias chegam pessoas novas procurando o artesanato, assim cresce ainda mais a diversidade. São assuntos muito importantes para se trabalhar em sala de aula, mesmo com a falta de conhecimento, nós professores buscamos formas de trabalhar essa diversidade, acredito que professores que não trabalham da forma mais correta possível porque não tem conhecimento de causa.

Quando se trata de datas comemorativas, a escola ela não se preocupa em trabalhar primeiro a cultura e compreender afimco a cultura, um exemplo clássico são as festas juninas, eu vejo a festa junina como uma discriminação com o sujeito do campo, a escola não se trabalha a cultura do aluno do campo e quando chega na

data comemorativa é dado o sujeito campo como um matuto que não sabe se vestir, que usa roupa rasgada, que não tem uma boa dicção, começam a inventar vocabulários, dialetos, inventam várias formas de discriminar o sujeito do campo, discriminam também até na questão religiosa, quem vive no campo sabe que não existe casamento de ninguém da forma que a escola coloca o casamento junino. Isso é a cultura urbana querendo discriminar a cultura rural. Outra coisa interessante que acontece na escola é a pesquisa sobre determinada cultura que coloca alguns tipos de danças ou questões religiosas por alto que acrescenta ainda mais a discriminação, vivemos em meio de uma diversidade muito grande temos adeptos a uma grande quantidade de religiões,

Como o candomblé, que para a cultura branca, principalmente aqui na escola, candomblé é visto como uma coisa feia, como uma coisa do mal, a macumba é colocada como magia negra, o candomblé é coisa do diabo, e aí as pessoas que são adeptos a essas religiões como é que irão se sentir sendo discriminados dessa forma. A escola não se preocupa em ver a situação religiosa, a questão das igrejas protestantes, temos várias aqui em Caraipeiras, temos a igreja do Reino de Deus, temos a Assembleia de Deus, a Católica, Sétimo dia, a Universal e outras, quando se coloca na maioria das vezes a religião de modo geral, é sempre a católica ou simplesmente quando muda é a assembleia de Deus.

➤ **Participou de ações ou de formação sobre esta temática?**

R. Faz um bom tempo que existiu aqui no município uma formação, porém foi muito pontuada. Isso aconteceu quando surgiu a lei 11. 645 em 2008 que dava obrigatoriedade da escola a trabalhar com a diversidade cultural e aí no caso teve uma formação, mas foi muito frágil, tanto é que não sobrou nada, a escola não trabalha mas com nada do que foi colocado, os formadores também não tinham muito conhecimento de causa, essa formação deveria ter vindo primeiro para a gestão e equipe pedagógica para trabalhar no PPP da escola para que venha nortear o nosso trabalho.

Quando pegamos a Proposta da escola, vemos que a mesma não dá margem para trabalhar com a diversidade cultural em sala de aula, mesmo com a participação em alguma reunião para a formulação desse PPP, o mesmo é muito engessado tem que seguir as normas da secretaria da educação, tem que seguir normas das diretrizes educacionais, as normas do MEC, essas normas são

colocadas de forma muito artificial, porque se pegamos a LDB no seu artigo 12 ela dar toda margem para trabalharmos o PPP da forma que a comunidade precisa, porém esses pedagogos, esses diretores, esses coordenadores eles não tem conhecimento da questão legal, vão pelo que a Secretária de Educação fala e ver muito a questão do copiar colar, eu percebo que algumas coisas que tem na nossa proposta também tem em outras escolas vejo isso por que trabalho em mais de uma escola vejo que cada escola vai na secretaria e leva para os professores lerem, a contribuição de nós professores na reformulação desse PPP é mínima, quando se tem idéias para se colocar no PPP da escola, muitas vezes não é aceita, principalmente pelo coordenador, quando há situações que venham a fazer ele trabalhar por que os coordenadores desta escola como diretores querem mesmo é ficar sentados em um birô olhando para sua internet e que a escola se desenvolva só com o trabalho do professor.

Q5. Identificação de grupos culturais na escola

➤ **Na sua experiência de sala de aula você identifica grupos de diferentes nacionalidades, culturas, etnias ou religião, na sala de aula?**

➤ R. Sim. Existem muitos grupos de religiões diferentes, temos o grupo dos negros, dos brancos, dos índios e descendentes de índio. Outros grupos como os alunos especiais, os homossexuais, os ciganos, os de maior poder aquisitivo, os de classe baixa ou de classe média, os menos favorecidos, os que moram na periferia, os moram no centro, os que moram na zona rural. Temos também grupos de outros estados, de outros municípios de outras realidades, que compõe o multiculturalismo na escola.

➤ **Na sua escola você identifica situações de discriminações e preconceito entre os/as alunos/as, por conta de suas diferenças culturais?**

R. Sim. Eu percebo que na escola é o local onde mais acontece a discriminação, na escola tem os grupos, tem todos os gêneros, na escola é onde tem toda discriminação e é onde se constrói toda discriminação, sabemos que as famílias tem um grande papel na questão da discriminação, na questão de não respeitar o individual, mas a família vem da escola, a família e o aluno de hoje foi o aluno de

ontem, então a família não é culpada totalmente, se coloca muito a culpa na família, mas quem educou a família foi a escola, se não educou direito foi a escola. Se não educou direito, ela hoje está colhendo o que plantou. Veja só quando digo que a grande discriminação é na escola, porque começa da própria gestão, começa da forma como o gestor trata os professores, como os professores trata os funcionários, como os professores tratam e são tratados pelos alunos, por que a criança ela reage como espelho, ela fala o que escuta, ela aprende o que ensinam, se a família é preconceituosa, se escola trás uma grande grade de preconceito, logo o aluno vai agir dessa forma. Acredito que não estamos perto de acabar com a questão da discriminação, pelo contrário, acredito que na maioria das escolas o preconceito está crescendo cada vez mais, mesmo porque o que era tabu a um tempo atrás, hoje virou tema, virou vida, virou cotidiano desses alunos e a escola, educadores e educandos não estão preparados. Temos a questão da mídia que traz a questão sexual para dentro das casas das pessoas só que as famílias não foram preparadas para filtrar as consequências vem a tona, a escola está com problema de não saber resolver os conflitos entre a questão racial, entre a questão sexual e de gênero, porque a escola não preparou ninguém ainda, eu acredito que só venha a melhorar essa situação da discriminação, quando nós professores percebermos que para transformar uma sociedade é preciso se transformar primeiro, a questão de discriminação e preconceito está muito intrínseca ainda na mente de nós professores, agente não pode dizer “eu não sou preconceituoso”, como? Se agente não conhece? Se fizermos um estudo da palavra preconceito, agente vai ver que tudo aquilo que não conhecemos é um pré-conceito, se eu não tenho conhecimento de como agir diante da diversidade cultural eu vou tratar meus alunos e a família de meus alunos com preconceito.

➤ **Como você lida com as questões das diferenças culturais?**

R. Não vou dizer a você que é fácil porque essa diversidade precisa de muito conhecimento e quando agente trata dessa questão agente tem que ter muito cuidado no que vai falar, ao se aproximar do aluno, o que agente pensa que venha melhorar pode vir a complicar ainda mais a situação. Na sala de aula acontece muito atrito entre crianças em relação a questão social, racial, de classe, mas percebo que a maior dificuldade em trabalhar a questão de classe, a nossa comunidade é muito capitalista está voltada muito pela questão do dinheiro e as

pessoas vêem o outro como uma questão de poder, pela questão do de ter, e para trabalhar a questão humana partindo desse princípio é muito complicado, por que não podemos ter acara de pau de dizer que quem está com fome vai aprender, vai se preocupar com a questão da aprendizagem, então eu percebo que a discriminação maior não é nem pela questão, racial ou cultural, a situação pior está pelo poder econômico.

Quando se fala na questão das dificuldades elas estão muito na questão do conhecimento, não adianta eu querer resolver um problema sem eu saber. Por que quanto mais mexe numa situação de conflito ou você diminui o conflito ou aumentamos mais esse conflito. Não é por que eu não entenda do assunto, que eu vou deixara coisa acontecer se eu não compreender o que está se passando, antes de agir eu vou primeiro pesquisar, por que não é fácil entrar em uma discussão que eu tenha que tomar partido e quando se fala da questão da discriminação temos que tomar partido e aí qual é a hora certa de tomar partido e qual partido você vai tomar, a preocupação é maior e a dificuldade de nós educadores está aí nessa questão. Eu vou tomar partido sem eu conhecer a fundo a questão da discriminação? Por que na maioria das vezes a discriminação em sala de aula não acontece de imediato ela vem depois de outra situação anterior, mesmo porque na sala de aula a questão do respeito deve ser trabalhada logo nas primeiras aulas, o professor deve passar para o aluno a questão do respeito, eu não sou adepto do aluno comportado, nós não temos que formar alunos comportados, porque no meu ponto de vista pessoas comportadas são aquelas pessoas passivas que aceita tudo que vem, eu não gosto de alunos que sejam dessa forma, eu gosto de alunos críticos, alunos que trabalhem com a realidade que antes de falar vá refletir do que vai falar com o seu colega e para isso acredito que o professor tem que ter um pouco de conhecimento sobre toda a questão que vai falar principalmente quando se trata da questão racial, de classe de religião e de outras.

➤ **Você conhece a história de vida de seus alunos?**

R. Essa questão é muito complicada, principalmente com quem trabalha no fundamental II, eu tenho mais de trezentos alunos aí para eu conhecer a família desses alunos é complicado e aí para ter uma aproximação maior com esses alunos só se for através de projetos de pesquisas, eu não tenho como conhecer a família de meus alunos se são mais de trezentos, mesmo sendo na mesma comunidade não

tenho como, porém fica fácil quando se trabalha com projetos de pesquisa e questionários que fale sobre a vida cotidiana, porque o aluno é um ser muito prático nessa questão de se mostrar para o professor, principalmente os alunos que sofrem algum tipo de discriminação ou preconceito, por que ele procura o professor como um refúgio, uma válvula de escape, as famílias na maioria das vezes as famílias são os protagonistas desses preconceitos os alunos já trazem para a escola a discriminação da sua própria casa, da sua própria família aí fica fácil de identificar não precisa ser um psicólogo, para descobrir que seu aluno está com algum problema em casa, na escola ou na sociedade, só precisa ver o aluno não como um objeto de seu trabalho com um ser humano, que pensa, que tem sentimento, que precisa se desenvolver não como apenas um número como o governo costuma colocar.

➤ **Quais suas maiores dificuldades em trabalhar com o multiculturalismo em sala de aula?**

R. Vejo que começa da gestão da escola, da formação dos professores, da coordenação pedagógica, mas tem também a questão do material didático, a questão também do acesso aos meios de comunicação, tem também a questão do próprio conhecimento daquilo que agente não teve na faculdade, mesmo com todo meu tempo de estudo mais de trinta e cinco anos de cadeira de escola e graduação e mais graduação, pós-graduação, que já são cinco, mas eu ainda não consegui identificar na faculdade esse papel de trabalhar com o multiculturalismo, percebo que a faculdade prega uma coisa e faz outra, nós professores passamos pela faculdade e não nos tornamos pesquisadores, passamos pela faculdade e continuamos os mesmos professores, alguns deles com a mesma forma de pensar. A maior dificuldade de trabalhar com o multiculturalismo na sala de aula também estar ligado a questão do eu, do meu fazer, não posso ficar culpando Deus e o mundo de um papel que eu posso desenvolver, eu preciso ser pesquisador, eu preciso está sempre inovando tentando descobrir como a coisa funciona, como o multiculturalismo pode contribuir para o desenvolvimento de cada ser humano, mesmo a sociedade sendo resultado da escola, se esse resultado não está saindo da forma que ela quer é porque a escola com certeza está pecando na hora de plantar. Acredito que a escola não está preparando a sociedade para ser uma sociedade como nós professores gostaríamos que fosse.

APÊNDICE XV. RESPOSTAS DA ENTREVISTA COM PROFESSORA DO ENSINO FUNDAMENTAL



P8

Q1. Identificação do Entrevistado:

- ☐ Idade- 30 anos de idade
- ☐ Gênero - F
- ☐ Tempo de formação: 3 anos
- ☐ Tempo de função_8 Nesta escola
- ☐ Efetivo-
- ☐ Contratado: Sim

Habilitação acadêmica

- ☐ Doutorado
- ☐ Mestrado
- ☐ Licenciatura - Pedagogia
- ☐ Bacharelato
- ☐ Outro
- ☐ Especialização –

Q2. Conhecimento acerca da diversidade cultural na escola

- **Como é discutida as questões do multiculturalismo e a diversidade cultural na sua escola?**

R. É discutida entre os professores de forma interdisciplinar com pouca participação da gestão.

- **Concorda que a diversidade cultural na escola pode ser um fator de enriquecimento no desenvolvimento global da criança? Ou considera um entrave para o crescimento da criança?**

R. Concordo sim, a diversidade cultural existe em todo lugar, portanto permito um desenvolvimento e um enriquecimento global da criança. Quando as relações se estabelecem como um fator positivo sem preconceito e sem discriminação. E pode ser considerado um entrave quando as diferenças não são aceitas entre os sujeitos que convivem no espaço escolar e na comunidade. A escola infelizmente não está preparada para conduzir a sua clientela nesse enriquecimento global, o professor

que tem uma consciência da importância desse fator de enriquecimento procura desenvolver metodologias que favoreçam para esse aspectos e outros preferem não se envolver no trabalho que exige um olhar diferenciado.

Na sua escola já existe essa diversidade e flexibilidade no currículo escolar tendo em vista a boa inclusão da diversidade cultural de seu público?

R. Sim. Trabalho o currículo da escola e a metodologia que ela proporciona. E também vivencio a minha própria metodologia procurando suprir as necessidades dos educandos.

Q3. Desenvolvimento curricular na escola.

- **O desenvolvimento curricular e a metodologia utilizada pelos os professores estão inseridos no âmbito da diversidade cultural dos alunos?**

R. Sim, trabalha o currículo adaptado a necessidade local. De acordo com a realidade dos mesmos. Em meio termo, não contempla tudo os professores procuram o melhor na sua metodologia para suprir essas necessidades.

- **Em que circunstância a diversidade e a flexibilidade do currículo poderão ser boas soluções para uma melhor inclusão destas crianças?**

- R O currículo pode oferecer boas soluções para a inclusão se a escola fosse de fato uma escola inclusiva, onde a flexibilidade do currículo permitisse um desenvolvimento de um trabalho que contemple as necessidades dos grupos culturais que nos deparamos no nosso cotidiano em sala de aula. A escola não está preocupada com o desenvolvimento desses grupos, ela está preocupada em apresentar resultados satisfatórios que a coloque no ranque das melhores escolas em relação a aprendizagem de conteúdos programáticos. A escola ainda não acordou que trabalhando a partir da realidade cultural de seus alunos ela pode alcançar resultados satisfatórios em todos os aspectos.

- **Na sua concepção as práticas docentes poderão contribuir para ganhos ou perdas das raízes culturais de grupo minoritário que se encontra na sala de aula.**

R. A prática docente ela tem que contribuir para ganho, o professor precisa conhecer as raízes culturais as quais seus alunos pertencem, para que possa desenvolver um trabalho que venha incluir a cultura dos mesmos, mas sabemos que isso é um fator que depende da visão pedagógica do professor e da escola.

Q4. Diretrizes educacionais e a diversidade cultural

- **De que modo os professores se relacionam com as novas diretrizes educacionais e a diversidade cultural de sua comunidade?**

R. Sabemos da existência das novas diretrizes não pela a equipe pedagógica da escola, mas por uma procura de cada professor, sabemos que elas existem, mas não foram trabalhadas e discutidas dentro da nossa escola, o que recebemos são as orientações metodológicas enviadas pela secretaria de Educação. Cada professor seleciona o conteúdo que será trabalhado na sua sala de aula, na sua disciplina, essa relação das diretrizes com a diversidade cultural na comunidade se torna um vazio, por que nem todo professor está disposto a encarar o desafio da diversidade cultural.

- **Quais os projetos da escola em relação à diversidade cultural existente?**

R. Ainda não tem um projeto específico para determinado grupo cultural, na escola são vivenciados projetos em datas comemorativas de forma interdisciplinar onde cada professor trabalha em cada área de conhecimento.

- **Participou de ações ou de formação sobre esta temática?**

R, Infelizmente não. Nunca participei apesar de achar de extrema importância para a diversidade cultural.

Q5. Identificação de grupos culturais na escola

- **Na sua experiência de sala de aula você identifica grupos de diferentes nacionalidades, culturas, etnias ou religião, na sala de aula?**

R.Sim. Índios, brancos, pardos, ciganos, homossexuais, nômades, grupos religiosos católicos e os evangélicos e também os especiais.

- **Na sua escola você identifica situações de discriminações e preconceito entre os/as alunos/as, por conta de suas diferenças culturais?**

R. Sim. Com os negros, com os homossexuais, por a classe econômica financeira e também com os alunos especiais.

- **Como você lida com as questões das diferenças culturais?**

R. Procuro sempre dialogar conscientizar os outros grupos de alunos e dar uma assistência maior a esses alunos de acordo com o meu conhecimento. Tenho um

aluno especial, não sou qualificada para trabalhar não tenho tanto conhecimento, mas trabalho é o trabalho que acho que ajuda ele.

R. Você conhece a história de vida de seus alunos?

➤ R. Sim, a maioria eu conheço por que é da realidade da cultura de tear, conheço, não todos, mas a maioria. Consigo ter um contato em reuniões, na escola, quando encontro na rua, procuro saber como é o andar dos alunos com a sua família, como é a relação entre eles, estou sempre buscando desenvolver esse trabalho.

➤ **Quais suas maiores dificuldades em trabalhar com o multiculturalismo em sala de aula?**

R. Tenho dificuldade em trabalhar com os alunos especiais, por que não fui preparada para lidar com essa clientela, a escola não proporciona subsídios para nós professores vivenciar esse trabalho de forma adequada com qualidade, para que possa suprir as necessidades dos mesmos.

APÊNDICE XVI. RESPOSTAS DA ENTREVISTA COM PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL



P9

Q1. Identificação do Entrevistado:

- ☐ Idade- 27 anos de idade
- ☐ Gênero - M
- ☐ Tempo de formação: 8 ANOS
- ☐ Tempo de função_8 Nesta escola
- ☐ Efetivo-
- ☐ Contratado: Sim

Habilitação acadêmica

- ☐ Doutorado
- ☐ Mestrado
- ☐ Licenciatura - Pedagogia
- ☐ Bacharelato
- ☐ Outro
- ☐ Especialização – Pós –graduação em psicopedagogia clínica e institucional

Q2. Conhecimento acerca da diversidade cultural na escola

- **Como é discutida as questões do multiculturalismo e a diversidade cultural na sua escola?**

R. O multiculturalismo é um tema muito atual e pertinente tanto na sociedade, bem como no contexto escolar e não deixa de ser uma problemática cultural na escola, as consequências dessa interação de culturas, bem como os desafios que se colocam os professores e funcionários desta escola e que muitas vezes não são discutidas nem resolvidas por falta de práticas e de esclarecimento sobre o determinado assunto.

- **Concorda que a diversidade cultural na escola pode ser um fator de enriquecimento no desenvolvimento global da criança? Ou considera um entrave para o crescimento da criança?**

R.Muito, pois aprendemos um pouco da vivência e diversidade de cada um, a escola tem um papel importante a desempenhar nesse âmbito intercultural, pois a sua atitude prática e formação influencia no processo educativo, podendo favorecer ou até mesmo criar obstáculos ao desenvolvimento cognitivo, social e emocional dos alunos, como também ao desenvolvimento de competência e capacidade de cada um. Um conhecimento aprofundado da escola e do meio em que esta se insere deve ser os primeiros passos para garantir uma boa educação multicultural, onde a informação relativa aos alunos dessa escola possa ser utilizada na organização da mesma valorizando a pedagogia diferenciada.

Na sua escola já existe essa diversidade e flexibilidade no currículo escolar tendo em vista a boa inclusão da diversidade cultural de seu público?

R. Até que na escola já existe essa diversidade e flexibilidade de diversas culturas, mas não se insere ainda dentro do currículo escolar, não impedindo de desenvolver uma boa convivência com estas pessoas, temos aqui na escola, branco, negros, índios, ciganos, descendentes de afros e todos são incluídos ao nosso meio por intermédio das disciplinas e conhecimentos adquiridos nos estudos.

Q3. Desenvolvimento curricular na escola.

➤ **O desenvolvimento curricular e a metodologia utilizada pelos os professores estão inseridos no âmbito da diversidade cultural dos alunos?**

R.Muitos professores ainda não se acostumaram com essa diversidade, a prova disso é que quando se depara com qualquer problema na sala de aula já chama a direção da escola para solucionar o problema, vejo que em relação a essa questão falta uma formação onde ele aprenda a conviver com o meio o qual ele está inserido. No meu ponto de vista o que está faltando ai é uma formação ligada a esta temática para que o professor o mediador de sala de aula aprenda a lidar com a realidade de cada aluno que está inserido naquele grupo.

➤ **Em que circunstância a diversidade e a flexibilidade do currículo poderão ser boas soluções para uma melhor inclusão destas crianças?**

R A partir do momento em que a escola esteja adaptada a estas realidades sabendo lidar e conhecendo o histórico de cada um é importante que principalmente o professor conheça a história de seu aluno, de onde ele veio, o que faz, para que faz e com quem aprendeu. Essa é uma das parte mais interessantes que acho dentro desta profissão é quando o professor se preocupa com a história de vida daquele

aluno de onde ele veio, o que ele faz, com quem faz, sendo assim o trabalho se torna mais fácil para que se desenvolva uma boa produção e para que se tenha bons resultados, eu como professor preciso conhecer a história de vida de seus alunos.

- **Na sua concepção as práticas docentes poderão contribuir para ganhos ou perdas das raízes culturais de grupo minoritário que se encontra na sala de aula.**

R. Contribuirão muito, se o formador dentro da sua prática de ensino aplicar os valores à diversidade, à importância do conviver em conjunto, caso contrário pode haver aí a perda de resgatar os costumes, as tradições e manifestações da cultura de um povo. É onde eu falei anteriormente é preciso fazer o resgate, é preciso fazer a busca para que se conheça a história dos nossos alunos.

Q4. Diretrizes educacionais e a diversidade cultural

- **De que modo os professores se relacionam com as novas diretrizes educacionais e a diversidade cultural de sua comunidade?**

R. Isso acontece através de estudos aprofundados, acontece também a partir da necessidade em saber lidar com esta realidade, a partir do público que recebemos na nossa escola, que são alunos de raças diferentes, crenças diferentes, religiões diferentes e que nesses últimos anos a educação vem avançando através de novas leis, novos programas tentando solucionar os entraves que ainda existe dentro da educação, mas que ainda não é suficiente para solucionar a necessidade. Muitas coisas que temos hoje como avanço muitas vezes não se torna progressão, porque eles ficam muito acomodados, ficam muitos parados no tempo e esquece-se de viver e de conviver no meio, no conjunto onde ele se insere. Muitos estão ligados a metodologias antigas outros até que buscam estar dentro das novas leis de diretrizes, de estudos mais aprofundados, mas que ainda não é suficiente para lidarem com essa realidade desta temática abordada. Na minha concepção cada professor deve se aprimorar, buscar esse conhecimento, deixar de lado o tradicionalismo e buscar as novas metodologias de ensino, pois a cada dia temos avanços e temos que se modernizar e acompanhar os ritmos de nossos alunos se não vamos ser considerados ultrapassados e não vamos ser tão úteis em sala de aula.

- **Quais os projetos da escola em relação à diversidade cultural existente?**

R. Temos sim durante ano letivo a escola desenvolve projetos dentro do seu PPP (Projeto Político Pedagógico) projetos interdisciplinares, onde favorece a esses alunos a oportunidade de conhecer a diversidade cultural, então nós temos projetos como cultura de paz, as comemorações de datas comemorativas, projetos de intervenção leitura e escrita, para analisar a capacidade de cada um para ver onde cada um está em nível de estudo em nível de aprendizagem, temos também os campeonatos de jogos e danças, o folclore, são João, carnaval, sete de setembro, festas de padroeiros que tudo isso são culturas dentro da escola, são datas importantíssimas que nós não deixamos de trabalhar durante o ano letivo.

➤ **Participou de ações ou de formação sobre esta temática?**

R. Já participei várias vezes de encontro de formação onde a temática trabalha a diversidade cultural mostrando a forma de como podemos atuar nessa área da educação para mantermos a segurança do que estamos fazendo e transmitindo para os nossos alunos. Precisamos também conhecer através de estudos para saber respeitar e valorizar o que cada um tem para nos ensinar, pois cada um destas pessoas, cada um desses alunos que recebemos tem uma história muito interessante que precisamos conhecer e resgatar é através deles que aprendemos também muitas coisas.

Q5. Identificação de grupos culturais na escola

➤ **Na sua experiência de sala de aula você identifica grupos de diferentes nacionalidades, culturas, etnias ou religião, na sala de aula?**

R. Sim. Dentro da escola temos uma grande mistura de grupos sem contar nas discussões que existe entre esses grupos principalmente quando o assunto é religião, cultura, sexo, nos deparamos com esses problemas em relação a esses temas direcionados a esses temas. Grupos chegam a discutir entre sua religião, dizendo que a religião evangélica é a certa, ou que a católica é que é a certa e que muitas vezes há aquelas provocações, aquelas curiosidades, a onde eu faço a intervenção buscando a melhor forma possível de esclarecer aquelas dúvidas que os meus alunos encontram dentro da sala de aula e não só dentro da sala de aula, talvez dentro da sua própria casa, na rua, na igreja eles não recebam essa orientação e precisa de alguém tipo o professor que esclareçam todas essas dúvidas. Deparamo-nos também com situações em questão de sexualidade, alunos

são provocados, apelidados, chamados de gays, de boiolas, as meninas chamadas de patricinhas, então tudo isso gera um conflito enorme dificultando o nosso trabalho como professor, mas que tendo conhecimento de todo esse contexto, essa história, podemos se sair tranquilamente deste assunto.

➤ **Na sua escola você identifica situações de discriminações e preconceito entre os/as alunos/as, por conta de suas diferenças culturais?**

R. Temos muitos, temos uma série de casos, dentro da escola, a falta de conhecimento, de transmissão, faz com que esses problemas essas ações aconteçam e quando percebemos temos um problema formado para resolver. Quero citar um problema de um dos meus alunos que é um autista e que os pais não aceitam que o filho tenha esse transtorno, eu enquanto professor me preocupo muito já falei com outros colegas sobre o problema que estou enfrentando, pois tenho dentro da sala uma mistura de alunos que tem dificuldades, que tem deficiência e que os pais não compreendem, não fazem acompanhamento, sinto dificuldades também para descobrir qual é a sua necessidade, qual é a sua preferência, como eu não tenho a ajuda dos pais, para solucionar esse problema, o meu trabalho se torna muito difícil, pois precisaria de uma parceria e a melhor indicada seria os pais para me dar esse suporte, mais estou trabalhando da forma que me preparo, da forma que tenho conhecimento para saber lidar com esse grande desafio. Temos também aqui na nossa escola casos de crianças que são chamados de homossexuais, são chamados de veado e que os pais também não aceitam que os filhos sejam vítimas desses abusos, pois quando falamos em chamar os pais convocar para um encontro para tentar solucionar o problema, muitas vezes bloqueamos, não temos coragem de colocá-los em prática por conta da reação dos pais, não sabemos de que forma eles irão se comportar, pois nós professores passamos por formação e os pais não tem formação alguma, por isso dificulta muito o nosso trabalho, nós não temos força para solucionar sozinhos esses problemas citados, pois é muito difícil quando os pais não tem conhecimento de determinado assunto isso torna muito mais difícil. Outro fator muito preocupante aqui na escola nós temos vários alunos que são especiais que tem suas necessidades e que aqueles alunos considerados normais não entendem, não respeitam chegam até abusar da boa vontade daqueles alunos que são especiais e que nós também enquanto professores ainda temos uma certa dificuldade porque não temos uma formação direcionada aos cuidados com

esses alunos especiais, então eles são vítimas também dentro da nossa escola com abusos, com apelidos, com maus tratos que são pessoas diferentes e que esses alunos que são considerados normais também não tem o preparo, não tem conhecimento, nem experiência de como lidar com essa realidade, esse fator.

➤ **Como você lida com as questões das diferenças culturais?**

R. Da melhor forma possível, eu gosto muito de dialogar de estar inserido no meio desses desafios lógico sem preparo não existe condição de ajudar aquele que está sofrendo. Hoje mesmo me deparei com um caso muito angustiante para mim professor de um aluno da zona rural, pois aqui nós temos alunos da zona urbana e rural e muitas vezes esse aluno da zona rural ele sofre questões por questões de costumes, de sua fala, de seu vestir, da sua cultura onde ele vive e hoje me deparei com uma situação com um grupo de alunos onde maltratavam com xingamentos e até tapas no colega fazendo com que ele se sentisse uma criança desprezada, com a auto-estima lá em baixa aí chamei o grupo de alunos e conversei com eles, se eles achavam correto tratar aquela criança daquela forma e aí fui contar fatos da vida para eles e perguntei se eles encontrasse uma pessoa que fizesse o mesmo, se eles iam gostar e aceitar de serem tratados daquela forma. E que eles compreendessem o tamanho do sofrimento que aquela criança estava sentindo, por que durante toda a conversa particular ele chorou o todo o momento. Então imagine o quanto essa criança vem sofrendo calado só hoje a escola tomou conhecimento do caso que estava acontecendo e que a partir desse momento conversei com todos que estavam envolvidos se voltasse a acontecer todos irão receber uma punição por maus tratos.

➤ **Você conhece a história de vida de seus alunos?**

R. Conheço, até mesmo porque eles sentem total confiança em mim acreditam na minha capacidade de compreender o que estão sentindo isso para mim é muito gratificante já ouvir vários depoimentos de alunos que não acreditavam em si mesmo e que hoje ver a vida com outros olhos. O que me beneficia é a total confiança, é a vontade que tenho de querer ajudar, de querer me aproximar, buscar, trazer a família para o nosso meio para que forme força com a escola para juntos solucionar os problemas existentes.

➤ **Quais suas maiores dificuldades em trabalhar com o multiculturalismo em sala de aula?**

R. A minha maior dificuldade é o tempo que aqueles alunos levam para perceber a importância do valor com o próximo uma das maiores dificuldades é o preparo que não temos para trabalhar com os alunos especiais com os alunos que precisam do nosso apoio, temos formações mais não direcionadas a trabalhar com essa realidade, esse público que tanto precisa do nosso atendimento, do nosso cuidado. Um dos maiores desafios também é saber que algumas famílias trocam os valores reais pelos valores virtuais muitas vezes eles não investem no seu filho de uma maneira correta, por exemplo na escola está precisando de um dicionário de inglês e português e os pais em reuniões dizem não tenho condições de comprar dicionário, terminamos o ano e o aluno sem o material, para o uso das aulas, mas esse aluno tem um celular moderno, um vídeo, um tablete, então essa é uma das maiores dificuldades que eu encontro dentro da escola. Tenho medo que daqui alguns anos esse professor seja substituído por máquinas que sejam movidas a controle que nós professores, essa classe seja substituída por novos avanços.

APÊNDICE XVII. RESPOSTAS DA ENTREVISTA COM PROFESSORA DO ENSINO FUNDAMENTAL



PROFESSOR P10

Q1. Identificação do Entrevistado:

- ☐ Idade - 50
- ☐ Gênero - F
- ☐ Tempo de formação – 20
- ☐ Tempo de função_ 30
- ☐ Efetivo- SIM
- ☐ Contratado

Habilitação acadêmica

- ☐ Doutorado
- ☐ Mestrado-
- ☐ Licenciatura - Geografia
- ☐ Bacharelato
- ☐ Outro
- ☐ Especialização – Gestão Escolar

Q2 Conhecimento acerca da diversidade cultural na escola

➤ **Como é discutida as questões do multiculturalismo e a diversidade cultural na sua escola?**

R. As poucas vezes que discutimos as questões do multiculturalismo são em aulas para trabalhar apresentações culturais, onde foca a questão da diversidade cultural. Não partindo especificamente dessa palavra. Esse termo multiculturalismo, é pouco falado na nossa escola, mas trabalhamos as culturas locais nos eventos que a escola participa. Sabemos o quanto os professores e a escola em si precisam ter um olhar mais atento para as questões multiculturais, pois se observarmos no dia a dia da escola, vemos o quanto não estamos prontos ainda para trabalhar com esse público tão diverso, atendendo as suas peculiaridades. Podemos também perceber o quanto o ser humano pode ser amoroso, solidário, compreensível, mas também como ele pode ser cruel com o seu semelhante. Quando se trata de multiculturalismo logo nos

vem a cabeça o respeito às diferenças, a aceitação do outro sem discriminação. Na escola essa questão se torna complicada, porque há os dois lados dessa vivência por um público que respeita e é respeitado como também por um público que não respeita e outro que não é respeitado. Então para nós que fazemos a escola é encarar um desafio novo a cada dia e para encarar esses desafios é preciso muito preparo muitas formações e muitas discussões a respeito dessa temática e isso infelizmente está muito a desejar na nossa escola.

- **Concorda que a diversidade cultural na escola pode ser um fator de enriquecimento no desenvolvimento global da criança? Ou você considera um entrave ao ajustamento das crianças?**

R. Eu considero que colabora para o desenvolvimento global da criança, pois permite uma visualização da miscigenação que existe principalmente na nossa região, dessa forma contribuindo para uma maior visão de mundo e melhorias nas inter-relações na instituição e fora dela também. Quando a criança tem o contato com outras culturas abrirá para ela um leque de conhecimentos e novas possibilidades de enriquecer cada vez mais esses conhecimentos em todos os aspectos, morais, éticos, sócias, afetivos depende de como esses valores humanos são ensinados e a diversidade é um caminho para se conhecer o novo, para se conhecer o outro e crescer com junto com ele contribuindo para a construção de um mundo mais humano.

- **Na sua escola já existe essa diversidade e flexibilidade no currículo escolar tendo em vista a boa inclusão da diversidade cultural de seu público?**

R. Existe a diversidade cultural de forma bem marcante, porém não temos um currículo adaptado a essa realidade, ou seja, o currículo escolar não consegue incluir toda essa diversidade que nela se encontra. Essa inclusão da diversidade ao currículo fica a critério de cada professor.

Q3. Desenvolvimento curricular na escola.

- **O desenvolvimento curricular e a metodologia utilizada pelos os professores estão inseridos no âmbito da diversidade cultural dos alunos?**

R. O currículo das escolas públicas da nossa região é um currículo que já vem pronto, porém são feitas algumas adaptações com projetos interventivos que são designado pela secretaria de educação e pelas OTMs (Orientações Teóricas)

Metodológicas). Mas não está inserido integralmente no âmbito da diversidade dos alunos.

- **Em que circunstância a diversidade e a flexibilidade do currículo poderão ser boas soluções para uma melhor inclusão destas crianças?**

R. Ele permite que aconteça uma flexibilização para que possamos trabalhar com essa diversidade, uma vez que temos pessoas de várias culturas, classes, etnias que ai enriquece as ações desenvolvidas na escola e fortalece o conhecimento através dessas informações prévias que cada um trás e interage com o outro. Cabe ao professor conduzi essas informações de forma positiva para que sua ação seja transformadora e multiplicadora dos saberes, para que todas as crianças se sintam acolhidas e incluídas no espaço escolar.

- **Na sua concepção as práticas docentes poderão contribuir para ganhos ou perdas das raízes culturais de grupo minoritário que se encontra na sala de aula.**

R. Com certeza depende muito de como o professor vivencia a sala de aula, pois dependendo da visão que ele tenha, ele pode sim favorecer a essas diversidades e fortalecer o conhecimento também fortalecendo a esses grupos valorizando a cultura e as manifestações e o que eles vivenciam em sua região em sua casa na sua família, dessa forma não há perdas das raízes culturais por que a sua cultura continua viva.

Q4. Diretrizes educacionais e a diversidade cultural

- **De que modo os professores se relacionam com as novas diretrizes educacionais e a diversidade cultural de sua comunidade?**

R. Os professores procuram se relacionarem cada um a seu modo, há aqueles que por conta própria e por interesse próprio buscam inovar e adequar sua metodologia a realidade de sua escola e da sua comunidade, como também existe o professor que prefere esperar que a equipe pedagógica da escola busque essas diretrizes e traga para as discussões, mas como isso não acontece fica essa enorme lacuna entre as novas diretrizes educacionais e a diversidade cultural na escola.

- **Quais os projetos da escola em relação à diversidade cultural existente?**

R. Temos um projeto que é trabalhado a longo prazo que é o projeto cultura de paz, porém não é voltado especificamente para essa temática nele são abordados vários

temas os quais podemos trabalhar a questão do respeito mútuo, a ética, a cidadania, a sexualidade, a família entre outros. Temos também projetos diversificados que são trabalhados em datas comemorativas, que são vivenciados de acordo com o tema da data vivenciada.

➤ **Participou de ações ou de formação sobre esta temática?**

R. Já participei de algumas oficinas através da secretaria da educação do estado na minha escola ainda não tivemos a oportunidade de ter uma formação para a temática da diversidade cultural na escola. Porém, a secretaria estadual oferece e acaba beneficiando alguns professores que trabalham nas duas redes.

Q5. Identificação de grupos culturais na escola

➤ **Na sua experiência de sala de aula você identifica grupos de diferentes nacionalidades, culturas, etnias ou religião, na sala de aula?**

R. Sim. Existem grupos diversos de religiões, os negros, brancos, índios nativos da região. Outros grupos como os alunos especiais, os homossexuais, os ciganos, os de classe econômica mais elevada, os de classe baixa ou de classe média. Temos também grupos de outros estados, de outros municípios de outras realidades, que compõe o multiculturalismo na escola.

➤ **Na sua escola você identifica situações de discriminações e preconceito entre os/as alunos/as, por conta de suas diferenças culturais?**

Em partes. Entre alguns há uma certa curiosidade por parte dos que moram na comunidade como também por parte dos que chegam, percebe-se que as vezes acontece um estranhamento entre ambos e aí é preciso a interferência do professor para que esse estranhamento não se transforme em discriminação por alguma parte.

➤ **Como você lida com as questões das diferenças culturais?**

R. Normalmente, acredito que se precisa ter que se levar em consideração os conhecimentos prévios que cada um traz de acordo com a sua cultura, de acordo com as suas características próprias e aí adaptar para que todos tenham conhecimento de como acontecem as coisas e os porquês.

➤ **Você conhece a história de vida de seus alunos?**

R. Sim. Sempre procuro conhecer sua história de vida, conhecer as famílias de onde vieram, como vivem, quais são as suas necessidades, para melhor

desenvolver meu trabalho de professora buscando adequar os saberes escolares a realidade do aluno.

➤ **Quais suas maiores dificuldades em trabalhar com o multiculturalismo em sala de aula?**

R. Tenho muita dificuldade de trabalhar com o público que tem necessidades especiais. Nós professores ainda não fomos preparados para atender esse público como tantos outros. Sabemos da obrigação da escola em incluir todos os grupos e ela até inclui, porém ao mesmo tempo muitos se sentem excluídos por que não tratados como deveria ser. A escola recebe toda a diversidade, é muito receptiva e acolhedora, mas a maioria dos professores tem muita dificuldade em incluir seu aluno com as suas particularidades em todo contexto escolar e humano, levando em consideração as especificidades dos grupos que nela se encontra.

APÊNDICE XVIII. RESPOSTA DA ENTREVISTA COM DISCENTE DE 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL



ALUNO 1

Q1. Identificação do Entrevistado:

Idade: 16 anos

Gênero: feminino

Etnia: negra

Série: 9º

Formação educacional do pai: ensino fundamental completo

Formação educacional da mãe: 5ª série

Ocupação Profissional do pai: Artesão

Ocupação Profissional da mãe: Agricultora

Q2. Conhecimento do aluno acerca da diversidade cultural na escola:

Vivemos em um país multicultural onde a diversidade está em toda parte e diversas situações que envolvem as diferenças acontecem em nosso cotidiano, diante disto, fale da postura de sua escola em relação a sua cultura.

- **O grupo étnico racial o qual você pertence é valorizado dentro da sua escola pelos professores, funcionários e colegas?**

R. Sim é valorizado por aqueles que fazem parte da gestão escolar, mas não há um trabalho voltado para a minha cultura no currículo escolar, pelo menos eu não vejo.

- **Na sua escola há diferença no tratamento dos alunos por conta das questões étnicas raciais?**

R. Bem até o momento estou presente no ensino da minha escola vejo que o tratamento é único, igual para todos os alunos, por parte dos professores e da gestão escolar, mais infelizmente não se pode dizer o mesmo com respeito aos alunos que compõem a escola, ainda existe esse problema que afeta muitas pessoas, principalmente quem é vítima do racismo, se prejudica emocionalmente e com certeza afeta sua aprendizagem, sua autoestima e poderá levar esse trauma para o resto da vida.

➤ **Você já participou de algum projeto ou evento cultural promovido pela sua escola referente à sua cultura?**

R. Serei sincera. Nunca participei de nenhum projeto ou evento cultural já promovido pela minha escola, mas já aconteceram sim eventos aberto ao público, que é explicado um pouco sobre a cultura é apresentado na própria escola em feiras de conhecimentos que envolvem a sociedade como um todo para um melhor entendimento sobre a cultura brasileira.

➤ **A sua escola oferece materiais didáticos que possibilite conhecer a sua cultura?**

R. Se na escola existe matérias que possibilite os próprios alunos conhecer sua cultura até hoje eu não tive acesso, pelo menos não na sala de aula.

Q3.Reação dos estudantes frente ao preconceito e a discriminação:

➤ **Você já sofreu algum tipo de preconceito dentro e fora da escola por conta da sua etnia?**

R. Sim, já aconteceu uma vez quando uma colega na sala de aula falou que deixou de tomar café para não dar ousadia a negro e outra situação que passei é que o colega disse que parou de comer banana para não dar ousadia a macaco.

➤ **Você percebe que os problemas e conflitos referentes ao preconceito e a discriminação que ocorrem dentro da escola são resolvidos?**

R. As vezes sim, alguns problemas conseguem ser solucionados já outros infelizmente não.

➤ **Como você acha que uma pessoa deve reagir quando sofrer algum tipo de discriminação?**

R. Em primeiro lugar, brigar ou quer se vingar não é a melhor solução, pode acabar levando a uma situação muito trágica, a melhor decisão a tomar é conversar e quando isso não resolve cabe a cada um procurar seus direitos como um ser humano.

Q4. A visão dos estudantes em relação ao comportamento da sociedade brasileira sob a diversidade cultural:

- **Mesmo sendo o Brasil considerado o país da diversidade, você o considera um país racista?**

R. Sim. O Brasil é um país que existe uma grande variedade de cultura, mesmo assim é um país que existe muito racismo por parte da sociedade.

- **Na sua visão, quais as situações de preconceito e discriminação mais comum na sociedade e na comunidade onde você vive?**

R. Pela cor ou por causa da origem da pessoa e até mesmo pela sua diferença sexual.

- **Como você se sente diante da sociedade brasileira em relação ao respeito pela sua cultura?**

R. Me sinto bem, apesar de ser de uma cultura pouco valorizada, procuro viver do meu jeito, pois no final vejo que sou igual a bilhões de pessoas no mundo, que só querem ser feliz.

Q5. Conhecimento do discente acerca da Lei 10.639/03 e 11.645/08

- **Existe no Brasil a lei 10.639/03 e a lei 11.645/08, promulgada para valorizar a história, cultura afro-brasileira e a cultura indígena, algum professor já mencionou ou trabalhou a temática da cultura afro-brasileira e a cultura indígena?**

R. Ainda não. Fala-se da cultura negra, mais a lei em si ainda não foi trabalhada.

- **A Lei 10.639/03 e 11.645/08 estabelecida na Constituição Federal, asseguram o direito à igualdade de condições de vida e de cidadania, assim como garantem igual direito às histórias e culturas que compõem a nação brasileira, além do direito de acesso às diferentes fontes da cultura nacional a todos, Na sua percepção, como a sociedade brasileira absolve e vivencia essas leis?**

R. Muitos desconhecem essa lei, não praticam, não tem essa lei como um dos valores da vida, pois se isso fosse diferente tenho certeza que o mundo seria um lugar melhor de se viver. Se isso existisse não haveria tanto preconceito.

Q6. A família e suas tradições culturais

- **As tradições da sua cultura são preservadas pela sua família?**

R. São praticadas algumas atividades, mas de forma involuntária, por exemplo: gostamos da feijoada, do mungunzá, da tapioca.

➤ **Como a sua família trata a sua relação com as pessoas de outros grupos sociais que não tem as mesmas tradições?**

R. Tenho a liberdade de conviver com aqueles de conviver com aqueles que tem os mesmos princípios e valores que eu tenho independente da cor, origem ou nacionalidade.

➤ **Quais os valores culturais, crenças, costumes, tradições que são preservados no seio familiar?**

R. É preservado o cabelo afro, a culinária e se tratando de religião na minha família é respeitada as normas da religião que pertencemos.

➤ **Você já deixou de participar de alguma apresentação ou de se relacionar com alguém por conta de suas tradições culturais e familiar?**

R. Não fui discriminada, nunca deixei de participar nem por causa da cor da pele, nem por causa da religião, sou uma pessoa queprocuro me relacionar com pessoas de vários grupos sociais, respeitando os valores e os costumes de cada um deles. Portanto faço valer que a minha cultura também seja valorizada e respeitada.

APÊNDICE XIX. RESPOSTA DA ENTREVISTA COM DISCENTE DE 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL



ALUNO 2

Q1. Identificação do Entrevistado:

Idade: 16 anos

Gênero: feminino

Etnia: negra

Série: 9º ano

Formação educacional do pai: primário

Formação educacional da mãe: primário

Ocupação Profissional do pai: vendedor de artesanato

Ocupação Profissional da mãe: artesã

Q2. Conhecimento do aluno acerca da diversidade cultural na escola:

Vivemos em um país multicultural onde a diversidade está em toda parte e diversas situações que envolvem as diferenças acontecem em nosso cotidiano, diante disto, fale da postura de sua escola em relação a sua cultura.

- **O grupo étnico racial o qual você pertence é valorizado dentro da sua escola pelos professores, funcionários e colegas?**

R. Sim os professores, funcionários tratam todos iguais independente de qual for a cultura que pertencem, já da parte de alguns alunos percebe-se o preconceito.

- **Na sua escola há diferença no tratamento dos alunos por conta das questões étnicas raciais?**

R. Na minha escola eu não percebo nenhuma diferença no tratamento dos alunos por causa da cor, todos são tratados acolhidos incentivados de forma igual.

- **Você já participou de algum projeto ou evento cultural promovido pela sua escola referente à sua cultura?**

R. Não participei, nunca participei, mas minha escola promove sim vários eventos culturais para conscientizar o público sobre esse preconceito que ainda hoje acontece em nosso cotidiano.

➤ **A sua escola oferece materiais didáticos que possibilite conhecer a sua cultura?**

R. Não. Se oferece eu nunca tive acesso a esses materiais.

Q3.Reação dos estudantes frente ao preconceito e a discriminação:

➤ **Você já sofreu algum tipo de preconceito dentro e fora da escola por conta da sua etnia?**

R. Não. Por conta da minha etnia não, mas de outra coisa sim. (não quis falar).

Você percebe que os problemas e conflitos referentes ao preconceito e a discriminação que ocorrem dentro da escola são resolvidos?

R. Eu percebo que alguns conflitos referentes ao preconceito que são encaminhados para a gestão da escola a maioria são resolvidos, mas o meu particularmente nunca foi resolvido.

➤ **Como você acha que uma pessoa deve reagir quando sofrer algum tipo de discriminação?**

R. Deve reagir denunciando e não com violência como muitas pessoas que sofrem preconceito fazem.

Q4. A visão dos estudantes em relação ao comportamento da sociedade brasileira sob a diversidade cultural:

➤ **Mesmo sendo o Brasil considerado o país da diversidade, você o considera um país racista?**

R. Sim, porque em todos os lugares vemos o preconceito. Por exemplo, o jogador de futebol, que jogaram uma banana nele e o chamaram de macaco. Teve também o caso da atriz Taís Araújo, ela publicou uma foto nas redes sociais e foi atacada com comentários racistas perguntaram se ela tinha vindo da senzala, mandaram usar o cabelo para lavar louças, só por ela ser de outra cultura e ter cabelo encaracolado.

➤ **Na sua visão, quais situações de preconceito e discriminação mais comum na sociedade e na comunidade onde você vive?**

R. Preconceito da cor da pele, da sua condição social se você for rico é tratado de uma forma se você for pobre é de outra, também por conta da sua sexualidade e se você mora no sítio também sofre preconceito.

- **Como você se sente diante da sociedade brasileira em relação ao respeito pela sua cultura?**

R. Pela cor da minha pele eu me sinto bem, mas a respeito da diversidade cultural sinto que as pessoas precisam mudar a forma de pensar e respeitar o outro.

Q5. Conhecimento do discente acerca da Lei 10.639/03 e 11.645/08

- **Existe no Brasil a lei 10.639/03 e a lei 11.645/08, promulgada para valorizar a história, cultura afro-brasileira e a cultura indígena, algum professor já mencionou ou trabalhou a temática da cultura afro-brasileira e a cultura indígena?**

R. Não. Nunca nem um professor falou dessa lei. Já fizeram apresentações da cultura negra.

- **A Lei 10.639/03 e 11.645/08 estabelecida na Constituição Federal, asseguram o direito à igualdade de condições de vida e de cidadania, assim como garantem igual direito às histórias e culturas que compõem a nação brasileira, além do direito de acesso às diferentes fontes da cultura nacional a todos, Na sua percepção, como a sociedade brasileira absolve e vivencia essas leis?**

R. Acho que poucas pessoas conhecem essas leis, por isso que esses direitos não são assegurados, falta muita informação e conhecimento sobre as leis.

Q6. A família e suas tradições culturais

- **As tradições da sua cultura são preservadas pela sua família?**

R. Até que na prática, acontece, mas não se fala que é uma herança da cultura negra, exemplo a minha família preserva a dança, a culinária e os remédios caseiros, mas não é falado que é uma herança da cultura negra.

- **Como a sua família trata a sua relação com as pessoas de outros grupos sociais que não tem as mesmas tradições?**

R. Por parte de mãinha não, ela não se importa se eu andar com quem quiser, mas meu pai, ele escolhe as minhas amizades.

➤ **Quais os valores culturais, crenças, costumes, tradições que são preservados no seio familiar?**

Os valores que são preservados são os valores morais relacionados aos bons costumes, mas não é voltada a cultura afro-brasileira que no caso é a minha cultura, na minha casa pouco se fala nisso.

➤ **Você já deixou de participar de alguma apresentação ou de se relacionar com alguém por conta de suas tradições culturais e familiar?**

R. Sim já deixei de participar em trabalhos em grupo na escola e eu sentir que foi por conta da minha cultura, eu me sentir excluída e sentir também que a minha cultura foi negada.

APÊNDICE XX. RESPOSTA DA ENTREVISTA COM DISCENTE DE 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL



ALUNO 3

Q1. Identificação do Entrevistado:

Idade: 18 anos
Gênero: feminino
Etnia: cigano
Série: 7º ano
Formação educacional do pai: Até a 5ª série
Formação educacional da mãe: nunca estudou
Ocupação Profissional do pai: cantor
Ocupação Profissional da mãe: dona de casa

Q2. Conhecimento do aluno acerca da diversidade cultural na escola:

Vivemos em um país multicultural onde a diversidade está em toda parte e diversas situações que envolvem as diferenças acontecem em nosso cotidiano, diante disto, fale da postura de sua escola em relação a sua cultura.

- **O grupo étnico racial o qual você pertence é valorizado dentro da sua escola pelos professores, funcionários e colegas?**

R. As vezes é. Uma vez tive uma aula sobre os nômades, pessoa que viaja muito uma professora deu uma aula sobre isso, mas não falou sobre os ciganos.

- **Na sua escola há diferença no tratamento dos alunos por conta das questões étnicas raciais?**

R. Percebo. Tipo quando tem algum evento que a escola vai fazer só puxa para o outro lado, ai tem vez que não me colocam não me incluem nas coisas da escola.

- **Você já participou de algum projeto ou evento cultural promovido pela sua escola referente à sua cultura?**

R. Não. Referente a minha cultura não. Já fiz outras apresentações aqui na escola, mas sobre a minha cultura não.

➤ **A sua escola oferece materiais didáticos que possibilite conhecer a sua cultura?**

R. Não. Nunca vi.

Q3.Reação dos estudantes frente ao preconceito e a discriminação:

➤ **Você já sofreu algum tipo de preconceito dentro e fora da escola por conta da sua etnia?**

R. Já sim. Aqui mesmo nessa escola uma menina falou que cigano não era para estudar. Cigano só vive roubando, falando bem alto, querendo imitar a fala, já teve muito isso.

➤ **Você percebe que os problemas e conflitos referentes ao preconceito e a discriminação que ocorrem dentro da escola são resolvidos?**

R.As vezes sim. Por parte da diretoria, meu pai chamou atenção e eles resolveram. A pessoa pediu desculpa e mandaram-na pesquisar sobre nossa cultura.

➤ **Como você acha que uma pessoa deve reagir quando sofrer algum tipo de discriminação?**

R. Eu acho que ela deve reagir... com violência não, nem se rebaixar ao mesmo nível da outra pessoa, acho que tem que ser superior, não se igualar e procurar seus direitos.

Q4. A visão dos estudantes em relação ao comportamento da sociedade brasileira sob a diversidade cultural:

➤ **Mesmo sendo o Brasil considerado o país da diversidade, você o considera um país racista?**

R. Considero sim, por que ainda muito preconceito com os negros com os gordos ainda vejo isso e com agente cigano.

➤ **Na sua visão, quais as situações de preconceito e discriminação mais comum na sociedade e na comunidade onde você vive?**

R. Contra os negros, os gordos e os homossexuais.

Como você se sente diante da sociedade brasileira em relação ao respeito pela sua cultura?

R. Eu me sinto pouco respeitada, não tem muito respeito, poderia ser melhor.

Q5. Conhecimento do discente acerca da Lei 10.639/03e11.645/08

- **Existe no Brasil a lei 10.639/03 e a lei 11.645/08, promulgada para valorizar a história, cultura afro-brasileira e a cultura indígena, algum professor já mencionou ou trabalhou a temática da cultura afro-brasileira e a cultura indígena?**

R. Não nunca ouvi falar dessa lei. Da cultura afro-brasileira já ouvi.

- **A Lei 10.639/03 e 11.645/08 estabelecida na Constituição Federal, asseguram o direito à igualdade de condições de vida e de cidadania, assim como garantem igual direito às histórias e culturas que compõem a nação brasileira, além do direito de acesso às diferentes fontes da cultura nacional a todos, Na sua percepção, como a sociedade brasileira absolve e vivencia essas leis?**

R. As vezes deixam de lado as leis, acho que a maioria delas não são cumpridas.

Q6. A família e suas tradições culturais

As tradições da sua cultura são preservadas pela sua família?

R. São sim. Cigana mulher não pode se casar com homens que não sejam ciganos, só pode casar virgem e não podemos nos relacionar com pessoas que não sejam ciganos. Amizade também não, eles não deixam ter amizade com meninos só com meninas. O homem pode casar com quem ele queira nem que não seja cigano homem da nossa cultura pode só não as mulheres. Eu não aceito, mas tento seguir.

- **Como a sua família trata a sua relação com as pessoas de outros grupos sociais que não tem as mesmas tradições?**

R. Não deixam eu me relacionar com meninos de outros grupos e não deixam eu sair para os cantos, não deixam eu me socializar. Ir para as festas só com eles.

- **Quais os valores culturais, crenças, costumes, tradições que são preservados no seio familiar?**

R. As danças, a fala, o jeito de falar. O jeito de andar. Não temos religião, só acreditamos em Deus.

- **Você já deixou de participar de alguma apresentação ou de se relacionar com alguém por conta de suas tradições culturais e familiar?**

R. Já sim em apresentação da escola por que dançavam com meninos, eles não deixam. Já gostei de um menino que não era da minha cultura, mas não deu certo por que eles (a

Gilvaneide Creusa dos Santos Major (2016). Discurso e Diversidade Cultural na Escola: Desafios ao Desenvolvimento Curricular.

família) não apoiam, eu não fiquei com ele não, só gostei, mas eu vi que não dava certo ai desistir.

APÊNDICE XXI. RESPOSTA DA ENTREVISTA COM DISCENTE DE 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL



ALUNO 4

Q1. Identificação do Entrevistado:

Idade: 15 anos

Gênero: Masculino

Etnia: Cigano

Série: 7º ano

Formação educacional do pai: nunca estudou

Formação educacional da mãe: nunca estudou

Ocupação Profissional do pai: vendedor de artesanato

Ocupação Profissional da mãe: cuida da casa

Q2. Conhecimento do aluno acerca da diversidade cultural na escola:

Vivemos em um país multicultural onde a diversidade está em toda parte e diversas situações que envolvem as diferenças acontecem em nosso cotidiano, diante disto, fale da postura de sua escola em relação a sua cultura.

➤ **O grupo étnico racial o qual você pertence é valorizado dentro da sua escola pelos professores, funcionários e colegas?**

R. Por alguns professores sim, tem uns que ficam perguntando coisas sobre a nossa cultura e demonstram respeito quando agente responde, os funcionários, acho que nem percebe agente e os colegas, a maioria não respeitam agente ficam querendo rebaixar na gente na frente dos outros, querendo discriminar sabe...

➤ **Na sua escola há diferença no tratamento dos alunos por conta das questões étnicas raciais?**

R. Sim. Eles ficam apelidando, basta a pessoa apresentar qualquer característica diferente, como pele negra ou muito branca, muito magro ou muito gordo, se é cigano eles ficam querendo imitar agente de uma forma discriminatória, querendo humilhar, falando para o colega tu parece um cigano que não para num

lugar. Agente fica triste. Quando tem uma coisa importante para apresentar, ninguém chama agente.

- **Você já participou de algum projeto ou evento cultural promovido pela sua escola referente à sua cultura?**

R. Não nunca participei de nada nessa escola, só das aulas mesmo. Nem da minha cultura nem de outras apresentações nunca me chamaram.

- **A sua escola oferece materiais didáticos que possibilite conhecer a sua cultura?**

R. Não sei. Se tem eu nunca vi. Nos livros tem falando dos negros, dos índios, mas da gente cigana não tem.

Q3. Reação dos estudantes frente ao preconceito e a discriminação:

- **Você já sofreu algum tipo de preconceito dentro e fora da escola por conta da sua etnia?**

R. Sim. De vez em quando agente escuta uma piada, isso é muito chato, não me dar vontade de vir nem para a escola, só para não passar por situações assim, não gosto quando eles ficam me imitando me sinto discriminado, por que todos ficam rindo.

- **Você percebe que os problemas e conflitos referentes ao preconceito e a discriminação que ocorrem dentro da escola são resolvidos?**

As vezes alguém da diretoria chama para conversar, mas as brincadeiras de mal gosto sempre continuam acontecendo, essas pessoas assim dessas classes como a nossa cigano, negro, pobre, sempre sofrem preconceitos. É porque o pessoal da escola não percebe muito, mas quando eles percebem conversam com os agressores.

- **Como você acha que uma pessoa deve reagir quando sofrer algum tipo de discriminação?**

R. Não deve ser violento, procurar manter a calma, se for na escola chamar a direção e se for na rua ou em outro lugar chamar a polícia, por que preconceito é crime. Se ficar violento é pior ai é que a turma gosta. Eles parecem que ficam felizes quando vêem o outro perturbado. Isso só pode acabar se a pessoa que discriminar o outro for punida de acordo com a lei.

Q4. A visão dos estudantes em relação ao comportamento da sociedade brasileira sob a diversidade cultural:

- **Mesmo sendo o Brasil considerado o país da diversidade, você o considera um país racista?**

R. É sim. O Brasil é um país racista, porque se não respeita a cultura e o jeito de ser do outro, isso pra mim isso é racismo e agente se depara sempre com situações assim. Na televisão mostra muitos casos de pessoas que estão sendo processadas por racismo, mas isso só acontece quando a vítima é uma pessoa famosa, como ator, atriz, cantor e jogador de futebol.

- **Na sua visão, quais as situações de preconceito e discriminação mais comum na sociedade e na comunidade onde você vive?**

R. É mais com os negros por causa da cor da pele e do cabelo, com os ciganos eles só começam a perturbar quando descobrem nossa origem, assim também é com os índios, muitos da escola não sabem que agente é cigano ou índio, por que dar para disfarçar, mais o negro não dar. Os homossexuais também sofrem muito preconceito, mesmo todo mundo falando que uma coisa comum, as pessoas fingem que aceitam, mas depois ficam falando mal pelas costas.

- **Como você se sente diante da sociedade brasileira em relação ao respeito pela sua cultura?** Todo mundo que é diferente é tratado diferente tem lugares por onde acampamos que eu me sinto bem, mas tem outros que eu prefiro ir embora logo, por as pessoas me olharem com um olhar de discriminação, por que não tenho morada fixa, sempre estou viajando com a minha família..As vezes me perguntam: tu é cigano é? Eu não gosto por que me sinto discriminado pelo jeito que me olham.

Q5. Conhecimento do discente acerca da Lei 10.639/03 e 11.645/08

- **Existe no Brasil a lei 10.639/03 e a lei 11.645/08, promulgada para valorizar a história, cultura afro-brasileira e a cultura indígena, algum professor já mencionou ou trabalhou a temática da cultura afro-brasileira e a cultura indígena?**

R. Já os professores de arte e de história já trabalharam a cultura afro-brasileira e a indígena, mas essas leis não as conheço ainda.

- **A Lei 10.639/03 e 11.645/08 estabelecida na Constituição Federal, asseguram o direito à igualdade de condições de vida e de cidadania, assim como garantem**

igual direito às histórias e culturas que compõem a nação brasileira, além do direito de acesso às diferentes fontes da cultura nacional a todos, Na sua percepção, como a sociedade brasileira absolve e vivencia essas leis?

R. Elas não são divulgadas, não são muito conhecidas também não são vivenciadas como deveriam o povo não sabem dessas leis.

Q6. A família e suas tradições culturais

➤ **As tradições da sua cultura são preservadas pela sua família?**

Algumas sim. Acampamos em tendas, não precisamos de móveis, usamos os cavalos para as viagens, o violão para tocar umas modas a noite, a fogueira que é acesa perto da tenda, muitos ainda usam dente de ouro para dar sorte e proteger os dentes das cáries, tem uns que preservam o cabelo grande, pulseiras e correntes no pescoço. Usamos muito o sistema de troca, tem algumas mulheres da minha cultura que leem a mão das pessoas e passam as mensagens enviadas por espíritos das identidades, as mulheres ciganas são protegidas pelo pai quando solteira e quando casam são protegidas pelos seus maridos e tem que se casar virgem.

➤ **Como a sua família trata a sua relação com as pessoas de outros grupos sociais que não tem as mesmas tradições?**

R. Eles não permitem que agente fale das nossas tradições para os gajôs, tem muitas coisas que não pode falar para quem não é cigano. Agora já podemos usar as coisas que os gajos usam como roupas, o corte do cabelo, os sapatos, eu acho bom por que assim não me pareço muito com cigano, muitos nem sabem, só na escola que todo mundo sabe, acho que a minha fala que é diferente.

➤ **Quais os valores culturais, crenças, costumes, tradições que são preservados no seio familiar?**

R. As danças, os rituais de casamento, a moça só pode se casar com alguém da mesma comunidade cigana se desobedecer é escorraçada e não carrega mais o nome de cigana é mandada embora. O homem pode se casar com uma moça não cigana, mas essa terá que virar cigana e aceitar os costumes da nossa tradição.

➤ **Você já deixou de participar de alguma apresentação ou de se relacionar com alguém por conta de suas tradições culturais e familiar?**

R. Já sim. Eles da escola chamam mais os meninos daqui, pensam que eles sabem mais. Ai eu me sinto excluído por que sou cigano. Muitos pensam que cigano rouba, que todo cigano é pobre e vive pedindo comida, mas meu pai trabalha vendendo e trocando produtos de artesanato tem um carro que usa para fazer as viagens de negócios.

APÊNDICE XXII. RESPOSTA DA ENTREVISTA COM DISCENTE DE 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL



ALUNO 5

Q1. Identificação do Entrevistado:

Idade: 11

Gênero: feminino

Etnia: indígena

Série: 6º

Formação educacional do pai: até o 5º ano

Formação educacional da mãe: ensino superior

Ocupação Profissional do pai:

Ocupação Profissional da mãe: coordenadora pedagógica

Q2. Conhecimento do aluno acerca da diversidade cultural na escola:

Vivemos em um país multicultural onde a diversidade está em toda parte e diversas situações que envolvem as diferenças acontecem em nosso cotidiano, diante disto, fale da postura de sua escola em relação a sua cultura.

➤ O grupo étnico racial o qual você pertence é valorizado dentro da sua escola pelos professores, funcionários e colegas?

R. Assim pelos os professores e funcionários ele é valorizado sim, mais tem aqueles colegas que chamam os outros de negros, que são pobres...essas coisas assim acontecem muito.

➤ Na sua escola há diferença no tratamento dos alunos por conta das questões étnicas raciais?

➤ R. Isso acontece muito brincadeiras que considero preconceito.

➤ Você já participou de algum projeto ou evento cultural promovido pela sua escola referente à sua cultura?

➤ R. Referente a minha cultura teve somente o dia do índio.

➤ **A sua escola oferece materiais didáticos que possibilite conhecer a sua cultura?**

- R. Não isso não, tem essas coisas somente na aldeia como os livros que tem lá só que fora da aldeia não tem muito não, fala sobre o índio mais é o índio em geral, não fala sobre a minha cultura Pankararu isso não.

Q3.Reação dos estudantes frente ao preconceito e a discriminação:

➤ **Você já sofreu algum tipo de preconceito dentro e fora da escola por conta da sua etnia?**

- R. Eu não, nunca sofri preconceito sobre isso não, mas tem muita gente que sofre até hoje.

➤ **Você percebe que os problemas e conflitos referentes ao preconceito e a discriminação que ocorrem dentro da escola são resolvidos?**

- R. Assim tomam providência conversando com o aluno que fez isso com o colega é assim que fazem.

➤ **Como você acha que uma pessoa deve reagir quando sofrer algum tipo de discriminação?**

R. Não pode se sentir humilhado tem que enfrentar, não pode se deixar abater.

Q4. A visão dos estudantes em relação ao comportamento da sociedade brasileira sob a diversidade cultural:

➤ **Mesmo sendo o Brasil considerado o país da diversidade, você o considera um país racista?**

R. Sim eu considero Sim. A maioria das pessoas ainda são racistas.

➤ **Na sua visão, quais as situações de preconceito e discriminação mais comum na sociedade e na comunidade onde você vive?**

R. É... tem pessoas que chamam os outros de negros, pobres, homossexuais, mais o que tem mais na nossa sociedade e em nossa comunidade é o preconceito com os negros

➤ **Como você se sente diante da sociedade brasileira em relação ao respeito pela sua cultura?**

R. Bom o índio agora ele é mais valorizado, eu mesma me sinto muito orgulhosa de ser índia, agora eles valorizam mais o índio. Essa valorização pode ser por conta das manifestações que fazem, por que antes o índio não era valorizado como já falei, agora é uma cultura valorizada. Eu acho que agora podem fazer faculdade fora... na cidade eles tem uma cota e não pagam.

Q5. Conhecimento do discente acerca da Lei 10.639/03 e 11.645/08

- **Existe no Brasil a lei 10.639/03 e a lei 11.645/08, promulgada para valorizar a história, cultura afro-brasileira e a cultura indígena, algum professor já mencionou ou trabalhou a temática da cultura afro-brasileira e a cultura indígena?**

R. Eles falam sim, agente estuda a cultura afro e a cultura indígena só que nunca falaram dessas duas leis.

- **A Lei 10.639/03 e 11.645/08 estabelecida na Constituição Federal, asseguram o direito à igualdade de condições de vida e de cidadania, assim como garantem igual direito às histórias e culturas que compõem a nação brasileira, além do direito de acesso às diferentes fontes da cultura nacional a todos, Na sua percepção, como a sociedade brasileira absolve e vivencia essas leis?**

R. Eu acho que não em minha opinião elas não são cumpridas.

Q6. A família e suas tradições culturais

- **As tradições da sua cultura são preservadas pela sua família?**

R. Sim elas são preservadas sim.

- **Como a sua família trata a sua relação com as pessoas de outros grupos sociais que não tem as mesmas tradições?**

R. Tenho muitos amigos que não são da nossa cultura, mas assim se tiver uma pessoa que não seja da nossa cultura quiser um emprego na área indígena, aí eu já não concordo com isso, não pode, também não pode participar de rituais da cultura indígena se não for índio só quem é da cultura é quem pode.

- **Quais os valores culturais, crenças, costumes, tradições que são preservados no seio familiar?**

R. As danças, como o toré, a corrida do umbu, tem o menino do rancho. No toré tem os praiás que são aqueles homens que ficam embaixo de um roupão de palha, tem pessoas que os chamam de encantados da nossa tradição, cada um que dança tem sua obrigação, por exemplo, um pode estar dançando ali naquele terreiro para tirar os males que tem lá para tirar as coisas ruins. Já a corrida do umbu é assim tem que flechar o umbu. Quando uma pessoa acha o primeiro umbu nas matas tem que o entregar a uma pessoa mais velha, então essa pessoa mais velha o coloca em um lugar como uma árvore e o praia vai tentar flechar esse umbu e dar de volta o umbu a pessoa mais velha só ele pode chupar ninguém mais pode só. Para isso tem um ritual.

Com o cansaço é a mesma coisa, eles pegam os cansaços que são essas plantas que queimam a pele e arde, ficam dançando em par um homem e uma mulher fica com o cansaço dançando e segurando o nas costas, no final ficam batendo uns nos outros, aí depois colocam os no chão e quem quiser entrar na roda e dançar entra quem não é índio não pode entrar só quem é índio.

O outro é um ritual que se chama menino do rancho tem que fazer com todos os meninos todos os homens, esse menino tem escolher um praia tipo um padrinho que seja o padrinho protetor que pega o menino no braço se ele for pequeno e tem uma hora, depois que dançam muito, que o menino sai correndo com um chapéu de palha na cabeça o primeiro praia que pegar esse chapéu é que vira tipo assim o dono é o vai proteger ele, por que o outro que já falei era para pegar ele no braço mesmo para ser um protetor para não deixar que os outros peguem o chapéu.

Na culinária indígena tem o pirão que sempre fazem quando vão dançar o Toré lá ou outras danças, sempre fazem o pirão esse é o que mais preservam.

Na medicina tem as pessoas que pegam plantas fazem chás, ou então rezam nas pessoas que estão doentes com as plantas. O homem ou mulher qualquer um dos dois podem rezar ou fazer os chás tem que ser pessoas que saibam das coisas indígenas, que tenham fé, tem que ter concentração na hora de fazer isso, é um momento muito sério não pode estar com brincadeiras essas pessoas são chamadas de rezadeiras. E rezador temo Cacique e o pajé que sabe mais dessas coisas.

➤ **Você já deixou de participar de alguma apresentação ou de se relacionar com alguém por conta de suas tradições culturais e familiar?**

R.Não, pelo contrário sempre me chamam para participar das apresentações e se tiver alguma coisa relacionada a cultura indígena sempre me chamam para participar.

APÊNDICE XXIII. RESPOSTA DA ENTREVISTA COM DISCENTE DE 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL



ALUNO 6

Q1. Identificação do Entrevistado:

Idade: 13 anos

Gênero: masculino

Etnia: Indígena

Série: 7º ano

Formação educacional do pai: 2º grau completo curso técnico agropecuária

Formação educacional da mãe: 2º grau completo

Ocupação Profissional do pai: vigilante

Ocupação Profissional da mãe: artesã

Q2. Conhecimento do aluno acerca da diversidade cultural na escola:

Vivemos em um país multicultural onde a diversidade está em toda parte e diversas situações que envolvem as diferenças acontecem em nosso cotidiano, diante disto, fale da postura de sua escola em relação a sua cultura.

➤ **O grupo étnico racial o qual você pertence é valorizado dentro da sua escola pelos professores, funcionários e colegas?**

R. Sou índio de pele negra, não me sinto muito valorizado na minha escola, por que os professores só chamam agente para apresentações quando é dia do índio ou o dia da consciência negra, aí que vejo um pouco da minha cultura. Os outros funcionários tratam iguais a todo mundo, mas alguns colegas são preconceituosos com os negros, sou desse grupo e sou muito discriminado pelos colegas, por alguns que se sentem mais e melhor que agente.

➤ **Na sua escola há diferença no tratamento dos alunos por conta das questões étnicas raciais?**

R. Há sim, tem colegas que tratam os outros com discriminação não só pela cor da pele ou raça, mas por outras coisas, como ser pobre, morar na periferia. Eu sou pobre, negro, índio e moro na periferia então, quem mora na rua, no centro se acha.

➤ **Você já participou de algum projeto ou evento cultural promovido pela sua escola referente à sua cultura?**

R. Sim já participei de comemorações no dia do índio e no dia da consciência negra, fizemos uma pesquisa sobre a influência da cultura negra no Brasil sobre a ensaiamos uma dança africana para apresentar no pátio.

➤ **A sua escola oferece materiais didáticos que possibilite conhecer a sua cultura?**

➤ R. Nos livros da escola tem alguma coisa sobre as culturas, mas sobre a cultura da minha triboPankararus não tem. Lá na escola da aldeia tem muitos materiais, CDs, cartilhas, livros, revistas, por que lá eles trabalham os valores e os costumes da nossa cultura. Na escola da aldeia eles tem um jeito de ensinar que faz agente gostar de ser índio. Aprendi muita coisa sobre minha cultura na escola da aldeia, mas a escola da cidade não ensina muito sobre essas coisas de índio não.

Q3.Reação dos estudantes frente ao preconceito e a discriminação:

➤ **Você já sofreu algum tipo de preconceito dentro e fora da escola por conta da sua etnia?**

R. Sim sofro preconceito não por ser índio, mas por ser negro infelizmente ainda tem gente que não sabe respeitar essa diferença.

➤ **Você percebe que os problemas e conflitos referentes ao preconceito e a discriminação que ocorrem dentro da escola são resolvidos?**

R. “Sim quando me sinto agredido chamo alguém da direção, eles sempre conversam e depois manda de volta para a sala. Mas as piadinhas sempre existem, sempre tem alguém com piadas ou brincadeiras de mau gostoisso nunca foi resolvido, nunca vai acabar”.

➤ **Como você acha que uma pessoa deve reagir quando sofrer algum tipo de discriminação?**

R. Se você demonstrar revolta é bem pior, é melhor fingir que não ouviu ai eles param. Depois denunciar.

Q4. A visão dos estudantes em relação ao comportamento da sociedade brasileira sob a diversidade cultural:

➤ **Mesmo sendo o Brasil considerado o país da diversidade, você o considera um país racista?**

R. É sim. Só percebemos quando uma pessoa importante é atingida, como um jogador de futebol um artista da televisão. Ai todo mundo fica sabendo através da televisão por isso que acho o Brasil um país racista.

➤ **Na sua visão, quais as situações de preconceito e discriminação mais comum na sociedade e na comunidade onde você vive?**

R. Há... São muitas, mais acho que é mais forte com os negros e com os homossexuais, agente escuta muita coisa sobre preconceito com essas pessoas. Os outros também sofrem, por ser pobre, por morar em sítios ou em fazendas.

➤ **Como você se sente diante da sociedade brasileira em relação ao respeito pela sua cultura?**

R. As vezes me sinto injustiçado por que a cor da pele não define o caráter de ninguém, por isso por ser da cultura negra não me sinto respeitado. Como índio até que as pessoas não dizem se tem ou não preconceito, agente não percebe muito.

Q5. Conhecimento do discente acerca da Lei 10.639/03e11.645/08

➤ **Existe no Brasil a lei 10.639/03 e a lei 11.645/08, promulgada para valorizar a história, cultura afro-brasileira e a cultura indígena, algum professor já mencionou ou trabalhou a temática da cultura afro-brasileira e a cultura indígena?**

R. Os professores falam nas aulas de história e nas aulas de arte alguma coisa da cultura indígena e a africana, mas nessas leis eu não sabia se existia.

➤ **A Lei 10.639/03 e 11.645/08 estabelecida na Constituição Federal,asseguram o direito à igualdade de condições de vida e de cidadania, assim como garantem igual direito às histórias e culturas que compõem a nação brasileira, além do direito de acesso às diferentes fontes da cultura nacional a todos, Na sua percepção, como a sociedade brasileira absolve e vivencia essas leis?**

R. Acho que muita gente nem sabe que essas leis existem, ou então não havia tanto preconceito no Brasil.

Q6. A família e suas tradições culturais

➤ **As tradições da sua cultura são preservadas pela sua família?**

R. Depois que saímos da aldeia agente perdeu um pouco os nossos costumes, agente não participa mais de nada da nossa cultura, a única coisa que temos é a carteirinha de índio que serve para algumas prioridades que são para os índios como desconto nos ônibus, etc.

➤ **Como a sua família trata a sua relação com as pessoas de outros grupos sociais que não tem as mesmas tradições?**

R. Normal, por não morarmos mais na aldeia, nossa identidade passa despercebida muita gente nem sabe que somos índios, nossa relação é bem normal, a minha família não se importa se convivemos com outras pessoas ai agente acaba seguindo os costumes, as tradições dos brancos e dos outros.

➤ **Quais os valores culturais, crenças, costumes, tradições que são preservados no seio familiar?**

R. Não temos mais essas preocupações vivemos iguais a todo mundo, os mesmos valores, os mesmos costumes dos outros que não são índios. Quando meu pai vai a aldeia visitar os parentes e amigos chamam ele de índio desaldeado e eu também me sinto assim um índio sem aldeia.

➤ **Você já deixou de participar de alguma apresentação ou de se relacionar com alguém por conta de suas tradições culturais e familiar?**

R. Não. Apesar de já ter sofrido muito preconceito por parte dos colegas, os professores sempre me convidam para participar nas coisas que tenho habilidade em fazer.

ANEXOS

ANEXO I- Ficha de Requerimento de Matrícula - frente



PREFEITURA MUNICIPAL DE TACARATU - PE
Secretaria Municipal de Educação, Esporte e Lazer

Nome da Escola: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ GRE: _____

Cadastro Escolar Nº: _____

REQUERIMENTO DE MATRÍCULA - ANO: _____

EDUCAÇÃO INFANTIL ☐

ENSINO FUNDAMENTAL - 8 ANOS ☐

9 ANOS ☐

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS ☐

SÉRIE/ANO ☐

FASE ☐

DEFICIÊNCIA ☐ DM ☐ DV ☐ DA ☐ MODALIDADE REDUZIDA ☐

DADOS DO ALUNO:

Nome: _____

Data de Nascimento: ____/____/____ Sexo: F ☐ M ☐ Cor: _____

Naturalidade: _____ UF: _____

Endereço Residencial: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ UF: _____ Profissão: _____

Nome do Pai: _____ Fone do Trabalho: _____

Profissão: _____ Fone do Trabalho: _____

Nome da Mãe: _____ Fone do Trabalho: _____

Profissão: _____ Fone do Trabalho: _____

Nome do Responsável: _____

Nível de Instrução: _____ ☐ Completo ☐ Incompleto ☐ Letrado

Profissão: _____ Fone do Trabalho: _____

Transporte Escolar ☐ SIM ☐ NÃO

PROCEDÊNCIA:

LOCAL DE ORIGEM	ESCOLA DE ORIGEM	NÍVEL E MOD. DE ENSINO DE ORIGEM
Mesmo Município	Federal	Educação Infantil ☐ Creche I Etapa ☐
Outro Município do Estado	Estadual	Pre-Escolar II Etapa ☐
Outro Estado	Municipal	Ensino Fundamental ☐ 8 Anos ☐
Outro País	Particular	9 Anos ☐
Da Própria Escola	Outros	Educação de Jovens e Adulto ☐
	Oriundo do Lar	

SITUAÇÃO

ANTERIOR	ATUAL
NUNCA FREQUENTOU ESCOLA ☐	Ingressando pela 1ª vez neste Nível ou Modalidade de Ensino
DESISTENTE ☐	Ingressando pela 1ª vez nesta série, Anp, Fase
PROGRESSÃO - PLENA ☐	Repetindo a Série, Ano, Fase
PROGRESSÃO - PARCIAL ☐	Progressão Parcial dos Componentes Curriculares
REPROVAÇÃO ☐	Série/Ano: _____
	Série/Ano: _____

INFORMAÇÕES GERAIS

Componentes Curriculares Opcionais	DOCUMENTOS ENTREGUES NO ATO DA MATRÍCULA
Ensino Religioso ☐	Certidão de Nascimento (Xerox) Nº _____ FL _____ LV _____ Data Exp.: ____/____/____
OBSERVAÇÕES: _____	Certidão de Casamento (Xerox) Nº _____ FL _____ LV _____ Data Exp.: ____/____/____
	Declaração Provisória de Transferência ☐
	Histórico - Ficha 18 ou Ficha 19 ☐
	Documento de Conclusão de Outro Curso ☐
	Ficha de Acompanhamento (Ciclo/EJA/Projeto) ☐
	Dispensa de Educação Física ☐
	- Declaração de Trabalho - Mais de 6h Diárias ☐
	- Atestado Médico ☐
	- Certidão de Nascimento de Filho (Xerox) ☐

Data: ____/____/____

Assinatura do Aluno, Pais ou Responsável

Assinatura do Diretor - Mat.

Assinatura do Secretário - Mat.

CXVII

ANEXO III – Regimento escolar



Ensino Fundamental de 9 anos e EJA

REGIMENTO ESCOLAR

Caraibeiras/Tacaratu-PE

2016

TÍTULO I

DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art.1º - A Escola Municipal Manoel Pereira de Araújo Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos, elabora seu Regimento de forma colegiada, apresentando sua organização Técnico-Pedagógico – Administrativo, bem como competências do corpo docente, discente e administrativo.

Art.2º - Este Regimento enquanto instrumento escolar, atendendo ao que dispõe a Lei Federal nº 9.394/96, substitui o Regimento anterior aprovado.

Art.3º - Este Regimento enquanto instrumento legal de consulta, tem a finalidade de proporcionar ao aluno uma educação básica indispensável ao exercício da cidadania, formando sujeitos ativos, participativos e conscientes do seu papel na sociedade.

TÍTULO II

DA CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

CAPÍTULO I

DA DENOMINAÇÃO, LOCALIZAÇÃO, FUNCIONAMENTO E MANTENEDOR

Art.4º - A Escola Municipal Manoel Pereira de Araújo, localizada na Avenida José Estevão s/n, Caraibeiras – Tacaratu – PE, funcionando em prédio próprio, nos horários de sete e trinta às doze horas (diurno), das treze horas às dezessete e trinta (vespertino) e das dezoito e trinta às vinte e duas horas (noturno), atendendo alunos de ambos os sexos.

Art.5º - Esta Escola foi criada pela portaria nº 5870 de 02/10/92, publicada no Diário Oficial de 03/10/92, é mantida pelo Poder Público Municipal de Tacaratu-PE, gerenciada pela Secretaria Municipal de Educação com assessoramento da Gerência Regional de Educação – Floresta/PE.

CAPÍTULO II

DOS NÍVEIS E MODALIDADES DE EDUCAÇÃO E DE ENSINO

Art.6º - A Escola Municipal Manoel Pereira de Araújo, Ministra a Educação Básica nos níveis de Ensino Fundamental e na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

TÍTULO III

DOS PRINCÍPIOS EDUCACIONAIS DA ESCOLA

CAPÍTULO I

DOS PRINCÍPIOS FILOSÓFICOS

Art.7º - A Escola, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art.8º - O Ensino será ministrado com base nos princípios, contemplados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, a saber.

- I-** Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II-** Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- III-** Pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;
- IV-** Respeito à liberdade e apreço a tolerância;
- V-** Valorização do profissional da educação escolar;
- VI-** Gestão democrática do ensino público na forma de Lei e da legislação dos sistemas de ensino;
- VII-** Garantia de padrão de qualidade;
- VIII-** Valorização da experiência extraclasse;
- IX-** Vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais;
- X-** Gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

CAPÍTULO II

DOS PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS

Art. 9º - Para tornar o espaço escolar condizente com a natureza do processo pedagógico do ensino-aprendizagem, e direcionar o sistema normativo para garantir os direitos do aluno, exigir-se-ão os seguintes princípios pedagógicos, baseados na Lei Federal nº 9.394/96.

- I-** Classificação;
- II-** Reclassificação;
- III-** Progressão plena;
- IV-** Avaliação contínua;
- V-** Recuperação obrigatória;

TÍTULO IV

DA IMPLEMENTAÇÃO DA LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL

CAPÍTULO I

Art.10- A Escola Municipal Manoel Pereira de Araújo tem como finalidade à melhoria da qualidade do ensino, a partir de suas opções pedagógicas, considerando o disposto na Constituição Federal e Estadual, bem como na Lei Orgânica do Município, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Diretrizes Curriculares Nacionais e Parâmetro Curricular Nacional.

Art.11- A Escola ministra a Educação básica: Ensino Fundamental e na modalidade de Jovens e Adultos, sob o regime de seriação e fases, garantindo igualdade de condições para o acesso e a permanência do aluno na escola, preparando o educando para o pleno exercício da cidadania e sua vinculação ao mundo do trabalho.

TÍTULO V

DA ORGANIZAÇÃO DO ENSINO

CAPÍTULO I

DAS DIRETRIZES PEDAGÓGICAS DA ESCOLA

Art.12 – A Escola Municipal Manoel Pereira, tem como diretrizes pedagógicas:

- I-** Implementar o processo de ensino-aprendizagem através do sistema de séries anuais, da pedagogia compartilhada, definindo coletivamente indicadores de desempenho para cada série/fase/disciplina;
- II-** Organizar as relações de trabalho de forma a construir uma gestão democrática que favoreça a participação ativa dos pais, professores, alunos, corpo técnico e administrativo, na vida da escola;
- III-** Oportunizar a produção cultural através da valorização da cultura do aluno, da comunidade, estado e nação utilizando atividades variadas e tecnologia de ponta;
- IV-** Valorizar os profissionais do magistério através do incentivo ao estudo e participação em cursos de aperfeiçoamento/especialização;
- V-** Elaborar, implementar e avaliar o Plano de Desenvolvimento da Escola, com participação da equipe técnica e do corpo docente da escola;

- VI-** Promover um processo sistemático e contínuo da construção e reconstrução da prática pedagógica, favorecendo o acesso e a permanência do aluno na escola;

CAPÍTULO II

DA ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

Art.13- Os Currículos do Ensino Fundamental, deve atender a uma Base Nacional Comum, e a uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela, assegurando a unidade da diversidade de acordo com a LDBEN nº9.394/96, Diretrizes, Resoluções e PCN's.

Art.14- O Currículo sintetizado sob a forma de matriz de gestão curricular deverá constar de componentes curriculares, números de semanas, dias letivos semanais, anuais e respectivas cargas horárias para serem vivenciadas após a aprovação da Secretaria de Educação.

CAPÍTULO III

DOS PROGRAMAS

Art.15- Os programas Curriculares deverão preservar as Diretrizes Pedagógicas Nacionais em atendimento a Legislação em vigor, mediante uma Proposta Pedagógica própria que vise investigar a compreensão conceitual, crítico reflexiva na construção e reconstrução de conhecimento necessário à formação da personalidade e da convivência social.

CAPÍTULO IV

DO PERÍODO LETIVO

Art.16- O ano letivo terá a duração de 200 dias e uma carga horária mínima anual de 800 horas distribuída em dois semestres, com início e término fixado no calendário escola.

Art. 17- O calendário escolar será elaborado anualmente pela Escola e deverá adequar-se as peculiaridades locais, e culturais.

CAPÍTULO V

DAS MATRÍCULAS

Art.18- O processo de matrícula do aluno ficará sob a responsabilidade da Escola Municipal Manoel Pereira de Araújo e será efetivada conforme o número de vagas estabelecido de acordo com a capacidade física do prédio e os quantitativos estipulados para cada série.

Art.19- A matrícula será através de cartazes e faixas afixados na Secretária de Educação Municipal, na própria escola e no polo de matrícula.

Art.20- Na matrícula por transferência a escola deverá fazê-la em caráter provisório, mediante declaração fornecida pela escola de origem.

Art.21- A matrícula será renovada automaticamente no final do ano letivo pela Secretária da escola, mediante consulta ao aluno regularmente matriculado e/ou seu responsável;

Art.22- No ato da matrícula inicial ou por transferência, será solicitada a seguinte documentação:

- I-** Certidão de Nascimento, para registro de dados (xerox);
- II-** Histórico Escolar a partir do 1º ano;
- III-** Ficha Individual e Descritiva para Transferência ocorrida durante o ano letivo;
- IV-** Certidão de Casamento para registro de Dados do aluno casado (xerox).

CAPÍTULO VI

DA ADAPTAÇÃO

Art.23- O aluno transferido para este Estabelecimento de Ensino que tiver deficiência de carga horária ou não cursava disciplina constando na Matriz de Gestão Curricular será submetido à adaptação se necessário, para dar continuidade de seus estudos.

Parágrafo Único – Caberá ao Diretor e Secretário a análise do currículo vivenciado pelo aluno e a determinação do que será motivo de adaptação, bem como das formas que será efetuado.

CAPÍTULO VII

DA FREQUÊNCIA

Art.24- A apuração da assiduidade far-se-á do início ao final do período letivo com base na carga horária mínima anual de oitocentas (800) horas e duzentos (200) dias letivos, conforme determina a Lei Federal nº 9.394/96.

Art.25- Será aprovado quanto à assiduidade, o aluno de frequência mínima de 75% do total de horas letivas.

Parágrafo Único – Não há recuperação para a falta de frequência.

Art.26- O aluno reprovado por frequência que obtiver índice de aproveitamento satisfatório definido pela Escola em todas as disciplinas da série cursada, terá direito à reclassificação no início do ano letivo, mediante exame especializado pela escola.

Art.27- Serão dispensados das aulas de Educação Física, os alunos do Ensino Fundamental do curso diurno e noturno de acordo com a Lei Federal nº 10.793/2003.

CAPÍTULO VIII

DA SISTEMÁTICA DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Art.28- A avaliação do desempenho escolar é parte integrante da prática pedagógica e deverá observar os seguintes critérios:

- I-** Ser centrada no processo de ensino aprendizagem;
- II-** Ser implementada como processo de natureza cumulativa, contínua, sistemática e flexível, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos;
- III-** Envolvimento de alunos, professores, pais e colegiados da escola nos processos de ensino aprendizagem e de seus resultados;
- IV-** Possibilidade de aceleração de estudos para com atraso escolar;
- V-** Possibilidade de avanço nas séries mediante verificação do aprendizado;
- VI-** Obrigatoriamente, oferecerá estudo de recuperação, de preferência paralela ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar do aluno;
- VII-** Oferecimento obrigatório de um período final de recuperação, após os 200 dias letivos, aos alunos que não obtiver percentual de desempenho a partir de 51%, bem como não atingir nota mínima 6 (seis).

Art.29- A Escola Municipal Manoel Pereira de Araújo, reger-se-á pela Instrução nº 02/02 da DDEE/DPPE Secretaria de Educação de Pernambuco, que orienta a avaliação do desempenho escolar dos alunos do Ensino Fundamental.

Parágrafo Único- Toda e qualquer alteração ocorrida na instituição citada no “caput” deste Artigo, automaticamente a Escola adotará.

CAPÍTULO IX

DO SISTEMA DE APROVAÇÃO

Art.30- Será progredido plenamente o aluno que atingir ao final do ano letivo ou após o período final de recuperação percentual de desempenho a partir de 51%, bem como nota mínima seis (6) em todas as disciplinas da série e frequência mínima de 75% do total de horas letivas, estabelecidas para cada série.

Art.31- A Escola Municipal Manoel Pereira de Araújo, não adotará o sistema de Progressão Parcial.

Art.32- Será reprovado o aluno que, após os estudos de recuperação final, não alcançar o percentual de aprendizagem a partir de 51%, em uma ou mais disciplinas.

Art.33- O aluno que não obtiver progressão plena, repetirá a série.

CAPÍTULO X

DA CLASSIFICAÇÃO

Art.34- A classificação do aluno no Ensino Fundamental ocorrerá:

- I-** Por progressão Plena para o aluno que demonstrar competência na série, cursando e concluindo com êxito;
- II-** Por comprovação de competência em exame especial realizado pela escola para o aluno impossibilitado de comprovar sua escolaridade.

SEÇÃO I

DA CLASSIFICAÇÃO POR PROGRESSÃO PLENA

Art.35- Será classificado por Progressão Plena o aluno que concluir com êxito a série cursada obtendo ao final do ano letivo ou após o período de recuperação, índices de aprovação definidos pelo estabelecimento de ensino e comprovada frequência mínima de 75% do total de horas letivas.

SEÇÃO II

DA CLASSIFICAÇÃO POR COMPROVAÇÃO DE COMPETÊNCIA EM EXAME ESPECIAL

Art.36- Será classificado na série subsequente o aluno que, impossibilitado de comprovar sua escolaridade através de documentação, obtiver resultados satisfatório em exame especial realizado pela escola no início do ano letivo, através de banca examinadora especial, instituída

pela escola, para elaboração, aplicação e correção das provas sobre conteúdos programáticos correspondentes as disciplinas da série.

CAPÍTULO XI

DA RECLASSIFICAÇÃO

Art.37- Poderá ser reclassificado no Ensino Fundamental:

- I-** O aluno que no início do ano letivo apresentar nível de aproveitamento equivalente ou superior ao exigido para a conclusão da série em curso comprovado através de exame especial realizado pela escola;
- II-** O aluno desistente que cumprir mais de 50% do programa de ensino da última série e obtiver índice de aproveitamento definido pela escola, em todas as disciplinas e comprovar 75% de frequência mínima das horas letivas ministradas até a data da desistência;
- III-** O aluno reprovado por frequência que obtiver índice de aproveitamento definido pelo estabelecimento de ensino em todas as disciplinas da série cursada;
- IV-** A reclassificação do aluno ficará condicionada a realização de exame através de banca examinadora especial instituída pela escola, composta por professores das disciplinas que serão examinadas e a comprovação de resultados satisfatórios em todas as disciplinas curriculares, revelando competência para a conclusão da série em curso.

CAPÍTULO XII

DAS FORMAS DE REGISTRO DOS RESULTADOS DA APRENDIZAGEM

Art.38- A Escola Municipal Manoel Pereira de Araújo, prescreverá os desempenhos que o aluno deverá revelar em cada série do Ensino Fundamental durante o ano letivo, tornando como referência os documentos oficiais.

Art.39- Os níveis de desempenho atingidos pelo aluno e devidamente registrados no diário de classe pelo professor, servirão de base para o cálculo das notas ao final dos semestres letivos e após os estudos finais de recuperação.

Art.40- A Escrituração escolar e o arquivo dos documentos escolares têm como finalidade assegurar em qualquer tempo, a verificação da:

- I-** Identidade de cada aluno;
- II-** Regularidade de seus estudos;

- III-** Autenticidade de sua vida escolar;

SEÇÃO I

DA ESCRITURAÇÃO ESCOLAR REGULAR

Art.41- A Escrituração Escolar do aluno far-se-á através dos seguintes documentos:

- I-** Requerimento de matrícula;
- II-** Diário de classe;
- III-** Ficha individual;
- IV-** Atas de resultados finais de aprendizagem;
- V-** Declaração provisória de transferência;
- VI-** Histórico escolar;
- VII-** Ata especial de resultados finais.

CAPÍTULO XIII

DAS FORMAS DE EXPEDIÇÃO DE DOCUMENTOS DE VIDA ESCOLA

Art.42- A Escola Municipal Manoel Pereira de Araújo expedirá históricos escolares, declaração de conclusão de série, certificado de conclusão de curso, com as especificações cabíveis.

Art.43- A transferência concedida durante o ano letivo, será acompanhada do histórico escolar, ficha individual e ficha descritiva dos desempenhos do aluno.

Parágrafo Único- A Escola concederá transferência ao aluno durante todo o ano letivo.

CAPÍTULO XIV

DOS SERVIÇOS DE APOIO PEDAGÓGICO

SEÇÃO I

DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Art.44- A Escola Municipal Manoel Pereira de Araújo, contará com os serviços de um Coordenador Pedagógico, habilitado em Nível Superior de acordo com o estabelecimento no Estatuto do Magistério Municipal (Art.4º § 1º e 2º da Lei 825/97).

Parágrafo Único- O Coordenador Pedagógico oferecerá assistência técnico-pedagógico aos professores e a direção, objetivando uma maior eficácia do processo ensino-aprendizagem.

Art.45- São atribuições do Coordenador Pedagógico:

- I-** Participar ativamente da elaboração do planejamento anual da escola, sugerindo atividades para a melhoria da qualidade do ensino;
- II-** Assessorar o corpo docente orientando-o no planejamento didático acompanhando sua execução e avaliação;
- III-** Promover encontros pedagógicos com os professores, objetivando a melhoria da qualidade do ensino-aprendizagem;
- IV-** Zelar pelo funcionamento regular da escola;
- V-** Avaliar seu próprio trabalho juntamente com o professorado e demais pessoas envolvidas pelo menos ao final de cada semestre letivo;

SEÇÃO II

DA BIBLIOTECA

Art.46- A biblioteca constitui-se num espaço pedagógico de informação, pesquisa e lazer, cujo acervo estará à disposição de toda comunidade escolar, durante o horário de funcionamento da escola.

Art.47- A biblioteca estará a cargo de um professor habilitado e capacitado para esta função.

Art.48- Compete ao Coordenador da biblioteca:

- I-** Participar da elaboração, execução e consolidação da Proposta Pedagógica e do Plano de Desenvolvimento da escola, articulando-se com os professores e integrantes da comunidade escolar, incorporando os conteúdos específicos de sua área de atuação aos outros meios do processo de ensino;
- II-** Participar das atividades de classe e extraclasse, divulgando os serviços e acervo bibliográficos ou de outra natureza;
- III-** Promover, com todos os meios que a biblioteca disponha, o atendimento às necessidades, interesses e objetivos de ensino-aprendizagem, de seus usuários nos diversos seguimentos da comunidade escolar;
- IV-** Orientar, professor e alunos sobre o melhor uso do acervo da biblioteca;
- V-** Articular, com a equipe técnica, professores, educandos, uma ação conjunta de promoção da leitura e pesquisa, incentivo a campanhas, palestras, entrevistas,

recitais, clube de leitura, concursos literários, hora do conto, oficinas de artes e literatura, projeção de vídeos e slides, entre outros;

- VI-** Divulgar as produções dos professores e alunos da escola, utilizando multimeios: murais, painéis, jornais, panfletos e outros;
- VII-** Promover intercâmbio entre Bibliotecas Escolares e Bibliotecas Públicas;
- VIII-** Organizar a estrutura técnica e funcional específica da Biblioteca Escolar (acervo, arquivo, fichário, tombamento, classificação, catalogação, empréstimo e adequação do espaço físico etc.) facilitando o acesso a informação;
- IX-** Criar publicações sugestivas para atrair leitores;
- X-** Participar do processo de avaliação e desempenho das ações planejadas em articulação com a comunidade escolar;
- XI-** Participar das ações de formação em serviço, coordenados pelos órgãos competentes na Rede Pública Única.

CAPÍTULO XV

DOS PROJETOS DE CONHECIMENTO

Art.49- A Escola Municipal Manoel Pereira de Araújo, inclui na sua Proposta Pedagógica o desenvolvimento de projetos de conhecimento para que se concretizem os sentidos reais da aprendizagem dos alunos em situação de enriquecimento e cultura ou para superação das dificuldades tais como:

- I-** Projeto de Reforço Escola;
- II-** Cidadania;
- III-** Novas Caras em busca da Aprendizagem;
- IV-** Feira de Leitura;
- V-** Feira de Conhecimento;
- VI-** Luart.
- VII-** Cultura de Paz.

TÍTULO VI

DA ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR

DA CONCEPÇÃO E FORMA DE GESTÃO

Art.50-A Escola Municipal Manoel Pereira de Araújo, será gerenciada de forma democrática através da Direção em articulação com todos os segmentos da comunidade escolar, consultando-os e mantendo em um bom relacionamento buscando um trabalho educativo

voltado para a concretização do Plano de Desenvolvimento da Escola, visando a melhoria da qualidade do ensino-aprendizagem.

Art.51- A gestão democrática da escola, será realizada de forma colegiada com a participação dos diversos segmentos da comunidade escolar nos processos decisórios, tanto administrativos, quanto pedagógicos, contribuindo para a construção de uma escola prazerosa e cidadã.

Art.52- A comunidade escolar participará da gestão democrática da Escola, com observância dos princípios de autonomia, coerência, pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, mediante:

- I-** Participar da comunidade escolar e local, na elaboração e implementação e avaliação da Proposta Pedagógica e do Plano de Desenvolvimento da Escola;
- II-** Participar dos processos consultivos e decisórios, através do Conselho Escolar e de Classe, Assembleias de Pais e Mestres;
- III-** Colaboração da comunidade escolar e local para a formação do aluno cidadão.

CAPÍTULO II

DOS ÓRGÃOS COLEGIADOS

Art.53- A Escola Municipal Manoel Pereira de Araújo contará com os seguintes órgãos:

- I-** Do Conselho Escolar;
- II-** Do Conselho de Classe;
- III-** Da Assembleia de Pais e Mestres;
- IV-** Da Unidade Executora.

SEÇÃO I

DO CONSELHO ESCOLAR

Art.54- O Conselho Escolar, será uma instancia de deliberação e participação dos segmentos representativos da escola, contribuindo para a inserção/escola e comunidade, melhorando a qualidade do ensino, através de uma coletiva e democrática nas atividades escolares.

Parágrafo Único- O Conselho Escolar de que trata o “caput” deste artigo, será regido pela Lei Estadual nº 11.014 de 28/12/1993 e Lei Complementar nº 11.033 de 26/12/1995. Será guia norteador da gestão colegiada, recebendo orientação direta da GRE.

SEÇÃO II

DO CONSELHO DE CLASSE

Art.55- O Conselho de Classe é órgão colegiado de natureza consultiva, avaliativa e deliberativa, instituído de acordo com as normas traçadas neste Regimento, para atuar pedagogicamente na Educação de Jovens e Adultos e Ensino Fundamental.

Art.56- O Conselho de Classe será composto de professores regentes, representantes de alunos, representantes de pais, professores em função técnico-pedagógica (Coordenador de Biblioteca e supervisores de Ensino) e Gestor.

Art.57- O Conselho de Classe deverá se constituir num espaço de discussão e reflexão do processo educativo, contribuindo para um repensar coletivo da Proposta Pedagógica e o Plano de Desenvolvimento da Escola, no contexto em que é desenvolvido.

Art.58- O Conselho de Classe tem por objetivo:

- I-** Viabilizar uma melhor articulação entre os vários segmentos que compõem a Unidade Escolar, de modo a possibilitar uma avaliação contextualizada do processo educativo;
- II-** Analisar os resultados obtidos pelo aluno com vista a um repensar da prática avaliativa numa perspectiva interdisciplinar e contextualizada;
- III-** Analisar e avaliar o projeto desenvolvido pela unidade escolar, tendo em vista a melhoria da qualidade da prática educativa;
- IV-** Discutir com os professores a necessidade de se ter atenção e cuidado especial para com alunos em atraso, no sentido de oferecer-lhe mais oportunidades de aprofundar determinados conteúdos.

Art.59- Compete ao Conselho de Classe:

- I-** Emitir parecer sobre questões concernentes ao processo de ensino-aprendizagem, objetivando o redimensionamento da Prática Pedagógica;
- II-** Analisar encaminhamento metodológico dos conteúdos curriculares, de forma a contribuir para a melhoria da Prática Pedagógica;
- III-** Propor medidas que possibilitem um melhor aproveitamento escolar a partir da revisão de análise dos resultados obtidos;
- IV-** Colaborar com o corpo docente na execução dos planos de adaptação de alunos transferidos.

Art.60- O Conselho de Classe reunir-se-á mensalmente em datas previstas no Calendário Escolar e, extraordinariamente, sempre que fizer necessário:

§ 1º - A convocação para as reuniões ordinárias e extraordinárias será feita com antecedência de 48 (quarente e oito horas), a todos os membros, os quais deverão obrigatoriamente se fazer presentes, exigindo-se o “quórum” de 50% (cinquenta por cento) mais 01 (um);

§ 2º - As reuniões do Conselho Classe serão lavradas em Ata por Secretário “ad doc”, em livro próprio, para registro, divulgação ou comunicação aos interessados.

SEÇÃO III

DA ASSEMBLEIA DE PAIS E MESTRES

Art.61- A Assembleia de Pais e Mestres será constituída pelos pais dos alunos, pelo corpo docente e pela Direção sob a presidência do Gestor, ou de um pai de aluno.

Art.62- A Assembleia de Pais e Mestres reunir-se-á na Escola, trimestralmente ou em qualquer época, conforme necessidade, em horários precisamente decididos pelos pais, professores e Direção, devendo a convocação para as reuniões serem feitas com antecedência, através de circular constando dos assuntos a serem tratados.

Art.63- São objetivos da Assembleia de Pais e Mestres:

- I-** Promover melhor entrosamento entre a escola, a família e a comunidade;
- II-** Incentivar os pais a colaborarem com os professores na ação educativa que visa a formação de seus filhos;
- III-** Utilizar as avaliações feitas pelos pais sobre o trabalho educacional realizado pela escola, visando a melhoria do processo educativo.

SEÇÃO IV

DA UNIDADE EXECUTORA

Art.64- A Unidade Executora (UEX) é uma sociedade civil sem fins lucrativos, de duração indeterminada com atuação junto a referida Unidade Escolar.

Parágrafo Único – As competências de cada membro da UEX de que se trata o “caput” deste artigo encontram-se expressas no Estatuto da Unidade Executora, Conselho Escolar da Escola Municipal Manoel Pereira de Araújo, conforme CNPJ: 01.906.968/0001-44.

CAPÍTULO III

DAS FORMAS DE CONTROLE SOCIAL

Art.65- A Prática Pedagógica, administrativa e financeira desta escola, submeter-se-á um processo de avaliação de seu desempenho institucional, com a participação do Conselho Escolar, Conselho de Classe, Assembleia de Pais e Mestres e Secretaria Municipal de Educação, a cada 02 (dois) anos, através de realização de reuniões e da utilização de instrumentos avaliativos que permitam a avaliação das atividades realizadas e do desempenho do ensino e da aprendizagem.

CAPÍTULO IV

DA ESTRUTURA ADMINISTRATIVA

SEÇÃO I

DA DIREÇÃO

Art.66- A direção da Escola Municipal Manoel Pereira de Araújo, será exercida por um educador habilitado em Nível Superior e será nomeado e exonerado pelo Prefeito Municipal de acordo com o § 1º do Art. 4º da Lei Municipal 825/97 de 10/09/1997.

Art.67- São atribuições do Gestor:

- I-** Elaborar a Proposta Pedagógica e o Plano de Desenvolvimento da Escola com a participação de todos os segmentos da escola, o Conselho Escolar, fixando o calendário escolar, horário de aulas, o início e o término de cada período letivo;

- II-** Obedecer e fazer observar as leis em vigor e as determinações deste Regimento;
- III-** Representar oficialmente a cada escola responsabilizando-se por seu funcionamento, perante as autoridades ou Poder Público;
- IV-** Supervisionar, controlar e avaliar o trabalho desenvolvido pelo corpo docente, discente e administrativo da escola;
- V-** Proporcionar meios de atualização e aperfeiçoamento técnico, docente e administrativo da escola;
- VI-** Zelar pela conservação do patrimônio e bom uso dos bens da escola;
- VII-** Coordenar os serviços auxiliares da administração, diligenciando para que sejam mantidos em dias e em ordem os arquivos, a escrituração contábil, a movimentação da receita e despesas dos recursos sob sua responsabilidade e tudo que se referir ao registro da vida escolar do corpo discente e docente da escola;
- VIII-** Assinar certificados, transferências ou outros documentos expedidos pela escola, responsabilizando-se pela veracidade dos membros;
- IX-** Estabelecer com o colegiado da escola normas de disciplina para o corpo discente;
- X-** Promover as comemorações de datas cívicas e religiosas;
- XI-** Diligenciar para que a escola seja provida de meios para a prática de esporte, de atividades criativas e artísticas;
- XII-** Convocar os representantes para reuniões do Conselho Escolar e do Conselho de Classe;
- XIII-** Administrar o patrimônio escolar com todos que formam a escola, zelando pela segurança e recorrendo quando necessário, as autoridades competentes;
- XIV-** Solicitar a contratação de professores, técnicos e agentes administrativos para compor o quadro de funcionários da escola;
- XV-** Promover a articulação entre a escola, a família e a comunidade, visando uma maior participação desses segmentos;
- XVI-** Delegar competência ao secretário ou professor para substituí-lo em sua ausência.

SEÇÃO II

DA SECRETARIA

Art.68- A Escola terá uma Secretaria organizada, sob responsabilidade de um profissional habilitado em Nível Superior, indicado pelo Gestor da Escola.

Parágrafo Único- A Secretaria funcionará no horário normal das atividades escolares, inclusive no período de férias.

Art.69- São atribuições do Secretário:

- I-** Organizar o arquivo ativo e inativo da Escola, de modo a assegurar a preservação dos documentos relativos a vida escolar dos alunos, quanto a matrícula, frequência e aproveitamento do rendimento escolar;
- II-** Manter em dia e a disposição do Gestor toda a legislação de interesse do estabelecimento e permitir aos servidores consulta-la quando desejarem;
- III-** Divulgar por ordem da Direção, instruções e editais relativos a matrícula e outros assuntos correspondentes a Escola;
- IV-** Encaminhar à direção, para despacho os requerimentos de matrícula, transferências, ou quaisquer outros que devam ser visados ou assinados;
- V-** Assinar, com nome sobtoposto, juntamente com o Gestor os documentos escolares, indicando o número registro ou autorização;
- VI-** Analisar a documentação escolar, das transferências recebidas, emitindo parecer sobre os casos específicos, encaminhando-os a quem de direito;
- VII-** Lavrar e subscrever as atas termos que se refiram a conclusão de curso e resultados dos trabalhos escolares;
- VIII-** Responsabilizar-se pela elaboração de relatórios oficiais e outros documentos solicitados pelo Gestor;
- IX-** Convidar, por escrito, em nome do Gestor, os professores, para as sessões dos conselhos e demais atividades escolares;
- X-** Escriturar em livro próprio, os bens patrimoniais móveis da escola;
- XI-** Cumprir e fazer cumprir as determinações deste Regimento;
- XII-** Controlar o livro de ponto do pessoal docente e administrativo, anotando as faltas;
- XIII-** Organizar a folha de ponto dos professores e funcionários assinando-a juntamente com o Gestor;
- XIV-** Providenciar a remessa das faltas dos funcionários para a Secretaria Municipal de Educação, dentro do prazo estipulado, devidamente assinado pelo Gestor;
- XV-** Organizar o horário e a escala de férias do pessoal administrativo, submetendo-se a aprovação do Gestor;

- XVI-** Manter relacionamento cordato e respeitoso com a direção, servidores, alunos e comunidade;
- XVII-** Participar, sempre que possível, de estudos que mantenham atualizado profissionalmente.

SEÇÃO III

DAS EQUIPES TÉCNICO - PEDAGÓGICAS

Art.70- A Equipe Técnico-Pedagógica é a que coordenará todas as atividades da escola, articulando-se e mobilizando o professor e demais funcionários para o cumprimento das normas Pedagógicas contidas neste Regimento.

Art.71- A Equipe Técnicos-Pedagógica da escola será formada pelo Coordenador Pedagógico, Supervisor, Coordenador de Biblioteca e Professor regente.

Art.72- Compete a Equipe Técnico-Pedagógica:

- I-** Participar ativamente da elaboração do Plano de Desenvolvimento da Escola e da Proposta Pedagógica, oferecendo sugestões e apresentando sugestões obtidas, direta ou indiretamente no desempenho de seu trabalho;
- II-** Assessorar o corpo docente, orientando-o no planejamento didático, acompanhando sua execução e avaliação;
- III-** Orientar o professorado na formação continuada em serviços, seleção de material didático e elaboração de instrumentos de avaliação;
- IV-** Manter o professorado seguramente informado sobre os critérios de avaliação do rendimento escolar;
- V-** Fazer a distribuição de carga horária com a participação ativa do professorado.

SEÇÃO IV

DOS PROFESSORES

Art.73- O corpo docente será constituído pelos professores regularmente concursado e contratado pela Prefeitura Municipal.

Art.74- Compete aos Professores:

- I-** Planejar e ministrar aulas, coordenando o processo de ensino e aprendizagem, nos diferentes níveis de ensino;
- II-** Estabelecer estratégias de recuperação paralela para que os alunos apresentem dificuldades de aprendizagem;

- III-** Selecionar e elaborar material didático utilizado no processo de ensino-aprendizagem;
- IV-** Organizar sua prática, observando o desenvolvimento do conhecimento nas diversas áreas, as características sociais e culturais do aluno e da comunidade em que a Unidade de Ensino se insere, bem como as demandas sociais conjunturais;
- V-** Participar do processo de planejamento, implementação e avaliação da Prática Pedagógica e das oportunidades de formação;
- VI-** Estimular atividades artísticas, culturais e esportivas na escola;
- VII-** Zelar pelo regulamento regular da escola, cumprindo o horário determinado na mesma;
- VIII-** Participar da formação e aplicação do processo de avaliação da escola;
- IX-** Manter atualizado o diário de classe, sem rasuras, a fim de subsidiar o trabalho da secretaria da escola;
- X-** Elaborar, acompanhar e avaliar projetos pedagógicos e proposta curricular;
- XI-** Zelar pela disciplina geral da escola e em particular, pela sua classe, bem como pela ordem e conservação do material escolar.

DA FORMAÇÃO E ATRIBUIÇÕES DO PROFESSOR DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE)

Para atuação no AEE, o professor deve ter formação inicial que o habilite para o exercício da docência e formação específica na educação especial, inicial ou continuada. São atribuições do professor do atendimento educacional especializado:

- a.** Identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos, de acessibilidade e estratégias considerando as necessidades específicas dos alunos público-alvo da educação especial;
- b.** Elaborar e executar plano de atendimento educacional especializado, avaliando a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade;
- c.** Organizar o tipo e o número de atendimentos aos alunos na sala de recursos multifuncional;
- d.** Acompanhar a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade na sala de aula comum do ensino regular, bem como em outros ambientes da escola;

e. Estabelecer parcerias com as áreas intersetoriais na elaboração de estratégias e na disponibilização de recursos de acessibilidade;

f. Orientar professores e famílias sobre os recursos pedagógicos e de acessibilidade utilizados pelo aluno;

g. Ensinar e usar recursos de Tecnologia Assistiva, tais como: as tecnologias da informação e comunicação, a comunicação alternativa e aumentativa, a informática acessível, o soroban, os recursos ópticos e não ópticos, os softwares específicos, os códigos e linguagens, as atividades de orientação e mobilidade entre outros; de forma a ampliar habilidades funcionais dos alunos, promovendo autonomia, atividade e participação.

h. Estabelecer articulação com os professores da sala de aula comum, visando a disponibilização dos serviços, dos recursos pedagógicos e de acessibilidade e das estratégias que promovem a participação dos alunos nas atividades escolares.

i. Promover atividades e espaços de participação da família e a interface com os serviços setoriais da saúde, da assistência social, entre outros.

DO CUIDADOR DA SALA DE AEE

O monitor é contratado como servidor público na área magisterial, quando atua em escolas públicas de ensino fundamental e médio. No ensino superior, o contrato de trabalho varia de acordo com cada universidade estadual ou federal, assim como nas escolas e faculdades particulares. A formação exigida desse profissional é livre (com exceção do intérprete de LIBRAS, sobre o qual falaremos mais adiante), podendo a pessoa ter cursado apenas o ensino fundamental, ou ter feito pós-graduação na área educacional; os critérios de escolha, bem como os salários, variam para cada instituição contratante.

As atividades do serviço de monitoria são diversificadas de acordo com a deficiência e as necessidades de cada estudante. No atendimento às pessoas com deficiência física, as principais ações do monitor podem ser referentes à ajuda no deslocamento do aluno e nas anotações do material passado em aula. Para os estudantes com graus variados de surdez, o profissional pode ajudar na sua comunicação interpessoal. Aos alunos com baixa visão ou cegueira, o auxílio é direcionado para a leitura e transcrição dos trabalhos e provas e, finalmente, para os estudantes com deficiência intelectual ou com Transtornos Globais do Aprendizado, o monitor auxilia na mediação dos conhecimentos passados pelos professores. Quando o aluno tem mais de um tipo de deficiência, as funções do profissional são ampliadas para dar conta de todas as necessidades do educando.

O serviço de monitoria nas escolas e universidades faz parte do Atendimento Educacional Especializado, este garantido por Lei, segundo os Artigos 227, § 1º, inciso II, e 208, inciso III, da Constituição Federal: “O Estado promoverá a criação de programas de prevenção e atendimento especializado para as pessoas portadoras de deficiência física, sensorial ou mental, bem como de integração social do adolescente e do jovem portador de deficiência [...]”. Também a Política Nacional de Educação Especial, na Perspectiva da Educação Inclusiva, de 2008, dita que “cabe aos sistemas de ensino, ao organizar a educação especial na perspectiva da educação inclusiva, disponibilizar as funções de monitor ou cuidador aos alunos com necessidade de apoio nas atividades de higiene, alimentação, locomoção, entre outras que exijam auxílio constante no cotidiano escolar”.

SEÇÃO V

DOS SERVIÇOS GERAIS E DE APOIO ADMINISTRATIVO

Art.75- Os Servidores Gerais e de apoio administrativo serão realizados pelo Agente Administrativo, Auxiliares de Serviços Gerais, Merendeira, Vigia e Servente.

Art.76- O pessoal administrativo estará diretamente subordinado a Equipe dirigente da qual receberá diretrizes para o desempenho das suas funções e a melhoria da qualidade dos seus trabalhos específicos;

Art.77- Os funcionários do Serviços Gerais e Apoio Administrativo serão contratados pelo Município, obedecendo a conformidade com a Lei, as horas de trabalho previstas;

Art.78- Compete ao Auxiliar de Serviços Administrativos:

- I-** Executar serviços de manutenção, de preservação de segurança e de merenda da Unidade Escolar, sendo coordenado e supervisionado pela Equipe Dirigente, ficando a ela subordinado, tendo as atribuições de:
 - a) Realizar a limpeza e manter em ordem as instalações escolares e prestar serviços correlatos a sua função;
 - b) Preparar e servir a merenda aos alunos controlando-a quantitativa e qualitativamente, conservar o local de sua preparação em condições adequadas de trabalho, procedendo a limpeza e a arrumação a Equipe Dirigente da necessidade da reposição do estoque, utensílio e equipamentos e prestar serviços correlatos a sua função;

- c) Zelar pela segurança da comunidade escolar, para impedir a entrada no recinto da Escola de pessoas estranhas e sem autorização, fora do horário de trabalho, zelar pelo prédio e suas instalações comunicando a Equipe Dirigente qualquer irregularidade ocorrida durante o plantão a fim de que sejam tomadas as devidas providencias e prestar serviços correlatos a sua função;
- d) Zelar pela segurança individual e coletiva dos alunos, orientando-os sobre as normas disciplinares para manter a ordem e evitar acidentes, observar a entrada e saída dos alunos, permanecendo nas imediações dos portões e com a finalidade de prevenir a sua integridade física e moral, encaminhar ao setor competente da Escola aquele que se negue a acatar o regime disciplinar para as devidas orientações e determinações e prestar serviços correlatos a sua função.

Art.79- Compete ao Agente Administrativo:

- I-** Apoiar os serviços da Secretaria e da biblioteca;
- II-** Cumprir as determinações da Equipe dirigente da Unidade Escolar.

CAPÍTULO V

DOS PRINCÍPIOS DE CONVIVÊNCIA SOCIAL

SEÇÃO I

DOS DIREITOS E DEVERES DO ALUNO

Art.80- Além dos direitos que lhe são assegurados na Legislação Educacional, no Estatuto da Criança e do Adolescente, nas Constituições Federal e Estadual, constituirão direitos dos alunos:

- I-** Tomar conhecimento, no ato da matrícula, da proposta pedagógica da escola e deste regimento;
- II-** Apresentar sugestões a equipe dirigente;
- III-** Manter relações cooperativas com professores, colegas e funcionários;
- IV-** Exercer a função de representante de turma quando para tal for escolhido.

Art.81- Constituir-se-ão deveres do aluno:

- I-** Atender as determinações dos diversos setores do estabelecimento de Ensino, nos respectivos âmbitos de competência;
- II-** Comparecer assíduo, e pontualmente as aulas e demais atividades escolares;

- III-** Participar de todas as atividades programadas e desenvolvidas pela Unidade Escolar, que permitam sua atuação sem prejuízo dos trabalhos escolares obrigatórios;
- IV-** Tratar com cordialidade o Gestor, Professor, Colegas, Funcionários e quaisquer que compareçam a escola;
- V-** Cooperar na manutenção da higiene e da conservação das instalações e equipamentos escolares;
- VI-** Apresentar-se uniformizado ao ambiente escolar ou trajando roupas adequadas;
- VII-** Praticar na Escola e/ou fora dela, a cidadania consciente de seus direitos e deveres;
- VIII-** Comunicar a justificativa de suas ausências a sala de aula e demais atividades, ao professor;
- IX-** Em caso de depreciação das instalações da escola e do mobiliário, deverá ressarcir o prejuízo a Unidade Escolar;
- X-** Cumprir as determinações deste Regimento no que lhe couber. O seu não cumprimento acarretará aos pais que entrarão em contato com a Direção e/ou Conselho Escolar.

Parágrafo Único – Aos alunos que descumprirem as normas deste Regimento, serão aplicadas medidas socioeducativas.

SEÇÃO II

DOS DIREITOS E DEVERES DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

Art.82- Além dos direitos assegurados pelas Leis Trabalhistas, constituir-se-ão direitos dos educadores:

- I-** Utilizar-se das dependências, das instalações e dos recursos materiais do estabelecimento, necessário ao exercício de suas funções;
- II-** Participar das discussões e elaboração para implementação da Proposta Pedagógica e do Plano de Desenvolvimento da Escola, norteadas pela Política Educacional da Secretaria de Educação;
- III-** Requisitar o material necessário a sua atividade, dentro das condições da Unidade Escolar;
- IV-** Exigir trabalho condigno ou compatível com sua missão de educador;
- V-** Opinar sobre a doação de livros didáticos, programas, planos de cursos, técnicas e métodos, objetivando o aprimoramento do ensino;

- VI-** Dispor de uma carga horária necessária ao planejamento e desempenho das atividades inerentes a sua função;
- VII-** Participar de oportunidade de capacitação que auxiliem e estimulem a melhoria do seu desenvolvimento profissional, propiciando a ampliação dos seus conhecimentos;
- VIII-** Ter acesso ao acervo legal e dados referentes a sua situação funcional a organização profissional.

Art.83- São deveres dos educadores:

- I-** Cumprir e fazer cumprir os horários e calendário escolar;
- II-** Comportar-se condignamente não usando de meios imperiosos ou violentos no desempenho de suas atividades funcionais;
- III-** Utilizar metodologias de ensino diversificadas, de acordo com a posição da classe, atendendo a sua especificação e a escola;
- IV-** Participar, conjuntamente com a elaboração dos programas de curso, da escolha do livro didático e da Proposta Pedagógica da Escola;
- V-** Cumprir e fazer as disposições do presente Regimento, no seu âmbito de ação;
- VI-** Manter rigorosamente em dia, o registro de aula e de frequência dos alunos;
- VII-** Manter um comportamento de imparcialidade e compreensão em relação aos alunos;
- VIII-** Comparecer ao trabalho com assiduidade e pontualidade, cumprindo responsavelmente suas funções;
- IX-** Contribuir para a construção de uma nova escola e uma nova sociedade;
- X-** Participar do Conselho de Classe, buscando coletivamente o repensar avaliativo em prol da qualidade do ensino.

TÍTULO VII

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Art.84- Este Regimento sofrerá modificações parciais em seu conteúdo, sempre que a Legislação vigente exigir.

Art.85- Qualquer que seja a modificação feita no presente Regimento deverá ser encaminhada ao órgão competente para aprovação.

Art.86- Na impossibilidade de ser mantido o funcionamento desta escola, o Gestor comunicará oficialmente o encerramento das atividades letivas ao órgão competente da Secretaria de Educação de Estado até 60 (sessenta) dias antes do ano letivo seguinte.

Parágrafo Único – Qualquer que seja o motivo da extinção, a Escola obedecerá às diretrizes específicas.

Art.87- Os Casos omissos neste Regimento serão resolvidos pela Direção da Escola consultando o Conselho Escolar, Conselho de Classe e Inspeção Escolar.

Art.88- Este Regimento entra em vigor na data de sua aprovação e publicação pela Secretaria de Educação de Pernambuco em Diário Oficial.

Tacaratu, 09 de Março de 2016.

ANEXO IV – Projeto Político pedagógico (PPP)

[REDACTED]

[REDACTED]

Caraibeiras – Tacaratu – PE.

[REDACTED]

PROJETO PEDAGÓGICO

Caraibeiras/Tacaratu – PE

2016

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO-----	03
JUSTIFICATIVA-----	04
IDENTIFICAÇÃO-----	05
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA-----	06
FUNDAMENTAÇÃO LEGAL-----	08
DO ENSINO FUNDAMENTAL-----	10
DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS-----	11
DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO-----	12
DA SALA DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE)-----	
METAS E AÇÕES DA SALA DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE)-----	
OBJETIVO GERAL-----	14
METAS-----	16
AÇÕES-----	18
ESTRATÉGIAS DE AÇÃO-----	20
ÁREAS DE CONHECIMENTO-----	22
* Matemática, Ciências e suas Tecnologias -Ciências Humanas, Educação Física, Educação Religiosa E Suas Tecnologias	
HORÁRIO DOS FUNCIONÁRIOS 2016 (Administrativo)-----	25
CARGA HORÁRIA DOS PROFESSORES-----	26
CRONOGRAMA DE DATAS COMEMORATIVAS-----	32
CALENDÁRIO DE AULA ATIVIDADE DOS PROFESSORES DE 6º AO 9º SÉRIE-----	34
CALENDÁRIO AULA ATIVIDADE DOS PROFESSORES DE 1º AO 5º ANO-----	35
PLANO DE AÇÃO-----	36
ANEXOS-----	38

APRESENTAÇÃO

A importância da Proposta Pedagógica, para a Escola Municipal [REDACTED] [REDACTED] – Carabeiras – Tacaratu – Pernambuco, com o ensino fundamental do 1º ao 9º ano e EJA (Educação de Jovens e Adultos), e Programa Mais Educação, está no redimensionamento de ações eficazes para uma aprendizagem significativa. Por ela serão cumpridas as metas por todos da equipe escolar (Direção, Coordenação do Programa Alfabetizar com Sucesso, Programa Se Liga Pernambuco, Ensino Fundamental II, Secretaria, Coordenação de Biblioteca, Professores, Pais e Comunidade), para serem vivenciadas, visando uma ação educativa que se pretenda assumir um compromisso firme e transparente com os sujeitos nela envolvidos, numa busca constante que considere, sem hierarquizar, além dos conteúdos culturais eleitos, as diferentes visões de mundo, os saberes pessoais e culturais que trazem os estudantes como aportes de um fazer pensar pedagógicos que possa contribuir para uma ampliada formação humana. Para o alcance e efetivação de tais princípios no contexto escolar, a vida do aluno, em toda e sua complexidade e dinamismo, precisa ter lugar no Projeto Político Pedagógico desta Instituição, de modo a garantir ações pedagógicas voltadas para a construção do conhecimento do cidadão crítico.

Nessa direção, partimos do princípio de que a organização do Ensino Escolar deve considerar essencialmente a formação, por meio do diálogo de pessoas que entendam criticamente o mundo em que vivem, não se constituindo em meros consumidores da realidade cotidiana, mas participante na sua construção. A dialogicidade no contexto da educação que humaniza, liberta e contribui para a conscientização e emancipação do sujeito, representa a força motriz desse processo.

O trabalho da escola, portanto se constitui sob a ótica de uma intervenção comprometida não apenas com a "resolução de problemas", mas com a busca pelo desenvolvimento de formas criativas de promoção da comunidade escolar, posicionando-se numa prática que possa se constituir como um trabalho de resignificações das relações e experiências sócias culturais vivenciadas por todos que compõem o espaço escolar.

JUSTIFICATIVA

Uma das maiores responsabilidades da escola, enquanto instituição que promove a Educação, é adequar os novos conceitos e parâmetros de Educação moderna às necessidades

da clientela, faz-se mister que haja reestruturação das ações vigentes, buscando seu aperfeiçoamento, uma vez que o trabalho de uma escola estará reduzido a uma base ou matriz curricular, a um acúmulo de disciplinas, necessita-se muito mais de dimensões além dessas lógicas que dão significado profundo ao trabalho.

Dentro dessa adequação, busca-se minimizar as diferenças inclusas no contexto social, incentivando o discente a reflexão de suas ações, instigando o seu senso crítico como meio de promover a tolerância com as diferenças sem perder de vista sua individualidade. Sendo assim, o aluno é visto em sua totalidade, como ser capaz de crescer no meio escolar e fora dele, e o que favorece esse crescimento é um ambiente sadio que prega a igualdade de aprendizagem onde os educadores têm o papel de mediadores do conhecimento sistemático e facilitadores para a compreensão dos mesmos.

Seria muita pretensão não conhecer as dificuldades enfrentadas, visto que nossa escola encontra-se numa comunidade carente, constituída por famílias que enfrentam diversos problemas de natureza variada. Daí, nos deparamos com desafios a enfrentar, aparentemente complicado de curar: a influência de fatores sócio-econômico, afetivo, psicológico – que muitas vezes impossibilita a aprendizagem do educando.

Dessa forma, em todas as séries, os professores se deparam com carências próprias das séries e aquelas próprias das particularidades dos alunos, onde eles sentem-se desafiados a buscar novas estratégias para transformar ações ou atitudes negativas em possibilidades positivas de mudança.

Mudar a Prática Pedagógica não é fácil, nem rápido, mas é urgente e mister, para isto temos que investir na formação continuada do professor, onde cabe a Secretaria de Educação promover módulos de estudo na atualização nas áreas de ética, competências, inteligência emocional, entre outras, bem como propiciar períodos de avaliação sobre metodologias e estratégias aplicadas, para possíveis formulações.

IDENTIFICAÇÃO:

NOME: [REDACTED].

ENDEREÇO: [REDACTED] Caraibeiras – Tacaratu – PE.

PORTARIA DE AUT. DE FUNCIONAMENTO: [REDACTED]

ATO DE CRIAÇÃO: D.O. [REDACTED]

INEP: [REDACTED]

Nº DE PROFESSORES: 41

MONITORES: 19

Nº DE FUNCIONÁRIOS: 96

GESTORA: [REDACTED]

ADJUNTA: [REDACTED]

SECRETÁRIA: [REDACTED]

COORDENADORAS: [REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

COORDENADORA DA BIBLIOTECA: [REDACTED]

EDUCADOR DE APOIO: [REDACTED]

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A educação é um fenômeno que resulta de um complexo processo de construção prática pelo homem, (re) significado pela teoria. Tal processo acompanha cada um de nós ao longo de nossa curva evolutiva, possibilitando, em todos os ciclos da vida, o enfrentamento de uma série de situações que contribuem para o desenvolvimento de ideias, conceitos, princípios, valores, hábitos, atitudes, habilidades, enfim, conhecimentos e experiências culturais, que nos dão condições de agir, relacionar e intervir no meio social. A partir desse largo processo de socialização, construímo-nos como pessoa e, desse modo, nos auto identificamos.

A atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), em seu título II, artigo 2º afirma que “a Educação, dever da família e do estado, inspirada nos princípios de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Verifica-se portanto, uma preocupação com a dimensão moral da Educação e uma intenção de complementá-la nas propostas que se apresentam a sociedade. Como instituição especificamente distinta a Educação, a escola deve empenhar-se na formação moral de seus alunos, embora não seja a única instituição social que participa dessa formação. Assim, coloca-se em discussão o caráter de sua participação.

A escola, como instituição pela qual espera-se que passem todos os membros da sociedade, coloca-se a disposição de ser mais um meio social na vida desses indivíduos. Também ela veicula valores que podem convergir ou conflitar com os que circulam nos outros meios sociais que os indivíduos freqüentam ou a que são expostos. Deve, portanto, assumir explicitamente o compromisso de educar os seus alunos dentro dos princípios democráticos.

Para situar a presente fundamentação, é preciso começar por comentar algumas experiências – aqui classificadas por tendências – de formação moral que já foram tentadas no Brasil e no exterior, buscando-se nelas os elementos positivos e as limitações, de forma a tornar possível uma discussão mais abrangente sobre quais elementos devem ser considerados na formação moral e quais as possibilidades didáticas de tratamento dessas questões na escola.

Neste contexto, a Escola Municipal [REDACTED], tem como missão primordial integrar o educando, através de uma prática educativa contextualizada, crítica e participativa, a luz da interdisciplinaridade, respaldadas nos Parâmetros Curriculares

Nacionais, do Ensino fundamental que diz: “a formação do aluno deve ter como alvo principal a aquisição de conhecimentos básicos, (ler, escrever e contar), a preparação científica e a capacidade de utilizar as diferentes tecnologias relativas as áreas de atuação. Exigindo-se uma atualização contínua e colocando novas exigências para a formação do cidadão e sua qualificação para o trabalho.

Em face deste cenário, a comunidade escolar através deste Projeto Pedagógico pretende vislumbrar um novo olhar para o ensino fundamental com uma proposta de trabalho que versa em atender as mudanças da sociedade contemporânea, avançando nas práticas pedagógicas, implementando valores, princípios, eixos estruturantes, permeados transversalmente os currículos, com base nas novas legislações vigentes.

Por conseguinte, considerando as determinações da UNESCO através da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI: a Educação deve cumprir um triplo papel: econômico, científico e cultural, sendo estruturada em quatro pilares, para que o educando seja capaz de aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser atuando como um cidadão crítico, ativo e participativo na sociedade onde vive.

FUNDAMENTAÇÃO LEGAL

2.1 – Lei Federal nº 9.394/96

2.1.2 – Art. 12 – Os estabelecimentos de Ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu Sistema de Ensino, terão a incumbência de:

- I – Elaborar e executar sua proposta pedagógica;
- II – Administrar seu papel e seus recursos materiais e financeiros;
- III – Assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas-aula estabelecidas;
- IV – Velar pelo cumprimento do plano do trabalho de cada docente;
- V – Procurar meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento;
- VI – Articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola;
- VII – Informar os pais e responsáveis sobre a freqüência e rendimento dos alunos, bem como sobre a execução de sua proposta pedagógica;
- VIII – Notificar ao Conselho Tutelar do Município, ao Juiz competente da Comarca e aos respectivos representantes do Ministério Público a relação dos alunos que apresentem quantidade de falta acima de cinquenta por cento de percentual permitido em lei. *(Inciso incluído pela Lei nº 10.287 de 20/09/2001).*

IX - Os componentes de Educação Física, Ensino Religioso e Informática, serão ofertados em horários diferentes do turno no qual o aluno está matriculado.

X - Ensino Religioso é de oferta obrigatória pelo Estabelecimento de Ensino e de matrícula facultativa para o aluno e será desenvolvido sob a forma de seminários.

DO ENSINO FUNDAMENTAL

Art. 32 – O Ensino fundamental com duração mínima de 08 (oito) anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão mediante:

I – O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos e pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II – A compreensão do ambiente natural e social do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que fundamenta a sociedade;

III – O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de habilidades e valores;

IV – O fortalecimento dos vínculos de família e dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

V - Correção de Fluxo através dos Projetos Se Liga Pernambuco e Acelera Pernambuco. Art. 33 - O Ensino Fundamental com duração de 09 (nove) anos, obrigatório e gratuito será implantado gradativamente.

DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Art. 37 – A Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º - Os sistemas de Ensino assegurarão aos jovens e adultos, que não puderam efetuar seus estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do aluno, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames;

§ 2º - O poder público viabilizará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

Art. 38 – Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudo de caráter regular.

§ 1º - Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I – No nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de 15 anos;

II – No nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de 18 anos.

§ 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridas pelos educandos por meios informais, serão aferidos e reconhecidos mediante exames.

DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO

Art. 1º O Programa Mais Educação tem por finalidade contribuir para a melhoria da aprendizagem por meio da ampliação do tempo de permanência de crianças, adolescentes e jovens matriculados em escola pública, mediante oferta de educação básica em tempo integral.

§ 2º A jornada escolar diária será ampliada com o desenvolvimento das atividades de acompanhamento pedagógico, experimentação e investigação científica, cultura e artes, esporte e lazer, cultura digital, educação econômica, comunicação e uso de mídias, meio ambiente, direitos humanos, práticas de prevenção aos agravos à saúde, promoção da saúde e da alimentação saudável, entre outras atividades.

§ 3º As atividades poderão ser desenvolvidas dentro do espaço escolar, de acordo com a disponibilidade da escola, ou fora dele sob orientação pedagógica da escola, mediante o uso dos equipamentos públicos e do estabelecimento de parcerias com órgãos ou instituições locais.

Art. 2º São princípios da educação integral, no âmbito do Programa Mais Educação:

I - A articulação das disciplinas curriculares com diferentes campos de conhecimento e práticas socioculturais citadas no § 2º do art. 1º;

II - A constituição de territórios educativos para o desenvolvimento de atividades de educação integral, por meio da integração dos espaços escolares com equipamentos públicos como centros comunitários, bibliotecas públicas, praças, parques, museus e cinemas;

III - A integração entre as políticas educacionais e sociais, em interlocução com as comunidades escolares;

IV - A valorização das experiências históricas das escolas de tempo integral como inspiradoras da educação integral na contemporaneidade;

V - O incentivo à criação de espaços educadores sustentáveis com a readequação dos prédios escolares, incluindo a acessibilidade, e à gestão, à formação de professores e à

inserção das temáticas de sustentabilidade ambiental nos currículos e no desenvolvimento de materiais didáticos;

VI - A afirmação da cultura dos direitos humanos, estruturada na diversidade, na promoção da equidade étnico-racial, religiosa, cultural, territorial, geracional, de gênero, de orientação sexual, de opção política e de nacionalidade, por meio da inserção da temática dos direitos humanos na formação de professores, nos currículos e no desenvolvimento de materiais didáticos; e

VII - A articulação entre sistemas de ensino, universidades e escolas para assegurar a produção de conhecimento, a sustentação teórico-metodológica e a formação inicial e continuada dos profissionais no campo da educação integral.

Art. 3º São objetivos do Programa Mais Educação:

I - Formular política nacional de educação básica em tempo integral;

II - Promover diálogo entre os conteúdos escolares e os saberes locais;

III - Favorecer a convivência entre professores, alunos e suas comunidades;

IV - Disseminar as experiências das escolas que desenvolvem atividades de educação integral; e

V - Convergir políticas e programas de saúde, cultura, esporte, direitos humanos, educação ambiental, divulgação científica, enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes, integração entre escola e comunidade, para o desenvolvimento do projeto político-pedagógico de educação integral.

DA SALA DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE)

Na perspectiva da Educação Inclusiva, a Educação Especial integra a proposta pedagógica da escola regular, promovendo o atendimento educacional especializado. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a Educação Especial é a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.

Segundo a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da Organização das Nações Unidas (ONU/2006), ratificada no Brasil com status de emenda constitucional e promulgada por meio do Decreto nº 6.949/2009, de 25 de agosto de 2009, "pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental,

intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas". O Atendimento Educacional Especializado (AEE), definido pelo Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011, é gratuito aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, e deve ser oferecido de forma transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino. De acordo com o decreto, o Atendimento Educacional Especializado compreende um conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos, organizados institucional e continuamente, prestados de forma complementar à formação de estudantes com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento; e suplementar à formação de estudantes com altas habilidades/superdotação.

METAS E AÇÕES DA SALA DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE)

OBJETIVO GERAL

Promover ações educativas e democráticas que abranjam os processos formativos de desenvolvimento na vida familiar, na convivência humana, no trabalho e na instituição de ensino para o pleno desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, formando cidadãos críticos e conscientes, capazes de interagir com a sociedade e progredir em estudos anteriores.

OBJETIVOS ESPECIFICOS

- Melhorar a qualidade do ensino oferecido pela escola, promovendo a capacitação permanente de seus profissionais, levando a reflexão e aprimoramento a sua ação didática, por meio de formações internas;
- Integrar a escola à comunidade a fim de que se faça cumprir o papel primordial desta escola: formar cidadãos competentes para atuar na sociedade;
- Priorizar a educação em relação ao trabalho;
- Possibilitar a comunidade nova visão sobre a função da escola numa sociedade moderna;

- Valorizar as diferentes formas de manifestações artísticas populares como meio de acesso e compreensão das diversas culturas;
- Possibilitar a prática dos conhecimentos adquiridos, confrontando com a realidade do ambiente natural e social no qual estamos inseridos;
- Despertar o interesse do aluno para a prática esportiva, fortalecendo o senso de companheirismo, solidariedade, respeito mútuo e disciplina;
- Diminuir o índice de evasão e reprovação da unidade escolar com métodos e técnicas de ensino e de avaliação que facilitem a aprendizagem do aluno;
- Direcionar e aumentar o potencial cognitivo e intelectual dos educandos em direção ao sucesso escolar, através de projetos pedagógicos interdisciplinares e feira de conhecimento;
- Promover gestões com vista na melhoria escolar, social e profissional, juntamente com a Comunidade Escolar (Conselho Escolar, Conselho de Classe e outros);
- Propor parcerias para ampliar as ações gestoras da comunidade escolar local;
- Fortalecer os Conselhos existentes na escola;
- Firmar parceiros com outras entidades e Programas de ensino objetivando melhoria na efetivação do ensino;

METAS

- Melhorias sociais da qualidade de ensino.

Responsáveis: Secretaria Municipal de Educação, Direção, Coordenação Pedagógica, Professores, Pais e Comunidade;

- Interação em 100% entre escola e comunidade.

Responsáveis: Palestrantes, professores, alunos, Coordenação, Direção e comunidade local;

- Desenvolvimento de projetos sócio-educativo que priorize a cultura local e regional especificados no plano de ação.

Responsáveis: Direção, Coordenação Pedagógica, Professores, alunos e Comunidade local;

- Melhoria do nível de aprendizagem e participação ativa dos alunos em 100% nas atividades escolares.

Responsáveis: Toda Comunidade escolar;

- Diminuição dos índices de evasão e reprovação da unidade escolar em pelo menos 90%.

Responsáveis: Professores, Alunos, Pais, Direção e Coordenação;

- Integração social do aluno e seu ajustamento com os princípios que regem a vida em comunidade: atitudes de servir, ser útil aos outros, colaborar e viver junto os demais.

Responsáveis: Toda comunidade escolar e comunidade local;

- Desenvolvimento de práticas que fortaleçam a direção da escola e o Conselho Escolar como espaço de decisão compartilhada em encontros bimestrais.

Responsáveis: Direção, Coordenação Pedagógica, Secretaria, Professores, Pais e Alunos;

- Elevação da auto-estima dos alunos, através da realização de atividades diversificadas, onde o aluno se sinta como parte integrante do processo.

Responsável: Corpo Docente da Escola.

- Elevação a auto-estima dos profissionais, através de atitudes gentis, cordiais e disponibilidade a novas experiências.

Responsável: Corpo Docente da Escola.

- Melhorias no Cardápio da Merenda.

Responsável: Secretaria Municipal de Educação.

AÇÕES

No dia-a-dia da escola, é incrível a existência de muitos problemas que atrapalham a realização do trabalho coletivo. Ignorá-los seria uma atitude insensata, o certo é enfrentar o problema. A primeira é esclarecer, delimitar e investigar as manifestações do problema, até conhecer as possíveis causas – os executores das atividades, os procedimentos adotados, os recursos utilizados.

Por este motivo, desatacam os as seguintes ações:

- Reuniões pedagógicas;
- Reuniões de pais e mestres por série;
- Capacitações de professores por área;
- Palestras com autoridades locais;
- Incentivo ao desenvolvimento cultural;
- Realização de pesquisa de campo;
- Desenvolvimento da prática educativa;
- Combate à evasão e reprovação escolar;
- Realização da feira de conhecimentos;
- Atuação do Conselho Escolar;
- Monitor educacional nos três turnos;
- Acompanhamento dos alunos com problemas disciplinares e de comportamento, bem como os alunos com necessidades especiais;
- Parcerias com entidades privadas e compromisso de todos para uma educação de qualidade, permanente, mutável e renovada;
- Assistência médica / odontológica e Psicológicas, para funcionários e alunos;
- Oficinas de arte e recreação;
- Criação de rádio;
- Construção de cartilha de Regimento com os Direitos e Deveres dos educandos.
- Promover projetos de Educação Física e Artes;
- Firmar parcerias com o Conselho Tutelar com visitas periódicas à escola;
- Assegurar a divisão de carga horária de acordo com a legislação em vigor e com o regimento escolar;
- Promover treinamento e qualificação profissional para todos os funcionários de acordo com as áreas de atuação;

ESTRATÉGIAS DE AÇÃO

01 – Realizar práticas pedagógicas eficazes de incentivo ao professor para sua valorização profissional dentro e fora da escola, através de encontros que possibilitem a troca de experiência;

- 02 – Promover encontros que envolvam a comunidade escolar e a família para a construção do desenvolvimento de forma integrada para a aprendizagem do aluno;
- 03 – Promover encontros de formação continuada bimestral com o Programa Educar, o Projeto cultura de Paz e reflexão da prática pedagógica;
- 04 – Promover palestras e encontros de sensibilização com as autoridades e as famílias envolvidas com a instituição;
- 05 – Vivenciar de forma concreta o calendário festivo e comemorativo da Unidade Escolar, considerando os eventos culturais locais;
- 06 – Promover pesquisas de campo para o aprimoramento da aprendizagem teórica, interagindo com o meio em que vive, através de excursões;
- 07 – Desenvolver através das práticas esportivas o senso crítico coletivo, cooperação mútua, a participação integrada escola-comunidade, objetivando a melhoria nas relações sociais;
- 08 – Convocar os pais ou responsáveis para discutir em socializações as causas de evasão e / ou reprovação, conscientizando-os da importância de sua participação na aprendizagem dos alunos;
- 09 – Desenvolver projeto interdisciplinares que possibilitem a exposição das habilidades adquiridas ao longo do processo ensino-aprendizagem;
- 10 – Promover o desenvolvimento da democracia participativa, através da atuação do Conselho Escolar e Conselho de Classe na gestão compartilhada, favorecendo o exercício da cidadania consciente e comprometida com a valorização da educação;
- 11 – Utilizar medidas para a diminuição da indisciplina com o emprego da Ficha de Encaminhamento.

AREAS DE CONHECIMENTO

1 – LINGUA PORTUGUESA, LINGUA ESTRANGEIRA, ARTES E SUAS TECNOLOGIAS

Objetivando a constituição de competências e habilidades que permitem ao educando:

- Analisar, interpretar e ampliar os recursos expressivos das linguagens e suas manifestações;
- Utilizar a linguagem como instrumento de aprendizagem, sabendo como proceder para ter acesso, compreender o uso de informações contidas nos textos: identificar aspectos relevantes, organizar notas; elaborar roteiros; compor textos coerentes a

partir de trechos oriundos de diferentes fontes; fazer resumos, índices, esquemas, etc.;

- Utilizar a linguagem para expressar sentimentos e idéias, acolhendo, interpretando e considerando os das outras pessoas e respeitando os diferentes modos de falar;
- Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade;
- Utilizar a escrita como recurso de estudo: tomar notas a partir de exposição oral, compor textos coerentes a partir de textos oriundos de diferentes fontes;
- Respeitar o direito de liberdade de expressão e preservação da própria cultura;
- Valorizar as diferentes formas de manifestações artísticas como meio de acesso e compreensão das diversas culturas;
- Aplicar as tecnologias da comunicação e da formação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para sua vida;
- Construir os conhecimentos indispensáveis à utilização dos componentes gramaticais constitutivos dos textos e dos discursos;
- Reconhecer a importância da Língua inglesa, considerada hoje como instrumento de comunicação universal.

2 – MATEMÁTICA, CIÊNCIAS E SUAS TECNOLOGIAS

- Compreender a natureza como um todo dinâmico, sendo o ser humano parte integrante e agente de transformação do mundo em que vive;
- Identificar relações entre conhecimento do senso comum, científico, produção de tecnologia e condições de vida, no mundo de hoje em sua evolução histórica;
- Formular questões, diagnosticar e propor soluções reais a partir elementos das Ciências Naturais, colocando em prática, conceitos, procedimentos e atitudes desenvolvidas no aprendizado escolar;
- Aplicar as tecnologias associadas às Ciências Naturais na Escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para sua vida;
- Construir o significado do número natural a partir de seus diferentes usos no contexto social, explorando situações-problema, que envolvam contagem, medidas e códigos numéricos;

- Comunicar-se matematicamente, descrever, representar resultados com precisão e argumentar sobre suas conjecturas, fazendo uso da linguagem oral e estabelecendo relações entre ela e diferentes representações matemáticas;
- Resolver situações-problema, sabendo validar estratégias e validar estratégias e resultados, desenvolvendo formas de raciocínio e processo como dedução, indução, intuição, analogia, estimativa e utilizando conceitos e procedimentos matemáticos, bem como, instrumentos tecnológicos disponíveis;
- Compreender conceitos, procedimentos e estratégias matemáticas e aplicá-las a situações diversas no contexto das ciências, da tecnologia e das atividades cotidianas;
- Perceber semelhanças e diferenças entre objetos no espaço, identificando formas tridimensionais ou bidimensionais, em situações em situações que envolvam descrições orais, construções e representações;
- Reconhecer grandezas mensuráveis, como comprimento, massa, capacidade e elaborar estratégias pessoais de medida.

3 – CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO FÍSICA, EDUCAÇÃO RELIGIOSA E SUAS TECNOLIGIAS

Objetivando a constituição de competência e habilidade que permitam ao educando:

- Aplicar as tecnologias das Ciências Humanas e Sociais na escola, no trabalho e outros contextos relevantes para sua vida;
- Compreender a produção e papéis históricos das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-se as práticas de diferentes grupos e fatores sociais, aos princípios que regulam a convivência na sociedade, aos direitos e deveres da cidadania, a justiça e a distribuição dos benefícios econômicos;
- Reconhecer algumas permanências e transformações sociais, econômicas e culturais nas vivências cotidianas das famílias, da escola e da coletividade, no tempo, no mesmo espaço de convivência;
- Conhecer e saber utilizar procedimentos de pesquisa da Geografia para compreender o espaço, a paisagem, o território e o lugar, seus processos de construção, identificando as relações, problemas de contradições;

- Entender o impacto das tecnologias associadas às ciências humanas sobre sua vida pessoal, os processos de produção, o desenvolvimento do conhecimento e a vida social;
- Adotar atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade em situações esportivas, repudiando qualquer espécie de violência;
- Reconhecer a história do município e fazer comparações com os dias atuais;
- Reconhecer o valor de Deus em nossas vidas, numa perspectiva de seguir o caminho do bem, independentemente da religião de cada um.

Carga Horária dos Professores de 1º ao 5º ano

Nome do Professor	Formação	Série/Turma
	Pedagogia	1º ANO A
	Pedagogia	1º ANO B
	Pedagogia	1º ANO C
	Pedagogia	1º ANO D
	Normal Médio	1º ANO E
	Pedagogia	2º ANO A
	Pedagogia	2º ANO B
	Pedagogia	2º ANO C
	Normal Médio	2º ANO D
	Pedagogia	3º ANO A
	Normal Médio	3º ANO B
	Letras	3º ANO C
	Pedagogia	3º ANO D
	Normal Médio	3º ANO E
	Normal Médio	4º ANO A
	Letras	4º ANO B
	Pedagogia	4º ANO C
	Pedagogia	5º ANO A
	Pedagogia	5º ANO B
	Pedagogia	5º ANO C
	Pedagogia	Sala - AEE
	Pedagogia	Sala - AEE
	Normal Médio	Sala - AEE
	Magistério	Prof. Readaptado

Professores do EJA Ciclo I

Professor	Formação	Série
	Pedagogia	FASE I

Professores/Monitor (es) de Informática

Professor	Formação	Turno
	Pedagogia	Manhã
	Pedagogia	Tarde
	Ens. Médio	Noite

Carga Horária dos Professores de 6º ao 9º Ano

Professor/Formação	Disciplina	Série	Turma	Carga horária
[REDACTED]	Arte	6º Ano	A	10
	Português	7º Ano	A	30
	Português	7º Ano	B	30
	Português	7º Ano	C	30
Total				100

Professor/Formação	Disciplina	Série	Turma	Carga horária
[REDACTED] Letras	Português	8º Ano	A	30
	Inglês	6º Ano	A	10
	Inglês	6º Ano	B	10
	Inglês	6º Ano	C	10
	Inglês	6º Ano	D	10
	Arte	8º Ano	A	10
	Arte	8º Ano	B	10
	Arte	8º Ano	C	10
	Arte	9º Ano	A	10
Total				110

Professor/Formação	Disciplina	Série	Turma	Carga horária
[REDACTED] Letras	Arte	7º Ano	A	10
	Arte	7º Ano	B	10
	Português	6º Ano	C	30
	Português	6º Ano	D	30
	Inglês	8º Ano	A	10
	Inglês	8º Ano	B	10
	Inglês	9º Ano	A	10
Total				110

Professor/Formação	Disciplina	Série	Turma	Carga horária
[REDACTED] História	História	6º Ano	A	10
	História	6º Ano	B	10
	História	6º Ano	C	10
	História	7º Ano	A	10
	História	7º Ano	B	10
	História	7ª Série	A	10
	História	7ª Série	B	10
	História	8ª Série	A	10
	História	8ª Série	B	10
	Arte	7ª Série	A	10
Total				100

Professor/Formação	Disciplina	Série	Turma	Carga horária
[REDACTED]	Inglês	6º Ano	B	10

Letras	Inglês	6º Ano	C	10
	Português	7º Ano	A	30
	Português	7º Ano	B	30
	Arte	8ª Série	A	10
	Arte	8ª Série	B	10
	Ens. Religioso	6º Ano	B	05
Total				105

Professor/Formação	Disciplina	Série	Turma	Carga horária
Letras	Arte	6º Ano	A	10
	Arte	6º Ano	B	10
	Português	7ª Série	A	30
	Português	7ª Série	B	30
	Inglês	7º Ano	A	10
	Inglês	7º Ano	B	10
	Ens. Religioso	7º Ano	A	05
Total				105

Professor/Formação	Disciplina	Série	Turma	Carga horária
Letras	Inglês	6º Ano	A	10
	Inglês	8ª Série	A	10
	Inglês	8ª Série	B	10
	Inglês	Fase III	B	10
	Português	Fase III	A	30
	Português	Fase III	B	30
	Ens. Religioso	7º Ano	B	05
Total				105

Professor/Formação	Disciplina	Série	Turma	Carga horária
Educação Física	Ed. Física	6º Ano	A	10
	Ed. Física	6º Ano	B	10
	Ed. Física	6º Ano	C	10
	Ed. Física	7º Ano	A	10
	Ed. Física	7º Ano	B	10
	Ed. Física	7ª Série	A	10
	Ed. Física	7ª Série	B	10
	Ed. Física	8ª Série	A	10
	Ed. Física	8ª Série	B	10
	Ed. Física	8ª Série	C	10
Total				100

Professor/Formação	Disciplina	Série	Turma	Carga horária
Biologia	Matemática	6º Ano	A	30
	Matemática	6º Ano	B	30
	Matemática	6º Ano	C	30
	Ciências	7ª Série	A	15
Total				105

Professor/Formação	Disciplina	Série	Turma	Carga horária
[REDACTED] Biologia	Ciências	7ª Série	B	15
	Ciências	8ª Série	A	15
	Ciências	8ª Série	B	15
	Ens. Religioso	6º Ano	C	05
Total				50

Professor/Formação	Disciplina	Série	Turma	Carga horária
[REDACTED] Letras	Ciências	6º Ano	A	15
	Ciências	6º Ano	B	15
	Ciências	6º Ano	C	15
	Arte	7º Ano	A	10
	Arte	7º Ano	B	10
	Inglês	7ª Série	A	10
	Inglês	7ª Série	B	10
	Inglês	Fase IV	B	10
	Inglês	Fase IV	C	10
Total				105

Professor/Formação	Disciplina	Série	Turma	Carga horária
[REDACTED] Matemática	Matemática	7ª Série	B	30
	Matemática	8ª Série	A	30
	Matemática	8ª Série	B	30
	Ciências	Fase III	A	10
Total				105

Professor/Formação	Disciplina	Série	Turma	Carga horária
[REDACTED] Letras	Português	8ª Série	A	30
	Português	8ª Série	B	30
Total				60

Professor/Formação	Disciplina	Série	Turma	Carga horária
[REDACTED] Pedagogia	Português	Fase IV	A	30
	Arte	Fase IV	B	10
	Arte	8ª Série	C	10
Total				50

Professor/Formação	Disciplina	Série	Turma	Carga horária
[REDACTED] Letras	Português	Fase IV	B	30
	Português	Fase IV	C	30
	Inglês	Fase III	A	10
	Inglês	Fase IV	A	10
	Inglês	8ª Série	C	10
	Ens. Religioso	7ª Série	A	05
	Ens. Religioso	7ª Série	B	05

Total				100
Professor/Formação	Disciplina	Série	Turma	Carga horária
Biologia	Matemática	Fase III	A	30
	Ciências	Fase III	B	15
	Ciências	Fase IV	A	15
	Ciências	Fase IV	B	15
	Ciências	8ª Série	C	15
	Ens. Religioso	8ª Série	A	05
	Ens. Religioso	8ª Série	B	05
Total				100

Professor/Formação	Disciplina	Série	Turma	Carga horária
Pedagogia/ matemática	Matemática	Fase III	B	30
	Matemática	Fase IV	A	15
	Matemática	Fase IV	B	15
	Ens. Religioso	Fase III	A	05
	Ens. Religioso	Fase III	B	05
Total				100

Professor/Formação	Disciplina	Série	Turma	Carga horária
Matemática	Matemática	8ª Série	C	30
	Ciências	Fase IV	C	15
	Ens. Religioso	Fase IV	A	05
Total				50

Professor/Formação	Disciplina	Série	Turma	Carga horária
Educação Física	Matemática	7º Ano	B	30
	Ciências	7º Ano	A	15
	Ed. Física	Fase III	A	10
	Ed. Física	Fase III	B	10
	Ed. Física	Fase IV	A	10
	Ed. Física	Fase IV	B	10
	Ed. Física	Fase IV	C	10
	Ens. Religioso	Fase IV	B	05
Total				100

Professor/Formação	Disciplina	Série	Turma	Carga horária
História	História	Fase III	A	10
	Geografia	Fase III	A	10
	Arte	Fase III	A	10
	Geografia	Fase III	B	10
	Arte	Fase III	B	10
	História	Fase IV	A	10
	Arte	Fase IV	A	10
	Geografia	Fase IV	C	10
	História	8ª Série	C	10
	Geografia	8ª Série	C	10

Total				100

Professor/Formação	Disciplina	Série	Turma	Carga horária
História	História	Fase III	B	10
	Geografia	Fase IV	A	10
	Geografia	Fase IV	B	10
	História	Fase IV	B	10
	História	Fase IV	C	10
	Arte	Fase IV	C	10
	Português	8ª Série	C	30
	Ens. Religioso	Fase IV	C	05
	Ens. Religioso	8ª Série	C	05
Total				100

CRONOGRAMA DAS DATAS COMEMORATIVAS

Mês	Comemorações
Fevereiro	• Início das aulas. • EMMPA Folia.
Março	• Dia internacional da mulher. • Dia Mundial da água.
Abril	• Dia Nacional do Livro Infantil. • Dia do índio. • Páscoa. • Festa da Santa Cruz (Apresentações Culturais/Selo Unicef). • Jogos Inter-classes.
Maio	• Dia das Mães. • Emancipação Política. • Jogos da Emancipação. • Dia nacional do combate ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes.
Junho	• Dia do Meio Ambiente. • Dia dos Namorados.

	• Jogos Regionais.
Julho	• São João da Escola • Dia do Amigo • Dia do Avô
Agosto	• Dia do Estudante • Dia dos Pais • Semana do Folclore • Dia do Soldado
Setembro	• Independência do Brasil (Desfile Cívico) • Dia da Árvore
Outubro	• Dia da Criança. • Dia do professor. • Dia do Funcionário.
Novembro	• Feira de Conhecimentos • Luart • Consciência Negra
Dezembro	• Conclusão • Natal • Confraternização

CALENDÁRIO DE AULA-ATIVIDADE

Professores de 6° ao 9° ano (7ª e 8ª série)

Mês	DATA	ATIVIDADES
Fevereiro		
Março		

Abril		
Maio		
Junho		
Julho		
Agosto		
Setembro		
Outubro		
Novembro		
Dezembro		

CALENDÁRIO DE AULA – ATIVIDADE
PROFESSORES DE 1º AO 5º ANO

Mês	DATA	ATIVIDADES

PLANO DE AÇÃO – 2016

OBJETIVOS	O QUE FAZER?	COMO FAZER?	COM QUEM FAZER?	RECURSOS	FONTES DE RECURSOS	ONDE?	QUANDO?
*Realizar encontros de formação de professores visando à qualificação profissional dos mesmos.	Formação continuada dos professores	Através de consultoria	Os professores	Materiais didáticos e tecnológicos diversos	Prefeitura de Tacaratu	Clube social e escolas	Fevereiro e julho
*Encaminhar os trabalhos pedagógicos e administrativos para o ano letivo.	Reunião interna com a equipe e todos os funcionários	Reunião interna	Com todos os funcionários.	Materiais didáticos e tecnológicos diversos	██████████	Auditório da escola.	Fevereiro
*Acolher os alunos com dinâmicas e atividades lúdicas num dia festivo.	Acolhida dos alunos	Dinâmicas, bingos, palestras e brincadeiras diversas.	Com alunos professores e equipe gestora	Materiais didáticos e tecnológicos diversos	██████████	No interior da escola	Fevereiro
*Fortalecer os laços de integração família e escola.	Encontro com os pais	Criar situação de diálogo para discutir, avaliar e reconstruir o PPP.	Com os pais, corpo docente e discente.	Materiais didáticos, tecnológicos diversos e lanche.	██████████	No auditório da escola	Fevereiro a dezembro
Realizar atividades com os docentes que possibilitem as trocas de experiência e compartilhamento de conteúdos trabalhados por cada um.	Organizar reuniões diagnósticas com a equipe docente para troca de experiências	Levantar discussões sobre os conteúdos trabalhados no ano anterior	Professores e coordenadores	Registros de planejamento	██████████	██████████	Fevereiro/2016

OBJETIVOS	O QUE FAZER?	COMO FAZER?	COM QUEM FAZER?	RECURSOS	FONTES DE RECURSOS	ONDE?	QUANDO?
Valorizar o papel da mulher como ser essencial na construção de uma sociedade justa e igualitária.	Atividades de pesquisas e divulgação de cartazes, panfletos e cartões por toda escola e comunidade local.	Atividades em sala de aula.	Com os alunos envolvendo as mulheres que fazem parte das famílias e da escola.	Materiais didáticos.		Na escola	Março
*Executar o roteiro do Selo UNICEF.	Encontro com professores, representantes de conselhos, alunos. Visita a sede dos conselhos	Atividades no contra turno.	Comissão pro-selo da escola. Com alunos de 5ª a 8ª série.	Materiais didáticos tecnológico diversos.		Na escola e na comunidade.	Março a junho 2016
Implementar atividades de arte e pintura.	Construir um ateliê de arte e pintura	Oficina em uma sala específica.	Alunos de 5ª a 8ª série e EJA.	Tapetes, mantas, tecidos, tintas, pinceis.		Na escola	Março a dezembro de cada ano
Concentrar esforço nas turmas e disciplinas críticas, visando uma escola prazerosa.	Elaborar projetos para trabalhar as turmas e disciplinas críticas visando uma escola prazerosa, que garanta a permanência dos estudantes na escola.	Em aula atividade, visitas domiciliares e atividades diversificadas.	Coordenadores e professores	Materiais didáticos, tecnológico, esportivo diversos.	/PDDE/PDE escola	Na escola e na comunidade	Março a dezembro de 2016

Encaminhar os projetos que irão dar suporte ao trabalho pedagógico durante todo o ano.	Discutir em aula atividade.	Nomear cada projeto de acordo com o diagnóstico proposto no PPP.	Coordenadores, professores e equipe gestora.	Materiais didáticos diversificadas		Na escola.	Março a dezembro
Desenvolver os projetos abaixo relacionados durante todo o ano letivo. Incluindo a proposta da Unicef.	Análise e levantamento das problemáticas citadas na construção do PPP para se trabalhar na escola e comunidade.	Analisar os problemas da escola e da comunidade para que os mesmos sejam trabalhados através de projetos.	Coordenadores, Professores e equipe gestora.	Materiais didáticos			Março a dezembro

OBJETIVOS	O QUE FAZER?	COMO FAZER?	COM QUEM FAZER?	RECURSOS	FONTES DE RECURSOS	ONDE?	QUANDO?
Valorizar e preservar as culturas afro-brasileira, africana e indígena e fortalecer a política de educação para a igualdade ética racial.	Pesquisa de campo e entrevistas com pessoas da comunidade.	Realização de festival cultural. Preparação de álbum da cultura e identidade.	Com toda comunidade escolar e local e cidades vizinhas.	Equipamentos tecnológicos, materiais didáticos diversos, roupas e adereços culturais e transporte.	Escola e secretaria de educação.	Na escola e na comunidade.	Abril a dezembro
Informar a população sobre os riscos de adquirir doenças patológicas e suas formas de prevenção	Pesquisa e levantamento dos casos existentes na escola e na comunidade.	Palestras com toda comunidade escolar	Pais e toda comunidade escolar	Equipamentos tecnológicos, materiais didáticos diversos, Álbum	Secretaria de educação e saúde.	Na escola e na comunidade	Abril a dezembro.
Desenvolver a capacidade do aluno através das pesquisas de campo reaproveitando os conhecimentos prévios dos mesmos sobre arte e cultura local.	Pesquisas de campo e entrevistas com os artistas locais.	Registro de pesquisa e entrevistas	Alunos, comunidade escolar	Câmera digital, filmadora, microsister , equipamentos tecnológicos e materiais didáticos diversos.	Escola e secretaria de educação, PDDE/PDE escola	Na escola e na comunidade.	Abril a dezembro

OBJETIVOS	O QUE FAZER?	COMO FAZER?	COM QUEM FAZER?	RECURSOS	FONTES DE RECURSOS	ONDE?	QUANDO?
Mobilizar a comunidade escolar e local para conhecer os programas e assistência Social, atuação dos conselhos: CDDCA, ECA, Conselho Tutelar, CRAS e a saúde pública, de acordo a proposta do selo UNICEF	Encontro com a comunidade escolar, representantes dos conselhos e Assistência social.	Visitas e Pesquisas nas sedes dos conselhos. Palestras com conselheiros e profissionais da assistência social.	Com toda a comunidade escolar	Transporte, equipamentos tecnológicos e materiais didáticos diversos.	Escola e secretaria de educação	Escola.	Marco e abril
Trabalhar as temáticas da Cultura de paz contextualizadas com os conteúdos	Participar dos encontros de socialização com os articuladores do programa.	Através de oficinas em sala de aula	Com toda a comunidade escolar	Transporte, equipamentos tecnológicos e materiais didáticos diversos.	Escola e secretaria de educação	Escola e Comunidade	Março a novembro
Resgatar e preservar a cultura local e a identidade afro brasileira e indígena como propõe selo UNICEF	Trabalhar atividade extra-classe no período da festa da padroeira e dos jogos inter – classe.	Realização de projetos de pesquisa. Torneio de jogos e brincadeiras.	Alunos, professores e comunidade local.	Transporte, equipamentos tecnológicos e materiais didáticos, esportivos diversos.	Escola e secretaria de educação	Escola Pátio de eventos e ginásio de esporte	Abril e Maio

OBJETIVOS	O QUE FAZER?	COMO FAZER?	COM QUEM FAZER?	RECURSOS	FONTES DE RECURSOS	ONDE?	QUANDO?
Fortalecer os laços de afetividade e as relações interpessoais entre família e escola	Promover encontro festivo com os pais e mães dos alunos.	Baile dançante, dinâmicas, homenagens, sorteios lanches e etc.	Pais, mães e funcionários da escola	Transporte, equipamentos tecnológicos, materiais descartáveis, lanches, bebidas, materiais de ornamentação, banda de música.	Prefeitura municipal de Tacaratu, secretaria de educação e escola.	Clube Social de Caraibeiras	Dia dos namorados (pais e mães) junho
Preservar as festividades a juninas	Realizar festa junina na escola	Comidas típicas, atividades culturais	Toda comunidade escolar	Roupas e adereços juninos, comidas típicas	Escola e famílias	Clube Social de Caraibeiras	São João junho
Avaliação semestral do desempenho institucional de todos os segmentos da escola	Promover encontro com toda a comunidade escolar	Avaliar os fracassos e sucessos da escola a partir dos resultados	Com toda a comunidade escolar	Materiais didáticos e equipamentos pedagógicos	escola	Auditório da escola	Junho
Comemorar o dia do estudante	Promover festa estilosa alusiva aos estudantes	Boate, caraoquê, desfile, mensagem, etc.	Alunos e professores	Lanches, materiais e equipamentos.	Escola	Escola	Dia do estudante agosto
Preservar a cultura folclórica regional e local	Realizar atividades sócio-educativa	Danças, stands, murais, paródias, lendas, etc.	Toda a comunidade escolar.	Materiais didáticos e equipamentos	UEX da escola	Escola e comunidade	Semana do folclore Agosto
Comemorar o dia da independência	Realizar desfile pelas ruas da cidade	Desenvolver tema escolhido pelos os professores e equipe gestora	Com alunos e professores envolvendo toda a comunidade escolar	Materiais de desfile e adereços alusivos ao tema	Prefeitura Municipal de Tacaratu	Na comunidade de Caraibeiras	Setembro
Implantar Atividades de reforço para fortalecer e	Formar turmas com alunos	Encontros com monitores e	Professores titulares,	Materiais didáticos e de	FNDE, Programa Mais Educação.	Locais estratégicos da	Final de cada bimestre

elevar o nível de aprendizagem das turmas avaliadas pelo SAEBE	participantes do SAEBE	professores titular para organização de conteúdos	monitores, coordenadores e alunos	apoio pedagógico, equipamentos, materiais esportivos diversos.		escola e clube social	
Realizar reunião com os pais para discussão dos assuntos internos e resultado do desempenho dos alunos	Promover momentos prazerosos entre pais, professores e toda equipe escolar	Palestras, dinâmicas, slides, conversas reservadas entre pais e professores	Toda a comunidade escolar, pais, professores, equipe gestora e funcionários.	Materiais e equipamentos pedagógicos, serviço de som, lanche.	UEX, escola e Secretaria de Educação municipal	Escola	Final de cada bimestre
Comemorar o aniversário da escola	Promover encontro festivo com toda a comunidade escolar e realizar concurso para escolha do hino da escola	Resgatar a história da escola, confeccionar banner e realizar exposição.	Toda a comunidade escolar e ex-funcionários	Materiais, equipamentos tecnológicos	Escola e secretaria de Educação	Pátio da Escola	Outubro
Comemorar o dia da criança	Realizar um dia de lazer na escola	Promover momentos de diversão, baile a fantasia, brincadeiras diversas	Crianças e professores e funcionários	Roupas e adereços de baile a fantasia, lanche	Escola e famílias	Pátio da escola	Outubro
Comemorar o dia do professor e funcionário	Promover momento de descontração lazer e confraternização	Confraternização, mensagens dedicatórias excursão para lazer	Professores e funcionários da escola	Transporte, lanches e equipamentos de som	Escola e Secretaria de Educação	Escola, Praia ou piscina	Outubro
Planejar as atividades e conteúdos a serem	Reorganizar os conteúdos em	Organização dos trabalhos em	Professores, coordenadores	Materiais e equipamentos	Escola	Auditório da escola	Outubro

trabalhados no IV bimestre a partir de avaliação dos resultados	aula atividade.	grupos de professores por área do conhecimento.	e monitores	pedagógicos			
Identificar alunos com baixo rendimento e com problemas de faltas.	Reunir o conselho de classe para selecionar e fazer estudo de casos	Direcionar cada caso para buscar a solução cabível a cada situação, visitas domiciliares e convocação da família.	Equipe gestora e professores	Materiais pedagógicos e transporte para visitas distantes	Escola e Secretaria de Educação	Em toda a comunidade	Final de cada bimestre

OBJETIVOS	O QUE FAZER?	COMO FAZER?	COM QUEM FAZER?	RECURSOS	FONTES DE RECURSOS	ONDE?	QUANDO?
Desenvolver projetos para concentrar esforços nas turmas e disciplinas críticas, visando uma escola prazerosa que garanta a permanência dos estudantes	Realizar ações orientadas para turmas com maiores taxas de reprovação	Realizar excursão com os estudantes para conhecerem o espaço ciência do Recife	Estudantes, professor e coordenador pedagógico	Transporte escolar, alimentação e recurso para hospedagem	PDDE/PDE escola, escola e família dos alunos	Recife - PE	Final de cada bimestre
Desenvolver projetos que incentivam a permanência do aluno na escola,	Desenvolver atividades prazerosas com os estudantes	Realização de atividades esportivas campeonatos etc.	Estudantes, professores e monitores	Uniformes, bolas, tornozeleiras e luvas	PDDE/PDE escola	Ginásio de esporte	março a dezembro
Desenvolver a percepção artístico-literária do público discente, reconhecendo as manifestações artísticas local, em prol da formação do senso crítico do mesmo.	Realizar evento artístico e literário em praça pública.	Realização do projeto LUART através de standes e oficinas, poesia, Música, teatro, exposições e apresentações culturais e literárias	Toda a comunidade escolar	Materiais pedagógicos e equipamentos tecnológicos	Escola/PDDE/PDE escola	Praça Francina Maria de Araújo	Novembro
Realizar atividades que dialoguem com a matriz curricular da prova Brasil	Realizar estudo e trabalhar em sala de aula os conteúdos da matriz curricular da prova Brasil	Realizar acompanhamento pedagógico nas turmas críticas,	Todos os estudantes, monitores, professores e equipe pedagógica	Materiais didáticos e equipamentos pedagógicos	Escola/PDDE/PDE escola	escola	Fevereiro a dezembro 2016
Realizar atividades de conscientização de docentes, pais e estudantes quanto a	Estimular a participação dos pais nas atividades	Realização de palestras para conscientização, oficinas temáticas	Pais, mães, estudantes profissionais da escola.	Espelhos, pinceis, armários de aço, painéis, balança, copos	PDDE/PDE escola	Escola ou clube social de caraibeiras	Novembro a dezembro de 2016

importância da proteção do tempo de aprendizagem dos estudantes.	culturais oportunizando o desenvolvimento de habilidade e competências nas atividades de corte e costura, culinária, artesanato, pintura e música.	e atividades de lazer.		descartáveis, tesouras, cadeiras, fogão, tinta. Freezer, pano de cozinha, papel ofício.			
Promover reuniões sistemáticas com os pais e responsáveis	Fortalecer os laços de integração família e escola e conscientizar aos pais sobre a importância de acompanhar o dever de casa	Reuniões sistemáticas com os pais para acompanhamento do desempenho e da aprendizagem do aluno	Pais, mães e toda a comunidade escolar	Materiais e equipamentos pedagógicos	PDDE/PDE escola	escola	Março a dezembro de 2016
Assegurar uma gestão democrática e participativa	Desenvolver atividades de gestão democrática e participativa na escola	Promover reuniões e encontros para discussões da situação escolar	Toda a comunidade escolar	Materiais e equipamentos pedagógicos	PDDE/PDE/escola	escola	Março 2016
Realizar eventos culturais e recreativos que favoreçam a comunidade escolar	Realizar eventos e feiras de conhecimento abertas a comunidade	Apresentações culturais e realização de eventos envolvendo a comunidade local	Comunidade escolar e local	Materiais e equipamentos pedagógicos e tecnológicos	PDDE/PDE escola	Escola, clube, galpão de artesanato	Novembro de cada ano

OBJETIVOS	O QUE FAZER?	COMO FAZER?	COM QUEM FAZER?	RECURSOS	FONTES DE RECURSOS	ONDE?	QUANDO?
Desenvolver ações aos estudantes quanto aos seus direitos relacionados a saúde	Desenvolver projetos e campanhas de orientação com os estudantes sobre os seus direitos em relação a saúde	Palestras com profissionais da área da saúde, campanhas comunitárias.	Com a comunidade escolar e órgãos municipais	Cópias e reprodução de panfletos	PDDE/PDE escola	Comunidade local	Março a dezembro
Desenvolver projetos que estimulem os profissionais da escola a buscarem uma maior qualificação de desenvolvimento profissional	Desenvolver momentos de estudos com os educadores para o aperfeiçoamento dos conhecimentos e o desenvolvimento de novas técnicas de ensino.	Promover momentos de estudos cadastrar –se nos programas do governo federal para cursar graduações em áreas específicas.	Todos os docentes	Materiais didáticos e equipamentos pedagógicos	PDDE/PDE escola	Escola	Novembro a dezembro